MILLER, ABED RABHO, AWONDO, DE VRIES, DUQUE, GARVEY,
HAAPIO-KIRK, HAWKINS, OTAEGUI, WALTON E WANG

O SMARTPHONE GLOBAL

UMA TECNOLOGIA PARA ALÉM DOS JOVENS

UCLPRESS

O Smartphone Global

Primeira edição publicada em 2021 pela
UCL Press
University College London
Gower Street London WC1E 6BT

Disponível para download gratuito em: www.uclpress.co.uk

A catalogação na fonte deste livro está disponível na Biblioteca Britânica.

ISBN: 978-1-80008-151-2 (PDF)
DOI: https://doi.org/10.14324/111.9781800081512

Sumário

Sínteses dos capítulos

Capítulo 1: Introdução

O projeto ASSA é apresentado como um estudo sobre o "smart desde a base", tendo o intuito de aprender a partir da identificação dos usos práticos e criativos do smartphone ao redor do globo. O termo "smartphone" é enganoso. Para começo de conversa, não deveria remeter de imediato a um tipo de telefone, visto que as ligações telefônicas tradicionais representam, hoje, uma parcela pequena no leque de usos do aparelho. Além disso, o smartphone, tal como percebido neste projeto, não é um bom exemplo de "smart", no sentido de um aparato que aprende ao ser manuseado. Esse aprendizado autônomo é, hoje, muito menos importante na criação do smartphone com o qual de fato lidamos, do que as maneiras segundo as quais ele é transformado pelos usuários. Os smartphones foram adotados por pessoas de todas as faixas etárias. Nada mais razoável, portanto, do que considerá-los sob várias perspectivas, aquelas dos mais velhos e as dos mais jovens. Este projeto envolveu 11 pesquisadores e 10 trabalhos de campo. Cada pesquisador elaborou, durante cerca de 16 meses, uma etnografia, focando em envelhecimento, uso dos smartphones e o seu potencial de contribuição para a saúde dos usuários. Após uma breve história do smartphone, o capítulo traz um pequeno *panorama* de abordagens anteriores, primeiro por antropólogos, e, em seguida, por especialistas de outras disciplinas. Este livro foca em elementos oriundos do nosso método etnográfico. Reconhecemos nosso baixo aporte de evidências para externalidades significativas, como as consequências ambientais, a exploração do trabalho e o estudo de corporações relevantes.

Capítulo 2: O que se diz sobre os smartphones

O que se diz sobre os smartphones é, frequentemente, contraditório – e a ambivalência reflete o fato de que eles criam, simultaneamente, benefícios

e problemas. Esses discursos sobre o smartphone diferem do que as pessoas de fato fazem com os aparelhos, e são ditados, sobretudo, por debates morais e políticos. É preferível considerá-los como produtos, independentes do smartphone, cujas consequências devem ser examinadas separadamente. O Estado, a mídia e o comércio agregam elementos às contradições. Por exemplo, Estados condenam o uso excessivo de smartphones, mas tornam difícil, para os cidadãos, lidar com serviços públicos sem recorrer a processos digitais. Durante o trabalho de campo na China, observou-se que as pessoas mais velhas tendiam a identificar o uso do smartphone como parte do seu dever cidadão de incentivar o progresso tecnológico nacional. Elas contrastam com o conservadorismo mais geral de pessoas da mesma idade, em outros locais. Alguns tópicos dominam a discussão, como *fake news*, vício e vigilância. Em contrapartida, a discussão pública sobre o uso generalizado dos smartphones e suas consequências é limitada. No que diz respeito às reivindicações mais comuns sobre as consequências do uso dos smartphones, os resultados de pesquisas acadêmicas são igualmente contraditórios.

Capítulo 3: Contextualizando o smartphone

Smartphones são objetos concretos, que podem ser usados como acessórios de moda ou marcadores de status ou religião. Também podem ser roubados. Persevera uma divisão global. Estudos sobre smartphones podem excluir quem que não pode comprá-los, ou, como no caso do Japão, focam em modelos diferentes de celular. Para pessoas de baixa renda, o custo dos aparelhos, planos de operadoras, conexões de Wi-fi ou de dados pode ser significativo e preocupante. Frequentemente, desenvolvem-se maneiras alternativas de obter acesso à conexão de internet. A expressão "Ecologia das Telas" ("Screen Ecology") remete a como os smartphones operam em conjunto com outras telas, como tablets, laptops e smart TVs. O uso de qualquer uma delas faz sentido em relação às outras. Essa expressão, "Ecologia das Telas", é usada para considerar como os smartphones podem refletir a forma de relações sociais em uma sociedade específica. Por exemplo, algumas famílias de Kampala compartilham seus smartphones. Eles podem facilitar o advento de redes construídas em torno de um indivíduo. Com a mesma facilidade, contudo, podem reforçar grupos sociais tradicionais, como a família ou a comunidade. Smartphones ainda apresentam um impacto incipiente como um *hub (eixo, piv*ô) de controle remoto sobre a Internet das Coisas.

Capítulo 4: Dos aplicativos à vida cotidiana

Em geral, usuários de smartphones focam em tarefas, mais do que em aplicativos isolados. Frequentemente, eles combinam partes de aplicativos diferentes para atingir seus objetivos. Tomando o exemplo da saúde, observa-se que aplicativos destinados ao tema são, via de regra, menos importantes para os usuários do que a combinação de aplicativos genéricos, como o WhatsApp, e googlar expressões. A expressão “Solucionismo Escalável” descreve o espectro do que as pessoas de fato fazem com seus aplicativos. O leque abrange desde aplicativos com uma função única (“tem um app para isso”), ou usado como se tivesse uma função-chave, até exemplares com o WeChat, que se pretendem úteis para todo tipo de tarefa. Conhecer um smartphone e utilizá-lo corretamente significa percorrer cada aplicativo nele contido, e descobrir se de fato é usado e, se sim, como. Compreender os aplicativos também envolve explorar como as companhias os desenvolvem e respondem às utilidades inusitadas que os usuários lhes atribuem. Uma consideração dos aplicativos inclui investigar os diferentes arranjos de tela existentes.

Capítulo 5: O Oportunismo Perpétuo

A expressão “oportunismo perpétuo” se refere à disponibilidade constante do smartphone e aos modos como isso modifica a relação das pessoas com o seu entorno. A fotografia via smartphone, por exemplo, se tornou praticamente o exato oposto da fotografia analógica. Tradicionalmente, a fotografia se preocupou com representação e criação de um registro permanente de um momento. A fotografia via smartphone é mais sobre estar alerta, atento ao momento, e se engajar num compartilhamento transiente. Pessoas mais velhas apresentam respostas variadas ao intuito de serem fotografadas. A pessoa real pode ser considerada como: 1) quem elas sente que é, no seu foro íntimo; 2) sua aparência externa; ou 3) a imagem trabalhada que pode ser produzida com filtros e aplicativos. O Oportunismo Perpétuo modifica nossa relação com localização e sistemas de transporte, tornando mais fácil uma viagem por capricho. Aplicativos de mapa e localização também facilitam feriados e lazer. Graças ao Oportunismo Perpétuo, notícias seguem um fluxo real e podem se tornar uma preocupação constante. Notícias e informações assumem novos papéis em relação aos coletivos. Smartphones fornecem entretenimento em qualquer instante de tédio potencial, como espera

durante filas, ou viagens. Música, por exemplo, pode ser obtida através de diferentes fontes.

Capítulo 6: Artesania

O smartphone traz níveis de maleabilidade e intimidade sem precedentes. Pode ser moldado para uma correspondência próxima com a personalidade ou os interesses de quem usa. Os algoritmos e a inteligência artificial (IA) desenvolvidos com este fim seguem menos importantes do que a habilidade individual de selecionar aplicativos, mudar configurações e criar ou selecionar conteúdo, em uma analogia com processos de curadoria. A criação individualizada de cada smartphone pode ser considerada uma prática artesanal. Smartphones também são trabalhados para conter relações, mais do que indivíduos. Exemplos podem incluir parceiros, pais e filhos ou relações empregador-empregado. Indivíduos geralmente manifestam as normas culturais e os valores de suas sociedades, que se tornam as fundações a partir das quais o smartphone vem a ser como é. Contudo, indivíduos podem ser típicos ou excêntricos em relação a essas normas. Smartphones podem então se conformar a normas consensuais, como no Japão ou em meio a uma comunidade religiosa. Smartphones também podem ser importantes ao facilitar mudanças nos ditos valores culturais – por exemplo, ao criar os valores da classe média dos Camarões.

Capítulo 7: Idade e smartphones

Smartphones são úteis para se pensar sobre parâmetros sociais como gênero ou classe, mas também para transformá-los – o capítulo aborda o caso da idade. Smartphones podem facilitar transformações, como quando auxiliam jovens de “segunda geração” na Itália a explorar aspectos da sua identidade, ou aposentados a elaborarem seu novo cotidiano. Para pessoas mais velhas, smartphones podem representar uma perda do respeito pelo conhecimento acumulado ao longo de décadas, e que pode, agora, ser tido como redundante. Ao ensinarem pessoas mais velhas a manusearem smartphones, pessoas mais jovens afirmam, muitas vezes de modo incorreto, que seu uso é intuitivo. Pessoas mais velhas podem ter dificuldades com os smartphones, em tarefas que requerem uma destreza digital ou termos aplicados de modos pouco familiares. Há, ainda, obstáculos na curva de aprendizado e no uso apropriado. Embora, de início, pessoas mais velhas possam se sentir excluídas, aquelas que

dominam seus smartphones se sentem, consequentemente, mais alinhadas com a juventude. Companhias podem, por vezes, lançar aplicativos dirigidos especificamente para pessoas mais velhas, como, por exemplo, o aplicativo chinês Meipian.

Capítulo 8: O coração do smartphone: LINE, WeChat e WhatsApp

Aplicativos como LINE, WeChat e WhatsApp podem se tornar tão dominantes que usuários veem os smartphones como, essencialmente, aparelhos de acesso a essas plataformas. Mídias visuais como as figurinhas (*stickers*) se somaram à fala e ao texto como parte integral da conversa. Elas proporcionam novos meios de facilitar cuidado e afeto à distância. Esses aplicativos também podem ser elementos de transformação de relações familiares, por exemplo, ao reverter parcialmente a inflexão histórica de famílias nucleares para estendidas. Eles conquistaram, ainda, uma presença importante no funcionamento e na organização de coletivos e comunidades. Smartphones estendem uma "sociabilidade escalável", associando o uso a grupos de tamanhos diferentes e com graus variáveis de privacidade. Corporações, por sua vez, podem aprender com a incorporação social dos aplicativos e adaptar sua tecnologia de acordo com esses cenários. Um exemplo é o desenvolvimento do aplicativo de parentesco, como parte do WeChat.

Capítulo 9: Reflexões gerais e teóricas

Nós nos referimos ao smartphones como "Lar Portátil", visto que podemos compreendê-lo melhor ao pensar nele como um lugar onde se vive, mais do que um aparelho que usamos. Em muitos sentidos, o smartphone é tratado como um espaço doméstico. À "Morte da Distância" seguiu-se a "Morte da Proximidade". O smartphone foi "Além do Antropomorfismo" porque a intimidade é obtida não por se parecer com pessoas, mas ao complementar capacidades humanas, como as funções cognitivas. Resulta um sentimento acerca do smartphone como parte integrante de uma pessoa. Smartphones podem, igualmente, assumir características desagradáveis da nossa humanidade, com traços que variam do assédio ao vício. O advento da pandemia de COVID-19 esclareceu uma contradição-chave. Smartphone estenderam consideravelmente as possibilidades de vigilância, mas, simultaneamente, são um meio para

desenvolver um "Cuidado Além Da Distância". Este projeto mostra porque, em resposta ao COVID-19, deveríamos reconhecer a relevante experiência das pessoas como um ativo importante ao tomar decisões sobre uso futuro de smartphones. Chamamos essa perspectiva de "smart desde a base".

Lista de figuras

Lista de abreviaturas

4G	A quarta geração de tecnologia de rede móvel de banda larga.
5G	A quinta geração de tecnologia de rede móvel de banda larga.
ARPANET	Rede da Agência de Pesquisas em Projetos Avançados (Advanced Research Projects Agency Network, na sigla em inglês).
ASSA	Antropologia dos Smartphones e do Envelhecimento Smart (Anthropology of Smartphones and Smart Ageing, na sigla em inglês).
BBC	Corporação Britânica de Radiofusão (British Broadcasting Corporation, na sigla em inglês).
COVID-19	Doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, identificada em 2019.
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing.
GPS	Sistema de Posicionamento Global (Global Positioning System, na sigla em inglês).
HDR	Técnica do Grande Alcance Dinâmico (High-Dynamic Range, na sigla em inglês), utilizada na fotografia.
IA	Inteligência artificial.
IBM	International Business Machines (corporação).
ICT4D	Tecnologias de Informação e Comunicação para o Desenvolvimento (Information and Communications Technology for Development).
LATAM	LATAM Airlines Group S.A. é uma companhia de linhas aéreas sediada em Santiago, Chile, resultado da fusão entre a chilena Línea Aérea Nacional (LAN) e a brasileira Transportes Aéreos Meridionais (TAM).
NoLo	Nord Loreto, distrito de Milão situado no nordeste da cidade, cujo perímetro parte da Piazzale Loreto e inclui áreas em torno da via Padova, Pasteur e Parco Trotter.

OTT	“Over The Top” – taxa sobre o uso de plataforma de mídias sociais implementada em Uganda, em 2018.
RDC	República Democrática do Congo.
S.M.A.R.T.	Tecnologia de Automonitoramento, Análise e Relatório (Self-Monitoring, Analysis and Reporting Technology).
SUS	Sistema Único de Saúde brasileiro.
UGX	Xelim ugandês, moeda de Uganda.

Lista dos colaboradores

Laila Abed Rabho é pesquisadora no Instituto Harry S. Truman para o Avanço da Paz. É doutora (PhD) pelo Departamento de Estudos do Islã e do Oriente Médio da Universidade Hebraica de Jerusalém. Também é especialista em litígio no tribunal da Xaria de al-Quds.

Patrick Awondo é *fellow* de pesquisa na UCL Anthropology e professor na Universidade de Iaundé 1. É autor de Le Sexe et ses Doubles (2019). Antes de focar na antropologia digital, trabalhou com gênero e migração, com particular interesse em membros da comunidade LGBTI que procuram escapar da homofobia na África Subsaariana e tentam se refugiar na França. Patrick publicou artigos em periódicos franceses e ingleses, incluindo Politique Africaine, Diasporas, Société contemporaine, African Studies Review, Review of African Political Economy e Archives of Sexual Behavior.

Maya de Vries é pesquisadora de pós-doc na UCL e na Universidade Hebraica de Jerusalém. É doutora (PhD) em Comunicação pela Universidade Hebraica de Jerusalém, tendo obtido o título em 2019. Suas áreas de pesquisa são etnografia digital, novas mídias, ativismo e conflitos etnopolíticos em Israel/Palestina.

Marília Duque é pesquisadora na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo e autora do livro Learning from WhatsApp: Best practices for health. Foi assistente de pesquisa na UCL Anthropology. Ética, consumo de tecnologia e envelhecimento e saúde no Brasil compõem seus interesses de pesquisa.

Pauline Garvey é professora associada do Departamento de Antropologia da Universidade Maynooth, Universidade Nacional da Irlanda, Maynooth, Co Kildare, Irlanda. É autora de Unpacking Ikea: Swedish design for the purchasing masses (2018) e edita Home cultures, um periódico de arquitetura, design e espaço doméstico.

Laura Haapio-Kirk é doutoranda na UCL Anthropology e *fellow* RAI/ Leach em Antropologia Pública. Seus interesses de pesquisa incluem envelhecimento e trajetória de vida, bem-estar e tecnologias digitais. É mestre em Antropologia Visual pela Universidade de Oxford e inclui a ilustração nas suas pesquisas.

Charlotte Hawkins é pesquisadora de pós-doc na UCL Anthropology. Seus interesses de pesquisa incluem os determinantes da saúde, intersubjetividade e storytelling, idade e cuidado entre gerações, etnografia colaborativa, mídia e moralidade.

Daniel Miller é professor de antropologia na UCL. É diretor do projeto ASSA e também dirigiu o projeto Why We Post (Porque Postamos). É autor/editor/coautor de 42 livros, incluindo How the world changed social media (com 8 coautores), Social Media in an English Village, Tales from Facebook, Digital Anthropology (editado com H. Horst), The Comfort of Things, Stuff (Trecos, troços e coisas – stuff, no Brasil), A Theory of Shopping (Teoria das Compras, no Brasil) e Material Culture and Mass Consumption.

Alfonso Otaegui é professor na Pontifícia Universidade Católica do Chile. É doutor em antropologia pela EHESS (2014). Sua pesquisa aborda arte verbal entre os povos de Gran Chaco (América do Sul), letramento digital de adultos mais velhos e práticas religiosas e comunicativas de migrantes latino-americanos.

Shireen Walton é professora de antropologia em Goldsmiths, Universidade de Londres. É doutora (DPhil) em antropologia pela Universidade de Londres; posteriormente, juntou-se à UCL Anthropology como fellow, e, em seguida, pesquisadora de pós-doc no projeto ASSA. Sua obra lida com mídia e mudança social, mobilidades e migração, e antropologia digital-visual. Shireen também realizou pesquisas etnográficas no Irã, no Reino Unido, na Itália e online.

Xinyuan Wang é pesquisadora de pós-doc na UCL. É autora de Social Media in Industrial China e coautora de How the World Changed Social Media. Foi a vencedora do Prêmio Daphne Oram 2020 por suas contribuições para a ciência britânica.

Prefácio à série

Esta série de livros toma por base o projeto "Antropologia dos Smartphones e do Envelhecimento Smart" (Anthropology of Smartphones and Smart Ageing, em inglês), ou ASSA, que foca nas experiências do envelhecimento em meio a faixas etárias que não se consideram nem jovens, nem idosas. Estávamos particularmente interessados no uso e nas consequências dos smartphones para esse recorte, dado que os aparelhos, hoje uma tecnologia global e cuja difusão ruma para a onipresença, eram, antes, associados à juventude. Também queríamos abordar como o smartphone impactou a saúde das pessoas em questão, e verificar se podíamos contribuir para esse campo do saber, ao reportar as adoções de smartphones como meios de melhoria do bem-estar. O projeto é composto por 11 pesquisadores, que trabalharam em 10 locais de campo distribuídos em 9 países: Alfonso Otaegui (Santiago, Chile); Charlotte Hawkins (Kampala, Uganda); Daniel Miller (Cuan, Irlanda); Laila Abed Rabho e Maya de Vries (al-Quds [Leste de Jerusalém], Israel); Laura Haapio-Kirk (Kōchi e Quioto, Japão); Marília Duque (Bento, São Paulo, Brasil); Patrick Awondo (Iaundé, Camarões); Pauline Garvey (Dublin, Irlanda); Shireen Walton (NoLo, Milão, Itália) e Xinyuan Wang (Xangai, China). Muitos dos nomes atribuídos aos campos são pseudônimos. A maioria dos pesquisadores provinha do Departamento de Antropologia da University College London (UCL). As exceções são Alfonso Otaegui, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, Pauline Garvey, da Universidade Maynooth, Universidade Nacional da Irlanda, Maynooth, Marília Duque, da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, Laila Abed Rabho, pesquisadora independente, e Maya de Vries, da Universidade Hebraica de Jerusalém. As pesquisas etnográficas ocorreram simultaneamente, exceto a de al-Quds, que começou e terminou posteriormente. A série inclui um livro comparativo sobre o uso e as consequências dos smartphones, intitulado *O smartphone global*. Pretendemos, ademais, publicar uma coletânea sobre nosso trabalho na área de medicina e saúde móvel, ou mHealth. Além disso, nove

monografias abrangerão nossa pesquisa etnográfica, com os dois campos irlandeses combinados em um único volume. Todas terão a mesma estrutura de capítulos, com os mesmos cabeçalhos, com exceção do capítulo 7 – graças à repetição, os leitores poderão avaliar as obras de modo comparativo. Este projeto tem sido altamente colaborativo e comparativo, desde o início. Nosso blog o acompanha desde a sua concepção, em http://blogs.ucl.ak.uk/assa. O site principal do projeto está disponível em http://www.ucl.ac.uk/anthropology/assa, e nele se pode obter mais informações. Traduções do núcleo duro do website estão disponíveis nos idiomas dos locais de campo. Este livro comparativo e várias das monografias também serão traduzidos. Na medida do possível, toda a nossa obra está disponível gratuitamente, sob uma licença creative commons. Concebeu-se a narrativa para que fosse acessível para uma ampla audiência, com a informação detalhada sobre os debates acadêmicos e as referências disponíveis nas notas de rodapé. Incluímos filmes nas versões digitais dos livros; praticamente todos duram menos de 3 minutos. Esperamos que eles aproximem você um pouco mais de cada campo, ao ouvir, em primeira mão, alguns dos participantes da pesquisa. Se você estiver lendo o formato eBook, basta clicar em cada filme para assisti-lo em nosso website. Se esta é a sua cópia física do livro, as URLs para cada filme estão disponíveis em suas legendas, e poderá acessá-los quando se conectar à internet.

Agradecimentos

Primeiramente, agradecemos aos milhares de participantes que compuseram a pesquisa, e que nos forneceram seu tempo e sua experiência. Nosso compromisso para com o anonimato nos impede de agradecer-lhes nominalmente, mas somos profundamente gratos a todos e a cada um pela colaboração com a pesquisa. Somos, ainda, particularmente gratos à Georgiana Murariu, nossa assistente de pesquisa no projeto, que nos organizou, editou os manuscritos, criou muitos dos infográficos e nos auxiliou de incontáveis modos. Agradecemos a Sasaki Lise e Alum Milly, pela assistência em pesquisa em dois campos. Um grande obrigado a todos que leram versões prévias do manuscrito, incluindo os pareceristas anônimos da UCL Press, Rik Adriaans, Wendy Alexander, Rickie Burman, Andrew Cropper, Justin Davis, Marcus Fedder, Heather Horst, Victoria Irisarri, Suzana Jovicic, Katrien Pype, Simin Walton e Christopher Welbourn. A nossos colegas acadêmicos Kimura Yumi, Marjorie Murray, David Prendergast, Elizabeth Schroeder-Butterfill e Jay Sokolovsky, um agradecimento especial. Gostaríamos, ainda, de agradecer a Bem Collier, que produziu muitos dos nossos curta metragens, e a outros produtores audiovisuais, incluindo Daniel Balteanu. Somos gratos pelo apoio da UCL Press e pelo copidesque atencioso de Catherine Bradley. A maior parte da pesquisa e dos pesquisadores foi financiada pelo Conselho Europeu de Pesquisa (ERC), sob o programa de pesquisa e inovação Horizon 2020 da União Europeia (fomento no. 740472). Alfonso Otaegui, ademais, recebeu financiamento do Centro de Estúdios Interculturales e Indígena, em Santiago, Chile, bolsa CIIR, ANID – FONDAP15110006. Laila Abed Rabho e Maya de Vries foram financiadas pelo Comitê do Fundo Humanitário (Humanitarian Trust Committee), pelo Centro Suíço de Pesquisa, Gestão e Resolução de Conflitos, e pelo Instituto Smart Family de Comunicações da Universidade Hebraica de Jerusalém. Laura Haapio-Kirk recebeu fomento adicional da Parceria Osaka-UCL para seu projeto sobre mHelth, em conjunto com Kimura Yumi e Sasaki Lise. Marília Duque recebeu fomento adicional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Brasil (processo número 88881.362032/2019-01).

1
Introdução

Um telefone esperto

Sato-san, do Japão, é uma mestra em arranjos florais (ikebana) de 90 anos de idade. Ainda está ativa e leciona de casa, em Quioto, sua prática tradicional. Desde que adquiriu um smartphone, há três anos, o aparelho se tornou central em seu trabalho e em sua vida. Sato-san organiza suas aulas através do aplicativo de mensagens LINE, no qual tem mais de 100 contatos. Aprecia o fato de que LINE indica se uma mensagem foi lida, e, por vezes, após enviar um email, informa o aluno ou a aluna sobre o email via o próprio LINE. O calendário de seu smartphone indica quando deve repor os arranjos florais, expostos em várias lojas da cidade. Também mantém um blog sobre ikebana e suas exposições, e muitos alunos a descobrem através dele.

Para além do trabalho, o smartphone de Sato-san facilita tarefas diárias, como checar a previsão do tempo ou aferir os horários dos ônibus. Ela encomenda alimentos e refeições, como marmitas japonesas (*obentou*), pickles e tofu do ponto de venda local do Seven Eleven, via LINE. Os itens do pedido são confirmados através do envio de fotos do que está disponível. Sato-san, que se descreve como apaixonadamente curiosa sobre o mundo, usa seu smartphone para manter a sua saúde mental, ao treinar diariamente via aplicativos específicos; ela também aprende uma palavra em inglês por dia, em um aplicativo de idiomas. Ademais, o bem-estar físico também é importante: Sato-san verifica, todos os dias, quantos passos deu, para avaliar quantas calorias consumiu. Por vezes, ela pesquisa por que suas pernas incharam, ou busca uma receita saudável, sobre a qual lhe falaram. Antes, mantinha o hábito de ligar para sua sobrinha e indagar sobre coisas que ouvia na televisão, mas substituiu essa prática por perguntar para o Google. Sato-san reconhece ser frustrante o fato de que a maioria dos seus amigos da mesma faixa etária, e até os mais jovens, ainda se atêm aos telefones com funções mais

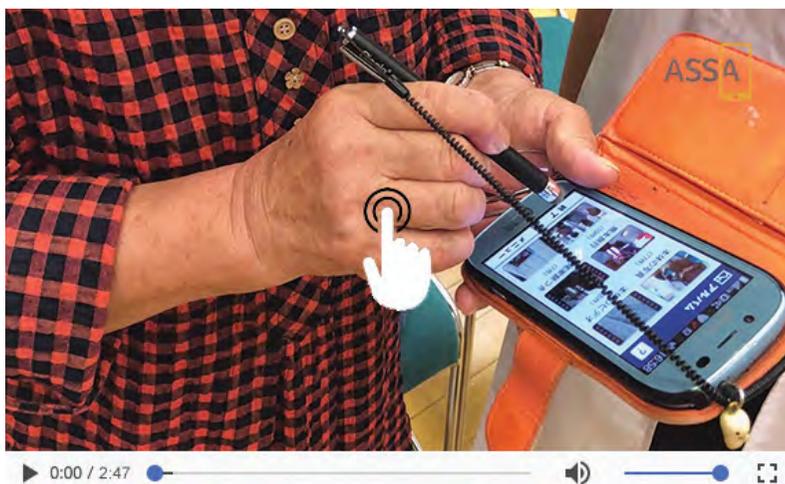



Figura 1.1 Filme: O smartphone é uma corda salva-vidas. Disponível em: http://bit.ly/smartphoneisalifeline.

limitadas (*garakei*). Embora tente encorajá-los, não são tão curiosos quanto ela em relação às novas tecnologias. Sua adoção do smartphone reflete uma atitude, cultivada ao longo da vida, de abraçar o novo e, com isso, estar à frente de seus pares.

Uma das alunas de Sato-san é Midori-san, uma musicista profissional de 60 e poucos anos. No curta metragem abaixo (Fig. 1.1), Midori-san explica por que, após uma longa hesitação, finalmente decidiu adquirir um smartphone.

Mary, uma residente da Irlanda de 80 anos de idade, usa extensivamente o Pinterest para auxiliá-la em seu passatempo de ilustração floral; tanto procura exemplos de como desenhar, como verifica a grafia do nome botânico das plantas. Ela se comunica por vídeo chamada, no WhatsApp, com uma amiga na Holanda, a quem pretende visitar, e utiliza o aplicativo Measure para auxiliar um neto com os deveres de casa de matemática. Músicas do YouTube ajudam Mary a praticar para o coro do qual faz parte, e usa o player RTÉ para ouvir programas de rádio, quando não conseguiu acompanhar a emissão direta. Recentemente, apenas, parou de acionar seu contador de passos.

No Instagram, segue a conta de sua filha, que postou, por seis meses, um desenho diário, e ainda um conjunto de artistas irlandeses, além de googlar informações variadas sobre exibições da Galeria Nacional da Irlanda. Mary usa a câmera de seu smartphone para fotografar cenas peculiares, como, por exemplo, uma galinha que parecia estar à espera do transporte, em um ponto de ônibus. Percorre uma variedade de jornais em seu celular, acompanha o Facebook, e checa, em aplicativos específicos, os

horários de linhas de ônibus e trem, além de adotar o aplicativo Realtime, quando se trata de verificar informações sobre outros meios de transporte.

A visão de Mary sobre como gerir o tempo gasto em aparelhos digitais é clara. Pensa, por exemplo, que amigos desperdiçam tempo demais no Facebook, mesmo concedendo que "todo mundo tem que ter um passatempo". Mary não gosta do Facetime, sobretudo porque não consegue preparar o rosto a tempo, quando alguém quer falar com ela. Seu iPhone atual foi adquirido há 5 anos, e prefere descobrir as coisas por conta própria, em vez de pedir ajuda ou assistir a cursos. Em relação a smartphones, de modo mais geral, alega que "a cavalo dado não se olham os dentes".

O curta-metragem da Figura 1.2, um último exemplo, nos proporciona uma impressão mais geral do uso de smartphones por pessoas mais velhas na China.

O título e o subtítulo deste livro são "O smartphone global: para além de uma tecnologia jovem". Há pouco tempo, apenas, tornou-se possível redigir um panorama geral do uso e das consequências do smartphone, como aparelho cotidiano e tomado como certo. O seu uso prévio era mais restrito. O smartphone encontrou, agora, um novo lugar ao sol entre a faixa etária dos 80 aos 90 anos de idade, despido de todas as premissas anteriores de que pertenceria, naturalmente, à juventude. O projeto *Why We Post* (Por que postamos)[1], que antecedeu ao ASSAS, consistia em um estudo comparativo de mídia social, e muitos dos participantes, em várias regiões, declararam, de forma taxativa, que smartphones e mídias sociais jamais seriam adotados por pessoas de mais de 40 anos. Esta barreira foi demolida. Consequentemente, é imperativo que tentemos entender um

Figura 1.2 Filme: Como posso viver minha vida sem você? Disponível em: http://bit.ly/lifewithoutyou.

aparelho tão central nas vidas de 3,5 bilhões de usuários[2]; no Reino Unido, por exemplo, 84% da população adulta possui um smartphone[3].

O smartphone está se tornando, virtualmente, o apêndice mais onipresente da humanidade. Este volume foi redigido durante o isolamento social devido à pandemia de COVID-19 – uma época em que, para muitas pessoas mundo afora, o smartphone consistiu na soma total da sua comunicação social. Enquanto muitos tomaram uma aguda consciência dos limites da comunicação via smartphone, quando comparada a encontros tête-à-tête, sentiram-se, ao mesmo tempo, horrorizados diante da simples consideração de experimentar um confinamento sem o seu aparelho. A amplitude de opções para o uso do smartphone é surpreendente; apesar disso, tem sido naturalizada e tomada como certa.

O principal objetivo deste livro é tentar compreender as consequências do uso dos smartphones ao redor do mundo. Seu segundo intuito é adquirir um entendimento melhor sobre o que um smartphone realmente é. O último capítulo proporciona uma série de conclusões que combinam essas duas metas. Os termos nele apresentados, assim como nas conclusões dos capítulos anteriores, como "Lar Portátil", "Para Além do Antropomorfismo" e "Oportunismo Perpétuo" são reivindicações sobre os modos como os smartphones são usados, e como eles transformaram, por exemplo, nosso sentido de onde vivemos.

Nosso método de pesquisa etnográfica consistiu, primeiramente, em cada um de nós habitar em uma coletividade por 16 meses, e participar do cotidiano dos residentes. A pesquisa etnográfica pode, ainda, ser o único meio através do qual descobrimos o que o smartphone é. Isto pois o apetrecho pode ter atingido um grau sem precedentes de abertura à transformação. Devemos ser capazes de examinar no que cada usuário transformou o seu smartphone, e como, na sequência, ele ou ela o utiliza, em geral de modo privado. A etnografia é um método para estabelecer a confiança de longo termo necessária para esse tipo de pesquisa. Com exceção do capítulo 2, largamente baseado no que as pessoas dizem sobre os smartphones, este livro se pauta, sobretudo, na observação de como as pessoas usam smartphones no cotidiano, somada às nossas conversas com usuários e usuárias.

Se o livro consiste majoritariamente em uma descrição do que é um smartphone e as suas consequências para os usuários, ele começa, não obstante, com uma breve discussão sobre o que um smartphone não é. Isto é necessário, na medida em que o próprio termo "smartphone" é enganoso. Para entender esse apetrecho, precisamos reconsiderar ambos os termos que o compõem: o "smart" e o "phone". Quando "smart" é utilizado em palavras ou expressões como "smartphone", "cidades smart" ou "lares

smart", vem do acrônimo S.M.A.R.T., referente a Self-Monitoring, Analysis and Reporting Technology (Tecnologia de Automonitoramento, Análise e Relatório). A expressão entrou no vocabulário corrente em 1995, quando a IBM, companhia multinacional de tecnologia, começou a produzir (juntamente com a Compaq) discos que forneciam ao ouvinte alertas de falha, bem antes de elas de fato acontecerem[4]. Hoje, com a ascensão da inteligência artificial (IA), concebe-se o "smart" como uma forma de inteligência baseada em aprendizado autônomo. O termo reflete a ideia de que máquinas e aparatos podem se adaptar aos usuários, através de monitoramentos e processamentos autônomos.

Por contraste, este volume se pauta em um conceito inteiramente diferente de smart, para o qual tomamos emprestada a expressão "smart desde a base"[5]. As evidências trazidas ao longo do livro sugerem que a habilidade de smartphones aprenderem com o modo como são usados, através de automonitoramento, se revela uma característica menor. Muito mais importante, para a determinação daquilo em que o smartphone se converte, é como o aparelho é transformado pelo próprio usuário, uma forma de artesania que começa apenas após a compra. Este manuseio é que, especificamente, torna o smartphone uma ferramenta extraordinariamente íntima e pessoal.

Um desenvolvedor de smartphones, por exemplo, pode ter tido em mente uma adolescente na Coréia do Sul. Talvez não se preocupasse, em particular, com o fato de que migrantes peruanos no Chile terminassem usando seus smartphones em modos notoriamente diferentes do que os aposentados de classe média nos Camarões, ou na Irlanda, que dirá uma mestra em arranjos florais de 90 anos de idade, no Japão. O que documentamos, aqui, não aborda um smartphone "smart" o suficiente para aprender arranjos florais. Em vez disso, estudamos uma senhora de 90 anos de idade, "smart" o suficiente para reconfigurar seu smartphone, de modo que ele se tornasse um ativo em seus arranjos florais. Este é o tipo de criatividade embutido no termo "smart desde a base".

Propomos uma cisão tão radical quanto para a palavra "fone", o sufixo de "telefone". A semântica dá a entender o smartphone como, essencialmente, a última iteração do aparelho conhecido como telefone. Mas em que medida o smartphone é, de fato, um telefone? O telefone realizava ligações; o smartphone se desdobrou em tantas funções que chamadas ocupam, de fato, uma pequena parcela dentre seus usos, e em especial entre os mais jovens[6]. O uso da voz terminou difundido em outras funções, como ditados.

Pensar sobre o smartphone como uma mera extensão do telefone, focando no sufixo "fone", pode, portanto, nos levar por caminhos

enganosos; de fato, designá-lo como qualquer tipo de telefone pode ser contraproducente. Uma história e uma revisão bibliográfica sobre o telefone[7] excluiriam a maior parte dos itens hoje representados pelo smartphone. Esse aparelho é um aglomerado de dezenas de práticas prévias, e cada prática remete a uma imensa literatura histórica. Uma significativa parcela das práticas cotidianas de tirar fotos, compartilhá-las e vê-las, ao redor do globo, ocorre via smartphone. Então, seria mais apropriado descrever esse apetrecho como uma smart câmera que também realiza chamadas? Deveríamos focar, para entendê-lo, na história da fotografia (digital), mais do que na da telefonia[8]? Seria essa a sua inflexão mais dramática?

Inicialmente, a fotografia se preocupava sobretudo com representação e arquivamento. A câmera do smartphone é mais utilizada para compartilhar materiais visuais através das mídias sociais. E, ainda, a própria fotografia é apenas um aspecto dos elementos visuais do smartphone – pensemos no Google Maps – e o aparelho evoca uma história mais geral do uso da mídia visual[9].

Se as fotografias são, hoje, partilhadas, em mídias sociais, implica-se que o smartphone é o aparelho através do qual dividimos informações sobre nossas vidas. O historiador Lee Humphreys publicou, recentemente, uma história fascinante deste tipo de compartilhamento[10]. Por exemplo, durante a era Vitoriana, diários frequentemente tinham o intuito de estar disponíveis aos olhos alheios; era a saída para uma esposa informar a seus pais sobre a sua nova vida, na residência do marido, enquanto diários de crianças podiam ser lidos em voz alta, à noite. Humphreys associa o blogging, e, em seguida, o vlogging, e o uso contemporâneo do Facebook, a essas práticas anteriores. Trata-se de uma retificação certeira a suposições de que contar às pessoas sobre o seu jantar é, necessariamente, um exemplo do narcisismo contemporâneo[11]. De modo similar, Humphreys identifica, em *scrapbooks*[12] da era Vitoriana, precedentes da mídias sociais como o Pinterest, reconhecendo a longa história por trás das nossas narrativas das férias para terceiros, ou das criações comemorativas através de imagens.

Quanto mais usos levamos em conta, mais difícil parece até mesmo arranhar a superfície da tela do smartphone, protegida com a sua película Gorilla Glass. Isto, em parte, porque até mesmo pensar no aparelho como um smart-câmera-fone-diário é, ainda, muito incompleto. Por que seriam esses usos mais importantes do que considerar como o smartphone alterou nosso senso de localização[13]? Todos os lugares permanecem os mesmos, agora que o smartphone segue conosco onde quer que estejamos, como sugeriu um comentarista[14]? Ademais, é no smartphone que armazenamos, ouvimos e

compartilhamos música. Tornou-se uma ferramenta de tradução[15], um elo central para o transporte e o turismo, e um local de apostas. Converteu-se em uma fonte primária de conhecimento, o ponto em que pessoas buscam informação sobre qualquer tópico que se conceba, de fofocas de celebridades a notícias, *fakes* ou não, passando por descobertas no ramo da física[16]. Tudo isto significa que este capítulo introdutório não poderia seguir convenções. Não pode, simplesmente, separar uma história de tudo o que o smartphone é, da história de como se obtém informação à história do entretenimento. Tampouco seria possível elaborar uma revisão de literatura que cobrisse tudo, da tecnologia de localização até a fotografia. A única introdução plausível consistiria em uma história, e uma revisão bibliográfica, do desenvolvimento da nossa capacidade de tornar múltipla uma mesma ferramenta. Uma primeira analogia, com o canivete, tornou-se corriqueira, mas é muito limitada. Uma segunda surge na expressão "computador de bolso" – o computador, contudo, nunca se estabeleceu como principal aparelho para realizar ligações telefônicas, ou tirar fotos, que dirá como um objeto tão íntimo que parece uma extensão do corpo de alguém. Ademais, esta pesquisa incluiu vários locais de campo, onde apenas algumas pessoas, ou alguns jovens, tinham de fato utilizado computadores; para muitos usuários, o smartphone trouxe o primeiro acesso à internet. Não há, de fato, um precedente plausível para tal dispositivo.

Todavia, essas referências a apetrechos anteriores nos aproximam do que se tornará a chave para destrancar nosso entendimento do smartphone, e de sua capacidade de tornar tênues as fronteiras entre as atividades para as quais é empregado. Mencionou-se a fotografia, assim como o registro de informações. Realmente nova, contudo, é a maneira como se tornaram ligadas através do smartphone, a tal ponto que a câmera pode facilitar o armazenamento de informação. Pessoas podem fotografar o anúncio de um concerto em uma vitrine, ou a página de uma revista, ou uma lista de compras. De modo similar, por conta da fácil conexão entre a função calendário do smartphone e a comunicação de grupo, via WhatsApp, tornou-se muito mais fácil alterar hora e lugar de um encontro iminente. O smartphone se tornou tão importante para associar capacidades, como para agregá-las.

Confrontar a magnitude de possibilidades nele contidas é uma justificativa a mais para nossa abordagem etnográfica. Ao contrário de estudos mais orientados para a tecnologia, não procuraremos examinar o smartphone unicamente como aparelho dotado de capacidades. Muitas delas permanecem inutilizadas. Para nós, o smartphone consiste unicamente nos usos observáveis, em meio às populações específicas com quem trabalhamos. Em nossa perspectiva "smart desde a base", o engenho

das pessoas, mais do que o aparelho em si, será o aspecto ressaltado, independentemente de que desdobramentos tenham sido previstos pelos criadores dos smartphones. O presente volume está repleto de invenções, aplicações e designs incríveis, feitos por pessoas que integraram os smartphones às suas vidas cotidianas.

O Smartphone Global é, ainda, uma obra de antropologia comparativa, que reconhece, constantemente, diferenças culturais. Por vezes, aborda-se o smartphone global, em que parece possível garantir generalizações através dos diferentes locais de campo; por outras, o smartphone estudado é sumamente local. Nenhuma população representa usuários naturais, ou normais, de smartphones, a partir dos quais surgem variações os desvios. O uso típico pode ser discutido em meio a cada população. Isto significa, porém, que alguns indivíduos não são típicos. Embora seja possível generalizar em relação às categorias de gênero, ou de classe, cada indivíduo remete a mais de um tipo de perfil ou de categoria. Por conseguinte, boa parte do livro consiste em pequenos retratos de indivíduos, por vezes para apresentá-los como exemplo, mas, também, para reconhecer o teor único de cada um.

Um esboço de nosso projeto

O projeto é composto por 11 pesquisadores, que trabalharam em 10 locais de campo distribuídos em 9 países[17]. Cada etnografia durou ao menos 16 meses. Com exceção do campo de al-Quds, todas ocorreram entre o início de fevereiro de 2018 e o final de junho de 2019, e os pesquisadores residiram ou dentro das, ou próximo às coletividades que estudaram. Uma síntese da metodologia, do financiamento, das questões éticas e do contexto mais amplo está disponível no apêndice do livro. Os locais de campo não foram selecionados como representativos, ou amostras de um todo. Não há uma lógica oculta na escolha. Foram decididos em função das bagagens prévias e dos interesses da equipe de pesquisa. O único critério envolveu incluir diversidade suficiente para exemplificar o leque de comportamentos e valores presentes no nosso mundo contemporâneo. Os locais de campo tampouco deveriam ser tidos como uma amostragem do país em que se encontram. Uma comunidade de classe média em Iaundé não resume os Camarões, assim como um migrante peruano em Santiago não sintetiza o Chile.

A pesquisa incluiu três tópicos de base: envelhecimento, saúde e smartphones. Planejamos, ainda, publicar nove monografias sobre nossa pesquisa etnográfica, focando na experiência de envelhecer para aqueles que não se consideram nem tão jovens, nem tão velhos. A maior

parte da pesquisa se baseou neste perfil. Houve uma variância notória, resultado da proporção de idosos muito maior no Japão, por exemplo, quando comparado a Uganda. Por esse motivo, o termo adotado ao longo do livro é "pessoas mais velhas". Não estudamos a população mais idosa e frágil que preocupa a gerontologia. A discussão de questões ligadas ao envelhecimento se aprofunda consideravelmente nas monografias individuais. Muitos dos pesquisadores estão, eles mesmos, na faixa etária dos 30 anos, e naturalmente conheceram pessoas da sua idade.

De início, a ênfase em pessoas mais velhas pode soar dissonante, porque nos habituamos a focar na juventude, outrora vista como a usuária natural de smartphones. Assim como estudos prévios teriam incluído tópicos relativos especificamente à juventude, há seções do volume dedicadas às pessoas mais velhas, como, por exemplo, o capítulo 7. Via de regra, contudo, o foco em pessoas mais velhas contribuiu para distanciar o estudo dos smartphones de qualquer nicho demográfico em particular, então estes apetrechos podem ser entendidos como um pertence da humanidade em geral. Se há uma ênfase ao longo da obra como um todo, é na importância do smartphone em meio a relações integeracionais.

Além de estudar envelhecimento e smartphones, conectamos esses temas via uma pesquisa sobre mHealth[18] - ou seja, o uso de smartphones para fins relativos à saúde. O foco em mHealth surge como um componente mais aplicado, dado que a intenção era contribuir diretamente para o bem-estar das pessoas. Para esse último componente, nosso ponto de partida consistiu no imenso aumento da produção de aplicativos sob medida, hoje em dia desenvolvidos para uma gama de atividades: auxiliar pacientes na obtenção de informação[19], a transformação do cuidado[20], desenvolver políticas públicas de saúde[21] ou comunidades virtuais sobre o tema[22]. Aplicativos ligados à saúde estão entrando no mercado para lidar com praticamente qualquer caso, desde monitoramento de práticas fitness ao controle periódico de menstruação ou diabetes.

Com a progressão da pesquisa, porém, nossa abordagem "smart desde a base" resultou em uma inflexão de porte. Descobrimos um uso relativamente limitado desses aplicativos sob medida no campo da saúde. Em vez disso, a maioria dos participantes da pesquisa (que, deste ponto em diante, serão apresentados como "participantes") utilizava, regularmente, outros aplicativos para fins de saúde, como ao montar grupos de WhatsApp para gerir o cuidado de um parente mais velho. Assim, o foco se dirigiu, a partir de então, para o uso de aplicativos mais gerais, como Google e WeChat, em questões de saúde. Nosso recorte optou pelos usos de smartphone para benefícios gratuitos de saúde, em contraste com o desenvolvimento comercial da mHealth. Os projetos desenvolvidos a partir deste ponto serão publicados em outras obras[23],

mas abrangem as menções frequentes às questões de cuidado e saúde, abordadas neste volume. A COVID-19 resultou em um componente adicional. Naturalmente, toda a equipe manteve o contato com os amigos e participantes de campo, durante este período. Dessa forma, pesquisamos, por default, como as pessoas utilizavam seus smartphones como resposta à pandemia e à condição de isolamento social.

A metodologia adotada nessa pesquisa foi descrita em um Apêndice. Isto porque, via de regra, consistiu no método etnográfico standard, tal como empregado na antropologia. Mas, se este tema não lhe for familiar, ou, se você quiser começar entendendo melhor a origem das evidências apresentadas ao longo do livro, sinta-se à vontade para ler o Apêndice antes dos outros capítulos. O protocolo de pesquisa estipulou que cada local de campo deveria incluir ao menos 25 entrevistas voltadas para os três temas centrais de pesquisa – a saber, smartphones, envelhecimento e saúde. Nosso método primário, porém, consistiu na observação participante, com os pesquisadores participando de muitas atividades locais. Vários membros da equipe também ensinaram pessoas mais velhas a usar smartphones, em alguns casos por mais de um ano.

Os locais de campo

Anedotas podem ser colecionadas em uma visita de duas semanas. O motivo para participar da vida de pessoas por 16 plenos meses é, primeiramente, que isto permite ao etnógrafo determinar o que, em meio às suas observações, é comum e típico, ou inusitado e próprio a um indivíduo ou a um grupo. Esse recorte temporal é, ainda, essencial para construir a confiança e a amizade necessárias para participar de conversas e atividades online, uma vez que se trata de ações majoritariamente privadas, e, frequentemente, dominadas pela comunicação entre parentes. Um método importante consistiu em perscrutar cada smartphone, examinando cada aplicativo que continha, para estabelecer se e como era usado. A confiança se baseou na garantia do anonimato e nas explanações de por que é impossível ensinar sobre o uso e as consequências desse dispositivo, a menos que se estabeleça uma didática pautada na observação direta desses usos e de suas consequências. Em alguns campos maiores, nossa promessa de anonimato se revelou compatível com o uso dos nomes reais das localidades. Contudo, em outros casos, os nomes adotados tanto ao longo do livro, como na série de publicações, são pseudônimos. A maior parte dos locais de campo aparece em curtas metragens, que também oferecem uma breve apresentação[24]. Os locais de campo inseridos neste volume são (Fig. 1.3):

Figura 1.3 Mapa dos locais de campo do Projeto ASSA (há um pequeno projeto, ainda a ser realizado, em Trinidad). O website oficial do Projeto ASSA pode ser acessado em: https://www.ucl.ac.uk/anthropology/assa/.

Bento, São Paulo, Brasil

A antropóloga brasileira Marília Duque pesquisou em um distrito que chamou de Bento, na cidade de São Paulo, Brasil. Esse campo consiste em uma área de classe média, com grande concentração de serviços médicos e de saúde. A região proporciona uma variedade de atividades voltadas para pessoas mais velhas, e é bem servida de transporte público, metrô inclusive. Como resultado, a área é frequentada por pessoas de toda a cidade de São Paulo, significando que a etnografia cobriu uma população mais ampla do que apenas os residentes de Bento, abrangendo moradores de áreas de baixa renda. Durante 18 meses, Duque deu aulas sobre WhatsApp e uso de smartphone e participou de uma vasta gama de atividades disponíveis para pessoas mais velhas, incluindo meditação, yoga, e cursos e encontros de empreendedorismo.

Cuan, Irlanda

O antropólogo britânico Daniel (Danny) Miller pesquisou em uma cidade litorânea com cerca de 10 mil habitantes, a uma hora de Dublin, que ele chama de "Cuan"[25]. Originalmente uma aldeia de pesca, com cerca de 2300 residentes, a cidade se alastrou por novos terrenos a partir da

década de 1970. O perfil da cidade é sobretudo de classe média, com ocupações típicas alocadas na educação, saúde, serviços bancários e no segmento civil, embora haja uma parcela de habitação social. Miller focou em participantes entre 60 e 70 anos de idade, e frequentou muitas atividades ligadas à aposentadoria, passando por aprender ukelele e participar do Men's Shed, uma espécie de associação beneficente local. A maior parte das entrevistas de Daniel ocorreu em cafés ou na residência das pessoas.

Dar al-Hawa, al-Quds (Leste de Jerusalém)

Esta etnografia é um projeto conjunto entre a pesquisadora palestina Laila Abed Rabho e a acadêmica israelense Maya de Vries. Dar al-Hawa é uma comunidade palestina com cerca de 13 mil habitantes, e se configura, hoje, como um bairro de al-Quds. Antes de ser anexada por Israel, tratava-se de uma vila entre a cidade antiga de Jerusalém e Belém. A localidade segue muito presente no cotidiano dos habitantes, influenciando sua relação com burocracias diversas e com serviços digitais e de saúde. Laila e Maya focaram no clube de terceira idade do centro comunitário local, e realizaram entrevistas e conversas, tanto lá, como nas residências de moradores. Maya ministrou, ainda, um curso sobre uso de smartphones.

Kampala, Uganda

A antropóloga britânica Charlotte Hawkins pesquisou sobretudo em uma vizinhança com cerca de 15 mil habitantes, em Kampala, aqui denominada "Lusozi", ou "colina" no idioma Luganda. Recebeu o apoio de um assistente de pesquisa, de pseudônimo Amor, que cresceu na região e traduziu as entrevistas para os múltiplos idiomas ali falados. Os moradores de Lusozi vêm de todo o país e das regiões do entorno, mas, considerando que a maioria é oriunda do norte rural de Uganda, parte do campo de Charlotte ocorreu nas suas aldeias natais, perto de Gulu e Kitgum. Para entender especificamente o uso de smartphones, Charlotte se pautou em métodos como os de survey, assim como em entrevistas semi-abertas e em participação de atividades coletivas, como grupos de mulheres e vaquinhas.

Quioto e Kōchi, Japão

A antropóloga fino-britânica Laura Haapio-Kirk lidou, em primeira instância, com dois locais de campo. O primeiro foi o centro de Quioto,

cidade com 1,4 milhão de habitantes. O segundo, a região de Reihoku, ao norte da Prefeitura de Kōchi, no sudeste do Japão. A área, como boa parte do Japão rural, tem sofrido com êxodo de população e apresenta uma alta proporção (40%) de habitantes com 65 anos de idade ou mais. Como ponto de entrada no setor rural, Laura voluntariou-se em um checkup anual em moradores com mais de 75 anos, realizado por uma equipe composta sobretudo por médicos da Universidade de Quioto; ela complementou esta atividade, ainda, com visitas frequentes à área, para obter uma compreensão holística da vida das pessoas. Sasaki Lise a auxiliou como assistente de pesquisa.

NoLo, Milão, Itália

A antropóloga anglo-iraniana Shireen Walton desenvolveu sua pesquisa em um bairro de renda mista de Milão. Recentemente, a área passou a ser designada como NoLo (Norte de Loreto), seguindo a ideia de uma Social Street (ou vizinhança de proximidade) na Itália[26]. Os residentes vêm de diferentes regiões da Itália, como, por exemplo, a Sicília, assim como do Egito, do Peru e das Filipinas. Shireen trabalhou, ainda, com a comunidade Hazara, do Afeganistão. Participou de um leque de atividades, desde um coro feminino até um grupo de costura, passando por um centro multicultural e aulas de italiano. Morou em um prédio de população variada, no centro do bairro, que se tornou um eixo para a sua etnografia urbana e digital.

Santiago, Chile

O antropólogo argentino Alfonso Otaegui realizou sua pesquisa em meio a duas populações, em Santiago do Chile. A primeira abrangeu chilenos aposentados que frequentaram seu curso sobre uso de smartphone, lecionado em um centro cultural para a terceira idade. A observação dos participantes, em longo prazo, permitiu que ele identificasse padrões e dificuldades entre adultos mais velhos que adotavam novas tecnologias. A segunda população consistiu em migrantes peruanos, muito ligados às suas expressões tradicionais do Cristianismo e que continuaram honrando seus santos padroeiros, mesmo no estrangeiro. Alfonso pôde observar como esses migrantes, de meia idade já adiantada, mantiveram o contato com parentes e amigos, durante a diáspora, através do uso de grupos de WhatsApp e de difusões ao vivo, no Facebook, de festas e procissões.

Xangai, China

Xinyuan Wang, antropóloga chinesa, realizou seu campo em Xangai, a maior metrópole do país, com mais de 27 milhões de habitantes. Focou em vários “mini sítios” dentro de Xangai: um conjunto habitacional de baixa renda no centro da cidade, uma área do subúrbio com alta densidade de torres, residência padrão dos moradores de Xangai, um asilo para pessoas mais velhas em um subúrbio de renda média, e um grande centro de cuidados para a terceira idade, em uma cidade vizinha. Desde o início de seu campo, Wang desenvolveu, e, em seguida, criou uma exposição cambiante, baseada em álbuns de família e na história oral da área residencial onde morou.

Thornhill[27], Dublin, Irlanda

A antropóloga irlandesa Pauline Garvey mora com a família em Thornhill[28], um subúrbio litorâneo de classe média, ao norte da cidade de Dublin. A capital da Irlanda detém uma população de cerca de meio milhão de pessoas, enquanto o núcleo de Thornhill engloba em torno de 20 mil almas. A maioria trabalha na cidade e transita do subúrbio para o centro de transporte público. As ocupações abrangem, em meio a outras profissões, bancários, funcionários públicos e autônomos. Pauline entrou em vários grupos comunitários, incluindo de café, de artesanato, eclesiástico e de caminhada. Embora tenha trabalhado principalmente com aposentados, a pesquisa abrangeu participantes na faixa etária dos 40 a 50 anos. Como Cuan e Thornhill foram estudados em uníssono, o uso de termos mais gerais, como “Irlanda” e “irlandês”, é mais frequente do que em outros campos, onde evitou-se a generalização. “Dublin” também remete, por vezes, a ambos os campos.

Iaundé, Camarões

O antropólogo Patrick Awondo, de Camarões, realizou sua pesquisa em Iaundé, capital do país e lar de 2,8 milhões de pessoas. Focou em um bairro de classe média, que atende ao pseudônimo de “Mfadena”. A maior parte de seus habitantes são funcionários públicos sêniores, trabalhando em gestão pública ou em setores como educação e cultura. Muitos dos residentes também lidam com negócios próprios, ou trabalham para companhias privadas. Vêm de todas as regiões do país, e incluem alguns expatriados. Dois dos pontos de entrada de Awondo para essa coletividade

foram grupos de esporte como lazer, e grupos de ajuda mútua, conhecidos como tontines.

História do smartphone

Embora o presente capítulo não consiga prover uma história de todos os precursores do smartphone, pode, ao menos, propor uma breve história do smartphone em si, na medida em que, em algum lugar, há um "telefone" em seu interior. O telefone móvel, ou celular, se estabeleceu como mercadoria durante a década de 1990. A crescente familiaridade com o celular, nas primeiras iterações, não reduziu, contudo, o efeito de deslumbramento e admiração quando o iPhone foi apresentado ao mundo, em 2007[29]. A mudança, talvez, não tenha soado tão radical no Japão, onde celulares com habilitações online, localmente conhecidos como "garakei", representaram uma espécie de ponte[30] entre iterações e seguem populares com usuários mais velhos (Fig. 1.4). Além dos garakei, outro candidato mais próximo à categoria de "ponte" poderia ser o Blackberry, um aparelho que se tornou bastante popular ao redor do mundo[31] antes da emergência

Figura 1.4 Exemplo de um telefone japonês com acesso à internet (*garakei*). Fotografia por Laura Haapio-Kirk.

do iPhone. Dito isso, esse dispositivo baseado em uma tela sensível e em aplicativos surgiu para oferecer um novo mundo.

A própria história do smartphone possui três momentos de definição[32]. Primeiramente, a chegada do iPhone, pois praticamente tudo o que nos parece especial no smartphone estava presente na sua oferta inicial, que deslumbrou o mundo, em 2007. Em segundo lugar, a ascensão dos smartphones dotados do sistema operacional Android, e, especialmente, o Samsung Galaxy. Esse desenvolvimento fez dos smartphones uma espécie diversificada, relegando o iPhone ao segundo plano. Em terceiro lugar, a ampliação de modelos mais baratos, oriundos sobretudo da China. A Huawei lançou seu primeiro celular Android em 2009, e a Xiaomi seu primeiro smartphone em 2011[33].

Há relativamente pouca diferença, além do status, entre modelos mais baratos e marcas de smartphone mais estabelecidas. A ampliação dos modelos baratos permitiu que o smartphone se tornasse uma presença global, sem se restringir apenas às regiões com melhor poder aquisitivo. Tal expansão foi um pré-requisito para este livro, dado que boa parte da pesquisa incluiu populações menos abonadas, para quem talvez não fosse possível obter smartphones de ponta[34]. Diversos outros processos estão nos bastidores, desde cadeias de suprimento e montagem até a ascensão de desenvolvimentos de aplicativos por terceiros; contudo, estão além do escopo deste projeto[35].

Se a analogia do "computador de bolso" surge como a coisa mais próxima de um precedente, é importante ter uma noção do avanço paralelo da internet[36]. A World Wide Web foi inventada em 1989, com o primeiro site disponível na "internet aberta" em 1991[37]. Seria, contudo, improvável que a maioria das pessoas se deparasse com ele antes do lançamento do Mosaic, o primeiro navegador; esse evento democratizou, de fato, o acesso à internet, ao expandir o acesso à navegação online para o usuário comum, de 1993 em diante[38]. Tais processos dependiam, em grande medida, do contexto de cada nação. Peters argumentou recentemente[39] que, enquanto se pressupõe uma alta competitividade nos Estados Unidos, a internet se desenvolveu, primeiramente, através de uma mescla entre financiamento estatal e um ambiente de pesquisa colaborativa. Em contrapartida, enquanto a União Soviética era tida como um Estado centralizador, a iniciativa de desenvolver algo similar à internet falhou por conta das burocracias variadas, e dos interesses estreitos das instituições, aos quais elas davam preferência. Essas ações fragmentaram a internet potencial em um projeto que se tornou alvo de bastante competição.

Lição oposta viria de uma reflexão sobre a emergência de tecnologias digitais na China[40]. Nesse caso, o desenvolvimento, com financiamento

estatal, de novas tecnologias de comunicação era uma política clara e determinada. Baseou-se na concepção de que essas tecnologias seriam vitais para a habilidade chinesa de ultrapassar outras nações, na busca por modernidade[41]. Se o Estado supervisiona as principais companhias chinesas de tecnologia, como Alibaba, ByteDance e Tencent, ele também lhes fornece apoio na jornada para rivalizar com pares como Google e Facebook[42]. Como resultado, nosso mundo contemporâneo dispõe de apenas uma divisão regional, quando se trata de tecnologias digitais de comunicação: aquela entre a China e o resto do mundo. Embora a população mundial seja cerca de quatro vezes maior do que a desse país asiático isoladamente, dependendo dos critérios utilizados no cálculo, a maior companhia de mídia social no mundo seria o Tencent, e não o Facebook[43].

O resultado se evidencia, também, na medida em que seis das dez maiores companhias de smartphone são chinesas[44]. Temos Huawei, Xiaomi, Oppo, Vivo, Lenovo (que inclui a Motorola) e Tecno. Apenas a Coréia do Sul se apresenta como rival séria, através da Samsung, sua marca dominante, assim como da LG. As empresas restantes são a Apple, no Estados Unidos, e a Nokia HMD, na Finlândia. As três maiores marcas, Samsung, Apple e Huawei, conseguiram, cada uma, capturar mais de 10% do mercado total. Ao longo dos últimos anos, firmas chinesas, como Huawei e OnePlus, produziram smartphones páreos aos das marcas topo de linha Samsung e Apple; outras empresas chinesas dominam o mercado de aparelhos mais baratos. Hoje, na Índia, smartphones são comercializados por algumas libras esterlinas[45]. Versões do iPhone 11 começam com o preço de base de £679[46], equanto a versão Pro Max pode custar mais de mil libras[47].

Igualmente importante, para os antropólogos, é a história de como as populações responderam às tecnologias anteriores. Quais precedentes nos auxiliam a explicar a apropriação, recusa e adaptação dos smartphones? O sociólogo Claude Fischer[48] estudou o impacto dos telefones com fio entre 1900 e 1940, concluindo que “o telefone não alterou radicalmente o modo de vida estadunidense; em vez disso, estadunidenses o utilizaram para buscar, com mais vigor, seus modos de vida característicos”. Uma das suas observações mais importantes é a de que os comerciantes de telefones para as residências estadunidenses demoraram a perceber que o aparelho seria largamente utilizado para conversas coloquiais[49]. Por conseguinte, os criadores do telefone com fio não foram tanto os inventores ou as corporações. Mas, sim, os consumidores – em especial aqueles de zonas rurais, os mais dispostos a obter o telefone e quem mais reconheceu seu potencial[50]. Fischer não identifica um impacto óbvio ou maior, seja social

ou psicológico. Conclui que “a melhor estimativa é de que, em geral, as ligações telefônicas consolidaram e aprofundaram relações sociais”[51], mais do que substituíram relações ao vivo. O telefone, aparentemente, engenhou, portanto, uma expansão geral da fala[52].

Comparando esses primeiros processos aos mais recentes, as observações de Fischer seguem próximas às conclusões de um projeto recente, do qual boa parte da nossa equipe participou, chamado *Why We Post* (Por que postamos)[53]. Esse projeto examinou os modos segundo os quais as mídias sociais foram reconfiguradas, de maneira criativa, pelas populações de usuários. As evidências do *Why We Post* revelaram, ainda, que boa parte das aplicações das mídias sociais é de teor bastante conservador. Com frequência, usa-se estas novas mídias para reparar, parcialmente, a fragmentação e a desorientação vigentes, afora isso, na vida das pessoas. O exemplo mais óbvio surge em como famílias que se separaram, por motivos distintos, desde questões de guerra até a busca por novas oportunidades econômicas, usam mídias sociais para tentar reconstruir as comunicações próximas e contínuas que, de outra forma, teriam se perdido. A ênfase no uso conservador ajuda a balancear nosso fascínio natural com tudo o que soa novo e sem precedentes.

Os estudos sobre os telefones e, posteriormente, sobre mídias sociais acrescentam outro ponto à natureza da causalidade. Se tecnologias fossem a causa primeira de como os dispositivos são utiliados, deveria ser fácil mapear o uso subsequente, comparado com a tecnologia específica destinada àquele uso[54]. Em vez disso, as evidências do projeto *Why We Post* apontaram que os tipos de comportamento migram livremente de plataforma para plafatorma. Gracejos escolares passaram com presteza do Blackberry para o Facebook e o Twitter, três plataformas totalmente distintas[55]. Se o tipo de uso permanece, grosso modo, o mesmo, em meio a plataformas variadas, as propriedades dessas plataformas não podem explicar o uso. A série *Why We Post* revelou, ainda, um uso regional tamanho que o principal volume de resultados foi batizado *How The World Changed Social Media* (Como o Mundo Mudou As Mídias Sociais)[56], e não “como as mídias sociais mudaram o mundo”.

Um ponto similar emerge se considerarmos a história, ainda que breve, de uma plataforma individual, como o Facebook. De início, seu inventor tentou proibir o uso de qualquer um que não fosse membro da Universidade de Harvard; tentativas subsequentes procuraram restringir a plataforma aos alunos da universidade. Mais recentemente, o projeto *Why We Post* documentou um declínio de popularidade do Facebook em meio à população mais jovem[57], em especial em mercados mais afluentes, como os Estados Unidos[58]. Não há, simplesmente, lógica comercial

alguma que sugira uma intenção do próprio Facebook em perder sua imagem jovial, nestes mercados[59]. Novamente, portanto, outros fatores devem constar por trás dessas modificações, além dos simples interesses das corporações[60].

Enquanto isso, o telefone com fio se dilui nas linhas da história, mesmo seguindo presente para pessoas mais velhas. Todavia, segue o uso paralelo de smartphones, featurephones[61] e celulares, em especial em algumas populações de menor renda, dentre as estudadas. A história e o entendimento desses parentes próximos, portanto, importam, na medida em que documentam trajetórias que podem continuar a se desdobrar através dos smartphones. Não surpreende que boa parte da literatura associada a celulares focou nas consequências específicas da mobilidade. Títulos como *Contato Constante* ou *Pedestre, Pessoal e Carregável*[62] nos indicam algumas dessas questões. O trabalho de Ling[63], ainda em andamento, influenciou especialmente a literatura, contribuindo com uma gama de expressões úteis para análise do celular. Ling apontou, ainda, como as pessoas utilizam esses aparelhos para uma microcoordenação, como "ajustes de percurso", "coordenação iterativa" e, também, "atenuamento de cronogramas" – todos ilustrativos dos meios como o celular pode ser aplicado para ampliar a flexibilidade[64]. Mais recentemente, Ling[65] abordou a onipresença do celular e seu consequente status de "pressuposto", ao observar como se alocou em outras tecnologias de presença dada por certa, como o relógio e o carro. Também nos é útil a ideia de tecnomobilidade, apresentada por Wallis[66].

Estudos sobre celular enfatizaram a natureza intrusiva da telefonia móvel[67], e a dissolução de fronteiras tradicionais entre as esferas pública e privada[68]. Esses pontos levam, por sua vez, a considerações sobre a etiqueta elaborada em torno do uso do telefone[69]. Inicialmente, focou-se na juventude[70] – incluindo a relação do telefone com moda, estilo e corpo[71] - e, ainda, no impacto do uso desse dispositivo, pelos jovens, em atos ligados à criação dos filhos. Uma vasta bibliografia emergiu dos estudos de comunicação e de mídia. Ademais, o interesse dos estudos de desenvolvimento, e de subáreas, como as Tecnologias de Informação e Comunicação para o Desenvolvimento (Information and Communications Technology for Development ou ICT4D, na sigla em inglês), é crescente, e se preocupa com o impacto dos celulares em populações globais[72].

Antropologia e outras disciplinas

Tem sido fundamental, para a antropologia, evitar perspectivas que concebem o dispositivo como um objeto dado e, a seguir, adaptado ou

apropriado pelas populações locais. Ao estudar como a internet era usada em Trinidad, Miller e Slater[73] insistiram que não há uma internet "real" ou "pura". O que denominamos "internet" nada mais é do que os usos, atribuídos por uma dada população, às possibilidades da atividade online. O uso observado em Trinidad nem resumia uma distorção, nem sintetizava um local: era apenas mais um exemplo, equivalente a qualquer outro, do que é a internet. De modo similar, as populações não são rígidas. Um nativo de Trinidad que usa a internet não se torna menos nativo por isso, embora represente uma mudança no sentido do termo "trinitário". Este processo de mudança mútua engloba a igualdade de todas as populações.

Antropólogos tendem a evitar debates amplos sobre o que é um celular, preferindo examinar, em profundidade, usos e circunstâncias altamente específicos de um dado local. Archambault[74], por exemplo, estudou celulares no subúrbio de uma cidade de província, em Moçambique. Seu livro não parte dos debates, corriqueiros nos Estados Unidos ou no Reino Unido, sobre o impacto de celulares na privacidade. Interessa-se, de início, pela capacidade do celular de esconder e criar subterfúgios, promovendo e aprimorando competências de sigilo e exposição, assim como suas consequências sobre novas formas de intimidade, e novas modalidades para sobreviver financeiramente. Como, por exemplo, expor status social sem suscitar inveja? A autora documenta, ainda, como o celular facilita encontros com um ou uma amante, embora crie novas maneiras de pessoas controlarem umas às outras, de modo que o celular é criticado pela exposição, e não pela infidelidade propriamente dita. A respeitabilidade não depende do que se faz, mas, sim, da habilidade em manter discrição sobre suas ações. Em uma situação de precariedade, fazer vista grossa pode ser essencial para a sobrevivência econômica. Celulares, ademais, são fáceis de roubar e de vender, criando, por extensão, a sua própria economia subterrânea, pautada no crime. A presença do celular traz todo tipo de questão sobre confiança e intimidade, dominantes na conversa local sobre o que é um celular.

Um segundo exemplo vem do estudo sobre celulares de Tenhunen, em uma aldeia de Bengala Ocidental com cerca de 2.400 habitantes[75], realizado entre 1999 e 2013. Ao longo do tempo, o celular demarca seu lugar, em meio a uma gama de formas de co-presença. De início, é usado para tarefas locais, como auxiliar as pessoas a realizar rituais funerários. Posteriormente, passou a participar de mudanças mais amplas, de cunho político, econômico e social. Família e parentesco permanecem uma preocupação basilar – por exemplo, avisar parentes sobre oportunidades de trabalho ou organizar cuidados relativos à saúde. Isto inclui mudanças radicais; esposas podem manter contato com sua família natal, por

exemplo. O impacto emancipatório é, contudo, limitado, na medida em que podem depender de maridos ou de parentes por aliança para realizar as chamadas. Aqui, como em outros lugares, os principais motores por trás de boa parte das aceitações não são os âmbitos da política ou da economia, mas sim o leque de entretenimento e diversão acessível via estes novos aparelhos[76]. Castas mais baixas, para quem adquirir uma televisão soava proibitivo, ultrapassam essas tecnologias, mas também podem utilizar os celulares para se inteirar sobre emprego fabril. Apesar disso, celulares não apresentam um impacto significativo sobre o sistema basilar de hierarquia social[77]. Enquanto Tenhunen foca em uma única aldeia, sua obra se complementa por um excelente levantamento sobre o impacto de celulares na Índia como um todo, disponível no *The Great Indian Phone Book* (O Grande Livro Indiano Do Telefone)[78], escalando os dados para avaliar as implicações e relação a uma população de grande porte.

Um terceiro exemplo etnográfico, o método que pauta nosso volume como um todo, se encontra em um pequeno povoado nas Ilhas Salomão, no Pacífico Sul. O estudo de Hobbis[79] reforça, com veemência, pontos levantados anteriormente nesse capítulo sobre a definição de smartphones por conta de como são usados, não de suas capacidades. A população estudada por Hobbis praticamente não manda mensagens de texto, e limita as chamadas de voz a cerca de uma ligação, de um a dois minutos de duração, a cada quinzena. O smartphone, todavia, traz importantes consequências para a fundamental organização dessa sociedade através do parentesco; é extensivamente usado em segmentos como cuidado de crianças, ou dinâmicas de gênero. Este caso proporciona, quiçá, o exemplo extremo de um smartphone que remete a tudo, menos a um telefone.

Os três volumes são típicos, em relação à tarefa antropológica: participação continuada e empática na vida de pessoas, permitindo que se transmita como pode ser viver em uma aldeia na Índia, ou ser um jovem rapaz no Moçambique urbano, com seu celular novo. Há, de quebra, abordagens complementares – tais como aquelas encontradas em uma coletânea organizada por Foster e Horst[80], mantendo o foco na região do Pacífico. Nela, Horst, por exemplo, acompanhou Digicel, o principal fornecedor de celulares do Pacífico e a mesma companhia que pesquisou, juntamente com Danny, na Jamaica, em 2005[81]. Um estudo dos anúncios publicitários da Digicel revelou como a empresa se apresenta enquanto amiga, ou procurando incorporar as virtudes morais de um bom cidadão. Jorgensen mostra como a presença de antenas telefônicas implementadas pela Digicel provocam ansiedades sobre vigilância e

controle, mas também habilita políticos locais a reivindicarem crédito pelo "desenvolvimento"[82]. Outros capítulos da coletânea de Forster e Horst examinam contextos específicos. Lipset[83] nos traz um caso em que o celular, mecanismo pioneiro pelo qual pessoas podem contactar estranhos, se torna uma liberação dos laços de parentesco tradicionais. Wardlow[84] trabalhou com mulheres infectadas pelo HIV. Evitadas pelos seus pares, usam ligações aleatórias para buscar, em estranhos, apoios que lhes forneçam cuidado emocional e prático; ao contrário de familiares e namorados, esses indivíduos não cobram dinheiro, porcos, ou, em última instância, sexo como contrapartida. Esta coletânea mostra como antropólogos podem estudar corporações relevantes, e a economia política mais ampla, em conjunto com a expansão no uso de smartphones[85]. Ademais, Horst argumentou a favor de mais atenção etnográfica para as insfraestruturas por trás da comunicação móvel[86]. A antropologia é apenas uma, em meio a uma constelação de disciplinas que contribuem para nosso entendimento sobre celulares e smartphones. Sínteses do trabalho sobre novas mídias e relações pessoais incluem *Conexões Pessoais na Era Digital* e *Mídias Sociais e Relações Pessoais*[87]. Sociólogos focam mais em indivíduos dentro de redes. O volume *Networked*[88] resume, de modo prático, esta abordagem, e traz, também, os muitos e excelentes levantamentos do Pew Research Center, nos Estados Unidos, que ainda estão em andamento. Outras abordagens notórias se desenvolveram no seio dos estudos sobre computadores e internet[89]. Uma contribuição maior veio dos estudos de comunicação, como nos volumes organizados por Papacharissi[90], que nos apresentaram muitas das terminologias mais especializadas. Na medida em que o smartphone colonizou cada área da vida, como vimos acima, insights vêm, hoje, de todas as disciplinas, quer seja o seu principai interesse religião, crime ou turismo. Frequentemente, livros com temáticas como tecnologias de localização incluirão contribuições interdisciplinares[91]. Antropólogos contribuíram com vários desses campos; Postill[92], por exemplo,enriqueceu os estudos de políticas digitais. Disciplinas nascentes, de quebra, estudam efeitos sem precedentes das comunicações digitais, novamente com contribuições antropológicas, como o trabalho de Coleman sobre os hackers e o Anonymous[93].

Externalidades

O termo que adotamos para a etnografia, "contextualização holística", expõe um desejo de amparar tudo o que se vincula ao entendimento

do smartphone global. Isto significa que não é possível saber, de antemão, qual será o contexto relevante da nossa pesquisa; por conseguinte, uma etnografia tenta abranger todos os aspectos da vida cotidiana, caso se mostrem relevantes. Muitas das forças atuando sobre os smartphones simplesmente não aparecem em uma etnografia. Além disso, este volume se baseia unicamente na etnografia dos usuários; não contém nenhum equivalente à consideração de Horst e Forster sobre companhias e infraestruturas. Assim como observou Horst, sempre é possível considerar um contexto social e econômico mais amplo como parte da infraestrutura dos smartphones, em geral incluindo regulações estatais[94].

Este foco etnográfico de nosso estudo periga, portanto, resultar em uma ausência do que os economistas designam por externalidades. Quando o preço de um objeto reflete o custo da firma que o produziu, mas não inclui o custo de lidar com a poluição do ar produzida pela sua manufatura, então a poluição do ar se converteu em uma externalidade. Quais consequências dos smartphones também soam menos aparentes, quando se opta por um foco etnográfico?

Felizmente, parece haver outros estudos para nos fornecer achados essenciais, complementados aos que apresentamos aqui. Richard Maxwell e Toby Miller, por exemplo, examinam, no livro *How Green is Your Smartphone?*[95], os vários meios através dos quais smartphones podem impactar negativamente o meio ambiente e nosso bem-estar. Há ramificações mais amplas dos componentes dos smartphones, não apenas em relação à política de minerais raros e as consequências ecológicas da própria materialidade do smartphone, como, ainda, usos menos tangíveis da energia envolvida, incluindo as vastas redes de infraestruturas digitais voltadas para a habilitação da comunicação global[96]. Smartphones se tornaram parte do levantamento de dados que, por sua vez, alimenta a inteligência artificial e outros processos em curso. Seu uso para rastrear as intenções individuais, visando conter a pandemia de COVID-19, deixou claro como se tornaram poderosos, nesse quesito.

Outros estudos focam na economia ampla dos smartphones e de grandes corporações, como Apple, Facebook, Tencent ou Samsung[97], e estendem esses pontos em uma noção maior de *capitalismo de plataforma*[98]. Diversos estudos novos chamaram a atenção para grupos antes ignorados, como ocupações auxiliares. Em *Behind the Screen* (Por trás da tela)[99], Sarah Roberts examinou o que denomina "trabalho humano ofuscado" de moderadores de conteúdo, que emergiram como parte da resposta corporativa às pressões morais para que se responsabilizem pelo conteúdo com o qual lidam.

Uma estrutura similar pode ser vista no livro *Ghost Work*, de Gray e Suri[100]. Consideramos, no capítulo 9, outra externalidade maior, explicitada por debates críticos recentes sobre a ascensão do capitalismo de vigilância[101] e do estado de vigilância[102]. Incorporando as últimas experiências de resposta à pandemia de COVID-19, analisamos a tênue linha entre cuidado e vigilância. A questão da vigilância remete, por sua vez, a uma literatura extensa, e crescente, sobre o desenvolvimento de Big Data e inteligência artificial (IA), ambos inseridos nos elementos "smart" do smartphone[103]. O grande ponto na expressão "externalidades" é, precisamente, de que não deveriam ser fatores externos. Deveriam ser compreendidos como elementos integrais do que os smartphones são, e as consequências que produzem. É possível, contudo, que não estejam aparentes nas etnografias que realizamos. O presente volume deve, portanto, ser complementado com os itens mencionados acima.

Conclusão

O Smartphone Global se refere ao nosso estudo comparativo de smartphones, baseado em 10 etnografias locais. Antropólogos tendem ao plural. Há interesses e capitalismos, e cada um pode ser muito distinto do outro, em contextos específicos[104]. A composição deste volume se baseia em escalas – tentando, amiúde, ouvir as melodias singulares de um usuário de smartphone, e garantindo que não se afoguem em nosso interesse do que é usual ou difundido. Melodias, contudo, frequentemente não vêm de indivíduos, mas de famílias ou coletividades. Ouvimos, ainda, os diferentes gêneros encontrados na Irlanda urbana e em Santiago, e o contraste entre o Japão urbano e o rural, ou entre bairros de média ou baixa renda em Kampala e *Iaundé*. Onde há evidências do smartphone como instrumento de homogeneização global ou de generalização, isto foi reconhecido – por exemplo, no crescente papel de formas visuais na comunicação e no cuidado, ou na extensão do uso de contadores de passos. Mesmo em se tratando das teorias do capítulo final, todavia, generalizações e abstrações estão sujeitas a nuances e variações que, ao fim e ao cabo, remetem às famílias e aos invidíduos. Esse jogo de escalas habilita a antropologia para encarar ambas as direções, respeitando igualmente o local e o geral.

Nossa perspectiva "smart desde a base" foca em como pessoas trabalham uma certa artesania dos smartphones, em vez de apenas usá-los; fazem muito mais do que nele inserir conteúdo. Rejeitam componentes embutidos, como assistentes de voz, reconfiguram aplicativos em relação

a algumas tarefas, para adequá-los às suas rotinas, e reconhecem etiquetas sociais acerca de que usos são aceitáveis e inaceitáveis. Essas seleções contribuem, então, para a criação dos smartphones que encontramos. Todas essas atividades ocorrem em circunstâncias de restrição. Mulheres, ou pessoas mais velhas, talvez sejam impedidas de acessar os aparelhos, ou o conhecimento. Elementos essenciais podem ter preços proibitivos. Corporações pressionarão usuários em direções que criem lucros. Smartphones se revelam invasivos e algumas pessoas comentam sobre vício. Esta obra julga em raros momentos, mas procura reconhecer a diversidade. E a diversidade, tanto de usuários como de restrições, foi a criadora do smartphone global.

Notas

1 A continuidade entre projetos é assegurada pela participação de Laura Haapio-Kirk, Daniel Miller e Xinyuan Wang, todos membros do Why We Post antes de integrarem o ASSAS. Este estúdio das mídias sociais ao redor do globo também tinha por sede o Departamento de Antropologia da University College London. Mais informações sobre o projeto estão disponíveis no seguinte endereço: https:// www.ucl.ac.uk/ why- we- post.
2 Statista 2019.
3 Mobile Internet Statistics 2020.
4 Clements 2014.
5 Gostariamos de reconhecer que a expressão “smart desde a base” (“smart from below”, no original) foi adotada a partir de um paper de Katrien Pype (2017). Para nós, o trabalho de Pype em Kinshasa é dos melhores entre a produção contemporânea antropológica sobre smartphones e outras tecnologias digitais, e vários artigos por ela redigidos se encontram nas Referências Bibliográficas deste livro.
6 *Telegraph* 2019.
7 Isto não significa que inexistam histórias proveitosas do telefone móvel. Ver, por exemplo, Agar 2013.
8 Sarvas e Frohlich 2011.
9 Para estudos mais complexos e historicamente informados dos gêneros de comunicação visual (e visual-digital), ver, por exemplo, Mitchel 1992; Friedberg 2006; Dijck 2007; Mirzoeff 2015; Favero 2017.
10 Humphreys 2018, 29– 49.
11 Atribuiu-se à mídia de massa contemporânea um papel de facilitadora de uma “cultura do narcisismo”, nos termos do historiador cultural Christopher Lasch. Em seu estudo seminal da sociedade estadunidense no pós-guerra, Lasch identificou um “narcisismo patológico” que, supostamente, iria de mãos dadas com o declínio da instituição familiar: Lasch 1979. Este tipo de crítica tem sido particularmente cobrado da cultura digital contemporânea pelo campo da Psicologia; e se tipifica por preocupações no elo entre a “cultura do selfie” atual e o narcisismo. Ver, por exemplo, Weiser 2015; Sorokowski et al. 2015; Barry et al. 2017.
12 Livros de recortes montados a partir de cortes e colagens variados, na capa ou no miolo, sem formato padronizado [N.T.].
13 Frith 2015 e Greshke 2012.
14 Bogost 2020.
15 Cronin 2013.
16 Norman 2015.
17 Planeja-se um trabalho de campo adicional em Trinidad, que ainda não começou.
18 Por exemplo, Istepanian et al. 2006 e Donner and Mechael 2013.
19 Schaffer et al. 2008.

20 Oudshoorn 2011.
21 Hingle et al. 2013.
22 Comissão Europeia (European Commission) 2020.
23 Uma obra sobre projetos e observações relacionados à saúde está sendo redigida pela equipe, mas já se publicou um manual a respeito do uso de WhatsApp para fins de saúde. Vide Duque 2020.
24 Vídeos introdutórios sobre alguns dos campos estão disponíveis em https://www.youtube.com/playlist?list=PLm6rBY2z_ 0_ jA3jTEJh5faHJoL0_ - Ow7j.
25 Os dois campos irlandeses detinham populações muito parecidas, e ambos os antropólogos chegaram a conclusões muito similares. Por isso, foram combinados em um único "campo" relativo a Dublin. Embora Cuan não seja tão próxima da cidade de Dublin, a região dublinense comporta Cuan.
26 A ideia da Social Street, ou vizinhança de proximidade, nasceu em Bolonha em 2013, mas é hoje comum na Itália como um todo. Visa promover uma socialização maior entre os residentes de uma área. Vide Social Street 2020. Website disponível em: http://www.socialstreet.it. O conceito da vizinhança de proximidade em NoLo emergiu em 2016, com a fundação do grupo de Facebook do Distrito Social de NoLo.
27 Em inglês, Colina do Espinho [N.T.].
28 Vide nota anterior sobre a composição combinada do campo relativo a Dublin.
29 BBC News 2007.
30 Itō et al. 2005.
31 Sweeny 2009. Vários aparelhos de assistência pessoal também serviram de precedentes para elementos do smartphone, como o Palm pilot e o Nokia communicator.
32 Para uma síntese proveitosa dessa história, vide Woyke 2014.
33 Shirky 2015; Gupta e Dhillon 2014; Jia et al. 2018.
34 Ou mesmo qualquer smartphone. Celulares ainda são mais utilizados, na África, do que os smartphones, embora estes últimos alcancem uma minoria crescente da população. Vide Xinhua 2019. Para o caso indiano, vide Counterpoint 2019.
35 Para uma discussão sobre o desenvolvimento de smartphones baratos na China, vide Li Sun et al. 2010; Fu et al. 2018; Liu et al. 2015.
36 Do qual há várias histórias, como, por exemplo, Naughton 2000.
37 Web Foundation 2020.
38 Tagal 2008.
39 Peters 2016.
40 Shim e Shin 2016; Serger e Breidne 2007; Feigenbaum 2003; Plantin e de Seta 2019.
41 Hughes e Whacker 2003. Para uma breve síntese, vide Keane 2020.
42 Jia e Winseck 2018.
43 Bhardwaj 2018.
44 Gadgets Now 2019.
45 Embora seja necessário manter cautela com alegações de smartphones a $4. Vide Patil 2016.
46 No Brasil, o preço inicial do iPhone 11 é de R$3.999 e, em Portugal, de 1.179 euros. Já a versão Max Pro atinge R$5.779 reais e 1.289 euros. Valores de abril de 2021.
47 Apple Inc 2020.
48 Fischer 1992.
49 Fischer 1992, 85.
50 Fischer 1992, 119.
51 Fischer 1992, 266.
52 Fischer 1992, 268.
53 Miller et al. 2016.
54 Embora a tecnologia possa certamente ser um fator de peso – vide MacKenzie e Wajcman 1999.
55 Miller 2016, 183.
56 Miller et al. 2016.
57 Miller et al. 2016.
58 Al- Heeti 2019; Solon 2018.
59 Kirkpatrick 2010. O fenômeno já foi bastante abordado pelos estudos de negócios, nos quais se usa o conceito de "atravessar o abismo" - vide Moore 1991.
60 Miller, por exemplo, argumenta que o uso crescente do termo "friending" (o equivalente a "adicionando [alguém à sua rede]", no Brasil) não é um reflexo de como se usa o Facebook; em vez disso, o Facebook refletiria mudanças na relação entre parentesco e amizade. Vide Miller 2017.

61 Celulares com recursos variados, porém em menor número do que os smartphones.
62 Em obras como a de Katz e Aakhus 2002; em relação ao Japão, Itō et al. 2005.
63 Ling 2004; Ling e Yuri 2002.
64 Ling 2004.
65 Ling e Yuri 2012.
66 Wallis 2013.
67 Ling 2004, 123– 43.
68 Licoppe e Heurtin 2002.
69 Kim 2002.
70 Livingstone 2019.
71 Vide, ainda, Fortunati 2002; Fortunati, Katz e Ricini 2003.
72 Vide, por examplo, Ling 2004. Para uma síntese, vide Green e Haddon 2009. Para estudos do desenvolvimento, vide, por exemplo, Donner 2015.
73 Miller e Slater 2000, 1-4.
74 Archambault 2017.
75 Tenhunen 2018.
76 *The Economist* 2019.
77 As conclusões são similares às de Venkatraman, ao trabalhar sobre o impacto das mídias sociais na outra ponta da Índia, em Chennai. Vide Venkatraman 2017.
78 Doron e Jeffrey 2013.
79 Hobbis 2020. Para práticas em mídias e dinâmicas de família em sentido mais amplo, vide Hjorth et al. 2020.
80 Foster e Horst 2018.
81 Digicel iniciou suas operações levando celulares para populações de pequenas ilhas do Caribe, a começar pela Jamaica, em 2001. A companhia transferiu, então, essa expertise para o Pacífico, começando pela Samoa, em 2006, e abraçando, em dado momento, 97% do marketshare da Papua Nova Guiné.
82 Jorgensen 2018.
83 Lipset 2018.
84 Wardlow 2018.
85 Para exemplos em solo africano, vide Hell-Valle e Storm-Mathisen 2020.
86 Horst 2013.
87 Baym 2010.
88 Rainie and Wellman 2014.
89 Graham and Dutton 2019.
90 Papacharissi 2010; Papacharissi 2018.
91 Por exemplo, Wilken, Goggin e Horst 2019.
92 Postill 2011; Postill 2018.
93 Coleman 2013; Coleman 2014.
94 Horst 2013.
95 Maxwell and Miller 2020.
96 Carroll 2020.
97 Por exemplo, Garsten 1994; Kirkpatrick 2010.
98 Srnicek 2017.
99 Roberts 2019.
100 Gray e Suri 2019. Estas preocupações não são novas. Para precedentes recentes na Índia, vide Xiang 2007. Para precedentes bem mais antigos, vide Kriedte, Medick e Schlumbohm 1981.
101 Zuboff 2019.
102 Greenwald 2014.
103 boyd e Crawford 2012.
104 Miller 1997. Vide Bolter e Grusin 2003; Sarvas e Frohlich 2011; Dijck 2007; Bunz e Meikle 2017; Halavais 2017; Frith 2015; Duque 2020.

2

O que se diz sobre os smartphones

Campos: Bento – São Paulo, Brasil. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi, Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

Até recentemente, o telefone poderia ser definido como um aparelho utilizado para falar com, ou enviar mensagens de texto para alguém. Em 2021, no entanto, vemos o smartphone como um importante *assunto*, não apenas um dispositivo através do qual nos comunicamos. Este capítulo demonstrará o quão significativos se tornaram os discursos sobre smartphones. Falar sobre eles se tornou um meio de discutir uma gama de conceitos, morais e outros, ligados à vida contemporânea. Para, portanto, entender as consequências do smartphone, é preciso abordar não apenas a tecnologia e o seu uso, mas, também, o papel do aparelho como ícone e como idioma. Assim como nos atentamos às especificidades da linguagem na internet[1], os discursos que englobam o smartphone deveriam ser tidos como integrantes do que ele é, juntamente com o objeto material em si. Nossas evidências sugerem, ainda, que tais debates raramente remetem ao uso cotidiano de fato, tema dos próximos capítulos deste livro. Em vez disso, utilizar os smartphones para discutir moralidade é função bastante distinta da do próprio aparelho: emprega-se o dispositivo para refletir um discurso mais amplo a respeito da vida moderna. É preciso, então, reconhecer os discursos sobre smartphones e considerá-los de forma independente do uso, incluindo os principais debates sobre temas como vício e dependência, *fake news* e vigilância.

Via de regra, embora haja exceções, o discurso tende a ser negativo, quando trata de smartphones em geral, e mais positivo quando pessoas respondem sobre aplicativos ou usos específicos, como localização ou fotografia. Em nossos campos dublinenses, era comum os mais velhos alegarem, de início, que utilizavam seus smartphones apenas para

chamadas de voz e envio de mensagens de texto. Contudo, uma vez estabelecidas entrevistas mais sistemáticas, baseadas na inspeção empírica dos dispositivos, os mesmos indivíduos claramente manuseavam de 25 a 30 aplicativos e funções diferentes. Parecia, de certa forma, que os participantes mantinham suas afirmações para se distinguir dos mais jovens que, sugeriam eles, não desgrudavam dos seus aparelhos. Ao alegarem um uso mínimo do smartphone, rapidamente se voltavam para os problemas associados aos apetrechos, como, por exemplo, a invasão de privacidade ou as *fake news*, alguns dos assuntos explorados ao longo deste capítulo. Por esses motivos, é importante diferenciar dois tipos de evidência: o que se diz sobre o smartphone, em geral, e os indícios de seu uso cotidiano. Cada um tem motivos e consequências próprios.

A ênfase nos discursos é, todavia, propícia para começar a explorar alguns exemplos do que, já no capítulo anterior, denominamos “externalidades”. O que se diz sobre os smartphones tem sido claramente influenciado por forças maiores, incluindo governos, a mídia, corporações comerciais e outras instituições, como as religiosas[2]. A academia científica constaria neste rol de forças, abarcando contribuições de psicólogos, cientistas políticos e de outras disciplinas voltadas para as questões de políticas e regulação[3]. Participantes da pesquisa poderiam, por exemplo, reclamar sobre os interesses comerciais que se infiltram nas suas contas, expressar ansiedade em relação à privacidade e à vigilância, ou comentar sobre como a posse e o uso de smartphones impacta na saúde. Também poderiam repetir relatos jornalísticos sobre os achados de um psicólogo, ou argumentos estatais sobre o risco de as pessoas se viciarem em seus smartphones. Raramente tivemos de extrair tais afirmações de nossos participantes. Assim que um membro da equipe explicava a temática da pesquisa, era comum as pessoas darem início a toda uma ladainha de preocupações e afirmações sobre as quais regularmente liam, ouviam e discutiam com parentes e amigos.

O Estado e a mídia

Na perspectiva atual de vários governos, a provisão de infraestrutura digital básica é tida como tão essencial quanto o bem-estar da população. Podem, consequentemente, encorajar o desenvolvimento do 4G ou do 5G, de pontos de conexão Wi-Fi gratuita ou outros meios de extensão da internet, para incluir a população rural. No caso da área campestre japonesa, por exemplo, que padece de um esvaziamento populacional, uma das mais recentes preocupações do governo local envolveu a

instalação de rede de banda larga com alta velocidade, como parte dos esforços de revitalização que visam manter os atuais habitantes e atrair novos residentes para a região. Governos estão cientes dos benefícios eleitorais associados ao fornecimento de itens que, cada vez mais, são vistos como uma utilidade pública de base, à qual as pessoas têm direito.

Ao mesmo tempo, o Estado pode ser tido como um dos principais culpados quando as pessoas expressam sua ansiedade em relação à vigilância. Em recente relatório irlandês, por exemplo, um departamento estatal abriu licitação para monitoramento de mídias, incluindo as redes sociais. Alegou-se que a ação contribuiria para informar o departamento sobre a opinião pública[4]. Embora o conteúdo das redes sociais seja composto por dados relativamente públicos, tal monitoramento é amplamente percebido, pelos participantes da pesquisa, como um sinal da inspeção invasiva, pelo Estado, de correspondência privada. Esta preocupação cresceu lado a lado de controvérsias globais, como o escândalo da Cambridge Analytica[5], no qual partidos políticos foram acusados de colher dados de usuários para vantagem própria, ou as revelações de Edward Snowden sobre vigilância estatal. Eleições podem, igualmente, assumir o papel de para-raios dos medos sobre a ampliação da vigilância, assim como das demandas em relação ao acesso de Wi-Fi ou de rede 4G. Há, essencialmente, duas trajetórias opostas pelo vértice, uma tida como positiva, a outra como negativa, e muitos parecem responder a cada uma com profunda ambivalência.

Em Uganda, debates sobre as consequências morais dos smartphones se tornaram um idioma para expressar tensões intergeracionais. Em Lusozi, pessoas mais velhas reclamam que o conhecimento angariado ao longo de décadas de experiências pessoais tem sido, ultimamente, minado e desrespeitado pela geração "dotcom" ("pontocom"), mais nova, influenciada por sua vez por várias reivindicações inéditas de saber acessível via internet e outras mídias globais. As reclamações se desdobram em preocupações sobre desinformação, "ocidentalização", perda do respeito tradicional e da união, e em várias formas de prejuízo infligidas nos jovens.

Tal narrativa é, ao mesmo tempo, refletida e alimentada pelo governo. Em 2018, o presidente Museveni (que, em 2020, tinha 76 anos de idade) argumentou que as mídias sociais promovem *fake news*, "*olugambo*" (fofoca), acusações de bruxaria, pornografia, vício e, via de regra, um excesso "exagerado". Em 1º de julho de 2018, o governo ugandense criou o Imposto do Exagero ("Over The Top" Tax ou OTT[6]), uma diretiva para as companhias de telecomunicação, para desencorajar "olugambo". O imposto consiste em uma penalidade de 200 UGX (0,05

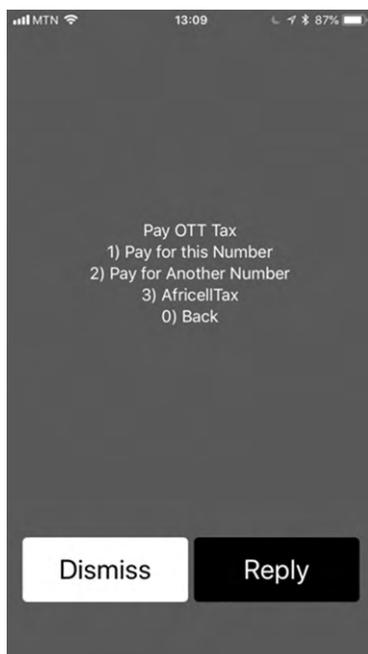



Figura 2.1 Tela de celular exibindo a versão digital do Imposto do Exagero ugandense sobre redes sociais. O usuário pode tanto pagar o que é cobrado para o seu número, como para um número de terceiros. Fotografia de Charlotte Hawkins.

libras esterlinas) por dia, ou 6.000 UGX (1,20 libra esterlina) por mês, ao se usar diversas plataformas de redes sociais, incluindo Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter, Skype e LinkedIn (Fig. 2.1)[7]. Quando se anunciou o Imposto do Exagero, a própria celeridade com que a informação atingiu 15 mil usuários de WhatsApp se tornou notícia. O imposto suscitou petições e campanhas diversas, até mesmo nas próprias mídias sociais, como #ThisTaxMustGo[8]. Protestos, inclusive aqueles liderados por Bobi Wine, músico convertido em líder da oposição e proclamado "porta-voz da juventude frustrada de Uganda", dominaram as manchetes nacionais e atraíram atenção internacional. Bobi Wine (que, em 2020, tinha 38 anos) se pauta com frequência nas redes sociais como plataformas para emancipação da geração mais jovem de um país cujo presidente está envelhecendo.

O controle político sobre smartphones pode incluir tentativas de restrição ao acesso à internet. Isto ocorre nos Camarões, onde o governo cortou o acesso à internet para toda uma região do país, de maioria de

população anglófona. Tais regiões são percebidas como opositoras àquelas com maioria de população francófona, e ao governo[9]. Da mesma forma, em Uganda, alega-se que as medidas são necessárias para proteger as pessoas de "tecnologias ruins", discurso promulgado por líderes comunitários e jornalistas. Em 2017, um artigo publicado com o título de "Camarões: o celular – para além do valor de uso – morte" sintetizou os riscos do uso de celular como "perigos oriundos da exposição recorrente a frequências de rádio", assim como "problemas de audição, riscos de câncer", entre outros, advindos de falar ao celular e dirigir ao mesmo tempo[10]. Não apenas perigos físicos associados ao celular são apresentados como riscos reais e substantivos, como o autor comenta a respeito da leniência juvenil, que se pauta em celulares para fomentar suas redes sociais, enquanto se sujeita aos riscos de acidentes urbanos, choques elétricos ou incêndios[11].

A China desenvolveu diversas facetas do controle estatal sobre a internet. Seu governo centralizado molda, ativamente, a infraestrutura e as regras das vias expressas de informação do país, e controla acessos via um dispositivo de busca nacional[12]. A internet é regulada através de um sistema de "filtragem em três camadas": o Grande Firewall[13], barragem de palavras-chave e censura manual[14]. O Grande Firewall bloqueia, no território da China continental, websites e serviços de mídias indicados em uma lista negra, incluindo Facebook, Twitter, Google e Wikipédia. O segundo filtro, "barragem de palavras-chave", pode censurar material sigiloso automaticamente. O terceiro filtro requer um imenso investimento em trabalho, dado o vasto montante de informação disponível online. Estima-se que há entre 20 e 50 mil policiais e fiscais da internet no país todo, assim como entre 250 e 300 mil pôsteres de propaganda pagos (os chamados *wu mao dang*). Estima-se que um único website disponha de até mil censores internos, para fins de "autocensura"[15]. Isto porque companhias de internet chinesa necessitam de licenças de operação, e delas se exige um autopoliciamento, filtrando qualquer conteúdo ilegal, categoria que abrange desde pornografia até material politicamente sensível.

Em muitos países, percebe-se as práticas estatais como centradas em vigilância, algo bastante comum em Israel. Grande parcela dos cidadãos árabes e dos residentes de Israel têm ciência de que estão sendo seguidos por instituições de segurança, monitorando inclusive o que é dito em mesquitas ou escolas. A inteligência israelita é um corpo importante e reconhecido, com capacidades plenas não reveladas, mas cujo poder é evidente para o público em geral, em particular os residentes palestinos domiciliados em áreas como Dar al-Hawa. A internet e as

plataformas digitais facilitaram ações de rastreio e monitoramento, dado que um imenso volume de informações está abertamente disponível online[16]. Em 2014, emergiram vários exemplos de jovens palestinos postando, no Facebook, declarações ou mensagens de despedida, antes de enveredarem em ataques direcionados a israelitas. Tais eventos criaram uma escalada da vigilância e do perfilamento das atividades em mídias sociais, em particular[17], levando, por sua vez, a um declínio da prática inicial. Resultou uma considerável sensibilidade em relação às consequências do que se escreve, em geral, nas mídias sociais. Consequentemente, com o espraiar da COVID-19, Israel se tornou um dos exemplos pioneiros das tensões entre cuidado e vigilância, tal como representadas pelo smartphone, na medida em que a capacidade do aparelho em retraçar contatos se evidenciou para todos.

Em muitos de nossos campos, descobrimos que a imprensa se tornou outro contribuinte maior dos discursos negativos que circundam o smartphone. Um fator participante pode ser o grau em que a mídia online surgiu, de início, como séria concorrente da mídia impressa e um obstáculo à viabilidade financeira desta última. Ademais, pode haver uma nítida cisão entre pessoas mais velhas, que tendem a se informar pelos jornais (incluindo, cada vez mais, suas edições online), e pessoas mais novas, mais propensas a se informar por fontes outras que não os jornais. Por conseguinte, é possível que os jornais respondam com um discurso mais conservador e negativo em relação aos smartphones, agradando em particular aos leitores mais velhos. Via de regra, jornais se percebem como dotados de regulações tradicionais e dos mais altos standards de reportagem, assim como, na mesma perspectiva, encabeçariam tradições importantes de interpelação de estados e corporações, cada vez mais percebidos como engajados em vigilância e acúmulo de dados ilegítimos[18]. A imprensa estabelecida alegaria haver, sobretudo, um contraste entre suas práticas de verificação minuciosa dos fatos, e a isenção de responsabilidade, ou do compromisso com a integridade, observada em espaços de notícias virtuais; em alguns casos, o rastreio das informações até a fonte é difícil e estes veículos podem ser percebidos como divulgadores de *fake news*. A fronteira entre off-line e online se tornou tênue, e a mídia acolhe cada vez mais formatos online. Na China, por exemplo, raros são os jornais ou revistas desprovidos de uma conta pública de WeChat. Mas persiste um esforço constante, da parte dos que se consideram jornalistas sérios e credenciados, para se distinguir de outros tipos de postagem.

Há, na Itália, uma clara convergência das narrativas negativas e cautelosas que permeiam os smartphones, emitidas pela literatura acadêmica, por organizações governamentais e não governamentais.

Crianças, adolescentes e jovens adultos, tidos como "nativos digitais", estariam fadados à dependência, tornando-se "escravos do aparelho"[19]. A mídia se pauta, em especial, na psiquiatria para apresentar o caso do vício de smartphone como responsável por uma variedade de desordens psíquicas nos jovens, apontados como grupo "de alto risco"[20]. Tanto os políticos como a mídia alimentaram um debate nacional sobre o vício em smartphones enquanto questão pública relevante.

Em 2019, o parlamento italiano recebeu uma proposta de lei para enfrentar a "dependência generalizada por smartphones", em particular em meio à faixa etária dos 15-20 anos, baseando-se em estudos de que "este grupo checa seu telefone, em média, 75 vezes por dia"[21]. Vittoria Casa, membro do Movimento Cinque Stelle[22], afirmou que o problema "está piorando e piorando, e deve ser tratado como um vício... assim como a jogatina"[23]. A lei propõe o estabelecimento de cursos nas escolas sobre os riscos do vício em smartphones, assim como campanhas de informação parental. Discute-se, ainda, a possibilidade de implementar centros de saúde, análogos aos centros de reabilitação, com o objetivo de "reeducar" os jovens, afastando-os de seus aparelhos, rumo a um "uso mais consciente da internet e das redes sociais". A imprensa italiana remete à "fobia da ausência do smartphone" para descrever a ansiedade causada pela impossibilidade de acessar redes sociais ou aplicativos de mensagens. Em outro exemplo, a manchete anuncia: "Italianos, cada vez mais loucos por seus smartphones: 61% o usam na cama, 34% à mesa"[24].

Em setembro de 2018, o jornal diário *La Repubblica*, de pauta generalista, chamou a atenção para o tópico do uso de smartphones por pessoas mais velhas. Mencionava um estudo baseado em survey, segundo o qual 76% dos italianos sêniores utilizavam smartphones com regularidade. A manchete descreve a faixa etária de mais de 55 anos como "inseparável" de seus aparelhos; e, comenta o artigo, "boliche e baralho à parte, as pessoas com mais de 55 anos dedicam seu tempo ao Facebook, Twitter e Instagram"[25].

Cidadania e consenso

As críticas em relação aos efeitos dos smartphones também se revelam comuns na China, embora haja uma relação bastante diferente entre o Estado, a mídia e a população. Desde o início do desenvolvimento da internet, o Império do Meio assistiu a um profundo alinhamento entre o partido único nacional[26], as companhias comerciais e a mídia. Como observado por Xinyuan[27], a elaboração de novas tecnologias de mídia

tornou-se uma das estratégias primárias do governo chinês, na medida em que o país procura ultrapassar o resto do mundo em tecnologia; esta ambição cresceu juntamente com a expansão do Big Data e da IA, duas áreas em que a China está determinada a liderar o planeta[28]. Obtém-se, como resultado, um imenso enfoque no potencial positivo das novas mídias, e na importância da inclusão de todos os segmentos da população nesta condução rumo ao futuro. Pode-se, por exemplo, ler o seguinte em um artigo do *Diário do Povo*[29], o jornal oficial do Comitê Central do Partido Comunista da China:

> "Na medida em que o poder da internet se integra, de forma crescente, com o desdobrar dos tempos, a sociedade está em constante mudança. Descobrir como ajudar a pessoas de todas as idades a se adaptar e abraçar as transformações é um problema de difícil solução, cuja resolução pede um trabalho em conjunto. É preciso encarar, ativamente, o envelhecimento da população, e auxiliar os mais velhos a cruzar o fosso digital, sem deixá-los para trás na era da internet, e obtendo, por conseguinte, o amplo desenvolvimento da sociedade".

Em 2014, várias mídias convencionais narraram, com um tom positivo e encorajador, a história do jovem Zhang Ming; comprara smartphones novos para seus pais e tentara ensiná-los como usar, percebendo, porém, que tinham dificuldades em aprender as habilidades e tendiam a esquecer suas instruções[30]. Uma vez de volta a Pequim, Zhang Ming recebia diversas ligações de seus pais, pedindo orientações sobre como manipular o WeChat. Ocupado demais para lidar com as requisições, Zhang Ming pintou, artesanalmente, um "manual" de instruções de WeChat, com nove páginas. O motivo pelo qual os veículos de mídia podem ter se interessado particularmente por Zhang Ming vem do alinhamento, criado por sua história, de duas temáticas populares: o ímpeto rumo ao avanço das tecnologias digitais, e antigas ideias confucionistas sobre o respeito aos pais, aqui expressado como "auxiliar os mais velhos a cruzar o abismo digital".

Muitas pessoas mais velhas, na China, endossam um ideal de cidadania fortemente associado àqueles abraçados pela ideologia comunista. Diz-se, de forma corriqueira, que o destino individual (*geren de mingyun*) é inextricável do destino estatal (*guojia de mingyun*). Para pessoas mais velhas, a íntima conexão ou "destino comum" (*mingyun gongtongti*) entre os indivíduos e o partido único é quase autoevidente. Muitas pessoas, por conseguinte, sentem uma responsabilidade pessoal,

enquanto boas cidadãs, de apoiar o percurso estatal em direção à modernidade digital. Isto, por sua vez, resulta em um notório contraste entre as atitudes vis à vis do smartphone das pessoas mais velhas na China, em relação às de outros países. É possível que, no Império do Meio, os jovens reclamem que os mais velhos estejam sempre nos smartphones, ignorando conversas em *tête à tête*. A maioria das pessoas acredita que, enquanto alguns dos aspectos relativos ao uso se tornem mais difíceis com um avanço da idade, nunca é tarde para adotar smartphones.

A dimensão do envolvimento político direto no uso de smartphones se exemplifica através de um aplicativo bastante misterioso, chamado XueXi Qianggo. Seu nome significa, literalmente, "O estudo cria um país poderoso", mas um trocadilho implícito traz o sentido de "aprendendo com o Presidente Xi"[31]. O aplicativo se tornou, no espaço de alguns meses, o item mais baixado na *app store* doméstica da Apple. Sua presença rapidamente se converteu em um bom indício do pertencimento do usuário ao Partido Comunista, ou sua ambição de integrar o partido. O XueXi Qianggo opera como uma plataforma agregadora de notícias, incluindo artigos, vídeo clipes curtos e documentários sobre a filosofia política do presidente Xi Jinping. "Pontos de estudo" são adquiridos pelos usuários que fazem login no aplicativo, leem artigos, comentam diariamente, e participam de testes com questões de múltipla escolha sobre as políticas do Partido. Segundo relatórios recentes da mídia estatal, solicita-se de quadros do Partido que usem o aplicativo diariamente, e que acumulem altas pontuações. De modo geral, a propaganda do Partido incorpora, hoje, gêneros receptivos aos smartphones, como as figurinhas de WeChat retratando Karl Marx (Figs. 2.2a e 2.2.b).

Apresentou-se, aqui, o caso chinês para estabelecer um contraste com a discussão prévia. Mas um exemplo final – o do Japão – pode servir de ponte entre esta evidência da influência das mídias e do estado, e as seções adiante, que focam sobretudo nos discursos sobre smartphones emitidos por pessoas comuns. No Japão, uma rígida etiqueta rege o uso de celulares em espaços públicos. Ligar diretamente do transporte público, por exemplo, tem sido desaprovado já há bastante tempo[32]. Enquanto os trens nipônicos estão, com frequência, repletos de pessoas intensamente focadas em seus celulares, quem quer que começasse uma conversa ao telefone logo receberia olhares furiosos dos outros passageiros. Nos trens entre Osaka e Quioto, há áreas de assentos destinadas a pessoas mais velhas ou deficientes, e, nelas, placas alertam os demais passeiros sobre a proibição do uso de telefones, com o intuito de evitar que sigam absortos e não percebam caso alguém de fato precise do assento. Ao longo dos vagões de trem, em Quioto, outras placas avisam

Figuras 2.2a e 2.2b Figurinhas WeChat de Karl Marx como super-herói e leitor diligente, enviadas para a pesquisadora Xinyuan Wang por uma das pessoas participantes. Captura de tela de Xinyuan Wang.

que celulares devem permanecer em modo silencioso (conhecido como “modo educado”), compondo uma ampla trama de pôsteres da etiqueta em trens japoneses, associados a slogans como “Bons modos, boa vida”. Tais placas representam um discurso público, elaborado pelo Estado, sobre como indivíduos deveriam se portar em público[33] – um consenso central da vida japonesa, de modo mais geral.

Todos os exemplos mobilizados dizem respeito a respostas de âmbito nacional. Contudo, emergem das relações internacionais importantes consequências para os smartphones. O exemplo mais recente consiste no impacto de relações EUA-China, em deterioração, sobre uma das maiores empresas de smartphones, a Huawei. Tensões políticas criaram, por sua parte, problemas para aplicativos como TikTok, para o desenvolvimento do 5G e para o fornecimento de componentes de smartphone.

Comércio: o smartphone e as indústrias de aplicativo

Uma terceira influência de peso sobre discursos sobre smartphones, além do Estado e das mídias, provém de forças comerciais relevantes. Smartphones seguem fortemente associados a marcas. A promoção dos aparelhos mais populares do mundo, o iPhone e o Samsung Galaxy, é disseminada e, presumivelmente, persuasiva em muitos casos. Há, hoje, muitos estudos sobre como tais empresas, juntamente com concorrentes mais recentes no mercado, como a Xiaomi, desenvolveram suas estratégias

comerciais[34]. Campanhas tendem a se direcionar ao usuário mais jovem, como revela uma década de publicidade com foco no melhor smartphone para *selfies*. Uma parcela relativamente pequena das propagandas de tecnologias digitais se dirige a usuários mais velhos, apesar do poder econômico do "iene de prata"[35], ou do termo equivalente local para sublinhar a afluência de pessoas mais velhas, em outros países. Possivelmente, isto se deve, em parte, ao desconforto das pessoas mais velhas, em particular a faixa etária abaixo dos 70 anos, em serem etiquetadas como "usuários sênior". Já está disponível, todavia, um leque incipiente de tecnologias voltadas para sêniores, incluindo smartphones simplificados, como aqueles comercializados pela companhia sueca DORO.

Em 2019, os usuários de smartphone ao redor do mundo baixaram mais de 200 bilhões de aplicativos móveis. Gastaram, em média, mais de 21 dólares por smartphone conectado, por ano, em aplicativos e compras relacionadas a aplicativos. Jogos correspondem a mais de 20% dos downloads[36]. Isto, não obstante o fato de a maioria das pessoas esperar por aplicativos gratuitos[37], com muitos dos participantes de pesquisas, todos os campos combinados, declarando terminantemente que jamais pagariam por um app. É possível, porém, que aceitem uma diversidade de custos indiretos, inclusive a presença de propaganda. Uma estratégia de faturamento baseada em publicidade pode resultar em benefícios financeiros maiores para a companhia do que cobrar pelo aplicativo[38]. Um custo primário crescente, todavia, consiste na privacidade do consumidor, na medida em que smartphones se tornam um veículo de peso para a coleta de dados e, cada vez mais, um componente importante do comércio contemporâneo. Muitos dos participantes têm ciência de que os termos e condições de uso de um aplicativo abrangem uma coleta de dados que parece ir bem além dos requisitos para que o aplicativo funcione de fato. O aceite destes termos e condições não significa que estejam contentes em relação a eles; concorda-se com eles, sobretudo, na medida em que são requisitos para o uso dos aplicativos em questão.

A região em que o comércio tem sido mais plenamente incorporado ao uso do smartphone é a China, onde pagamentos via aplicativo praticamente substituíram o uso de dinheiro vivo ou cartões bancários. Mesmo pessoas mais velhas, muitas vezes relutantes de início, agora aceitam que um aplicativo de redes sociais (WeChat) disponha de informações de identificação pessoal cruciais[39], incluindo dados bancários. Ademais, o "freemium", uma mescla de "free" (gratuito, em inglês) e "premium", se tornou o modelo de negócios dominante entre desenvolvedores de aplicativos de smartphone[40]. O aplicativo e suas funções básicas são gratuitos, mas é

preciso pagar por funções e serviços premium. A China testemunhou, ainda, uma ascensão de aplicativos gratuitos que fornecem “conteúdo pago”.

Uma caraterística notória, dado o tamanho das indústrias em questão, consiste no volume geral de propaganda, que pode ser visto como baixo, quando comparado ao de outros bens de consumo[41]. Uma explicação possível para a ausência comparativa de publicidade direta ou explícita é, simplesmente, a de que o mundo comercial dispõe de ferramentas muito mais eficientes para influenciar o público em geral. Há considerável envolvimento de companhias comerciais no patrocínio de eventos esportivos, por exemplo. Elas também têm acesso a um marketing mais direto, através das mensagens do próprio telefone.

Sua arma mais potente nessas campanhas, porém, talvez resulte do impacto de outros concorrentes nos seus campos – os que tornam a vida cada vez mais difícil para quem falha em utilizar o smartphone. Um fator chave para levar pessoas a usarem smartphones é a crescente inabilidade em realizar tarefas diárias, de modo barato e eficiente, sem o aparelho; em Dublin, por exemplo, atividades bancárias e reservas de passagens aéreas são cada vez mais realizadas online, através dos smartphones. Tomando os fatores isoladamente, talvez o mais importante consista no efeito colateral da implacável tendência de corte de gastos em instâncias públicas, agências governamentais, setores de varejo e bancário, todos procurando substituir centros de atendimento ao cliente e call centers por acesso exclusivamente online aos seus serviços. Como veremos no capítulo 7, o declínio do acesso off-line cria um fosso digital formidável, deixando a maioria das pessoas sem escolha. Ou aprendem a lidar com tecnologias online, ou tornam-se efetivamente incapacitadas. Um exemplo recente foi visto na obtenção do auxílio emergencial fornecido pelo governo brasileiro durante a pandemia de COVID-19, para o qual era essencial receber uma senha temporária através de um smartphone pessoal[42]. Estes exemplos ilustram como os mesmos governos que culpam os smartphones por todo tipo de vício e dano estão tornando impossível, para o cidadão comum, evitar seu uso regular. Sob estas condições, smartphones e plataformas digitais não precisam, de fato, orientar os gastos em publicidade para outros quesitos que não a escolha da marca; a tarefa de promover os smartphones em si tem sido levada, com eficiência, por outros agentes.

O discurso e a ambivalência das pessoas

Até aqui, as evidências apontaram uma série de complexas contradições em relação ao envolvimento entre Estado e mídias, ao menos fora da

China. Governos devem prover acesso à internet como recurso público, mas se sentem responsáveis por lidar com uma ladainha de efeitos nocivos, que, alega-se, impactariam sobretudo os mais jovens. Simultaneamente, a implacável digitalização de infraestrutura força uma dependência do acesso à internet. Mídias tradicionais, como os jornais, que, incialmente, rivalizavam com as mídias digitais pela receita advinda de publicidade, cada vez mais reconhecem seu futuro como digital. Em alguns de nossos campos, praticamente todo o engajamento online se dá por meio de smartphones, na medida em que poucos possuem computadores ou tablets.

Em relação aos discursos das pessoas comuns, este livro também está propenso a vieses. Nosso recorte demográfico primário consistiu em pessoas mais velhas, que, com exceção do caso chinês, tendiam a reiterar vertentes negativas do impacto dos smartphones. Algumas se percebiam como vítimas da vigilância e da mineração de dados, embora se considerassem relativamente invioladas em relação a outras formas de dano. Formas de dano estas que, alegam, afetariam sobretudo às pessoas mais jovens, que almejam criticar.

Em Santiago, adultos mais velhos parecem levar adiante uma batalha – frequentemente contra eles mesmos – contra o estigma do envelhecimento. Por um lado, expressam até que ponto sentem as novas tecnologias digitais como "não sendo para eles", enquanto, ao mesmo tempo, indicam o quanto querem aprender sobre e usar os smartphones. Dedicam muito tempo a acusações dos smartphones como responsáveis por diversos tipos de comportamento antissocial, alegando, por exemplo, que "as pessoas, no metrô de Santiago, passam o tempo encarando a tela do celular, sem interagir com o mundo real e o seu entorno, inclusive os outros ao redor". Cada vez mais, porém, expressam tais sentimentos compartilhando memes nostálgicos nos seus próprios smartphones, como vemos nos exemplos abaixo (Figs. 2.3, 2.4 e 2.5)[43].

A ênfase na nostalgia também pode ser desencadeada por um sentimento de perda de respeito pelo conhecimento que adquiriram. Um senhor mais velho, em Bento, se orgulhava de ter memorizado todas as ruas de São Paulo, informação agora tornada redundante pelo Waze[44], pela tecnologia de GPS e pelo Google Maps. Memes compartilhados em NoLo demonstram preocupação parecida com a ausência de sociabilidade no metrô de Milão, e, novamente, pessoas respondem com memes nostálgicos (Figs 2.6 e 2.7).

Por outro lado, os mesmos participantes de pesquisa, em Milão, apresentam um consenso sobres os benefícios do uso do smartphone. "Preciso dele" ("mi serve") é uma frase comumente ouvida quando se aborda a utilidade dos dispositivos, seja para levantar pela manhã, para

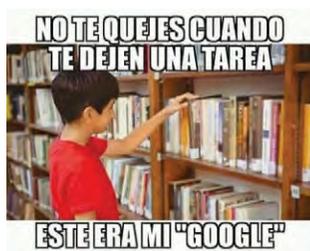



Figura 2.3 Meme que diz: “Não reclame do seu dever de casa. Esse era o meu ‘Google’”, com ampla circulação online em Santiago. Captura de tela de Alfonso Otaegui.

Figura 2.4 Meme que diz: “Eis o WhatsApp da minha infância”, que também circulou online em Santiago. Captura de tela de Alfonso Otaegui.

Figura 2.5 Meme que diz: “Sou tão grato por ter vivido minha infância antes de a tecnologia invadir nossas vidas”. O meme também circulou amplamente online em Santiago. Captura de tela de Alfonso Otaegui.

planejar o dia, ou facilitar a comunicação de longa distância/internacional com a família. Os mesmos participantes, porém, podem imediatamente retornar ao tom negativo, quando constatam que o smartphone lhes “rouba” tempo, atenção ou presença off-line com outras pessoas. Não surpreende, diante de tais contradições, que os discursos populares recorram com frequência ao humor ou à ironia. Por exemplo, Anna, professora em NoLo, fala amiúde sobre o tempo. Converte o smartphone em seu meteorologista pessoal, uma presença útil e amigável em seu cotidiano. Afinal, prever o tempo lhe auxilia a planejar de tudo, desde as suas aulas com as crianças até quais roupas e sapatos usar a cada dia. Anna também esclarece a ideia do semartphone como um ladrão de tempo das pessoas. Sentada à mesa da cozinha, ou no sofá, à noite, em seu apartamento pequeno, porém aconchegante, frequentemente navega no Facebook ou no WhatsApp por períodos de tempo consideráveis. Ela, então, percebe a situação como “cair na armadilha” do smartphone e se envergonha de desperdiçar seu tempo de tal forma.

Anna, porém, também adora seu smartphone e as infinitas possibilidades de busca por informação e conexão com a sua família. Na verdade, precisa de coisas que “roubem” seu tempo. Desde uma desoladora separação do marido, há alguns anos, Anna passa muitas das frias noites de inverno milanês a tricotar, diante da televisão. “Gosto [de tricotar] porque distrai a mente, o que é muito importante”, explica.

Figura 2.6 O metrô de Milão. Fotografia de Shireen Walton.

Figura 2.7 Meta-comentário típico sobre a onipresença atual do uso de smartphone, compartilhada no WhasApp e em outras plataformas de rede social através de smartphones. Captura de tela de Shireen Walton.

O tricô espairece a sua mente. O ato, quesito crucial, se apresenta como moral e socialmente aceitável para ela, uma mulher bastante devota, dedicada à família e às atividades domésticas, como cozinhar. O smartphone é o modo mais efetivo de mantê-la conectada, vinculando-a à família, aos filhos em Milão e a um grupo de parentes, com quem troca receitas e papos em grupo de WhatsApp, que atenuam os seus sentimentos de tédio e solidão. Por outro lado, o smartphone aparece como um objeto moderno e relativamente pouco familiar. Ao compararmos as duas atividades, portanto, embora o aparelho tricote os elos de família e amigos, não conquistou – ainda, ao menos – as conotações morais positivas detidas pelo tricô em si, uma arte tradicional de mães ou avós, que cria roupas para os filhos e netos. De modo similar, o curta metragem abaixo nos apresenta Deirdre, na Irlanda. Seu smartphone a informa que tem passado seis a sete horas diárias diante do aparelho, o que pode soar um caso evidente de vício. Contudo, como vemos no vídeo, ela tenta conciliar seus dilemas, e explicar a experiência em função das circunstâncias, que, à época, eram extremamente difíceis (Fig. 2.8).

Além dos discursos sobre smartphones, os próprios aparelhos têm servido, em todas as regiões, de base para novas formas de discurso. O capíulo 8 abordará em detalhe os novos modos de comunicação, que integram elementos visuais e textuais. Como descreve McIntosh[45] para o caso do Quênia, e se pode estender para a maioria das regiões, a mensagem de texto se desdobrou em inúmeros gêneros de linguagem e comunicação, novos e sintéticos, e que são, eles mesmos, em muitos casos, altamente expressivos dos idiomas locais. Estes, por sua vez, habilitam as pessoas a expressarem a ambivalência, e outros sentimentos locais, em relação às mudanças no cotidiano trazidas pelos celulares.

No Japão, a ambivalência reflete, ainda, particularidades da história local. Muitos dos participantes japoneses viam o avanço tecnológico

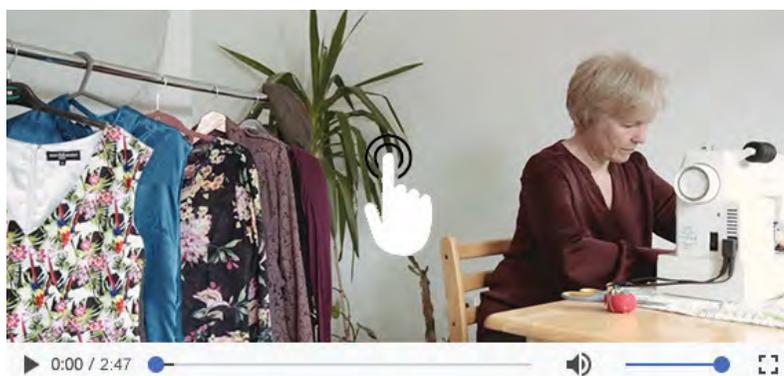



Figura 2.8 Filme: Deirdre. Disponível em: http://bit.ly/DEirdre.

como um fator chave para o crescimento nacional durante a década de 1980, "a era da bolha", representada por empresas internacionais, como a Sony. A geração que entrou no mercado de trabalho durante este período menciona sua experiência como um dos motivos pelos quais são, via de regra, abertos e otimistas em relação a novos aparelhos, como os smartphones de hoje. As gerações mais jovens, que cresceram após a bolha, podem sentir que o smartphone é mais um meio de sofrer uma carga excessiva de trabalho, ou de experimentar as pressões da vida social em geral. A presença da ambivalência é comum em discussões, como, por exemplo, a de Ishikawa-san, de Quioto:

> Acho que, em 70% do tempo, checo meu telefone sem motivo. É como uma droga. Minha filha é assim. Para ela, é normal ter o aparelho sempre perto, então o smartphone não parece mais um robô ou um apetrecho, é só mais um ente. Mas isso não me parece ruim.

Ishikawa-san começou o bate-papo afirmando que não usa muito o smartphone, nem é particularmente apegada a ele. Já mais para o final da conversa, foi levada a constatar quantas tarefas envolvem seu aparelho, e o quanto se baseia nele. Então enquadrou a questão como vício:

> Talvez eu não reconheça ou não me dê conta de que estou viciada no meu celular, e na verdade estou. Quer dizer, eu começo o dia com ele, com o alarme!

Sato-san partilhava desta ambivalência. Explicou que seu smartphone está no centro da sua vida, mas isso significa que, por vezes, se sentia negligenciando deveres fora do âmbito social do aparelho.

> Para mim, smartphones são algo de que preciso, o que não me parece necessariamente bom, mas me pego focada demais no smartphone e minhas tarefas ficam meio… mal-acabadas, o que é ruim. Também é o *hub* das minhas amizades.

Em meio à maioria de nossos campos, a ambivalência se encontra no coração do debate popular. Tais lamentos, que tendem a combinar todo tipo de queixa, são muito comuns em meio aos campos. Em Bento, pessoas mais velhas descrevem como os smartphones podem ser usados para: permanecer cognitivamente ativo, aprimorar a saúde mental, conectar com as famílias e combater a solidão[46]. Ao mesmo tempo, porém, Olivio reclama que:

> O smartphone se tornou nosso segundo cérebro. Dá para fazer de tudo usando o smartphone. O que eu não gosto é ver o quão dependentes as pessoas podem ficar. Em especial, adolescentes, que podem se suicidar se alguém disser algo de que não gostam nas redes sociais, ou quando sofrem bullying. Há muitas coisas inapropriadas, como encerrar um relacionamento ou dispensar alguém pela internet.

Vimos, no início do capítulo, casos de envolvimento estatal no acesso à internet nos Camarões e em Uganda. A ambivalência sobre os smartphones, expressada por muitas pessoas, pode derivar, em parte, de discursos mais amplos acerca do futuro dos Estados em questão. Enquanto, em Iaundé, pessoas com mais de 50 anos protestam contra o que vêem como consequências negativas do uso dos aparelhos, também sentem a necessidade de abraçar estes ícones da "modernidade" e da "abertura", assim como de se beneficiar do acréscimo de capacidade pessoal que os acompanha. Sua ambivalência é parcialmente resolvida, aqui, como em outros lugares, ao projetar suas críticas na juventude. Pessoas mais velhas percebem os smartphones como cúmplices da manipulação de novas gerações por elites intelectuais inescrupulosas, e como fatores-chave no que um professor de ensino básico chamou de "a perda das especificidades culturais africanas".

Em Kampala, o termo corriqueiro "dotcom" ("ponto com") abrange a mesma ambivalência; ele é usado com frequência, e muitas vezes com humor, para se referir aos desenvolvimentos modernos. Em particular, dotcom remete à "ocidentalização" através da exposição de mídias online, o que se aplica em especial à "geração dotcom" mais jovem, ou os "filhos dos dotcom", que cresceram nessa realidade. Alguns enxergam o dotcom com reservas, acreditando em seu impacto prejudicial no respeito intergeracional. Veem o dotcom como algo descontrolado, levando a nova geração a vícios como a dependência, pornografia, ou simplesmente se isolar do mundo imediatamente ao redor de cada um. Nafula, responsável por seus dois netos adolescentes, acredita que o dotcom "estraga as crianças" e evita usá-lo.

> Minha vida não tem dotcom porque, daqui onde estou, sou livre. Não ligo para TV, não ligo para isso... talvez o que eu realmente queira seja um rádio. Isso é bom para mim... buscar não está na minha cabeça. Eu só ligo e recebo chamadas. Não quero saber... esse negócio de dotcom pode estragar as crianças, se você não for rigorosa com elas.

Ao mesmo tempo, porém, as pessoas mais velhas de Kampala também podem ver o dotcom como algo a ser aprendido de seus filhos. Alguns participantes eram gratos aos modos pelos quais os filhos lhes ensinaram a usar os smartphones, identificando-os como um sinal de respeito. Dotcom pode, portanto, inverter a hierarquia entre as gerações mais velhas e as mais novas, segundo a qual as crianças deveriam aprender com os pais, e endossar os valores de união e de respeito pelos mais velhos. Tais exemplos explicitam a ambivalência em relação aos smartphones, e o potencial em que se imbrica com tensões políticas e intergeracionais mais amplas.

Os categóricos

Em meio a um projeto de pesquisa tão extenso, evidências sobre qualquer tópico provavelmente serão muito variadas. Embora a ambivalência possa ser típica, não é universal. Deixaremos este ponto claro, por meio de dois exemplos finais. Karima, residente de NoLo oriunda de Alexandria, no Egito, não parece sentir culpa alguma sobre o montante de tempo dedicado ao smartphone – uma atividade percebida, sobretudo, como oportunidade de estar online com família e amigos, em Alexandria e em Milão. Assim como algumas das participantes egípcias da pesquisa, Karima não distinguia, em termos morais, a conversa online da off-line. Pelo modo como facilitara sua comunicação social e resolvera dificuldades anteriores – como a bateria de curta duração, problema do modelo anterior – seu smartphone era pura bênção. Para Karima, importava muito mais estar apta para uma comunicação social constante, online e off-line, com suas amigas egípcias, núcleo de sua rede social em Milão (Fig. 2.9).

Olivia, de Dublin, se mostrou particularmente incisiva em suas opiniões. Suas preocupações orbitavam em torno dos efeitos ligados à exposição à radiofrequência. Descobrira que, nas seções de "Configurações" e "Questões legais" de seu celular, o fabricante recomendava carregar o aparelho mantendo pelo menos 5 mm de distância do corpo. A mesma seção recomenda utilizar uma opção sem fio, como os fones enviados juntamente com o celular, o que a preocupava ainda mais. Olivia passou a pesquisar, com seriedade, toda e qualquer informação que encontrasse sobre os efeitos nocivos da radiação e da exposição à radiofrequência. Primeiro, recorreu aos panfletos disponíveis no consultório de seu médico, depois leu livros sobre o assunto e falou com amigos. Finalmente, indagou ao seu clínico pessoal se havia algo com que se preocupar, mas não se sentiu totalmente tranquilizada quando este defendeu que não.

Figura 2.9 'La Festa del Pane', ou o festival internacional do pão, é um dos muitos eventos comunitários em NoLo. Fotografia de Shireen Walton.

Após descobrir um boletim de imprensa da Organização Mundial de Saúde (OMS) que, com cautela, reconhece tal exposição como possivelmente carcinogênica, Olivia passou a deixar o panfleto em seu local de trabalho e na escola da região. Também escaneia seu ambiente, traçando mentalmente as localizações das antenas de rede telefônica do entorno. Percebeu que as respostas à sua campanha tendem a se aglomerar em dois polos: ou as pessoas concordam totalmente com ela, ou discordam inteiramente. Parece não haver meio termo neste debate.

Fake News

Como notamos anteriormente, as mídias são propensas a adotar diversos retratos negativos dos smartphones. Um dos mais importantes dentre eles, a vigilância, será abordado no capítulo 9. Outro citado com frequência, provavelmente porque reflete as próprias questões do meio jornalístico, é o das *fake news*[47]. Este termo é infeliz, na medida em que contém a errônea conotação de que reportagens de mídia tradicional poderiam ser confiáveis, enquanto "notícias verídicas". No Brasil, pessoas mais velhas são tidas como um dos principais grupos difusores da prática de *fake news*, uma queixa também presente nos EUA[48]. Tal acusação se soma a outros modos de estigmatização das mesmas pessoas mais velhas[49]. Elas, por sua vez, respondem com uma gama de estratégias.

Algumas revidam diretamente contra os pares que encaminharam notícias sem checar, enquanto outras tentam pacientar e esperar até que o cenário se esclareça. Como diz um participante, "Eu espero. Em alguns minutos alguém vai comentar, e saberei se é *fake* ou não". Uma pesquisa[50] indica que 79% dos brasileiros têm o WhatsApp como fonte primária de informação.

A questão das *fake news* veio à tona após a eleição de 2018, em que a população estava altamente dividida, e do subsequente governo de Jair Bolsonaro. A Reuters alega que cerca de um milhão de grupos de WhatsApp foram abertos para promover candidatos políticos[51]. O mesmo fenômeno levou à ascensão de grupos verificadores de fatos, como o brasileiro Projeto Comprova, que recebeu 67 mil mensagens em um único grupo de verificação de dados, dentre os vários criados à época. As *fake news* estão, ainda, fortemente associadas à transmissão de fraudes online. Novamente, o WhatApp foi tido como responsável pela disseminação de 64% dos links envolvidos[52].

Tais discussões não são necessariamente tomadas ao pé da letra. Na Itália, *fake news* se tornaram um destaque massivo da cobertura midiática e da conversa popular. Em julho de 2018, ocorreu um exemplo relevante em NoLo, dada a alta proporção de migrantes. Uma postagem pública de Facebook ganhou atenção nas redes sociais italianas, e, gradualmente, nas mundiais. Um indivíduo publicou, no Facebook, uma imagem retratando, com clareza, milhares de pessoas em um porto lotado; barquinhos apareciam carregando pessoas, com um grande volume de indivíduos saturando as docas no entorno. A legenda dizia: "O porto da Líbia... nunca te mostram essas imagens... estão todos prontos para zarpar rumo à Itália". O conjunto visava deixar italianos nervosos e irritados vis-à-vis da iminente "invasão" dos supostos migrantes. De início, a imagem foi muito bem-sucedida e largamente compartilhada na internet. O contexto inclui uma retórica anti-imigração amplamente difundida e adotada sobretudo por Matteo Salvini, político italiano de extrema direita e antigo Ministro do Interior. No espaço de horas, porém, revelou-se que a imagem retratava um show do Pink Floyd de 1989, ocorrido em Veneza (Fig. 2.10).

Em NoLo, a imagem apareceu, primeiro, nas redes sociais individuais sob a forma posterior de "revelação", um embuste de *fake news*, demonstrando o seu "teor absurdo". Na região, onde há uma forte presença liberal, a imagem foi transformada, através das redes sociais, em recurso para expressão pessoal de oposição ao racismo e à xenofobia. Muitos também reconheceram como os smartphones são utilizados para divulgar desinformação. Afinal, boa parte das mídias estabelecidas do país tinham sido usadas para promover ansiedade em relação a um leque

Figura 2.10 Post de rede social amplamente compartilhado que anuncia, falsamente, migrantes da Líbia como prontos a "zarpar para a Itália". Posteriormente revelou-se que a fotografia registra um show do Pink Floyd de 1989. Captura de tela de Shireen Walton.

de temas, incluindo a imigração, ao longo das décadas anteriores, como, por exemplo, durante a gestão de Berlusconi. Algumas pessoas, cujos pais tinham vivido e testemunhado a propaganda da era fascista, questionaram a sugestão de que as "notícias verídicas" de fato dominassem em algum momento histórico.

Leituras acadêmicas dos discursos em questão

Há, no presente livro, pouca evidência que auxilie na avaliação da maioria das queixas sobre smartphones, presentes nos discursos dominantes[53]. Pelos motivos levantados na introdução do capítulo, tratamos o discurso como propriedade separada dos smartphones, mais do que uma evidência do uso em si. Pouca coisa, em nossas etnografias, pode contribuir para um debate sobre se as questões são verídicas, ou não. Preferimos focar em

pontos sobre os quais abundam indícios, que é no uso destas afirmações para a contribuição em debates morais em meio aos respectivos locais de campo. Dada, porém, a imensa significância destes discursos, assim como as suas consequências, propomos um breve guia de trabalhos acadêmicos que lidam com tais questões.

Um ponto de partida proveitoso consiste na história destes mesmos discursos, cujo período inicial foi bem pesquisado por Adam Burgess[54]. Ele examinou diversos medos coletivos e ansiedades sobre possíveis ameaças à saúde, causadas, considerava-se, pelos primeiros modelos de celulares, estudando as origens de tais medos e por que se tornavam pronunciados em algumas populações. Estas discussões alimentaram um longo debate acadêmico sobre como populações percebem riscos, revelando a profundidade temporal de muitos dos medos coletivos, assim como os diferentes modos pelos quais as ansiedades conseguiram manter um conteúdo contínuo – mesmo quando os aparelhos que levantam tantas preocupações se tornaram irreconhecíveis dos modelos iniciais.

Os mais extensos debates acadêmicos provavelmente focam em seu impacto politico, assunto também comum entre nossos participantes da pesquisa. Embora existam discussões balanceadas a respeito do assunto[55], este campo tende a produzir debates altamente polarizados. Já há anos se discute, por exemplo, se as novas mídias criaram filtros-bolha, ou caixas de ressonância. Os próprios termos sugerem que redes sociais e smartphones teriam estreitado a exposição de cada um de nós a discursos políticos que reforçassem unicamente nossas opiniões, evitando o contato com contra-argumentos. Por um lado, muitos livros sugerem, hoje, que filtros-bolha cresceram de forma notória, e talvez tenham atingido uma dimensão desastrosa[56]. Em contrapartida, outras obras procuram desmentir tais argumentações, ao sugerir que as evidências levam a conclusões inteiramente distintas[57].

Um debate mais difícil aborda o conceito de dependência, na medida em que não está claro a que se refere o termo. A palavra “dependência” é frequentemente empregada por usuários, muitas vezes a respeito de si próprios; uma série de livros de autoajuda buscam ajudar viciados[58]. Mas o que significa ser “viciado” ou “dependente” de smartphones? É evidente que ninguém encara uma tela vazia. Cada um está vendo algum tipo de conteúdo. O “vício” pode remeter, portanto, a qualquer coisa, desde jogos de cartas, interesses obsessivos em notícias sobre Trump, seguir celebridades no Instagram ou alunos de escola querendo saber o que os amigos estão dizendo sobre eles. Cada interesse específico traz suas próprias causas e consequências. Os resultados poderiam ser melhor descritos não como vício ou dependência em relação aos smartphones,

mas enquanto evidências de que os smartphones facilitam vício ou dependência de conteúdos e práticas específicos. De modo similar, como apontado por Sutton, a ideia de realizar um "detox" de smartphones cobre um leque de intenções e entendimentos acerca da dependência[59].

O aspecto mais importante, e quiçá, o mais histórico[60], deste vício em conteúdo, consiste em desenvolver uma dependência sobre o que outros estão dizendo sobre você. Este é o grande motivo pelo qual adolescentes checam seus smartphones debaixo do travesseiro, às 3 da manhã. Ninguém reconhece a prática como saudável, e professores sugerem, por vezes, que ela reflete uma falta de autoconfiança da parte das crianças[61]. Seria, contudo, estranho ver as mesmas preocupações como antinaturais, ou simplesmente ligadas ao smartphone em si. Parecem, de fato, opostas à queixa comum de que estes aparelhos nos levariam a nos preocupar mais com as telas do que com as pessoas. Também nos parece razoável associar o tema com um aspecto largamente presente na discussão dos usuários: os smartphones como resposta ao tédio[62].

Infelizmente, tais fenômenos raramente ocorrem em separado do que deveria ser considerado vício em smartphones, a saber, quando há um desejo constante de ver qualquer conteúdo, independentemente do seu gênero. Essa forma de vício pode ser incluída em discussões mais amplas sobre *atenção* – a crítica de que smartphones levariam as pessoas ou a serem desatentas, ou a reterem informações sobre o mundo-fora-da-tela com dificuldade. Tais preocupações parecem encaixar no massivo interesse contemporâneo acerca das noções de "mindfullness"[63] e "bem-estar", que pretendem promover um raciocínio lento e atento, o ato de presenciar o momento e o cuidado – embora seja muito comum, hoje, o acesso à mindfulness através de aplicativos como o Headspace[64], o que não deixa de soar irônico em alguma medida.

Mesmo com as dificuldades de extrair a essência da expressão "vício em smartphone", são certamente apropriadas as preocupações com o grau em que, de modo geral, smartphones facilitam a dependência. Albarrán-Torres e Goggin[65] discutem, por exemplo, a ampliação das apostas via smartphone. Por um lado, companhias comerciais como a Paddy Power, sediada em Dublin, estão dispostas a incrementar seus lucros por meio da extensão das apostas para aplicativos móveis. Por outro lado, demandas por intervenção estatal e regulação emergem do medo de que smartphones aumentem a probabilidade de se viciar em apostas. As evidêncas mostram que usuários empregam smartphones para bypassar forças comerciais tradicionais, como os bookmakers. Apostam, em vez disso, um contra o outro, em parte para desenvolver uma sociabilidade online em relação à prática. Tais desdobramentos levam, por sua vez, as companhias comerciais

a produzir aplicativos de “apostas sociais”; tendo sido lançados em 2013, são, hoje, um importante componente das apostas via smartphones. Há, neste caso, ao menos, um claro argumento sobre como os smartphones se associam, de modo preciso, ao vício.

O terceiro exemplo foi escolhido por se tratar da crítica mais comum oriunda de nosso trabalho de campo. Trata-se da ideia de que smartphones seriam particularmente danosos para os mais jovens. Um artigo recente da *Scientific American*[66] sintetiza algumas das muitas iniciativas científicas e clínicas que visaram apreender as consequências das redes sociais em jovens, da perspectiva de disciplinas como a psicologia. De modo geral, enquanto os resultados dos trabalhos iniciais tenderam a ser extremamente negativos, estudos mais recentes focam em consequências simultâneas, negativas e positivas. Via de regra, os efeitos foram percebidos como amenos, embora não seja o caso para todos os jovens. Vale ressaltar o debate acadêmico sobre crianças e cuidados parentais na era digital, por se tratar do campo de pesquisa gerador da iniciativa mais exemplar e sustentada, em meio à ciência social, de observar, analisar, concluir, criar políticas apropriadas e fornecer conselhos sensíveis e informados para os pais, cada vez mais ansiosos. Através de uma série de estudos que incorporaram a etnografia junto a um leque de metodologias, pesquisadores não pouparam esforços para entender, num sentido amplo, o uso infantil da internet e dos smartphones.

boyd[67], por exemplo, argumentou que os pais elaboraram suas queixas sobre a dependência infantil de comunicação e conteúdo online no mesmo período em que se tornaram mais severos quanto a crianças brincarem em espaços públicos, com coleguinhas. Pesquisas de Clark[68], nos Estados Unidos, mostraram como os conflitos intergeracionais sobre o comportamento infantil estão fortemente associados a questões de classe mais abrangentes. Lim examina o que batiza de “cuidado parental transcendente” em Cingapura[69]. *Primus Inter Pares* é obra de Sonia Livingstone[70], que dedicou em um vasto leque de projetos de pesquisa à temática. A gama abrange desde engajamentos etnográficos, como em seu livro *The Class*, publicado recentemente, até levantamento de comparação em larga escala, cruzando a Europa. Livingstone obtém, como resultado, uma apresentação judiciosa e balanceada de suas descobertas: reconhece danos potenciais, mas também demonstra cautela sobre muitas das ansiedades projetadas pelos pais, a partir de seus pressupostos acerca do comportamento da criança. Ademais, o trabalho de Livingstone impressiona por articular um material altamente acadêmico com um considerável comprometimento vis-à-vis de respostas na forma de políticas públicas. Além disso, através de iniciativas recentes, como a do

blog "Cuidado parental para um futuro digital"[71], Livingstone e seus colaboradores criaram suas próprias avenidas de engajamento digital, disponíveis para acesso direto por parte dos pais. Os recursos elaborados permitem que os pais se informem melhor em relação às decisões cotidianas, no que diz respeito às vidas on-line dos filhos.

É importante encerrar com base nesta nota mais positiva sobre a contribuição potencial da pesquisa, na medida em que tantos debates tendem a ser altamente opiniáticos e trazer intervenções performativas, obscurecendo mais do que esclarecendo, e gerando ansiedade ao invés de fornecer assistência. O contraste deste exemplo final aponta que é possível avaliar, de maneira bem-informada, bem refletida e balanceada, os discursos críticos mais comuns sobre as consequências dos smartphones. Enquanto equipe, também nos beneficiamos diretamente de tais iniciativas. Quando se está imerso em 16 meses de trabalho de campo com os smartphones por temática, encontra-se muitos pais ansiosos, que buscam por conselhos. Foi de grande auxílio saber de um lugar para o qual direcionar os participantes de pesquisa, mantendo a confiança de que encontrarão aconselhamento útil e sensível.

Conclusão

O presente capítulo começou a partir de um ponto quiçá surpreendente: quando as pessoas abordam os smartphones em termos genéricos, raramente se referem ao seu próprio uso dos smartphones. A resposta é, frequentemente, muito diferente em entrevistas sobre os usos específicos: traz histórias sobre como alguém usou o Google Maps para uma consulta médica, ou com que frequência se ouve música, ou sobre como mantém uma relação penosa com os serviços bancários virtuais (internet banking). Esta distinção foi a primeira de muitas contradições. A discussão sobre o impacto estatal observou, de início, como é frequente Estados prometerem melhores acessos online, embora, ao mesmo tempo, sejam considerados fonte de vigilância. Muitos outros exemplos sugerem que os smartphones são vistos como dotados de consequências negativas e benéficas.

As evidentes contradições tenderam a criar uma profunda ambivalência em meio à população como um todo. Embora já concluíssemos este cenário a partir de nossa pesquisa etnográfica, a pandemia de COVID-19 resultou num fortalecimento da constatação. Uma parcela-chave da resposta à pandemia dizia respeito ao potencial de contato e rastreio contido em aplicativos de smartphone. Tornou-se cristalino como smartphones podem estender a vigilância e a intromissão de terceiros.

Contudo, a mesma capacidade apareceu como solução tecnológica à pandemia e, consequentemente, como expressão de um cuidado. De março de 2020 em diante, testemunhamos uma notória heterogeneidade na resposta global, abrangendo desde países como a Coreia do Sul, em que o governo se popularizou ao favorecer o conhecimento público, em detrimento da privacidade individual, até os Republicanos estadunidenses, que tendem a privilegiar a mesma privacidade individual sobre o desejo estatal de coletar dados sobre saúde. A diversidade de atitudes se dá porque o balanço entre cuidado e vigilância é questão essencialmente moral, não tecnológica. Assim, o exemplo esclarece o principal argumento do capítulo, a saber, de que os discursos sobre smartphones são, em geral, mobilizados para debater preocupações éticas e políticas muito mais amplas.

Tais discursos são gerados pelos interesses dos vários grupos envolvidos. Governos podem condenar usos de smartphone que tenham se tornado críticos da gestão pública. Mídias mais estabelecidas podem estar respondendo à demografia dos seus leitores e às ameaças a viabilidades financeiras. Jornalistas experientes se preocupam com os efeitos de longo prazo na qualidade e no julgamento das reportagens, e com os desafios ao jornalismo crítico trazidos pelos smartphones. Forças comerciais se inquietam sobretudo com a manutenção dos lucros. Os mais velhos – para quem o smartphone reduz o respeito, outrora cultivado pelos mais jovens, em relação ao conhecimento angariado ao longo dos anos – têm ainda motivos para argumentar que o aparelho é uma evidência de uma juventude cada vez mais rasa. Como superposição de tantas inquietações, e, muitas vezes, em direta oposição ao desejo expresso de limitar o uso de smartphones, vem a tentação constante, para governos e companhias, de poupar recursos ao se tornarem digitais.

Distintas regiões desenvolveram alinhamentos variados entre o Estado e o cidadão. Na China, as pessoas mais velhas é que acreditam que ser um bom cidadão significa ajudar o Estado a ultrapassar o resto do mundo, por meio do desenvolvimento de capacidades digitais. No Japão, o Estado expressa, sobretudo, uma preocupação tradicional em relação à harmonia social e à prevenção da discórdia. Nos Camarões, o uso dos smartphones é sinal de modernidade e de desenvolvimento tanto no debate oficial, como no popular. As próprias pessoas flutuam entre afirmativas negativas e positivas, às vezes na mesma frase. Quando indivíduos alegam que o smartphone é, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição, não se trata de hipocrisia, tampouco de ignorância. É, talvez, a única resposta razoável para uma situação em que, como confirmado por cada capítulo deste livro, os aparelhos trazem, ao mesmo

tempo, imensos benefícios, enquanto criam novos problemas. Ao final do volume, retornaremos ao que se apresenta, hoje, como o exemplo mais evidente do balanço entre cuidado e vigilância: a resposta à pandemia de COVID-19.

Os discursos sobre as consequências dos smartphones têm seus próprios resultados. Para a antropologia, alguns dos mais importantes remetem ao impacto nas relações sociais. Um exemplo constituiu no uso do discurso em meio a tensões intergeracionais. Muitos dos debates morais aqui apresentados expõem o smartphone como um idioma, através do qual algumas pessoas mais velhas podem discutir e condenar o comportamento dos mais jovens.

Veremos, em um capítulo mais à frente, como os próprios jovens podem, por vezes, explorar as dificuldades encontradas pelos mais velhos, em relação aos smartphones, para elaborar comentários mordazes sobre eles. Tensões intergeracionais não dizem respeito apenas a quem; também levantam questões complexas sobre dependência, autonomia, dignidade e desigualdades pautadas na idade. O principal argumento deste capítulo defende que boa parte do conflito não decorre dos smartphones em si, mas sim do que se diz sobre eles. Nesta medida, contudo, retornaremos a uma questão de efeito muito maior em nossas relações sociais: o que se faz com smartphones, em oposição ao que é dito sobre eles.

Notas

1 McCulloch 2019.
2 Para um exemplo referente à influência religiosa, vide Pype 2016.
3 Exemplo típico desta modalidade de debate acadêmico pode ser encontrado em Deursen et al. 2015. Ver, ainda, Elhai et al. 2020.
4 Edwards 2018. Em entrevista de rádio para a difusora nacional de rádio e televisão da Irlanda (RTÉ News at One, 15 de janeiro de 2020), David Cochrane, editor online do Irish Times, observou, mais uma vez, que 66% da população irlandesa possui uma conta de Facebook e que metade dessa parcela a usa diariamente. Cochrane declarou que o Facebook representa uma das fontes primárias para que candidatos eleitorais atinjam seus eleitores. Notou, ainda, que o número de usuários de Facebook caiu em 2018, redução que associava a preocupações sobre questões de privacidade. Deste ano em diante, contudo, o número de usuários de Facebook voltou a subir. Vide News at One 2020.
5 No início de 2014, Cambridge Analytica, companhia do financista bilionário Robert Mercer, usou dados pessoais extraídos do Facebook, sem qualquer autorização, para construir um perfil de 50 milhões de eleitores estadunidenses, a fim de enviar propaganda política personalizada a cada um deles. Vide Cadwalladr e Graham-Harrison 2018.
6 Mugerwa e Malaba 2018.
7 Boylan 2018.
8 #PeloFimDesseImposto, em tradução livre [N.T.].
9 Al Jazeera 2017.
10 Bikoko 2017.
11 Bikoko 2017.
12 Jiang 2012.

13 Trocadilho com a Grande Muralha da China, “Great Wall of China”, em inglês [N.T.].
14 Wang 2016, 129–30.
15 Chen e Ang 2011.
16 Para uma visão geral, vide Morozov 2012.
17 Hirshauga e Sheizaf 2017.
18 The Guardian [Editorial] 2013. Ações legais foram tomadas para confrontar programas de vigilância em massa e as legislações vigentes sobre vigilância. Os casos conjuntos da Digital Rights Ireland e Seitlinger e Outros versus Irlanda levaram à invalidação da Diretiva de Retenção de Dados pelo Tribunal de Justiça da União Europeia. Vide Tribunal de Justiça da União Europeia (2014).
19 De Pasquale et al. 2017.
20 Servidio 2019.
21 *The Local* 2019.
22 O Movimento Cinque Stelle foi fundado pelo comediante Beppe Grillo e pelo estrategista web Gianroberto Casaleggio em 2009, e se consolidou como um grande eixo representativa da extrema direita italiana. Concorreu a diversas eleições no país, tendo obtido uma votação expressiva nos últimos anos [N.T.].
23 Scancarello 2020.
24 Merola 2018.
25 *Wired Itália* 2019. A *Wired* cita o survey original, realizado pela Ipsos e divulgado pela Amplifon, intitulado ‘Smart Ageing: Technology has no age’.
26 “Party-state”, ou Partido-Estado, no original. A expressão aponta o alto teor imbricado entre o Partido Comunista Chinês e o Estado chinês, tal como estruturado hoje, mas não é corriqueira em português [N.T.].
27 Wang 2016, 25.
28 Hughes e Whacker 2003.
29 Fan 2018 e Sina Technology Comprehensive 2019.
30 Luo 2014.
31 Huang 2019.
32 Ito 2005.
33 Uma lei brasileira estipula a obrigatoriedade de uso de fones de ouvido ao ouvir música no transporte público, inclusive via celular. Vide Prefeitura de São Paulo 2013.
34 Por exemplo, Shirky 2015.
35 Long 2012.
36 Dados dos relatórios de App Annie combinados com um relatório da Ericsson; vide Kemp 2020. Vide Tiongson 2015.
37 Vide Tiongson 2015.
38 Petsas et al. 2013.
39 Uma política chinesa obriga ao uso do “nome real” nas redes sociais.
40 Kumar 2014.
41 O cenário não é homogêneo; há, por exemplo, um volume maior de propaganda no Brasil.
42 Governo Federal (Brasil) 2020.
43 Memes similares foram compartilhados em Bento.
44 Waze é um aplicativo de viagem e navegação. Desenvolvido em Israel, foi lançado no Brasil em 2012. Vide Grupo Casa 2012.
45 Vide McIntosh 2010.
46 Vieira 2019 ou de Sousa Pinto 2018.
47 “Notícias falsas”, em inglês. Optou-se por deixar o termo no original na medida em que ele é largamente difundido na redação lusófona [N.T.].
48 Guess et al. 2019 defendem que a faixa etária acima de 65 anos compartilhou por volta de 7 vezes mais artigos de domínios fake do que coortes mais jovens. Embora se referisse ao Brasil, a fonte da evidência proveio de um estudo estadunidense.
49 Monnerat 2019.
50 DataSenado 2019.
51 Reuters Institute e Oxford Internet Institute 2019.
52 Simoni 2019.
53 Para um exemplo de obra que pretende abordar o impacto geral dos smartphones, vide Carrier 2018.
54 Burgess 2004.

55 Há, hoje, um acúmulo de conhecimento considerável sobre o impacto das redes sociais na política. Dois exemplos podem ser encontrados em Bruns et al. 2018 e Margetts et al. 2016.
56 Examplos incluem Pariser 2012 ou, sobre a ameaça mais geral à democracia, vide McNamee 2019.
57 Examplos incluem o livro do matemático David Sumpter; vide Sumpter 2018 ou Bruns 2019.
58 Por exemplo, Price 2018 e Burke 2019.
59 Vide Sutton 2020.
60 Standage 2013.
61 Como constatado em obra prévia de Miller, sobre escolas, parte de seu estudo sobre redes sociais em uma aldeia inglesa. Vide Miller 2016, 123–36.
62 Jovicic, no prelo.
63 O termo remete a um estado de "atenção plena". Optou-se por não traduzi-lo na medida em que é muito utilizado no original, em conversas em português [N.T.].
64 Headspace 2020. A informação vem de uma companhia de saúde anglo-estadunidense, especializada em meditação via este aplicativo.
65 Albarrán-Torres and Goggin 2017.
66 Denworth 2019
67 boyd 2014.
68 Clark 2013.
69 Lim 2020.
70 Por exemplo, Livingstone 2009 e Livingstone e Sefton-Green 2016.
71 Vide o blog 'Parenting for a Digital Future'.

3
Contextualizando o smartphone

Campos: Bento – São Paulo, Brasil. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi, Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

Smartphones enquanto objetos

Antes de abordarmos o uso de smartphones para a comunicação, deveríamos reconhecer a sua presença enquanto objeto material. Sua tangibilidade pode ser mais importante para umas populações do que para outras, por diferentes motivos. A maioria dos italianos, por exemplo, está bem ciente da reputação nacional em relação ao estilo[1]. Talvez não seja coincidência que alguns dos trabalhos mais interessantes sobre celulares como itens de moda venham da socióloga italiana Leopoldina Fortunati[2]. NoLo é um dos bairros de Milão, cidade cuja economia é intrínseca à moda e ao estilo. Estilo esse que pode ser aplicado a elementos como a tela, a aparência externa do celular, os apetrechos ou os acessórios associados ao aparelho. Em outras regiões, o aspecto material mais importante do smartphone é o custo – não apenas do aparelho em si, mas a capacidade de adquirir pacotes de dados ou acesso Wi-Fi.

A viúva Eleanora mora sozinha em Milão. Avó ativa, busca diariamente os dois netos na creche e cuida deles até que os pais das crianças cheguem do trabalho, por volta das 19 horas, articulando as atividades via smartphone. O smartphone de Eleanora é um templo visual dedicado aos netos; seu papel de parede consiste numa fotografia de ambos, de férias, e outras fotos das crianças estão coladas no verso do aparelho. A colagem que criou lembra a sua geladeira, repleta de fotos antigas e de memórias reveladas por ímãs. Tanto a geladeira, com que alimenta os netos, quanto o smartphone, através do qual se conecta com

a família, se tornaram sítios em que Eleanora pode ver os entes queridos, mesmo quando não estiverem fisicamente presentes.

No Japão, a capinha de celular e os "apetrechos", nela pendurados, frequentemente aparecem como expressão de uma estética pessoal. Midori-san, por exemplo, uma nativa de Quioto com cerca de sessenta anos de idade, é cantora profissional e se veste com glamour. Escolheu uma capinha de celular que expressasse, a seu ver, sua personalidade divertida e feminina – é ilustrada com uma Pata Margarida de batom, com penduricalhos na forma de salto alto (Fig. 3.1). São comuns as capinhas com um design mais "sério", que remetem a um notebook, em geral de couro, e que também protegem a tela do celular. De quebra, cartões corporativos muitas vezes são colocados em um bolso interno da capinha. Outra mulher, de sessenta e poucos anos, explicou que jamais compraria roupas de cores brilhosas ou que soassem "jovens", na medida em que isto lhe parecia inapropriado para sua idade. E a capinha de celular servia de extensão para a estética apropriada à faixa etária, consistindo em um sóbrio estilo notebook. A preocupação em não soar tão exuberante, em especial ao envelhecer, era compartilhada por muitos dos participantes, tanto do gênero feminino como do masculino. A imagem abaixo traz uma postagem de Facebook de Sawada-san, um monge budista de Quioto beirando os sessenta anos, em que explica para os amigos por que aderiu a uma nova capinha de celular, vermelho-vivo, que considera "chamativa" (Fig. 3.2). Descreve como a capinha pertenceu à sua esposa, mas que a adotou em substituição à antiga, azul, que se desgastou. Tentou reduzir o teor "vistoso" da nova capinha ao acrescentar fita adesiva, e pede a compreensão de todos que o vejam com ela.

Para Onono, policial em Lusozi, a decoração do celular remete à sua fé cristã. Jesus é sua imagem de fundo, "para proteção"; "se tiver qualquer problema, é só deixar nessa tela, com a luz acesa" acrescenta. Selecionou a imagem de fundo em questão na Google Play Store[3]. À noite, escolhe uma imagem de Jesus na cruz, para proteção especial. Onono muda constantemente de imagem de fundo, para refletir a época do ano – Natal ou Páscoa, por exemplo. Se tem pesadelos ou recebe más notícias, como um falecimento, também põe a imagem sobre sua cama.

Indivíduos podem elaborar possibilidades muito criativas e inventivas. Elisa, residente do NoLo milanês, ensaiou uma combinação de seu smartphone com um telefone fixo tradicional (Fig. 3.3). Para ela, a união trouxe um elo tangível entre a habilidade de falar "por tempo ilimitado" através do WhatsApp, e o sentimento mais familiar do aparelho com fio.

Cada exemplo traz consigo um tipo de domesticação estética do smartphone[4], transformando-o em um acessório de moda. Outra

Figura 3.1 Cantora profissional, com cerca de sessenta anos, que usa apetrechos de celular para "combinar" com um "look" específico. Fotografia de Laura Haapio-Kirk.

Figura 3.2 Capinha de celular vermelha, considerada inapropriada por um monge budista. Explicou que a capinha tinha sido usada, antes, por sua esposa. Fotografia de Laura Haapio-Kirk.

Figura 3.3 Aparelho meio-termo entre linha fixa e smartphone com acesso à internet, montado por Elisa, participante da pesquisa. Fotografia de Shireen Walton.

imposição do smartphone enquanto objeto, e que pode se revelar um certo fardo, é sua necessidade de ser alocado em algum lugar, quando usado, ou mesmo de ser transportado. A egípcia Dina, que, hoje, mora em NoLo, lida diariamente com a tarefa de segurar seu telefone para falar com parentes e amigos, e, ao mesmo tempo, cuidar do filho de 4 anos, ou enquanto anda e empurra um carrinho de compras. Assim como muitas outras mulheres de NoLo que vestem um hijab, Dina costuma enfiar o smartphone em seu véu. Pode, então, amamentar seu neném ou costurar à máquina sem deixar de falar ao celular.

Smartphones e status

Durante o curso de Marília sobre o uso de WhatsApp, em Bento, nas proximidades da cidade de São Paulo, Yoko foi a única aluna a trazer um iPhone, e ele permanecia sobre a mesa, numa exposição conspícua. Por conta de seu design, de sua reputação e de seu custo, o iPhone de Yoko aparecia como um símbolo de status – criando um problema para sua proprietária, que se sentia pressionada em usá-lo com proficiência, de modo compatível com o prestígio do aparelho. A solução de Yoko consistiu em enfatizar, para os outros, que não tinha comprado seu smartphone. Como ocorre com a maioria dos iPhones em posse das pessoas mais velhas de Bento, herdara o aparelho de seus filhos.

Em Iaundé, é comum as pessoas possuírem dois smartphones. Isto acontece, em parte, porque as várias coberturas de redes telefônicas presentes nos Camaõroes apresentam uma qualidade variável nas regiões do país. Como explica um professor de ensino médio de Iaundé:

> Em algumas vizinhanças, só pega o sinal das duas principais companhias – Orange e MTN. Então você é obrigada a ter uma terceira, que poderia ser Nextel ou mesmo Camtel. Alguns dos meus amigos têm dois ou três chips diferentes. Acham que é uma boa solução.

Ter vários smartphones pode significar afluência e inspirar respeito, mas apenas se um deles for de marca renomada. Mas mesmo estes dispositivos podem simbolizar pouco junto às pessoas mais velhas, uma vez que, na maioria das vezes, como foi o caso de Yoko, herdaram os celulares dos filhos, quando estes contrataram um novo plano e optaram por um novo aparelho. Em Iaundé, é comum que os smartphones estejam à mostra, para que todos vejam. As pessoas mais velhas, de mobilidade reduzida,

deixam o celular em cima da mesa, ou em outra superfície de fácil alcance. As pessoas mais novas se importam mais com a aparência, e, frequentemente, ilustram a capinha do celular com seu retrato. O hábito de carregar os aparelhos na mão, ou nos bolsos, pode ter encorajado os recorrentes furtos de celular na cidade.

Por outro lado, os celulares mais antigos, herdados, podem se revelar não muito confiáveis, como descobriu Marie, uma viúva de Iaundé, que já não exerce a profissão de professora. Mãe de nove filhos, já foi presenteada com cinco aparelhos, que parecem, contudo, se tornar rapidamente obsoletos, sobretudo quando os netos os pegam emprestado e, em seguida, os quebram. A situação cria barreiras às suas tentativas de aprender a usar o smartphone. Além disso, há o inconveniente de que, quando o aparelho deixa de funcionar, Marie já depende de muitas de suas funções, desde o alarme, vital para seu complexo esquema de medicação, até o WhatsApp, o Skype e a capacidade de armazenar fotografias.

Status não é a única dimensão social a ser, possivelmente, refletida nos celulares. No Japão, onde os dispositivos acessam à internet desde os primeiros anos do século XXI, os aparelhos *garakei*, com seu inconfundível design flip, seguem populares, especialmente entre os participantes mais velhos da nossa pesquisa[5]. A adoção de smartphones apresentava uma faceta de gênero, com as participantes de gênero feminino tendendo a participar de redes mais fortes de família e amigos, para além das relações de trabalho. Elas também estavam mais inclinadas a realizar um *upgrade* de aparelho, assim como a frequentar aulas sobre manuseio do celular. Em contrapartida, os participantes de gênero masculino se dispunham mais a manter os *garakei*, ou mesmo os telefones com fio, como principal meio de comunicação. Um residente de Quioto, com cerca de sessenta anos, explicou que guardou seu *garakei*, mesmo tendo um smartphone. O motivo: o *garakei* continha todos os seus contatos de trabalho, importantes para a sua identidade profissional.

O custo dos smartphones

Ao mesmo tempo em que smartphones se tornam cada vez mais onipresentes, persiste uma divisão digital significativa entre os que podem comprá-los, e os que não podem. Em Lusozi, a maioria dos participantes da pesquisa ainda possuía celulares, e não smartphones, como vemos no gráfico de pizza baseado em 204 indivíduos, com idade média de 51 anos (Fig. 3.4.). Dos 19 respondentes sem qualquer aparelho, 15 tinham sido roubados e 4 nunca tinham possuído um. Não poder arcar com a compra

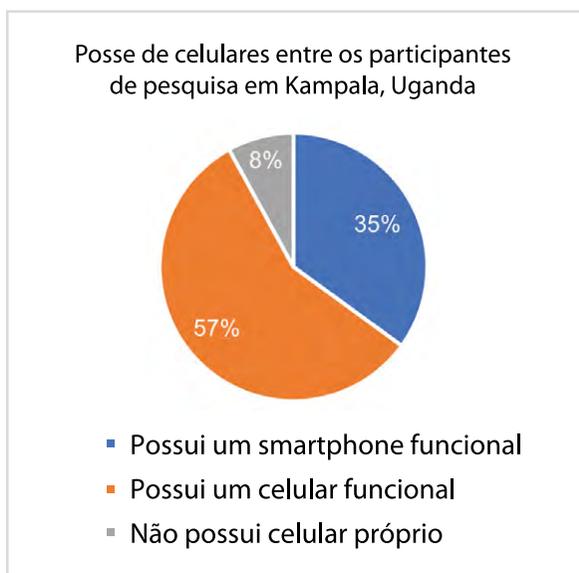



Figura 3.4 Levantamento aplicado no campo pela pesquisadora Charlotte Hawkins. Percentuais baseados na amostra de 204 participantes.

de um smartphone importa, em particular, na medida em que o celular é o elemento primário para acesso à internet[6]; apenas 3% dos domicílios de Lusozi dispõem de um computador funcional[7]. Contudo, uma minoria – de proporção crescente – pode se permitir a compra de smartphones baratos, como os da empresa chinesa Tecno, cujo preço gira em torno de 12,50 libras esterlinas; estes se tornam, portanto, a forma mais barata de acessar à internet[8]. Há, todavia, outros custos subsequentes, e os modelos mais baratos podem apresentar um armazenamento limitado de mensagens e imagens. Observou-se variações na posse de smartphones em relação a desigualdades mais amplas, de idade, gênero[9] ou do tipo de região de residência, se urbana ou rural[10].

Segundo um levantamento global[11], 19,1 milhões de camaronenses (76% da população) assinam um plano de celular. Graças à queda do preço dos smartphones de cerca de 54 libras esterlinas, em 2014, para cerca de 36 libras esterlinas, em 2018, a maior parte da classe média possui um aparelho, ainda que de segunda mão ou de baixa qualidade. A durabilidade se torna, por conseguinte, uma questão chave, com as pessoas se referindo, ocasionalmente, aos dispositivos como "*thororonko*", ou "marca não confiável". Os proprietários se veem, com frequência, diante do barato que sai caro. Apesar disso, tais smartphones básicos de fato garantem o acesso ao WhatsApp e ao Google, para obter informação,

assim como ao YouTube. Estes acessos são importantes, na medida em que pessoas mais velhas dedicam uma boa parte de seu tempo a assistir vídeos no celular.

Em Lusozi, quem detém apenas um smartphone de marca mais barata pode enfrentar problemas de armazenamento ou de RAM, limitando os downloads de softwares e aplicativos mais atuais. Um professor universitário, dono de um iPhone, observou que, assim que instalou seus aplicativos favoritos (Facebook, WhatsApp, um app de colagem de fotos para Instagram, Photogrid, recursos de mensagens do LinkedIn, Gmail e Yahoo, entre outros), já não dispunha mais de espaço de armazenamento.

O custo como barreira de acesso não se restringia a esses dois campos. No Brasil, o uso de smartphones se expandiu consideravelmente em meio aos perfis de renda mais baixa após o lançamento do Moto G pela Motorola, em 2013. No Japão, muitos participantes da pesquisa apontaram o custo das mensalidades dos planos como o motivo pelo qual não tinham smartphones. A promulgação de uma lei com o intuito de reduzir tais taxas[12] resultou em longas filas diante das lojas de celular de Quioto, que, em seguida, divulgaram em peso algumas promoções agressivas de celulares. A pressão governamental para tornar os smartphones mais acessíveis coincidiu com um empurrão rumo a um acréscimo de vigilância, através de um seguro social e de um número de identificação fiscal ("my number"), ambos digitais, que vinculam informações individuais em relação a finanças, questões de saúde e de seguridade social. Há, finalmente, campos como os de Dublin, em que smartphones ditos *premium*, iPhone e Samsung Galaxy, são onipresentes. Na medida em que estes modelos estão praticamente ao alcance de todos, a competição por status é baixa.

Dificuldades de acesso

A obtenção de um smartphone pode, portanto, ampliar disparidades já existentes em relação à capacidade de pagar por dados e pelo acesso à internet. Um gigabyte de dados, diário, nos Camarões, demanda um plano que custa 14 libras esterlinas por semana. Tipicamente, participantes com rendas mais baixas gastam cerca de 3,50 libras esterlinas por mês em acesso a dados e internet, e os participantes de classe média cerca de 10 libras esterlinas. Em campos como o de Santiago, o Wi-Fi está disponível gratuitamente em muitos lugares, como, por exemplo, estações de metrô, bibliotecas públicas e parques. Enquanto participantes mais velhos,

em Dublin, pagavam os planos mensais com tranquilidade, a diferença entre dados e Wi-Fi lhes soava vaga. Quando indagados por que não baixavam um filme por meio do Wi-Fi, respondiam, com frequência, que pressupunham a cobrança de custos adicionais. Neste caso, uma disparidade digital baseada na idade remete mais ao conhecimento do que à renda.

Em Lusozi, outro motivo para que alguns participantes não possuíssem smartphones era o custo proibitivo de reparos ou substituições. O custo das ligações é localmente designado por “airtime”[13] (“franquia”). Em pesquisa com 50 proprietários de celular, 74% gastavam sua franquia diariamente, já que compravam os menores pacotes de dados por 20 a 40 centavos de libra esterlina quando necessário; apenas um respondente carregava seu aparelho todos os meses, com o equivalente a 20 libras esterlinas em dados. Isto sugere que tanto as chamadas de voz como o acesso à internet seriam serviços indisponíveis para a maioria dos proprietários ao menos uma vez por dia. Dadas estas limitações, o uso de telefone sofre racionamentos. Pode-se, por exemplo, evitar grupos de WhatsApp, em prol de serviços de mensagens que consumam menos dados. O uso de Instagram e YouTube se revelava escasso, e ativava-se os dados móveis apenas quando seriam de fato necessários.

Durante o período do campo, as companhias telefônicas de Uganda encerraram a venda de cartões de recarga com pacotes de dados de internet – até então, o modo predominante de acesso a dados, especialmente nas áreas rurais. 31 dos 50 participantes da pesquisa de Charlotte consideravam a situação desafiadora, suscitando comentários como “é difícil conseguir sinal, particularmente à noite”, e “é terrível, temos que andar muito até encontrar sinal”. Parentes que morassem em aldeias se viam obrigados a ir até o centro comercial mais próximo, sempre que quisessem recarregar seus telefones com as franquias de internet.

Em Lusozi, a maioria dos respondentes da pesquisa dispunha de eletricidade em casa. Aqueles sem rede elétrica podiam recorrer a estações de recarga em comércio, lojas de consertos telefônicos ou cafés com Wi-Fi, pelo equivalente a 11 centavos de libra esterlina; outros preferiam carregar os celulares no trabalho. Elogiava-se, com frequência, a relativa longevidade das baterias de modelos de celular mais antigos. Um homem mais velho chegou a substituir seu smartphone por um “telefonezinho”, explicando que preferia não ter de se preocupar com as recargas. No norte de Uganda, painéis solares são a principal fonte de eletricidade, e os habitantes de aldeias se revezam para recarregar os telefones. Uma mulher, por exemplo, que utilizasse o celular sobretudo para manter o contato com filhos e parentes passaria entre 2 e 3 horas

carregando o aparelho através de seu painel solar, comprado para esta única finalidade por 11 libras esterlinas.

Problemas relativos ao acesso à internet também atingiam a classe média de Iaundé. Muitos dos participantes adoram jogar em aplicativos, mas os downloads exigem uma conexão estável, além de paciência. Na região central da África, em que se localizam os Camarões, observa-se a menor cobertura de rede online do planeta: em janeiro de 2018, contava-se com uma penetração de internet de 25%[14]. Embora os Camarões se destaquem em relação à média regional de penetração, ainda estão atrás da maioria dos países do continente[15]. Os cadastros e contas exigidos por centrais de aplicativos, como Google Play e Apple Store, podem estar além da perícia dos usuários de smartphone, sobretudo quando estes descobrem, por acaso, que os Camarões não participam da "zona autorizada" de um dado app[16]. Os procedimentos parecem "técnicos demais, exigentes demais", solicitando números de cartões de crédito, IDs Apple e outras informações de que não dispõem os usuários. É possível encontrar, em encruzilhadas e mercados, "baixadores" ("graveurs") que consertam aparelhos quebrados. Os mesmos graveurs podem criar contas falsas, indicando a França, e não os Camarões, como local de uso do smartphone, visando ampliar o acesso do aparelho a informações e aplicativos.

Os problemas de acesso podem, ainda, refletir necessidades especiais. Laila Abed Rabho, de Dar al-Hawa, uma das autoras do presente volume, perdeu a visão durante a infância, por conta de uma doença ocular. Laila pouco lembra do seu curto período como vidente. Rapidamente aprendeu a ler e escrever em Braille; formou-se bacharel e seguiu até o doutorado. Até um ano atrás, Laila tinha um celular "bobo", simples, sem conexão com a internet. Aprendeu a usar os botões de maneira autodidata, e conseguia tanto enviar mensagens como ligar para pessoas, embora fosse incapaz de identificar com quem falava, ao atender uma ligação. A identidade do chamador ficava a critério de adivinhações. Apesar dos pesares, o celular facilitava sua vida. Ao sair de casa, Laila podia seguir em contato com sua família, caso necessário, ou pedir um táxi por chamada de voz, ao invés de digitar mensagens. Para além disso, contudo, o celular apresentava limitações.

Laila, então, comprou seu primeiro smartphone um ano depois de entrar como pesquisadora em nosso projeto. Escolheu um iPhone, porque foi informada do excelente software sonoro embutido do aparelho, destinado a não-videntes. Realizou a compra associando dinheiro próprio com uma bolsa do governo israelense, provida para não-videntes. A bolsa lhe permitia, ainda, receber orientações gratuitas de um especialista no uso de aparelhos digitais para pessoas com necessidades especiais.

O especialista realizou cerca de oito sessões presenciais, na casa de Laila, todas com 2h de duração. O treinamento não é fácil, pois o clique de Laila em alguma opção ativa a voz auxiliar, e, em seguida, é preciso esperar pacientemente até ouvir, em viva voz, o que foi selecionado. Um hiato de alguns segundos separa o que aparece na tela do iPhone do que a voz consegue descrever. É difícil acostumar-se com a pausa, logo em um aparelho que outros vivenciam como dotado de respostas instantâneas.

Em alguns momentos, a voz se torna insuportável para Laila. Ela frequentemente desativa esta opção através de um duplo clique no botão central do iPhone. A leitura nem sempre flui com suavidade, e, muitas vezes, inclui informações irrelevantes para Laila, como, por exemplo, filigranas de sua conta Gmail. Ainda assim, o iPhone mudou sua vida, facilitando significativamente seu contato com colegas de trabalho e outras pessoas não-videntes. Seja por mensagens ou por email, o software de voz, que lê e escreve os conteúdos, é bastante bom. As dificuldades de Laila dizem mais respeito ao lado visual do smartphone. Não pode, é claro, ver as imagens; como ela mesma observa, "não tenho Instagram, nem pretendo abrir uma conta – para que?". Ainda assim, seus grupos de WhatsApp incluem pessoas com algum grau de vidência e que compartilham imagens com frequência. Isto é frustrante, na medida em que não pode vê-las e deve pedir ao grupo que as descreva. "Também ouço o Corão e procuro por materiais no Google, como notícias, com mais facilidade. Por outro lado, não sei como tirar fotos com meu iPhone". Outro quesito de grande auxílio para Laila é o dicionário: ela mesma explica que "se quero procurar pelo significado de um termo, seja em inglês ou em árabe, uso o iPhone".

No curta metragem abaixo, Laila conta sobre sua experiência ao usar o smartphone, durante a pesquisa realizada, com Maya, para este livro (Fig. 3.5).

> Se clico, por acidente, no botão errado, ou aperto vezes demais e, de repente, o iCloud é acionado em vez do Gmail, preciso da ajuda da minha cunhada para acionar o botão correto. Às vezes, o WhatsApp some, não consigo achá-lo, e alguém precisa resolver para mim.

Claramente, para Laila, importa mais poder seguir adiante, de forma autônoma, com suas pesquisas e em outras atividades, sem precisar recorrer a auxílios externos a cada vez que uma função do iPhone precise ser reiniciada, ou que se atinja um impasse impossível de se resolver sem ver a tela. Laila considera mais fácil manusear os aplicativos, do que o aparelho em si. Isto por sentir que, ao explorar a interface principal do smartphone, caso toque na tela e se engane de caminho, já não poderá

Figura 3.5 Filme: O smartphone de Laila. Disponível em http://bit.ly/lailasmartphone

retornar ao ponto inicial sem ajuda. Não obstante, a essa altura, ama seu smartphone frustrante, enquanto antes usava sobretudo seu computador.

Há um bom motivo para que esta seção sobre custo e acesso ocorra logo após uma discussão do smartphone como objeto material. É o custo, muitas vezes, que traz à tona as qualidades materiais dos smartphones. Em um estudo de Hobbis[17] sobre a região de Lau Lagoon, nas Ilhas Salomão, a chave do entendimento está nos chips Micro SD. Já Donner, em seu livro *After Acess*[18], observa o impacto de como se paga para usar o smartphone, incluindo a ascensão de uma "mentalidade comedida", quando as pessoas "seguem cientes dos custos incrementais do uso de seus aparelhos"[19]. Em Lusozi, por exemplo, muitos dos participantes explicaram como ajustaram o uso de redes sociais às limitações de custos dos pacotes de dados, na medida em que vendedores de franquia de internet são, hoje, um componente visível da paisagem urbana de Kampala e de Iaundé. Ao ouvirmos as questões levantadas por Laila, tomamos consciência dos problemas oriundos de um simples clique errado, e das tecnologias subjacentes da interface na tela de cada celular. A materialidade remete, muitas vezes, ao que cada um não pode deixar de perceber. Tais discussões impactam, ainda, nossa concepção do smartphone em si – não mais uma plataforma de possibilidades ilimitadas, mas uma ferramenta baseada em cuidadosas prioridades, para atingir objetivos precisos de comunicação.

Ecologia das Telas

As duas seções a seguir são desdobramentos da descrição prévia da etnografia como contextualização holística. A primeira, "Ecologia das

Telas", situa o smartphone em relação a outras telas, como tablets, computadores e Smart TVs. A segunda, "Ecologia Social", demonstra como o proprietário não se isola enquanto indivíduo. O smartphone pode, de fato, ser compartilhado por várias pessoas. Na maioria dos campos, diferentes tipos de telas estão disponíveis para as pessoas, como indicam o infográfico com 30 participantes de pesquisa de NoLo e o levantamento com 146 respondentes em Quioto e na Prefeitura de Kōchi, no Japão (Figs. 3.6 e 3.7).

Muitos dos participantes do campo dublinense possuem um tablet, um laptop ou computador de mesa, e, cada vez mais, uma Smart TV, além dos smartphones. E o critério mais comum de seleção entre os diversos aparelhos, segundo as pessoas, é o tamanho da tela. Alguns dos informantes mais velhos sofrem de problemas de visão, o que torna a questão do tamanho relevante, mas parece que a rotina estabelecida tem um papel tão importante quanto. As pessoas defendem que um smartphone não é apropriado para assistir a programas de televisão, embora, na prática, usem seus aparelhos para assistir a programas no

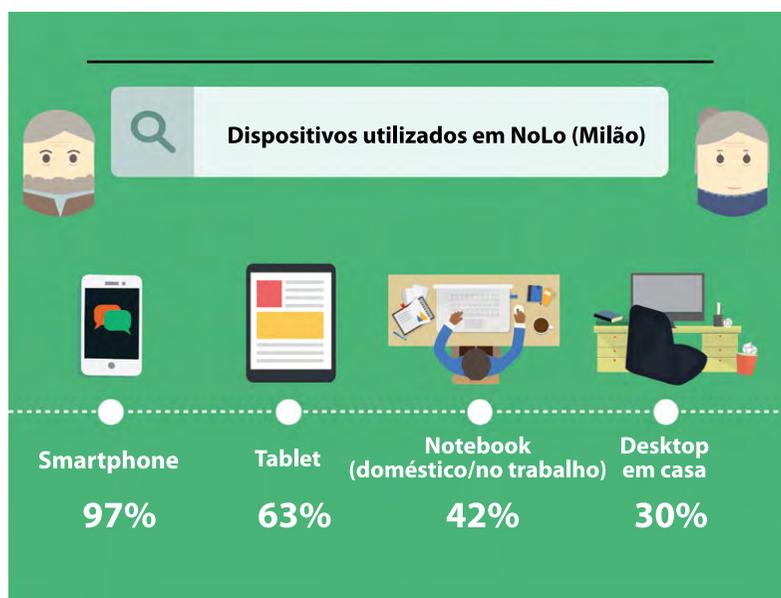



Figura 3.6 Infográfico indicando a proporção de uso de diferentes dispositivos por participantes residentes em NoLo, a partir de um levantamento com 30 respondentes, de faixa etária entre 45 e 75 anos, organizado por Shireen Walton.

Figura 3.7 Infográfico indicando a proporção de uso de diferentes dispositivos por participantes do campo japonês (Quioto e Prefeitura de Kōchi), a partir de um levantamento com 146 respondentes, organizado por Laura Haapio-Kirk.

YouTube. De quebra, os smartphones apresentam claras vantagens em termos de mobilidade e podem se revelar a única tela disponível para assistir a eventos esportivos importantes, quando se está fora de casa.

Em Dublin, o iPad se tornou uma revelação para as pessoas mais velhas. Mesmo aquelas na faixa etária dos 80 e 90 anos, que, antes, resistiram a todo tipo de computador, passaram, em pouco tempo, a contactar parentes e montar álbuns fotográficos em seus tablets. Por volta de 2019, contudo, tablets estavam perdendo espaço para os smartphones maiores, por conta da mobilidade deste tipo de modelo[20]. Maia, hoje, faz chamadas por FaceTime através de seu iPhone, mas reserva o iPad para suas atividades de escrita criativa. Algumas pessoas, porém, seguiram na direção oposta e ampliaram o seu uso do iPad. Eamon, por exemplo, manuseia seu iPad como câmera e como telefone, dando preferência aos ícones e à tela maiores, por conta de seus dedos senescentes. O iPad é seu companheiro, tanto no trem como no carro. Para manter seu engajamento de "um tamanho para tudo" no iPad, Eamon também reduziu a escala dos programas que assiste na televisão, Netflix inclusive, para a proporção do tablet. Para outros participantes de Dublin, o laptop é quem domina o cenário dos usos de tela. Usam internet banking, fazem compras online,

e, via de regra, têm mais facilidade em acessar os sites no laptop do que ao lidar com os aplicativos de smartphone. Uma mulher, com cerca de 40 anos, considera os aplicativos toscos e inconvenientes, em comparação aos websites equivalentes, e, por isso, evita praticamente todos os apps.

Ainda outros participantes de Dublin migraram parcialmente para as Smart TVs – usadas não apenas para programas de televisão via fluxo contínuo de dados (streaming), mas também para outros conteúdos beneficiados por grandes telas, como vídeos e fotos de férias ou de casamentos. Em suma, é possível que um indivíduo foque em um único aparelho, como o tablete ou o laptop, que se torna seu único ponto de acesso online. O caso, porém, é raro, e a maior parte das pessoas mantém um vaivém entre telas, dependendo da tarefa em questão. Com a ascensão da computação em nuvem e da sincronização automática de dados, as pessoas constantemente utilizam seus smartphones quando estão fora de casa, o tablete ao ir para a cama, o laptop para uma redação embasada e a televisão para uma sessão de Skype em família. Enfim, nem todo aparelho dispõe de tela, e a linha fixa segue importante para algumas pessoas mais velhas na Irlanda – sobretudo porque possuem parentes ainda vivos, já na faixa dos noventa anos, talvez, que nunca usarão qualquer outra coisa. Por outro lado, em Bento, já que a comunicação cotidiana migrou para o WhatsApp, as linhas fixas têm sido desativadas, por conta da saturação geral com incessantes ligações onde tentam vender "coisas" para os residentes.

Comentamos acima que a maior parte dos habitantes de Iaundé tem, muitas vezes, dois smartphones, associados às duas maiores operadoras de telefone, mas também podem separar seus aparelhos em função do uso. Aposentados, por exemplo, frequentemente escolhem um smartphone para uso do WhatsApp e outro para outras redes sociais, como o Facebook. Praticamente todo mundo tem uma televisão de bom tamanho, e as pessoas mais velhas possuem rádio, embora muito poucos disponham de um laptop ou de um computador de mesa. Quando presentes, laptops são usados para armazenamento ou transferência de arquivos, como fotos e vídeos, de modo similar aos álbuns de fotos tradicionais. A tela dominante é a da televisão, percebida como aparelho familiar, mais do que uma tela individual. Via de regra, uma vez despertas, e depois da prece ou talvez do esporte, as pessoas parecem manter um reflexo automático de ligar a televisão durante o café da manhã.

Em Iaundé, David e Essy mantêm a rotina de ligar a televisão após irem à igreja, às 6 da manhã. Senão, as telas parecem distribuídas ao longo da família. O casal usa um tablet – presente de um dos filhos, que é médico – sobretudo para jogar jogos como Zuma e Paciência, enquanto o filho mais novo joga jogos de corrida e compra online. Cada membro da

família consulta seu próprio smartphone. As televisões entram no arranjo, na medida em que um dos filhos assiste a uma segunda televisão. O uso mais comum do smartphone consiste em compartilhar vídeos e imagens; e, assim como acontece com a televisão, este conteúdo recebe comentários de amigos e parentes. É, portanto, comum ouvir indagações do tipo "Ó, você já viu...?" ou "O que você acha desse vídeo que acabaram de me enviar?" em um cômodo com cerca de 10 pessoas, havendo um troca-troca constante de smartphones e de papos sobre seus conteúdos.

A ecologia de telas não se espraia apenas em meio à família. Nosso próximo exemplo, de Xangai, demonstra como ela pode impactar profundamente a própria natureza de lares e famílias. O senhor Huang está acostumado a levar reprimendas de sua esposa, por tentar concluir a leitura de um artigo no WeChat em seu smartphone, depois de ela já avisar que o jantar está pronto, embora ambos concordem ser aceitável assistir às notícias na televisão, durante a refeição (Fig. 3.8). Como as notícias mencionam uma mostra de flores, a senhora Huang checa a previsão do tempo enquanto seu marido usa o aplicativo *Gao De* (um app chinês de mapeamento e localização). Assim, são informados de que o

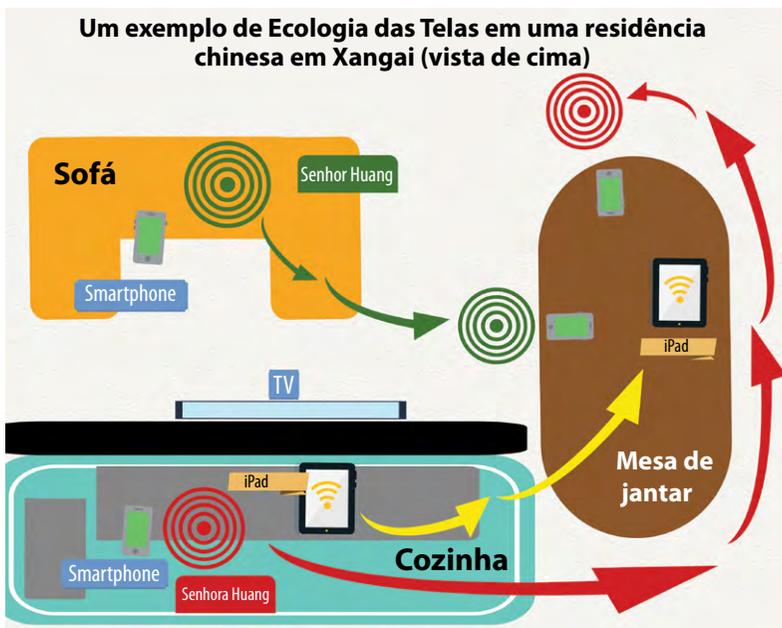



Figura 3.8 Área de jantar na casa do senhor e da senhora Huang, em Xangai, recriada por Xinyuan Wang. A ilustração indica como diferentes telas são alocadas no espaço doméstico.

percurso até a mostra demorará duas horas, se tomarem o metrô e o ônibus.

Nesse momento, o iPad, até então plácido sobre a bancada da cozinha, toca. “Deve ser Xiaotao!” exclama a senhora Huang, encantada. Apanha o iPad e o acomoda na mesa de jantar, para que possam conversar com o neto, morador de Pequim, onde trabalha o genro dos Huang. Só recebem a visita dos parentes a cada três meses, mas a senhora Huang ganhou o iPad de presente da filha, para que pudessem usar o WeChat em uma tela portátil maior. De vez em quando, o senhor Huang tira fotos da senhora Huang falando contente com Xiaotao, e as envia no grupo da família no WeChat. Em meio ao bate papo, a Nainai de Xiaotao (avó do menino por parte de pai) respondeu às fotos com figurinhas fofinhas de WeChat, que dizem “nice shot” (“boa!”). Já que estava visitando Xiaotao, podia postar fotos da chamada vistas do outro lado, ou seja, de Pequim. A senhora Huang, por sua vez, compartilha as fotos no seu grupo de WeChat batizado “Irmãs”, do qual fazem parte três de suas amigas próximas.

Não há nada de excepcional no desenrolar desse jantar. Envolveu ao menos oito telas, em três localidades, em uma única hora, com as imagens reforçando momentos de vínculo intergeracional para um casal aposentado. Um exame do posicionamento das três telas revela como elas reforçam, simultaneamente, o sentido de arredores domésticos, assim como incorporam parentes mais distantes. No passado, a distribuição de fotografias de família em diferentes cômodos serviria ao mesmo propósito; hoje, graças às telas, as imagens parecem ter vida própria. Esta Ecologia das Telas doméstica é bastante sofisticada. O quarto de dormir possui outra televisão, juntamente com um laptop e um computador de mesa herdados da filha, e usados principalmente pelo senhor Huang, além de um cantinho de soneca para o gato (Fig. 3.9).

No início da tarde, se o dia estiver bonito, o casal senta na varanda para uma xícara de chá, cada um com seu smartphone. O iPad significa que a senhora Huang pode tanto assistir novelas ali mesmo, como levar o aparelho para a cozinha e seguir assistindo enquanto prepara refeições. O ato de cozinhar envolve, ainda, o uso do aplicativo “Vá para a cozinha” (Xia Chu Fang), por conta de suas receitas acompanhadas de vídeos, e do iQiyi – um dos maiores compêndios de vídeo no planeta, com seis bilhões de horas assistidas a cada mês e frequentemente apelidado de “o Netflix da China”. Após o jantar, o casal prefere usar o computador de mesa para jogar xadrez chinês, fazer compras onlines e checar as ações na bolsa de valores. Um dos problemas do smartphone da senhora Huang foi a grande tentação em avaliar suas ações na bolsa a cada instante, o que a levou a

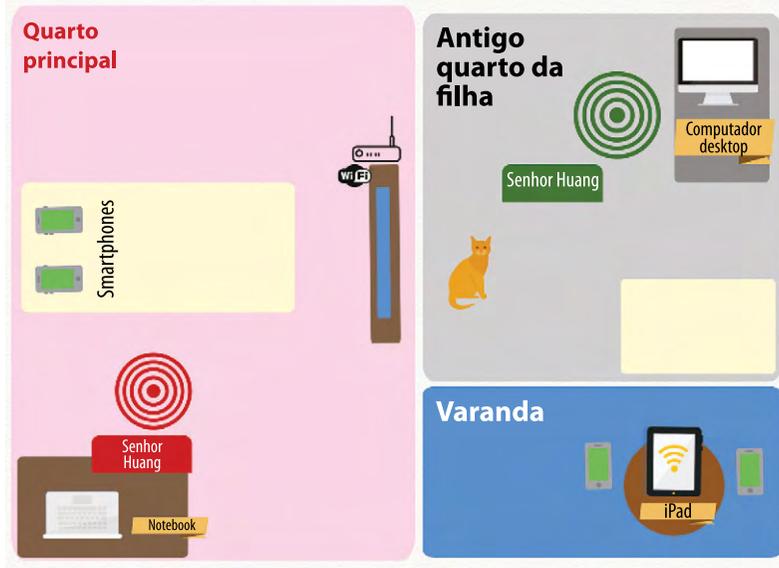



Figura 3.9 Planta da casa dos Huang, incluindo os dois banheiros. Recriada por Xinyuan Wang, a partir de pesquisa etnográfica com o casal.

deletar o aplicativo em questão. "Minha mente estava controlada pelo app; parecia um vício e não era nada saudável. Me sentia menos feliz naqueles dias", comentou. Embora o quarto disponha de uma televisão, as telas mais ativas são as dos dois smartphones do casal, incluindo a meia hora reservada para leitura, antes de dormir, intercalada com a averiguação de perfis de WeChat de amigos (para a senhora Huang) e ouvir podcasts do aplicativo da Ximalaya FM (para o senhor Huang).

Este resultado exemplifica a experiência contemporânea de polimídia[21] - viver em um ambiente em que a maior parte das pessoas dispõe de mídias variadas, que complementam umas às outras na ponta dos tempos. Cada meio desenvolve seu próprio nicho "ecológico" em meio ao todo. O exemplo prévio de Iaundé nos trouxe a televisão "sempre ligada" que embasa a família como um todo, mesmo quando os indivíduos estão checando seus smartphones particulares, ao mesmo tempo. Diante disso, não faz sentido tratar os smartphones de modo isolado, porque a definição e a experiência do que são remetem a alternativas que se apresentam, simultaneamente, junto ao desenvolvimento das ideias sobre o que é apropriado para cada tarefa.

Ecologia social

Assim como os smartphones só fazem sentido quanto situados em relação a outras telas, seus proprietários devem ser posicionados em relação a outras pessoas, e este é o principal ponto do que chamamos de Ecologia Social[22]. O exemplo mais claro vem de Lusozi, em que apenas quatro, dentre os 50 respondentes do levantamento, eram usuários exclusivos de um celular em particular, com os demais citando uma média de mais 3 pessoas compartilhando o aparelho. Esta partilha pode incluir filhos, irmãos, parceiros, vizinhos e amigos, que usam os dispositivos para jogar jogos, tirar fotos, ligar para amigos e ouvir música. Respondentes disseram, por vezes, que não emprestariam seus celulares se identificassem um "mau uso" – por exemplo, alguém que gastasse a franquia de internet, acumulasse espaço de armazenamento demais ou quisesse realizar ligações após a meia noite.

O custo das chamadas é dividido entre família e amigos, com 33 (66%) dos respondentes informando que tinham compartilhado franquia de internet nos 6 meses anteriores, e 30 (60%) informando que tinham recebido franquia de terceiros. "Dar um toque" ("beeping") também é comum; nesse caso, uma pessoa liga para a outra, e deixa o telefone tocar duas ou três vezes antes de desligar, na esperança de que o outro lado ligue de volta e absorva o custo da chamada. Todas essas práticas podem habilitar recursos a serem distribuídos através de redes sociais que, por sua vez, consolidam as interdependências sociais.

Nakito e seu filho são donos e gerentes de um salão de beleza em Lusozi (Fig. 3.10). Embora Nakito possua um "celularzinho" para ligações de trabalho, não pode arcar com um smartphone próprio, então divide um com o filho. Alternam semanalmente na posição de detentor principal do aparelho, atualizando a senha e a imagem de fundo. Dessa forma, tanto Nakito como o filho dispõem de períodos de propriedade individual, mas podem usar o celular a qualquer momento, mediante permissão do proprietário da vez. No smartphone em si, alguns aplicativos são utilizados apenas por um dos dois, como o "Love Quotes", através do qual o filho de Nakito envia mensagens para a namorada. Ele também é quem sabe acionar músicas no telefone a partir de um cartão de memória atualizado regularmente, sobretudo quando escutam algo novo no rádio. Durante a semana, Nakito mantém sua seleção pessoal de música no aparelho, já que prefere canções Baganda[23]. Ambos mantêm as mesmas fotos, que consistem, principalmente, em retratos que Nakito tirou dos netos "para guardar de lembrança", sobretudo em ocasiões especiais, como aniversários.

Figura 3.10 Nakito com o filho e o neto no seu salão de beleza. Fotografia de Charlotte Hawkins.

Outras modalidades de partilha não são nem mútuas, nem igualitárias. Ao trabalhar em outras localidades de Uganda, Burrell[24] explora como o compartilhamento pode ser usado como reforço de hierarquias sociais. Acen, por exemplo, mãe solteira de Lusozi, ouviu falar da internet, mas não sabe o que é. Escuta, volta e meia, que é possível saber o que está acontecendo fora de Uganda, através da internet. Sem estudo, emprego estável ou apoio da parte do pai de seus filhos, luta para pagar o aluguel e as taxas escolares, e não consegue comprar um celular pessoal. Uma ou duas vezes por mês, Acen costumava acessar a internet no celular de um vizinho, para dar notícias para os parentes em sua aldeia natal. Em geral, era preciso que os vizinhos explicassem como discar e realizar a chamada. Ligava, normalmente, para saber de seus parentes, descobrir se havia alguém doente, verificar se tudo seguia estável. Caso os parentes precisassem contactá-la, podiam sempre ligar para o número do vizinho. Da última vez que Acen falou com seus familiares, descobriu que sua mãe estava doente. Teria preferido retornar à aldeia para ver a situação em pessoa, mas não conseguiu angariar fundos para a passagem, então enviou-lhes dinheiro.

À época da entrevista, Acen esperava por mais novidades e atualizações do estado de saúde da mãe, porque não tinha conseguido

ligar para os familiares desde então. Enfrentara alguns poréns ao pedir para usar o telefone dos vizinhos. Ouvira, por vezes, os vizinhos reclamarem que ela “estava vindo atrapalhar” quando a viam se aproximando, e Acen agora temia pedir pelo favor. Tentou recorrer a outra vizinha, mas esta “recusou na mesma hora”; alegou que o aparelho estava sem bateria e que nunca estava em casa. Tais experiências deixaram Acen com um sentimento de “desamparo total”, embora esteja determinada a ser forte, na medida em que é, hoje, “o pai e a mãe” de seus filhos.

As pessoas de Lusozi diziam, muitas vezes, que compraram um celular para parentes mais velhos, na aldeia, para manter contato, como forma de garantir um cuidado à distância. Situação parecida era vivida pela população palestina de Dar al-Hawa, em que cerca de 1/3 dos participantes recebeu o smartphone de outro parente, em vez de comprar o seu aparelho por conta própria. Embora Laila e Maya trabalhassem com mulheres solteiras e viúvas, nenhuma das participantes do grupo principal de pesquisa vivia sozinha. Havia sempre a expectativa de que um indivíduo morasse com um membro de sua família nuclear, fossem os pais, os filhos ou irmãos, o que, por sua vez, repercute nos modos de uso cotidiano do smartphone. Já que a maioria das pessoas mais velhas mora com a família, estão sistematicamente envolvidas nos cuidados com os netos. Isto significa, com frequência, uma partilha do smartphone, pois os netos assistem a programas infantis nos aparelhos dos avós. Nem sempre os avós assim desejam, mas as crianças, na maiora das regiões, apresentam uma impressionante capacidade de persuadir os adultos, para que permitam o uso de seus dispositivos.

Em áreas onde a família estendida desapareceu já em proporções consideráveis, ainda é possível observar casais como proprietários de um smartphone, em vez de um indivíduo. Em Dublin, um homem que não possuía celular por princípio fornecia, por vezes, o número de sua esposa como contato para terceiros, ou pedia a ela que checasse o Google Maps no telefone, enquanto ele dirigia. Em contrapartida, ele aferia as questões bancárias do casal no computador doméstico, assim como assumia outras tarefas pouco apreciadas por ela. Os tradicionais papeis de gênero são, frequentemente, um elemento chave. Se o smartphone é concebido como apetrecho para manter o contato com família e amigos, pode sucumbir aos papeis estabelecidos para esposas. Casais podem perceber seus celulares como intercambiáveis, saber as senhas um do outro e responder qualquer aparelho, se, por acaso, estiverem mais perto do aparelho, embora isso não seja típico. Uma mulher do campo de Dublin admite, ainda, endossar sua falta de habilidade para lisonjear as dos filhos.

> Por vezes, nem ligo de bancar um pouco a ingênua pra fazer com que eles mexam, então, é dizer para eles, 'faz você porque você é melhor nisso', um pouco brincar em cada papel.

A partilha de celular por casais é examinada com mais detalhes na Figura 3.11. Trata-se de um infográfico desenvolvido a partir de entrevistas com 12 casais de Xangai, distribuídos por idade (Fig. 3.11). Atualmente, o número de aplicativos usados cai com o aumento da idade. Casais na faixa dos 40 anos tendem a baixar aplicativos comuns, como Dianping, um app popular de resenhas e opiniões (apelidado de "Yelp chinês"), na medida em que este recorte está mais propenso a testar novos restaurantes, ou a visitar áreas que lhes são pouco familiares. Também partilham de aplicativos de pagamento e de informação sobre viagens. As pessoas de 50 a 60 anos de idade tendem a dividir aplicativos de entretenimento, como vídeos e jogos, na medida em que partilham de tempo de lazer enquanto aposentadas. O levantamento sugere que casais de mais de 70 anos já não tem tantos aplicativos em comum, mas as entrevistas revelam que o oposto é verdadeiro. Estes casais mais velhos se tornaram tão interdependentes, e agem de maneira tão conjunta, que é comum partilharem do próprio smartphone, e a duplicação dos apps em aparelhos separados perde o sentido. É comum encontrar, por exemplo, o aplicativo de táxi Didi em apenas um dos aparelhos pertencentes a um

Uso de aplicativos de smartphone por 12 casais de diferentes faixas etárias, em Xangai

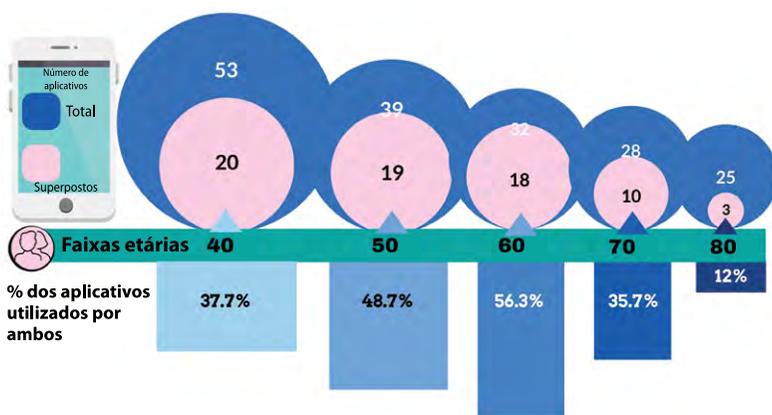



Figura 3.11 Infográfico indicando o uso de aplicativo de smartphones por 12 casais em diferentes faixas etárias, no campo de Xangai. Survey organizado por Xinyuan Wang.

casal na faixa etária em questão. “Taobao” ou “Pinduoduo”, ambos aplicativos de compras online, foram baixados apenas no smartphone da esposa, já que, tradicionalmente, esta é a responsável pelas compras. O smartphone se tornou, dessa forma, um meio de expressão das ideias cambiantes sobre o que significa ser um casal.

A Ecologia Social pode se referir aos laços intergeracionais, assim como aos casais. Os levantamento aplicados a pessoas mais velhas revelaram, com frequência, toques de celular ou jogos baixados por filhos ou netos, a quem se emprestou os aparelhos. Em Santiago, uma das alunas do curso de smartphone lecionado por Alfonso se aborreceu com o neto, por pegar o smartphone sem a sua autorização. Em dado momento, pediu a Alfonso que deletasse um vídeo baixado pelo neto e que lhe pareceu “asqueroso”, assim como jogos e aplicativos que já lhe tinham custado cerca de 60 libras esterlinas – todos os conteúdos e jogos eram relativos a mulheres. A questão é que o neto já registrara a própria impressão digital no celular, e sabia a senha. Durante o curso de smartphone, Alfonso aconselhou-a a mudar os quesitos de segurança do celular.

Redes

Tanto a Ecologia das telas como a Ecologia social demonstram os motivos pelos quais é errôneo estudar os smartphones como meras relações entre um aparelho e seu proprietário individual. Até mesmo a dimensão do lar aparece como unidade básica insuficiente, na medida em que a família Huang usa suas telas para criar elos com outras famílias que, por sua vez, dispõem de um arranjo próprio de telas. Smartphones frequentemente unem, portanto, redes, mais do que indivíduos. Antes deste projeto, um livro de referência, redigido por dois cientistas sociais experientes e intitulado *Networked*[25], sugeria que deveríamos pensar menos em termos de pessoas vivendo em grupos, ou no seio de uma comunidade de proximidade, e mais em termos de redes, tendo o indivíduo como nó, em parte como resultado da expansão da internet e de novas tecnologias da comunicação. A principal evidência do projeto *Why We Post*, dedicado ao estudo das mídias sociais, se revelou oposta a esse argumento. Em vez disso, pesquisadores descobriram que as mídias sociais eram muitas vezes usadas para retificar e reter grupos tradicionais, como família e comunidade[26].

No que diz respeito ao smartphone, que vai muito além das redes sociais, é muito difícil acoplar nossas descobertas com qualquer trajetória específica de sociabilidade. Pode-se, contudo, argumentar que é mais fácil

reconciliar tendências aparentemente inversas – a inflexão das redes ou o restauro dos grupos. Ambos parecem verdadeiros, ao mesmo tempo. Por um lado, o smartphone é constantemente usado como um eixo que conecta indivíduos através de redes – criando elos entre nós e nossos amigos e parentes, por exemplo, onde quer que estejam. Por outro lado, em campos como Milão e Dublin, o Facebook se revelou um espaço coletivo maior para postagens sobre atividades locais, como cafés da manhã comunitários, eventos nos loteamentos locais, esportes ou "Tidy Towns"[27]. A seção sobre Ecologia das telas nos mostrou como os smartphones consolidam e expandem famílias, em vez de substituir grupos. Nos reconciliamos mais com o conceito de redes quando estas, como no caso chinês, remetem aos smartphones conectando redes, mais do que vinculando um indivíduo a uma rede.

Pontos semelhantes se aplicam se deixamos de lado a noção de que os smartphones articulam pessoas assim como servem de um "eixo de controle" para associar coisas. Por décadas, fomos avisados de que estávamos prestes a vivenciar algo chamado a "Internet das Coisas"[28] como uma mudança significativa em nossas vidas, levando a novas preocupações com questões potenciais de segurança[29]. Muitas das afirmações referentes à "Internet das Coisas" refletem o entusiasmo dos desejos comerciais. Mesmo que o cenário ainda esteja longe de florescer, já se pode observar os primeiros sinais em Dublin. Em raras ocasiões, pessoas manuseavam os smartphones para controlar aparelhos domésticos, como ligar os sistemas de aquecimento, visando preparar o ambiente para quando chegassem em casa, ou ser capaz de verificar os sistemas de segurança durante uma viagem. As primeiras campainhas com vídeo estão sendo instaladas. Hoje, é relativamente comum, para os habitantes de Dublin, vincular o smartphone ao carro via Bluetooth, o que permite longas conversas enquanto se dirige. Um homem, por exemplo, mantém a rotina de conversar com a irmã à distância, enquanto dirige de volta para casa, após visitar o pai já idoso. Assistentes inteligentes ainda não são muito usadas de modo associado a outros aparelhos. Alguns falam com a Siri, e, embora muitas pessoas, em Dublin, possuam Alexa, é quase que invariavelmente relegada, na prática, à posição de um rádio acionado por voz. Tudo isto ainda é bastante limitado, embora sugira que o smartphone tem por destino ganhar mais importância como um tipo de eixo de controle remoto para interagir com outras tecnologias, como uma rede.

Conclusão

A adoção do termo "contexto" no título desse capítulo não tinha o intuito de criar um panorama de base, ou uma introdução ao livro antes de

chegarmos à *pièce de résistance*. Os conteúdos aqui apresentados, assim como os do capítulo 2, descrevem, de fato, componentes importantes do que são os smartphones e as consequências da sua popularidade. Este capítulo nos auxilia na compreensão dos impactos dos smartphones enquanto objetos materiais. Seu valor pode ser utilizado para expressar status, ou nos expor ao furto. Seus custos podem ser um fardo considerável para pessoas com rendas mais baixas. Para alguns dos proprietários, smartphones transformam suas relações com tecnologias de tela irmãs, como laptops, tablets e a televisão.

Quando smartphones são partilhados, ajudam a constituir relações entre casais, e em relação a terceiros. Trata-se de relações mútuas, o que explica por que nosso termo para a etnografia, contextualização holística, é tão importante. A expressão claramente implica a reciprocidade do contexto. Relações entre maridos e esposas podem ser o contexto para entender o uso de smartphones, mas smartphones se tornaram parte da vida cotidiana que abrange como os próprios casais lidam consigo mesmos. No caso da família Huang, em Xangai, a questão ia além do simples uso de diferentes telas. Era, sobretudo, através do entendimento das relações internas entre aparelhos, que podíamos dimensionar tanto a natureza das relações domésticas quanto as mudanças nas operações de família, na medida em que telas permitem a incorporação de parentes que não moram no mesmo domicílio.

Antes, as paredes do espaço doméstico criavam uma divisão entre quem vivia dentro, e a família externa, em outras residências. Apenas as fotografias expostas revelavam a esfera mais ampla. Hoje, porém, através dos usos de múltiplas telas como polimídia, parentes menos próximos podem participar de dentro do espaço doméstico, aparecendo regularmente em links de WeChat ou de vídeo. Podemos, então, nos perguntar se a incorporação da família estendida é algo novo – ou o retorno de um modelo mais tradicional, vivenciado na China antes das migrações para as urbes? Deve-se dizer que a Ecologia das telas contribui para explicação das dinâmicas familiares tanto quanto a Ecologia social.

De modo similar, questões de custo e acesso não resumem apenas o aspecto econômico dos smartphones – assim como suas implicações tampouco se limitam a entender quem consegue usar o que. Ambas refletem e impactam relações mais amplas de desigualdade e poder. Uma pessoa dependente dos vizinhos para carregar, ou mesmo acessar um celular está à mercê de insultos e humilhações. Apetrechos digitais podem ser tornar abismos. Temos, de um lado, aqueles que podem acessá-los e, consequentemente, participar de comunicações globais – algo realizado pelo smartphone ao unir famílias migrantes, independentemente da sua

localidade. Do outro lado, estão aqueles que não podem arcar com o acesso, ou a quem faltam o conhecimento e as habilidades. Não seguem estáticos frente à tecnologia, mas tendem a se converter em uma subclasse iletrada digitalmente, em comparação aos pares. De modo contrastante, tal situação, em Bento, pode criar redes positivas de cuidado, na medida em que as pessoas buscam o auxílio de amigos, criando a solidariedade da interdependência. Pensar em termos de contexto é especialmente importante para um aparelho como o smartphone – que pode se tornar um tipo de eixo de controle, a partir do qual se organizam uma proliferação de tecnologias e de outras pessoas. Poucos objetos já estiveram tão imbricados em nossas vidas e relações cotidianas, como o smartphone está hoje. Por isso, o contexto realmente importa.

Notas

1 Em seu trabalho sobre redes sociais no sul da Itália, Nicolescu mostrou como estilo e aparência são percebidos quase como dever cívico, em relação a fazer jus à reputação dos italianos, mais do que um simples projeto um individual. Vide Nicolescu 2016, 121–48.
2 Fortunati 2013.
3 Loja de aplicativos para sistemas Android [N.T.].
4 O termo "domesticação" faz referência a uma teoria muito mais ampla sobre domesticação das mídias, para a qual ver Silverstone e Morley 1992, 16–22.
5 Holroyd 2017.
6 National Information Technology Authority (NITA) 2018.
7 National Information Technology Authority (NITA) 2018.
8 Vide Deloitte 2016, 4.
9 Segundo um *survey* com 50 respondentes, organizado por Charlotte entre setembro e dezembro de 2018, para domicílios com 5,6 habitantes em média, 1 homem e 0,65 mulheres possuíam celulares, sendo uma média de 0,9 homens e 0,6 mulheres como proprietários de smartphones. Os donos de smartphones no domicílio tinham, em média, 31 anos, enquanto os donos de celular tinham, em média, 38 anos.
10 Kampala dispõe de um acesso melhorado às telecomunicações, à eletricidade e à infraestrutura de internet, em comparação com as áreas rurais. Vide Namatovu e Saebo 2015, 38.
11 WeAreSocial 2018.
12 Kyodo News Agency 2019.
13 No sentido literal, "airtime" se refere a tempo de difusão, ou, no caso dos celulares, um pacote de dados limitado por uma franquia. Nesse sentido, o acesso à internet não dispõe de uma barreira temporal, mas sim de um volume máximo de dados adquirido por cada cartão de recarga (por ex: 80 Mb) [N.T.].
14 WeAreSocial 2018.
15 Para pesquisas sobre o uso da internet nos Camarões em 2018, vide WeAreSocial 2018 e a segunda parte do artigo Mumbere 2018.
16 Alguns aplicativos da Apple Store não estão disponíveis para todos os países, já que a loja impõe restrições geográficas. Se um usuário não vier de um "país disponível", não conseguirá baixar e/ou acessar o jogo ou aplicativo em questão. Isto tende a frustrar os usuários destas regiões.
17 Hobbis 2020.
18 Após o Acesso, em tradução livre [N.T.].
19 Donner 2015, 215.
20 Spadafora 2018.
21 Madianou e Miller 2012, 125–39.

22 Trata-se de nosso uso específico do termo Ecologia Social, e não pretendemos nos referir a outros usos do mesmo termo (ver, por exemplo, Ling 2012).
23 O grupo étnico dos Baganda é oriundo de Buganda, o maior reino tradicional do Uganda contemporâneo. Baganda também se refere a uma cultura musical elaborada pelo povo ugandense.
24 Etnografia de Burrell no sudoeste rural de Uganda (2010).
25 Rainie e Wellman 2014.
26 Miller et al. 2016, 181–92.
27 Competição anual na Irlanda, em que as cidades participantes mais bonitas recebem um prêmio pelo esforço em aprimorar a qualidade de vida dos residentes [N.T].
28 Há, por exemplo, um periódico chamado IEEE Internet of Things Journal. Está disponível em: https://ieeexplore.ieee.org/xpl/RecentIssue.jsp?punumber=6488907. Vide IEEE 2020.
29 Li et al. 2017.

4

Dos aplicativos à vida cotidiana

Campos: Bento – São Paulo. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi – Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

Introdução: começando por uma via que não a dos aplicativos

Ao examinarmos um smartphone, somos tentados a imaginar que o aparelho consiste, em essência, em uma máquina de aplicativos, redutível aos numerosos exemplares que contém. Os aplicativos, por sua vez, podem ser entendidos como mecanismos que alinham o smartphone a algum propósito específico, associado ao app em si. Se assim fosse, a resposta à pergunta "o que é um aplicativo?" iria de encontro a uma das principais questões do nosso projeto: o que é um smartphone? A abordagem etnográfica, porém, se debruça sobre a questão a partir do uso observável destes dispositivos, e não do seu uso potencial. Com base nessa premissa, o presente capítulo se desdobrará como um relato orientado às tarefas, e não aos aplicativos. Para conseguir cumprir suas tarefas, as pessoas podem combinar partes específicas de vários apps[1].

O capítulo abordará, ainda, externalidades de clara relevância. Estas últimas são obras de desenvolvedores, que, embora não apareçam nas etnografias em si, têm suas criações – tanto os aplicativos como a visualização de tarefas – explícitas no smartphone. Continuaremos, ademais, nossas reflexões sobre smartphones enquanto objetos materiais, como vimos no capítulo 3. Aplicativos também são objetos; aparecem sob a forma de ícones nas telas dos aparelhos, ganham vida ao serem tocados. Enquanto ícones, aplicativos podem ser remanejados para telas diferentes e organizados em pastas, de acordo com interesses específicos, as suas

funções ou a frequência de uso. Há, ainda, uma grande variância em relação ao uso de cada app para fins gerais ou particulares – e elas também serão discutidas ao longo do capítulo.

Se nossa abordagem progride dos aplicativos rumo às tarefas cotidianas, a trajetória em questão reflete uma de nossas metodologias centrais – desenhada para que se obtenha uma cobertura abrangente dos apps. Contudo, justamente porque a metodologia tomou a forma de histórias sobre estes usos, os apps se converteram instantaneamente, deixando de ser tecnologias isoladas dentro do smartphone, e sendo vistos mediante um contexto da vida cotidiana. Ao seguir esta trajetória, o capítulo envereda para o caminho dos aplicativos ditos "de uso ordinário", ao focar em um caso específico: os empregos de apps em relação à saúde. Nossas conclusões reforçam, portanto, a compreensão dos aplicativos a partir de como são utilizados, e não de suas propriedades tecnológicas. Via de regra, aplicativos associados à saúde não foram elaborados com este fim. Não pretendemos sugerir que o uso se opõe ao desenvolvimento. Em vez disso, revelamos que muitos aplicativos – assim como os próprios aparelhos – foram desenvolvidos de modo tão amplo, que suas possibilidades de manejo emergem apenas quando olhamos através do prisma da imaginação criativa dos usuários.

As entrevistas sobre aplicativos

Durante o planejamento das etnografias pela equipe como um todo, combinou-se que cada pesquisador entrevistaria ao menos 25 participantes, abordando os aplicativos de smartphone de cada um. As entrevistas deveriam seguir um procedimento específico. Em vez de conversar com as pessoas sobre seus usos do smartphone de modo abstrato ou genérico, pediu-se aos interlocutores que mostrassem todos os aplicativos existentes em seus smartphones, percorrendo tela após tela, para, em seguida, discutir cada um dos apps (Fig. 4.1). No caso dos aparelhos de sistema operacional Android, isto incluía tanto as telas iniciais como o *navigation drawer*[2] dos aplicativos que o apresentassem.

Este método foi essencial, pois, na medida em que os aplicativos eram sistematicamente inspecionados, era comum ouvir dos participantes a observação de que tinham esquecido a frequência com que usavam um app ou outro. Assim como ocorre em boa parte da vida cotidiana, os pontos em questão são tomados como certos e a memória precisa ser incitada. Apontar para um aplicativo na tela do smartphone fazia, muitas vezes, com que viesse à tona uma história, ou uma discussão, que não

Figura 4.1 Tela típica de um aparelho Samsung Galaxy, com diversos aplicativos à mostra. Fotografia de Daniel Miller.

teriam ocorrido sem esse estímulo inicial. Sem a inspeção de cada aplicativo de cada smartphone, provavelmente não teríamos realizado nosso levantamento abrangente do panorama de tarefas, que, hoje, têm estes aparelhos envolvidos em algum grau. O método também nos proporcionou uma noção de quantos aplicativos eram, de fato, usados, e quais, como mostrado em duas imagens de síntese.

O gráfico (Fig. 4.2) apresentado na página 87 baseou-se em dados de 30 participantes de Xangai, com, em média, 59 anos de idade. Nele, sugere-se que, quanto maior a idade das pessoas, menor o número de aplicativos utilizados. Mas é possível que, conforme o grupo hoje pertencente à meia-idade envelheça, as discrepâncias diminuam. Para o grupo como um todo, o número médio de aplicativos em uso é de 24,5. Na página XX, o primeiro gráfico associa estas informações a idade e gênero, enquanto o segundo (Fig. 4.3) indica quais aplicativos são os mais comuns para a amostra em questão.

No caso de Dublin, coletou-se 57 entrevistas desta modalidade, considerando os dois campos combinados, e a idade dos participantes variava entre quatro e oito décadas de vida. Assim como no campo de

Média de aplicativos em função de diferentes faixas etárias (em décadas) e grupos de gênero, no campo etnográfico de Xangai

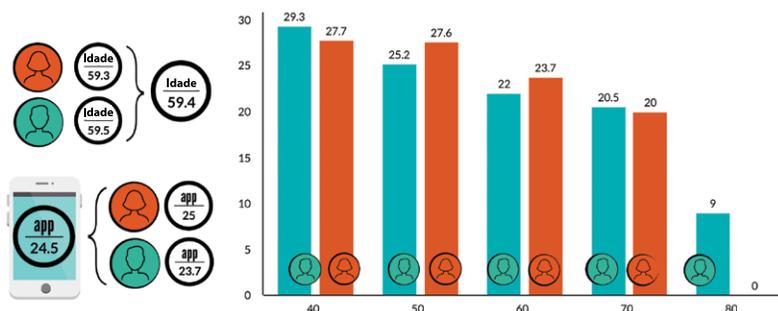



Figura 4.2 Número médio de aplicativos, para faixas etárias e gêneros variados, no campo de Xangai. *Survey* realizado por Xinyuan Wang, com participantes da pesquisa, em 2018.

Os 10 aplicativos mais usados por 30 participantes da pesquisa, em Xangai

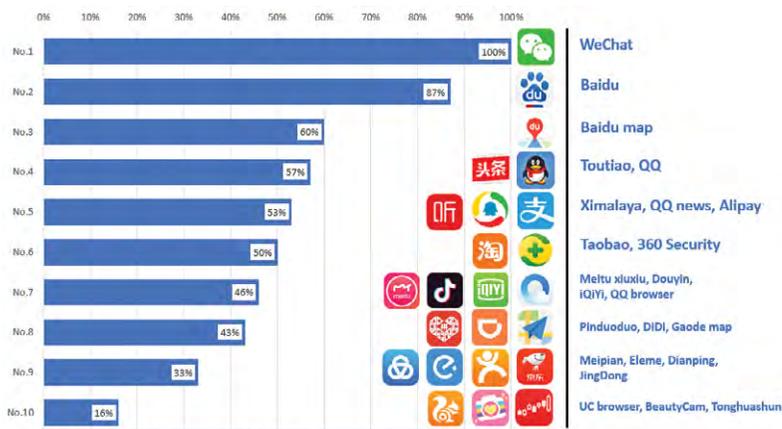



Figura 4.3 O gráfico acima representa os 10 aplicativos de uso mais corriqueiro, a partir de uma amostra de 30 participantes da pesquisa de Xinyuan Wang, no campo de Xangai[3].

Xangai, a pesquisa incluiu unicamente os aplicativos de fato usados, desconsiderando aqueles apenas presentes no smartphone. Antes de considerarmos os aplicativos em si, há que constatar o uso praticamente generalizado de algumas funções embutidas dos aparelhos. Seriam estas a câmera, o sistema de relógio/despertador, a lanterna, o viva-voz e as

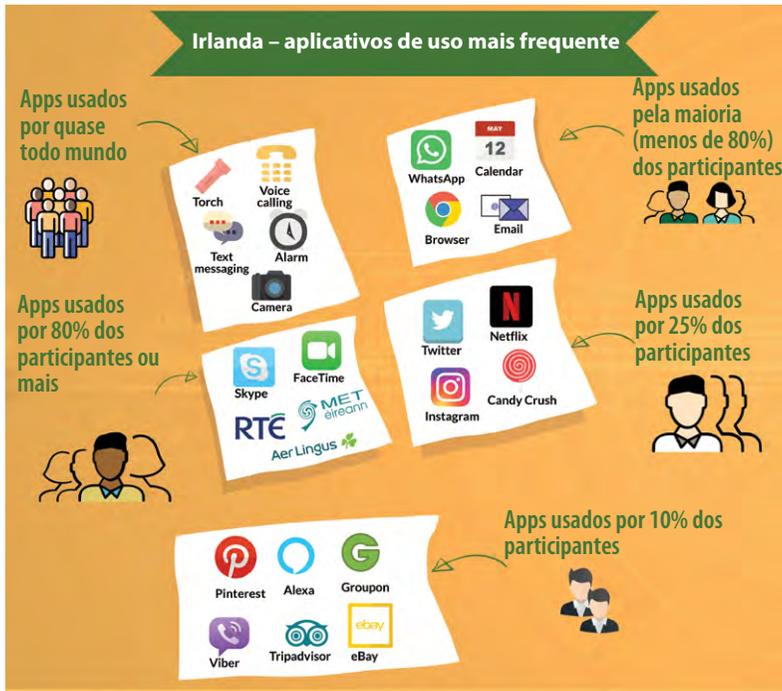



Figura 4.4 Seleção de aplicativos de uso mais comum nos campos irlandeses, com base em 57 entrevistas. A ilustração não é exaustiva. Design gráfico criado por Georgiana Murariu.

mensagens de texto. Em seguida, temos os aplicativos manuseados por ao menos 80% dos usuários, incluindo o WhatsApp, um aplicativo de email como o Gmail, um calendário e um navegador, como Chrome ou Safari. Uma parcela entre 50 e 80% dos participantes utilizava aplicativos de transporte, como Dublin Bus e Irish Rail; de notícias, como RTÉ News, Journal.ie, BBC, The Irish Times, o Independent ou o Guardian; de previsão do tempo, como Met Eireann ou YR; de fotografias, como o Gallery ou o Google Photos; de rádio, como RTÉ Radio; de linhas aéreas, como RyanAir ou Aer Lingus; de conversa via videochamada, como o Skype ou o Facetime; de música, como o Spotify ou o iTunes; e mapas, como o Google Maps; além do Facebook, o Facebook Messenger e o Youtube. O infográfico (Fig. 4.4) inclui, ainda, exemplos de aplicativos de uso menos corriqueiro.

Tipicamente, um usuário mais velho pode manusear de 25 a 30 funções e aplicativos, somados, em seu smartphone. Pessoas mais novas,

nos mesmos campos, chegavam a 100 aplicativos, com uma proporção muito maior dos mais jovens usando muitos dos apps listados acima.

Talvez o leitor tivesse a expectativa de que apresentaríamos mais resultados quantitativos. Ao realizarmos, porém, este exercício de pesquisa, sentimos que os dados seriam melhor entendidos como visualizações de observações essencialmente qualitativas. O real benefício das entrevistas consistiu nas histórias em profundidade e nos relatos de uso produzidos a partir delas. Este material, se percebido como dado quantificado, pode se tornar errôneo. Os motivos para isso incluem, entre outros, o problema de definir com exatidão no que consiste afirmar que um aplicativo é, ou não, usado. Um aplicativo pode ter sido baixado por uma das crianças da família, por exemplo. Em muitos casos, foi baixado para uso único, e depois nunca mais acionado; ou talvez até mobilizado duas ou três vezes, dado que os relatos tendiam a soar vagos sobre a questão. As pessoas podiam dizer que não tinham manuseado um aplicativo, para, em seguida, lembrar de repente de muitas ocasiões em que o tinham usado. Em segundo lugar, um aplicativo pode ser apenas uma dentre muitas formas de acesso. No caso de alguém ter o aplicativo do Tripadvisor baixado no celular, mas afirmar que acessa o serviço sobretudo via navegador, o uso do aplicativo deveria ser considerado, ou não?

Em terceiro lugar, há todas as complicações compiladas no capítulo 3, nos subitens de “Ecologia Social” e “Ecologia das Telas”. Se alguém não dispõe de aplicativos de internet banking, porque este tipo de atividade é realizado pelo cônjuge ou parceiro, haveria uma presença indireta destes apps no smartphone em questão? Se os aplicativos são acessados no iPad, e não no celular, podemos considerar o acesso como feito via smartphone? Ou esta ação soaria irrelevante para o uso do celular em si? Por esses e outros questionamentos, tanto ao longo deste capítulo como no livro como um todo, tendemos a apresentar reservas quanto à exposição de resultados quantificados, e a privilegiar seus aspectos qualitativos. São os detalhes de como se lida com os aplicativos, e as consequências desses manuseios, que importam – não tentar definir com precisão no que consiste, ou não, no uso, ou o cálculo exato de percentuais sobre grupos de usuários, de todo modo, bastante pequenos e específicos.

Solucionismo escalável

Todos esses pontos levam à indagação sobre o que é, de fato, um aplicativo. O termo “app” em si pode ser errôneo, na medida em que agrega uma fauna muito diversa. Um aplicativo é frequentemente melhor

entendido como um tipo de zoológico, e não uma criatura singular. Um livro recente, *Appified*[4], nos ajuda a esclarecer este ponto. Cada um de seus 30 capítulos se dedica a um aplicativo distinto, como deixam transparecer os seus títulos. Temos o capítulo “Hoje é terça?”[5]. Este aplicativo consiste numa piada interna, na medida em que responde apenas se o dia da semana em questão é terça-feira ou não (Fig. 4.5). Até aqui, ele tem respondido à pergunta com acurácia. Tal app revela como usamos humor e ironia para remeter à nossa percepção de uma nova cultura de aplicativos – percepção, esta, que talvez possa ser sintetizada pela frase “tem um app para isso”. Como observa o autor do capítulo, se, da perspectiva do martelo, tudo aparece como um prego, então, para o desenvolvedor de aplicativos, tudo aparece como um problema passível de ser resolvido via apps. As observações levam o autor a discutir tópicos como micro funcionalidade e solucionismo.

Figura 4.5 Captura de tela do aplicativo “Hoje é terça?” para iPhone. A tela mostra quantas vezes o usuário verificou se o dia em questão é terça feira, assim como quantas vezes a pergunta foi feita ao redor do mundo, no mesmo dia. Captura de tela realizada por Georgiana Murariu.

Na ponta oposta do espectro, um aplicativo chinês é discutido em outro capítulo do mesmo livro[6]. Abrangendo desde rede sociais até o pagamento de contas de água, o WeChat é a versão derradeira do canivete suíço aplicado ao mundo dos aplicativos, dispondo de muito mais funções do que, por exemplo, o Facebook. O autor deste capítulo argumenta a favor da existência de motivos específicos para que aplicativos de mensagem, baseados em envio de texto, tendam a desenvolver as funcionalidades incrementais que estão por trás de seu sucesso. Aplicativos neste formato fomentam uma infraestrutura subjacente, que pode, em seguida, se converter em praticamente qualquer coisa a ser requisitada pelos usuários, desde uma solução de pagamentos até marcar uma consulta médica, passando por centenas de outras aplicações que, em outras circunstâncias, teriam sido representadas por um app isolado.

Na literatura com maior foco em tecnologia, tende-se a enfatizar o termo "affordance"[7], ou seja, considerar que o design de um aplicativo fará com que os usuários estejam propensos a manuseá-lo de modos específicos. De uma perspectiva etnográfica, contudo, o aplicativo consiste apenas *naquilo que os usuários dele fazem*. É, portanto, igualmente importante observar o processo oposto, partindo da complexidade e indo rumo à simplicidade: é o caso do apreciador de vinho que possui um canivete, mas dele usa apenas o saca-rolhas. Quando Alfonso, por exemplo, ensinava pessoas chilenas mais velhas a usar o smartphone, em Santiago do Chile, descobriu que, para alguns alunos, o YouTube se reduzia, em termos de uso diário, a uma única funcionalidade – tocar música. Durante sua pesquisa no Brasil, Marília descobriu que um dos participantes, em Bento, utilizava o Facebook apenas como um lembrete de aniversários.

Adotaremos o termo "solucionismo escalável" para nos referirmos a ambos os argumentos. Primeiro, os dois aplicativos mencionados – "Hoje é terça?" e WeChat – representam dois extremos: de um lado, o app com uma única micro função, e, de outro, aquele que aspira ser multifuncional. A maioria dos casos fica em algum lugar entre os dois. Eis uma forma de Solucionismo Escalável. O termo também se aplica a um fator igualmente importante, discutido no parágrafo anterior. Isto sugere que um aplicativo não se resume ao que foi criado por seus designers, nem ao que estes tiveram intenção de fazer. Via de regra, cada usuário detém um problema que quer resolver, ou tem em mente uma tarefa específica. Para cada um deles, o aplicativo é simplesmente parte do potencial relevante para suas preocupações, e que pode se tornar a totalidade do app.

A escolha do termo "solucionismo" é relevante, porque o termo remete a uma outra consequência importante da ascensão da cultura dos apps. O estudo de infraestrutura digital e de startups elaborado pela antropóloga Katrien Pype nos fornece um exemplo. Ela trabalha em

Kinshasa, na República Democrática do Congo, onde observa mais do que simplesmente como as pessoas fazem e usam aplicativos. Pype defende que a ascensão das tecnologias digitais tem impactado, de modo mais amplo, como as pessoas vêem o mundo ao redor delas[8]: teria impulsionado, de fato, um conceito de solucionismo. Há, hoje, em Kinshasa, todo um discurso sobre "solucionabilidade", conceito que reverbera com as narrativas de ajuda ao desenvolvimento, mas que é também, atualmente, internalizado como a promessa de soluções digitais para vários apuros urbanos. Eis então um exemplo local do que Morozov expôs, em seu livro *To Save Everything, Click Here*[9], como uma tendência global rumo ao solucionismo tecnológico[10].

A implicação acompanha os pontos do capítulo 2, ao reconhecer que uma das consequências importantes dos smartphones ocorre no campo do discurso, e não naquele do uso. Desenvolvimentos no campo da tecnologia digital têm criado uma linguagem nova e também novas expectativas. Hoje, as pessoas tendem a ver o mundo um pouco mais através das lentes da resolução de problemas e da imaginação favorável ao "vivre mieux" (viver uma vida melhor). Tais pontos estão embutidos em discursos oficiais sobre tecnologias, assim como na ideia das "cidades inteligentes". Ainda assim, esta visão utópica, quando situada na República Democrática do Congo, se revelava muito distante da experiência prática das pessoas, de baixa infraestrutura e restrições ao acesso à internet. Quando se trata de encontrar soluções de fato, as pessoas recorrem ao "smart desde a base", um conceito também desenvolvido por Pype.

Como o mundo mudou o app

O resultado óbvio de uma perspectiva "smart desde a base" seria o fato que aplicativos são acionados conforme as questões locais e culturais vigentes. O livro comparativo do projeto *Why We Post* (Por que postamos) foi nomeado Como *O Mundo Mudou As Redes Sociais*[11]. Este título acompanhou a observação de que, longe de termos um mundo homogeneizado pelas redes sociais, cada campo etnográfico dispunha de usos distintos de uma mesma plataforma. O projeto, por sua vez, era posterior à publicação *Tales from Facebook* (Contos do Facebook)[12], que examinava as facetas dos usos desta rede social pela população de Trinidad e Tobago. O Facebook veio a incorporar várias das características da sociedade trinitária. Assim, a menos que se entenda termos como "commess" e "bacanal", que se refere

às maneiras específicas segundo as quais a fofoca e o escândalo operam no país, não é possível entender o Facebook trinitário com propriedade.

As diferenças se evidenciam ainda mais quando comparamos, diretamente, os elementos visuais postados em Trinidad e Tobago e na Inglaterra[13]. O projeto *Why We Post* apontou uma variedade parecida com aquela encontrada nos diversos campos etnográficos deste livro. Por exemplo, brasileiros de baixa renda talvez postem retratos deles mesmos, perto de piscinas e em academias de ginástica, para mostrar suas aspirações, enquanto chilenos de baixa renda seguiam o ethos oposto, ao ver o Facebook como um lugar para expor a realidade de suas vidas, tal como é[14]. Reconhecer a importância das diferenças culturais no uso das redes sociais também se aplica aos smartphones. Não se trata apenas de identificar que, em uma região, pessoas usam o WhatsApp, e, em outra, o WeChat. Há diferenças regionais sobre como uma mesma plataforma, tal como o Facebook, é manuseada, a ponto de os etnógrafos lidarem com vários Facebooks, e não apenas um.

Uma faceta desta diversidade não deriva das diferenças no uso de um mesmo aplicativo, mas da forma como as pessoas combinam os apps ao realizarem tarefas. Um distanciamento dos aplicativos é particularmente importante ao trabalharmos com pessoas mais velhas. Podemos demonstrar este ponto através do exemplo de Fernanda, de Bento. Extremamente organizada e responsável pelos orçamentos familiar e de seu próprio negócio, Fernanda insere toda a sua lista de afazeres no calendário do smartphone, incluindo contas a pagar. A maioria dos boletos vem por email. No dia correto, acessa o aplicativo do banco para realizar o pagamento, e compartilha os comprovantes, como, por exemplo, de seu proprietário do apartamento, via WhatsApp.

Nada disso é inusitado. Outros casos, contudo, realizam um by-pass do aplicativo óbvio para realizar uma tarefa, e seguem um caminho tortuoso para cumpri-la. Susana, por exemplo, é uma migrante venezuelana em Santiago, e não usa internet banking. Quando quer pagar uma conta, dá um google no nome do banco, acessa o website e realiza o pagamento. Ernestina consegue complicar ainda mais as coisas. Precisa encaminhar um boleto por email para a irmã, mas não sabe como fazê-lo. Então tira uma foto do boleto a partir do aplicativo de email. Em seguida, aciona o aplicativo de galeria de fotos, e compartilha a imagem com a irmã via WhatsApp. Frequentemente, o fato de não saberem usar "direito" um aplicativo levava as pessoas mais velhas a serem altamente criativas ao adaptarem outros apps. Elas deixam claros os motivos pelos quais apenas listas as "affordances" de aplicativos, de forma isolada, não nos levaria

muito longe. Estas pessoas não estão preocupadas com aplicativos, mas com pagar boletos. Para realizar essa tarefa, usam combinações de apps que talvez não tenham sido imaginadas, a princípio, pelos desenvolvedores. Tais exemplos, contudo, são excepcionais. Para discutir a questão de modo abrangente, a próxima seção examina todo um tipo de uso de aplicativos.

A saúde para além do solucionismo

O presente projeto de pesquisa começou na forma de um engajamento para auxiliar na facilitação de iniciativas no âmbito da mHealth. Assim, acompanhou-se a literatura da área, cuja principal preocupação é com o atual desenvolvimento de aplicativos sob medida em smartphones[15]. Tipicamente, pode se tratar de aplicativos para checagem de sintomas, exercícios de reabilitação, ou, ainda, da melhora do sono ou do preparo físico. Em outras palavras, temos na mHealth um perfeito exemplo de solucionismo, baseado na esperança de que, para cada problema de saúde, exista um aplicativo em potencial, que consiga, ao menos, contribuir para um avanço rumo a uma solução. Os resultados desta parte do projeto serão publicados em outro espaço, mas a intenção original da pesquisa foi rapidamente minada pelo que encontramos, enquanto etnógrafos.

Decidimos focar na mHealth na medida em que a faixa etária visada estava, ela mesma, sendo cada vez mais afetada por questões de saúde. Em pouco tempo, porém, constatou-se que a adesão a aplicativos de mHealth não era muito expressiva. Em um levantamento realizado por Alfonso, por exemplo, em um centro cultural para adultos mais velhos em Santiago, descobriu-se que, dos 64 participantes, 52 (81% do total) não usavam este tipo de app de saúde. Dentre aqueles que de fato utilizavam aplicativos associados à saúde, não se identificou nenhum app biomédico, como os que, via de regra, são considerados parte da mHealth. Em muitos dos campos etnográficos, os aplicativos associados à saúde de modo mais evidente poderiam ser quase todos considerados como um tipo de "soft health"[16], como contagem de passos, meditação ou apps ligados a dietas. Em Dar al-Hawa, Laila e Maya constataram, de modo similar, que nenhuma dentre 27 entrevistadas (todas com mais de 40 anos) usava aplicativos de mHealth, embora já tivessem, vagamente, ouvido falar deles. Hala, por exemplo, conhecia um aplicativo de uma clínica de saúde local, e usava seu smartphone para entrar em contato com o lugar; não via, contudo, razão para baixar o aplicativo, já que morava nas suas proximidades.

Ainda assim, estas pessoas mais velhas estavam usando aplicativos para lidar com questões de saúde *num grau maior* do que o imaginado a princípio. Elas apenas não seguiam a rota solucionista de identificar o aplicativo desenhado para um problema de saúde específico. Em vez disso, adaptavam, combinavam e tornavam relevantes aplicativos que usavam para outros propósitos. Em Iaundé, 19 de 65 participantes de pesquisa (29%) afirmaram usar com frequência aplicativos ligados à saúde. Poderia ser um aplicativo customizado, caso pré-instalado, como um contador de passos. Mas, sobretudo, tratava-se de aplicativos generalistas. Via de regra, os usos de smartphone com fins de saúde se distribuem em três categorias: aqueles associados à nutrição, aqueles associados ao esporte e ao fitness, e aqueles associados às tarefas médicas, como rastreio do sono ou de medicações. Um uso comum de smartphones consiste em googlar e pesquisar no YouTube sobre plantas medicinais e outras informações vinculadas à saúde. A variedade pesquisas sobre plantas se estendia desde uma mulher, usuária de uma planta chamada Rei das Ervas para tratar problemas de pele, assim como citronela e azeite de dendê para dores de estômago, até outra, para quem as folhas de goiabeira serviam como cura de problemas de tireoide. Um ex-executivo da área de gestão pede, regularmente, em seu grupo de WhatsApp, informações e dicas sobre reumatismo e câncer de próstata, dois dos problemas de saúde mais comuns nesta população.

Este curta-metragem (Fig. 4.6) ilustra o uso de smartphones para fomentar medicinas tradicionais.

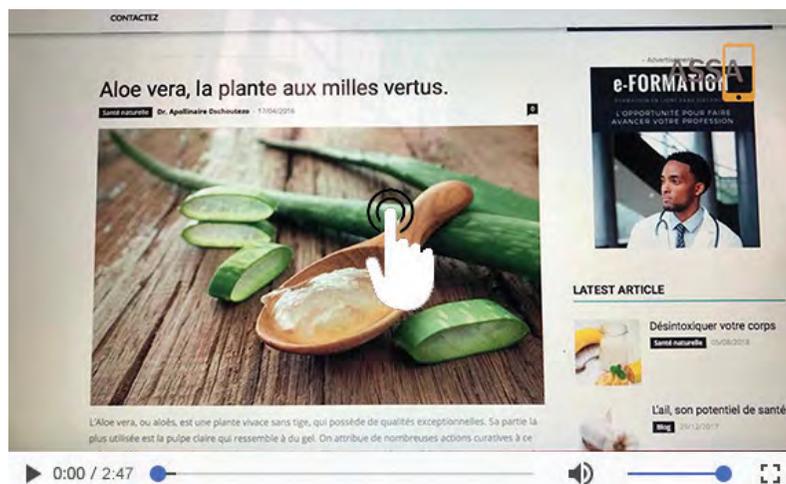



Figura 4.6 Filme: Cuidados de saúde em Iaundé. Disponível em http://bit.ly/healthcareyaounde.

De modo similar, o principal aplicativo "de saúde" utilizado pelas pessoas mais velhas de Dar al-Hawa são os grupos de WhatsApp de que participam, em que são encaminhadas mensagens sobre como fazer dieta corretamente e esportes para a terceira idade. Também circulam mensagens sobre diabetes, doença com alta incidência em meio à população árabe[17] de al-Quds. Pode haver um crescimento do número de mensagens desse molde logo antes de um dos muitos feriados, na medida em que, nessas ocasiões, aumenta a propensão das pessoas a comer doces.

Um tipo de aplicativo associado à saúde, desenhado sob medida, utilizado em alguns campos, era aquele fornecido por seguradoras. Eles possibilitam, por exemplo, que fotografias das notas fiscais sejam enviadas via app, acelerando o pagamento de reembolsos, como observamos em Dublin. Em contrapartida, em Bento, as pessoas em geral padeciam ao lidar com apps que lhes permitissem, por exemplo, marcar consultas; contornavam essa solução ao usar configurações de outros aplicativos. Em Bento, Sandra usa o Sistema Único de Saúde (SUS) e tentou utilizar o Agenda Fácil – que, além de marcar consultas na rede pública de saúde, também gera uma versão digital do cartão do SUS. Como, todavia, acha o aplicativo difícil de usar, Sandra tira uma foto do cartão e salva a imagem em uma pasta do Google Drive. Ao comparecer às consultas, abre o arquivo e mostra a foto do cartão, na tela do smartphone.

Os aplicativos, talvez, nem mesmo sejam a chave para o desdobramento do smartphone com usos para fins de saúde. Em Lusozi, o impacto crucial dos celulares em relação a este setor vem das transações financeiras. As chamadas de voz e o dinheiro móvel são os usos mais comuns dos celulares, muitas vezes conectando as pessoas aos seus parentes, em aldeias distantes. Uma ligação pode ser feita para "checar" o estado dos parentes, ou para solicitar auxílio financeiro, que, então, pode ser rastreado com uma transferência via dinheiro móvel.

Em dois levantamentos distintos, Charlotte indagou às pessoas sobre suas três últimas ligações telefônicas: com quem foram, o objetivo da chamada e a sua duração. Ao todo, 195 respondentes trouxeram informações sobre 585 chamadas. O gráfico abaixo (Fig. 4.7) debulha os principais intuitos das ligações em questão. Muitas consistiam em buscar ou enviar "ajuda", por vezes em forma de dinheiro, por vezes em forma de comida; as pessoas explicavam que "ele queria a minha ajuda" ou que "ela ligou para enviar dinheiro para a minha irmã, em casa". Considerando ambas as categorias, checar o bem-estar dos parentes ou enviar dinheiro, muitas das chamadas se associavam à saúde. Ademais, 16% das chamadas telefônicas foram realizadas unicamente por motivos de saúde. Isto inclui 60 ligações para se atualizar sobre a saúde da família: "ela estava doente,

Figura 4.7 Diagrama das últimas três ligações telefônicas entre participantes de Lusozi, Kampala. Survey realizado por Charlotte Hawkins.

então liguei para saber como ela acordou", ou "ele estava me contando sobre a doença do pai". Outras 23 se dirigiram diretamente a profissionais de saúde, sendo 15 médicos e 8 enfermeiras. Descreveu-se o objetivo das ligações como "checando informações", "ligando para confirmar o medicamento" ou "para saber se minha saúde estava melhor".

O dinheiro móvel é frequentemente elogiado como um exemplo de adaptação tecnológica a requisitos "básicos", oferecendo flexibilidade financeira e conexão[18]. Em Lusozi, a prática já faz parte do dia a dia, como, por exemplo, ao cuidar, à distância, da saúde de parentes mais velhos. Quase todos os participantes do campo em questão usam dinheiro móvel. Só em Lusozi, há 33 vendedores de dinheiro móvel, tornando-o a forma mais conveniente e acessível de transferir fundos e lidar com bancos. O remetente de dinheiro leva o montante em espécie para o agente, que, através do seu smartphone, organiza a transferência para o celular do destinatário. Charlotte também perguntou aos participantes sobre as três últimas vezes em que tinham enviado ou recebido dinheiro móvel. Das 130 ocasiões lembradas, 37 (28%) foram para "ajuda", o que incluiria desde dinheiro para sustento, comida, mesada ou presentes. Outras 32 (25%) foram para fins de saúde, o que

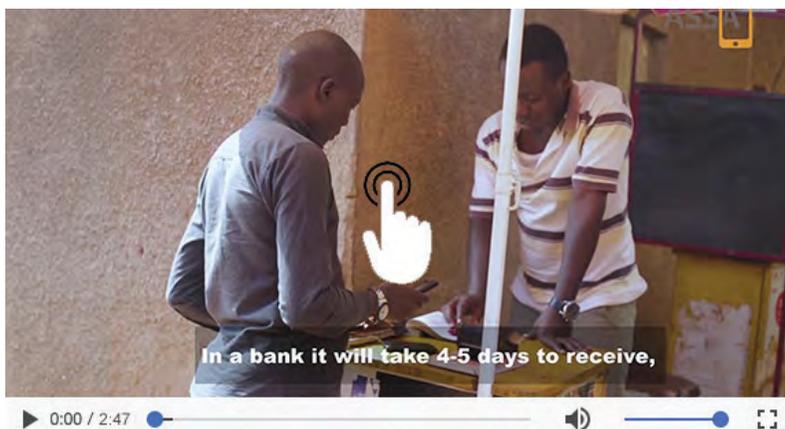



Figura 4.8 Filme: dinheiro móvel em Uganda. Disponível em http://bit.ly/mobilemoneyuganda.

incluiria contas de hospital, medicamentos, transporte para o hospital e custos cirúrgicos.

Explicamos os modos de uso do dinheiro móvel no curta metragem disponibilizado (Fig. 4.8).

As evidências etnográficas complexificam pressupostos de que as tecnologias dotcom estejam, de fato, facilitando um aumento do individualismo e do egoísmo. Em vez disso, este exemplo aponta como o dotcom pode facilitar as obrigações familiares e o respeito, mesmo à distância. Uma mulher explicou que é a única pessoa a fornecer dinheiro para os pais, em casa. Recentemente, enviou dinheiro a sua mãe, que sofreu de uma úlcera estomacal, para que ela fosse ao hospital. Uma pessoa mais velha de uma aldeia observou que "a vida é mais fácil agora, com os celulares", na medida em que é possível comunicar os problemas de família aos parentes citadinos, que, por sua vez, podem "mobilizar" os fundos necessários.

O WhatsApp também tem sido frequentemente adotado para fins de saúde em Kampala. Grupos de WhatsApp com muitos usuários, destinados ao compartilhamento de informações, são comuns nas vizinhanças, ou entre categorias profissionais como as enfermeiras. Durante um recente surto de cólera em Lusozi, o Ministério da Saúde não apenas divulgou anúncios de rádio e televisão, como também enviou mensagens de texto para os residentes de áreas afetadas; em seguida, estas circularam pelo WhatsApp. No hospital público, todos o pessoal participa de um grupo de WhatsApp em que são realizados avisos. Cada departamento dispõe,

ainda, de seu próprio grupo de WhatsApp, através do qual cada membro pode avisar se precisar faltar ao trabalho, ou mesmo atualizar dados de pacientes e estoque de suprimentos médicos. As informações podem circular até mesmo em grupos de WhatsApp de fora do hospital. Como explicou um eletricista, "naquele meu grupo, tem professor, tem médico... então, qualquer informação que eles enviem, eu tenho que mandar pra cá". Uma mulher explicou que tinha "aprendido tanto" sobre saúde no WhatsApp – por exemplo, como realizar o autoexame para câncer de mama, assim como informação nutricional em geral.

Nosso projeto focou mais em pessoas mais velhas, e não apenas na faixa etária hoje tida como a terceira idade. Assim, uma questão comum de saúde envolve cuidar de parentes mais frágeis, que já podem ter noventa ou mais anos de idade[19]. Ao pesquisar o histórico de telefonemas de Frances, na Irlanda, fica evidente que cerca de 80% de suas chamadas de vez e mensagens de texto, enviadas como recebidas, estão associadas à organização de cuidados para seu pai, de saúde frágil. Em função de uma queda recente, ele está bastante acamado; na cama, precisa ser trocado, limpo e cuidado. O Estado provê a Frances 10h de *care*[20] por semana, mas esta atividade se converteu em seu trabalho em tempo integral, de duração indeterminada – adiando seus sonhos de aposentadoria. Apenas no último mês, ela enviou 270 mensagens associadas ao cuidado do pai[21]. Seu smartphone é perpassado por essa necessidade. Frances tem, por exemplo, um gravador que registra todas as suas ligações telefônicas; pode, assim, gerar comprovações de suas conversas com responsáveis pelo *care*, quando contestam as reivindicações que fez sobre os cuidados prometidos. Ela também carrega um *power bank*[22] sempre consigo, a fim de garantir que a bateria do celular nunca se esgote. De seus quatro grupos de WhatsApp, dois são da família, dedicados à organização dos cuidados paternos, e dois são sobre velejar. Seu pai possui um celular da marca Doro (um modelo mais simples, desenhado para uso de pessoas mais velhas) para que possa falar com a irmã. Na medida em que a irmã em questão está em estágios iniciais do mal de Alzheimer, as conversas podem ser longas e ricochetear em muitas direções. (Outra participante, Stephanie, adquiriu o mesmo celular para sua sogra de 89 anos) Tem-se por resultado um smartphone usado, quase que por inteiro, para fins de saúde – embora nenhum de seus usos envolva aplicativos vinculados à mHealth. Em vez disso, tudo consiste na criatividade de Frances em desenvolver, engenheiristicamente, o uso cotidiano do aparelho, para que se torne uma ferramenta eficiente, em prol dos cuidados do pai.

Finalmente, evidências advindas do Japão apontam para usos futuros dos smartphones, em relação a uma tecnologia de saúde mais

ampla. A tecnologia, aqui, se encontra na linha de frente da estratégia do país para lidar com uma população de rápido envelhecimento, e uma carência de profissionais do *care*. Um ecossistema de aparelhos, incluindo os *wearables*[23], alarmes e sensores de movimentos, foi designado para prolongar o tempo de vivência das pessoas mais velhas em suas casas, reduzindo o fardo nas famílias e nas instituições de saúde locais. Os custos de tecnologia de *care* são reembolsáveis através do sistema de segurança social público, de longo prazo, após uma avaliação complexa e pautada nas necessidades do paciente[24]. A política visa aumentar o cuidado presencial dotado de tecnologia, ao invés de substituí-lo.

Kawamura-san, um homen de 85 anos que vive sozinho na região rural de Kōchi, conseguiu que instalassem um sensor de movimento no teto de seu quarto; assim, os serviços locais de cuidado seriam alertados em caso de alguma imobilidade atípica. Ele também dispunha de um botão de emergência, que poderia acionar caso caísse. Kawamura-san ainda tinha forças o suficiente para cortar a lenha que esquentava seus banhos noturnos, na sua casa de banhos externa, mas as visitas regulares de um membro local do gabinete de bem-estar social eram essenciais para garantir que ele estava recebendo todo o apoio necessário, a fim de estender ao máximo a sua vida independente. De modo similar, Toriyama-san, um homem de Quioto que morava com sua mãe, de 78 anos de idade, explicou que ela conseguira cessar por completo de tomar medicamentos para pressão sanguínea, com a ajuda da medicina tradicional japonesa (*kampo*) e o monitoramento diário, em casa, através de um aparelho medidor de pressão. Mediante a combinação de um automonitoramento e os encorajamentos diários do filho, para que caminhasse e mantivesse uma dieta saudável, ela recebeu auxílios para mudar positivamente, e seguir rumo a uma saúde melhor.

Apps e telas

Através destes vários exemplos de uso, as etnografias mostram por que o foco recai nas tarefas, mais do que nos aplicativos em si. Uma propriedade altamente relevante do smartphone, todavia, ressalta a inflexão dessa ênfase. O design do smartphone facilita a reconfiguração do arranjo dos aplicativos, na medida em que se pode mudar, sem complicações, de um para outro, visto que todos aparecem como ícones adjacentes nas telas dos celulares. Diante disso, é importante entender como são organizadas estas telas e os ícones que contêm, e que, via de regra, fazem parte da customização geral dos smartphones após a sua

aquisição. A organização dos aplicativos é, muitas vezes, central para o modo pelo qual os proprietários convertem seus aparelhos em uma espécie de eixo de controle que pode concatenar aplicativos associados, tornando-os particularmente práticos. De fato, podemos discernir dois tipos de eixo de controle: aquele já abordado no capítulo 3, em relação à Internet das Coisas, e outro, dotado de maior foco interior, que aqui consideramos, e que é baseado na organização dos aplicativos no próprio smartphone.

Criar este eixo de controle nem sempre é tarefa simples. Uma das complicações apresentadas na discussão de Ecologia da Tela foi o fato de algumas pessoas trabalharem com aplicativos distribuídos por diferentes aparelhos, tablets e laptops inclusive, além dos próprios smartphones. Podemos observar três mudanças principais. A primeira consiste em deletar aplicativos não utilizados, e em reunir aqueles de uso mais frequente na tela inicial do celular. A segunda envolve organizar os aplicativos em torno de funções específicas (Fig. 4.9). Muitos usuários dispõem, hoje, de um ícone de notícias, que engloba todos os aplicativos associados a esse assunto, assim como um ícone de esportes, de viagens, ou de finanças, usados de modos similares. A terceira mudança se resume a, simplesmente, justapor os aplicativos, em geral porque são muitas vezes usados juntos. Há, todavia, exceções. Alessandra, de NoLo, organizou cuidadosamente os aplicativos de seu celular em ordem alfabética, enquanto, em Milão, Bruno, arquiteto aposentado proveniente da Sardenha, coordena seus aplicativos por cores.

As telas dos smartphones de pessoas mais velhas podem requerer mais interpretação. Via de regra, nós, pesquisadores, identificamos que as pessoas mais velhas com quem trabalhamos entendiam menos sobre como organizar suas telas do que as pessoas jovens; conforme ganharam experiência, contudo, rapidamente se equipararam aos outros. Algumas pessoas mais velhas mantém um único aplicativo em cada tela, porque ninguém lhes mostrou como aglutiná-los. Ao lecionar sobre smartphones, em Dar al-Hawa, Maya dedicou uma aula inteira à questão das múltiplas telas dos aparelhos e no que consiste uma "tela inicial" ou "home screen". Os alunos, com frequência, apresentavam dificuldades ao procurar por um aplicativo específico, ao longo da aula. O Waze aparecia como um dos apps mais desejados pelos participantes, que buscavam especial auxílio para baixá-lo, mas pareciam ter de se encontrar no próprio smartphone, antes de usá-lo para percorrer a cidade. Durante uma entrevista em Bento, Rita revelou que reconhece apenas metade dos aplicativos em suas telas iniciais, e usa apenas 23 dos 45 aplicativos disponíveis em seu smartphone[25]. Eduardo, contador, possui 104 aplicativos, dos quais usa 70, resultando em outros 34 que ou não são usados, ou ele não sabe como

Figura 4.9 Exemplo do processo de aproximação de ícones, que auxilia a organizar o smartphone, de forma a convertê-lo em um tipo de eixo de controle. Ilustração criada por Georgiana Murariu.

usar. Em termos proporcionais, Eduardo é, porém, ultrapassado por Iara, que pouco sabe sobre quase 2/3 dos aplicativos de seu celular (35 de 55).

Em contrapartida, Esteban, migrante peruano e, hoje, empresário bem-sucedido em Santiago, é muito cuidadoso com a organização de suas três telas iniciais. Os aplicativos seguem uma ordem estrita, aparecendo conforme a frequência de uso, e uma redução no uso, ou uma redundância, condenam o app a ser redirecionado para a página seguinte à direita, de menor uso relativo. A terceira tela se configura como um tipo de cela de condenados, contendo os aplicativos destinados a serem deletados. De quebra, Esteban organiza pastas de aplicativos, segundo seu uso. Enquanto ele comentava o uso de seu smartphone, explicava os aplicativos

da pasta “Viagens/Táxi”, incluindo Booking.com, Latam (aplicativo de linha aérea), Tripadvisor, AirBnB, Despegar (uma agência de viagens), Hoteles.com, Latam Play (um aplicativo de entretenimento ao longo do vôo) e a Carteira (Wallet). Aproveitou, contudo, para mover o aplicativo Cabify de lá para a pasta “Mapas”, que também continha Google Earth, Apple Maps, Google Maps, Waze e Uber. Na sua tela inicial, Esteban deixa em destaque seu “aplicativo mais importante”, o da ATP Tour – pois planeja viajar, no próximo ano, à Europa e acompanhar os torneios de tênis. Ele também aponta para sua pasta “mais importante”, dedicada à “Música”, que inclui Panamericana (rádio peruana), Peru Radio, A la carta (aplicativo de televisão), Spotify, Music Player, Radio Union e Oasis FM (estação de rádio chilena com música e um tantinho de notícias; Esteban comenta que não quer ouvir “coisas deprimentes”). Também dispõe de alguns aplicativos de saúde, um dos quais voltado para lembrá-lo de tomar seus medicamentos na hora correta (é cardiopata). Esteban acionou um dispositivo do iPhone para realizar chamadas de emergência, precisando apenas apertar o volume do aparelho e o botão de “destravar”.

Muitos dos participantes poderiam ser considerados “zeladores” ou “acumuladores”. Zeladores assumem o comando da organização de seus aplicativos, mantendo seus smartphones arrumados, enquanto acumuladores podem se sobrecarregar com a proliferação de aplicativos em seu celular, e perder o controle. Nossas entrevistas trouxeram, ainda, um sentido dos aplicativos como sinal da postura de cada um em relação ao tempo. Alguns entrevistados mencionaram que baixavam aplicativos porque antecipam uma necessidade futura, enquanto outros baixam apps apenas mediante a necessidade. Alguns os deletam assim que deixam de precisar da proposta, enquanto outros os mantêm, caso deles precisem novamente.

De onde vêm os apps?

Aplicativos não brotam do éter. São criados por, e pertencem a companhias que visam, em sua maioria, o lucro. No negócio de aplicativos, distingue-se entre clientes e usuários, sendo clientes aqueles que pagam pelo desenvolvimento e manutenção dos apps. Embora um usuário também possa pagar por um aplicativo, hoje, os de uso mais comum são gratuitos para este perfil. Exemplos de aplicativos onipresentes e gratuitos incluem LINE, WeChat, Facebook, Messenger e WhatsApp[26], além daqueles associados à suíte Google, como o Google Drive. Não são exatamente

“gratuitos”, é claro, na medida em que os usuários permutam sua privacidade pelo serviço[27]. Os termos de uso obrigatórios estipulam essa transação com os usuários, quando eles travam o primeiro contato com os apps em questão[28]. Por um breve momento, são reveladas as preocupações, em termos de negócio, dos nomes por trás do aplicativo, mas os termos e condições de uso são tão extensos que praticamente ninguém os lê[29]. Não há, de certa forma, muito incentivo para lê-los na íntegra, na medida em que não são negociáveis; caso os termos e condições envolvidos não sejam aceitos, simplesmente não se pode usar o aplicativo. Em meio a nossos campos etnográficos, a maioria dos usuários demonstrou pouca ou nenhuma ciência ou interesse em saber quem detém um aplicativo ou plataforma, ou se estão usando aplicativos derivados de uma mesma fonte comercial. Para eles, o Facebook consiste em uma plataforma distinta; não se importam tanto que a mesma empresa detenha, ainda, o Instagram e o WhatsApp. Desejam apenas baixar o aplicativo escolhido e ter a liberdade de usá-lo como quiserem.

A maioria de nossos participantes se opõe terminantemente a pagar por um aplicativo. A disposição para fazê-lo é maior na China, mas pode ser influenciada por fatores como a confiança no desenvolvedor[30] e a conformidade social, assim como a identidade social[31], online. Na China, como em outros lugares, a maioria dos usuários não está ciente sobre quem são os desenvolvedores. Simplesmente procuram por um aplicativo ou pedem indicações. O foco incide na utilidade do aplicativo, e não na sua marca.

“O que me importa é o ovo, não a galinha”, observa Weiwei, um motorista de táxi aposentado de Xangai. Em todos os campos etnográficos, a maioria das pessoas não é capaz de dizer quem detém a maior parte dos aplicativos que estão usando, com exceção dos mais conhecidos, como Facebook e WeChat. Um relatório de mercado da Google aponta que, apesar de a App Store permanecer um meio popular para encontrar novos aplicativos, um quarto dos clientes os descobre através de pesquisa[32]. A senhora Qian, em Xangai, por exemplo, instalou um aplicativo de gerenciamento de reservas de restaurante chamado “Meiweibuyongdeng” enquanto esperava um lugar, do lado de fora de um restaurante popular; hoje, recebe no smartphone notificações sobre lugares disponíveis. De modo similar, é possível descobrir um aplicativo de compartilhamento de bicicletas, como desdobramento de uma procura no Google Maps.

Algumas empresas se esforçam, contudo, para combater a indiferença, e tentam ao máximo manter as pessoas em seu universo corporativo. O exemplo mais conhecido com relação a smartphones talvez seja o da Apple, que dispõe de relativo controle sobre quais aplicativos são usados nos

iPhones através de sua própria App Store; ela também tende a automaticamente sincronizar dados para outros aparelhos de mesma marca, pertencentes aos mesmos usuários, sejam iPads ou computadores Mac. O controle da companhia começa, porém, com o "App Review" – um conjunto restritivo de normas com o qual desenvolvedores devem se comprometer, para que seus aplicativos estejam disponíveis na App Store. As normas para constar na App Store da Apple incluem questões como design, links quebrados, extração, uso e proteção de dados[33]; justifica-se boa parte das exigências em termos de segurança[34]. Já o Android, por contraste, emprega uma abordagem *open source*[35], por mais que, recentemente, a Google tenha começado a avaliar novos desenvolvedores[36]. Para os desenvolvedores estabelecidos, o processo segue relativamente fácil e rápido[37].

Vimos, acima, o conceito de Solucionismo Escalável, que foi usado para estimar o leque de aplicativos. Na indústria, contudo, "escalabilidade" se refere à capacidade do aplicativo em ampliar seu número de usuários ou de requerimentos de usuário[38] – ou seja, sua capacidade de criar, ou se adaptar à demanda crescente. "Growth", por sua vez, pode remeter tanto ao crescimento do número de usuários quanto de funções do próprio aplicativo. Evidentemente, ambos estão associados, na medida em que novas funções podem trazer novos usuários, e, de quebra, manter o aplicativo relevante. Também é possível que os usuários comecem a usar alguma função de modo não antecipado pelos desenvolvedores, levando estes últimos a responder à expansão. Tais dinâmicas se evidenciaram durante o desenvolvimento do Facebook, por exemplo. Como vimos no capítulo 1, o Facebook, de início, se limitava apenas aos estudantes de Harvard, e, em seguida, a outros universitários. Mark Zuckerberg foi, posteriormente, muito bem-sucedido em capitalizar o uso altamente expandido da plataforma para atrair publicidade. O feito, porém, foi possível graças ao desejo das pessoas por sociabilidade, e porque as medidas iniciais de Zuckerberg, que visavam restringir os usos de sua criação, foram ignoradas.

O Facebook, em seguida, cresceu não apenas em termos de números e lucratividade. A plataforma se tornou cada vez mais complexa, com um notório montante de funções sendo implementado ano após ano. De 2007 até os dias de hoje, o Facebook lançou a função Marketplace, o Desenvolvedor de Aplicativos do Facebook, a Bandeira de Alerta de Informação Falsa, as Reações Facebook e os Artigos Instantâneos[39], para citarmos alguns. Por vezes, uma função nova é liberada em um mercado específico, e, em seguida, escalada para outros. O Facebook Namoro, por exemplo, consiste em uma plataforma de combinação de pessoas para fins de relacionamento amoroso, e foi testado, de modo

pioneiro, na Colômbia, e em seguida lançado na Argentina, Canadá, Tailândia e México; estão previstas mais expansões[40]. A empresa pode, ainda, cooptar um uso observado em um mercado local, e escalá-lo para outros. Foi o caso da "Verificação de Segurança", função liberada pelo Facebook em 2014. Tratava-se de um desdobramento de observações advindas dos engenheiros japoneses da empresa, sobre como a plataforma foi utilizada em comunidades costeiras durante o tsunami ocorrido no país, em 2011[41].

Aplicativos não consistem apenas em uma dada tecnologia que, em seguida, pode ou não ser usada como previsto. Hoje, existem uma circularidade e um constante vaivém entre usuários e desenvolvedores. Nos próximos capítulos, exploraremos diversas instâncias de como as companhias desenvolveram seus aplicativos a partir de seus próprios estudos sobre uso, criando, por exemplo, um aplicativo orientado à "parentela", na China. Como não focamos tanto em aplicativos ou em plataformas, a discussão sobre o uso, ao longo deste capítulo, pode transcender o próprio conceito de "aplicativo". Já estão em curso mudanças que parecem implicar num futuro em que smartphones serão organizados através de alternativas aos aplicativos tradicionais, como os miniprogramas.

O WeChat – a rede social dominante na China, de propriedade do conglomerado Tencent – se tornou um tipo de app store dentro de uma app store. Em 2017, o WeChat implementou uma nova função, que permite o uso de miniprogramas dentro da plataforma. Em um ano, os *Xiao cheng xu*, como são conhecidos os miniprogramas, tinham sido adotados por 72% dos usuários de WeChat[42]. O uso de miniprogramas reduz o consumo de memória do celular. Permite aos usuários acessar aplicativos sem instalá-los e pode fornecer cupons, descontos e facilitar a comunicação com outros usuários do aplicativo. Há quatro categorias principais: jogos, notícias, utilitários e e-commerce[43]. Para nos atermos a dois exemplos, o "Jump Jump" (*Tiao Yi Tiao*), miniprograma e jogo de celular, atingiu a marca de 400 milhões de jogadores nos seus três primeiros dias, em parte porque o placar comparava os usuários a seus amigos de WeChat[44]. Seguindo a mesma linha, um miniprograma de pagamentos utilitários, implementado pelo WeChat em março de 2019, atingiu o patamar de 147 milhões de usuários ativos mensais em apenas três meses[45]. Os miniprogramas se espraiaram, então, para outras áreas, como, por exemplo, aplicativos sobre transporte público. Assim, em dois anos, o número de miniprogramas disponíveis no próprio WeChat é por volta da metade do total de aplicativos disponíveis na App Store da Apple, na medida em que os miniprogramas atraíram uma leva de desenvolvedores

que cobiçam a maciça base de usuários do WeChat. Todos esses pontos se consolidam a partir de outras propriedades que fazem do WeChat um "super agregador" – ou seja, um aplicativo do qual ninguém almeja sair[46].

Fora da China, Apple e Google desenvolveram seus próprios equivalentes dos miniprogramas de WeChat. Podemos citar os aplicativos Saúde (Health) e Carteira (Wallet), que existem tanto para a Apple como para o Google. Este último promove uma interação maior entre seus aplicativos através dos slogans G suite[47], como "Uma conta, tudo da Google"[48], e estes obtiveram um considerável sucesso. Já as companhias telefônicas não foram tão felizes ao implementar seus próprios aplicativos. A maioria dos smartphones já vem de fábrica com aplicativos pré-instalados, por exemplo, embora alguns apresentem um fracasso retumbante. A maior parte dos usuários observados não utiliza os aplicativos pré-instalados e os deletaria, se possível fosse. Um fracasso particularmente notório vem no exemplo da Bixby, o assistente de voz da Samsung, percebido, em geral, como um ruído considerável.

Conclusão

O resultado destas interações complexas são os smartphones tais como inspecionados durante as entrevistas que abriram o nosso capítulo. Na medida em que são contadas histórias sobre a origem dos aplicativos, por que seguem mantidos em um celular específico e em que ocasiões são usados, vem à tona a natureza incrivelmente bagunçada da vida cotidiana. Conforme observamos antes, aplicativos podem ser baixados por terceiros, que não os proprietários do smartphone em questão. Quando Carla, de Bento, emprestou seu aparelho para a neta, recebeu-o de volta com nove aplicativos a mais, incluindo um de meditação, um de entregas, um de internet banking e um para aprender idiomas.

A pressão para se ter um aplicativo pode vir de instituições outras que não as próprias empresas. Tanto no Brasil como no Chile, os governos atuais têm operado rumo a uma digitalização dos serviços oferecidos pelo Estado, apostando em apresentá-los como "sem papelada"[49], como também observamos em outros campos etnográficos. Isto significa que, para acessar os serviços públicos, alguns aplicativos podem, de fato, ser imprescindíveis. A maioria de nossos informantes mais velhos não gostava da proliferação de aplicativos derivada de tais processos. Um dos motivos pelos quais as pessoas usam aplicativos generalistas para fins de saúde, e não aqueles desenhados com este propósito, é para manter um controle do número de aplicativos nos smartphones. Ainda assim, muitas pessoas,

de todas as idades, tendem a se deparar com uma gama de apps em seus celulares, que tendem a não usar ou usar apenas uma ou duas vezes; a proporção de aplicativos de baixo uso pode atingir a metade do total existente no smartphone[50].

Usuários podem se interessar e falar longamente sobre alguns aplicativos específicos. Falam com prazer sobre se o Waze é melhor ou pior que o Google Maps quando a questão é de percurso, ou sobre qual é o aplicativo mais acurado para a previsão do tempo. Podem se deliciar ao informar a terceiros sobre um novo aplicativo que descobriram, voltado para um interesse específico, como reconhecimento de canto de pássaros ou nome de plantas. Mas, uma vez dentro do atribulado mundo de fazer coisas com o smartphone, como no caso da saúde, vemos todo tipo de reconfiguração criativa de informações, imagens, formulários e monitoramentos de seguradoras, e os subsequentes envolvimentos de outras atividades. Assim, enviar dinheiro pode se revelar mais significativo para desdobramentos na área da saúde do que aplicativos especificamente criados para lidar com o setor. No mundo ideal da mHealth, assistiríamos a uma nítida expansão de aplicativos customizados que auxiliassem no manejo de elementos específicos de saúde e bem-estar. Na nossa etnografia de como smartphones são manuseados para fins de saúde, porém, é mais provável que encontremos uma combinação de aplicativos, nenhum dos quais especificamente desenhado para este fim, mas que são articulados para contribuir no cuidado de um parente mais velho e fragilizado, seja ele um morador da mesma residência em Dublin ou de uma aldeia remota em Uganda.

Se a proliferação de aplicativos generalizados teve um impacto, terá sido menos em como eles são usados e mais na abordagem das tarefas que procuraram tratar. O discurso e a mentalidade envolvidos foram denominados “solucionismo”. O presente capítulo também reconhece que não há uma divisão simples entre o mundo dos usuários e o dos desenvolvedores. É importante entender como empresas como Apple, Google e Tencent desenvolvem estratégias para manter as pessoas engajadas com os aplicativos que desenvolveram. Recentemente, por exemplo, o desenvolvimento unitário de aplicativos tem sido ultrapassado pela criação dos miniprogramas pela Tencent. Tudo isto pode contribuir para explicar por que o presente volume considera o smartphone como muito mais do que uma máquina de aplicativos.

Notas

1 Esta ação pode ser vista como análoga ao alinhamento astuto de infraestruturas, tal como realizado por equipes de cientistas. Vide Vertesi 2014.

2 Menu lateral cuja exposição é acionada deslizando a tela, usualmente da esquerda para a direita [N.T.].
3 Resultados do *survey* de Xinyuan Wang no seu campo de Xangai, apontando os aplicativos mais utilizados nos smartphones dos participantes da pesquisa.

Teor de penetração	Nome do aplicativo	Função do aplicativo
100%	WeChat	Multifuncional (rede social)
87%	Baidu	Sistema de busca
60%	Baidu Map	Mapa
57%	Toutiao/QQ	Notícias / Rede social
53%	Ximalaya/Tencent News / Alipay	iPod / Notícias / Pagamentos
46%	Meituxiuxiu/Navegador QQ/iQyi	Editor de fotos / Navegador / Vídeos de longa duração
43%	Pinduoduo / DiDi / Gaode map	Compras / Serviço de táxi / Mapa
35%	Meipian / Elema / Dianping / JingDong	Blog / Entrega de alimentos / Reviews e conselhos / Compras
15%	Navegador UC / beautyCam / tonghuashun	Navegador / Câmera / Mercado de ações

4 Morris e Murray 2018.
5 Morris 2018.
6 Brunton 2018.
7 O termo anglófono “affordance” remete à capacidade de um produto emitir possibilidades para os seus usuários, ou agentes. Esta categoria está diretamente associada à capacidade do produto em comunicar suas funcionalidades para os usuários, sem qualquer explicação prévia [N.T.].
8 Pype 2017.
9 “Para salvar tudo, clique aqui”, em tradução livre [N.T.].
10 Morozov 2013.
11 Miller 2016.
12 Miller 2011.
13 Miller e Sinanan 2017.
14 Spyer 2017, 63–82; Haynes 2016, 63–87.
15 Istepanian et al. 2006; Donner e Mechael 2013.
16 Ou seja, ligados a elementos menos técnicos do aspecto medicinal e mais voltados a bem-estar [N.T.].
17 Vide Taub Center 2017.
18 Kusimba et al. 2016, 266; Maurer 2012, 589.
19 Plataformas como o WhatsApp estão sendo cada vez mais empregadas para unir os “cuidados coletivos”, destinados a auxiliar no cuidado de parentes mais frágeis. Vide Ahlin 2018.
20 Literalmente “cuidado”; a expressão se refere aos serviços de atenção a pacientes em casa, entre outros [N.T.].
21
22 Modalidade de bateria externa, que fornece energia para o celular sem precisar achar uma tomada [N.T.].
23 Todos os aparelhos capazes de serem acoplados como acessórios ou usados como itens de vestuário [N.T.].
24 Yong e Saito 2012.
25 “Telas iniciais” se referem, aqui, às telas abertas em smartphones Android, em contraste com as que exigem que o usuário manuseie as *navigation drawers*.
26 O WhatsApp costumava cobrar uma taxa de assinatura anual de cerca de 69 centavos de libra esterlina, mas esta política foi abandonada em 2016. Vide BBC 2016.
27 Couldry e Mejias 2019.
28 Nissenbaum 2010.
29 Duque Pereira 2018.

30 Ku et al. 2017.
31 Wu et al. 2017.
32 Vide Tiongson 2015.
33 Vide Apple Inc. 2020.
34 Leswing 2019.
35 Em inglês, de "código aberto", ou seja, com o código fonte disponibilizado para o público em geral, e organizado através de licenças específicas de uso [N.T.].
36 Samat 2019.
37 Mohan 2019.
38 Williams e Smith 2005.
39 Boyd 2019.
40 Lavado 2019.
41 Kedmey 2014.
42 Vide Parulis Cook 2019.
43 Lui 2019.
44 Jao 2018.
45 Lui 2019.
46 Discussão importante sobre o WeChat pode ser obtida em Chen et al. 2018. A publicação inclui outros termos possíveis, como "super app" ou "mega plataforma".
47 Hoje Google Workspace [N.T.].
48 O slogan é, via de regra, exposto na página de login, quando o usuário está deslogado de sua Google conta. Está disponível em accounts.google.com > ServiceLogin, para quem detiver uma Google conta.
49 Otaegui 2019. Para o caso brasileiro, vide Governo Do Brasil 2020.
50 Uma fonte de indícios para vem das entrevistas de mesmo estilo feitas por 28 alunos, como parte do material de uma disciplina oferecida pelo Departamento de Antropologia da UCL.

5
O Oportunismo Perpétuo

> Campos: Bento – São Paulo. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi – Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

Traçamos, no capítulo 4, uma jornada que começava pelo aplicativo como unidade fundamental do smartphone, e prosseguia até o mundo da vida cotidiana, com sua bagunça muito mais pronunciada. Embora associemos os smartphones a um tipo de solucionismo, este conceito não se resume à afirmativa que "para cada problema, existe um aplicativo". Em vez disso, ele parte de tarefas que variam em função dos campos etnográficos, e, em seguida, acompanha os indivíduos nas suas descobertas de combinações de aplicativos e funções que, operacionalmente, dão certo para cada um deles. Sugeriu-se, na conclusão do capítulo 4, que o design de smartphones é crucial para o processo em questão. Na medida em que os ícones dos apps são colocados em proximidade, é fácil navegar entre eles. O ponto detém relevância, também, para a discussão do capítulo 3, sobre como o smartphone está em vias de se tornar um tipo de eixo por controle remoto – com potencial utilidade para organizar objetos externos, como no caso da incipiente "Internet das Coisas", mas cujo foco, hoje, se dirige sobretudo às relações sociais das pessoas.

Tais propriedades internas do smartphone podem, então, ser associadas ao seu atributo externo mais evidente. Enquanto um aparelho móvel, o smartphone é pequeno o bastante para ser carregado em um bolso, ou numa bolsa, e, por conseguinte, está facilmente presente desde o momento de acordarmos até irmos dormir. Embora chamemos este ponto de mobilidade, sua propriedade mais importante talvez seja justamente a oposta. Não se trata apenas de poder carregar o smartphone para qualquer destino, mas que ele esteja constantemente no mesmo lugar – a saber, perto de nossos corpos e, portanto, sempre imediatamente

presente. Este ponto será, como veremos, basilar para comprovar muitas de nossas conclusões principais. Uma delas consiste na noção de "Lar portátil", a ser discutida no capítulo 9. Já o conceito predominante neste quinto capítulo é denominado "Oportunismo Perpétuo".

O termo em questão se baseia em um legado anterior. Um dos livros acadêmicos de maior impacto, dentre aqueles dedicados ao celular, foi intitulado *Perpetual Contact*[1,2], remetendo ao modo como o celular nos permitiu estar constantemente disponíveis para terceiros. Smartphones estão, por exemplo, começando a substituir o botão vermelho fornecido a pessoas mais velhas para solicitar um auxílio emergencial, em caso de queda. Este caso aponta para a segurança presente no contato perpétuo, embora também existam fardos. Os adolescentes podem tanto ser forçados a permanecer em contato potencial com pais ou responsáveis, como temer difamações na internet, difundidas por alguém que, a princípio, viam como amigo.

Outro desenvolvimento associado ao contato perpétuo foi discutido por Ling[3], e examinou o modo como os celulares alteraram nossa relação com o espaço e o tempo, ao proporcionarem, por exemplo, a capacidade para micro coordenação. Antes, tínhamos de planejar encontros com outras pessoas e nos ater ao combinado, já que nosso desejo de mudança de planos lhes era desconhecido. Com os celulares, podemos combinar de modo vago um horário e um lugar, que se tornam mais específicos conforme o evento se aproxima. Digamos que tivéssemos organizado, por exemplo, um encontro noturno em um pub. Quem chegar primeiro pode constatar que o lugar está cheio demais, e usar o WhatsApp para redirecionar os demais para outro pub.

O contato perpétuo é inerente ao celular – um aparelho que, de início, era usado sobretudo para chamadas telefônicas ou envio de mensagens de texto entre pessoas. Ao longo do presente capítulo, contudo, nenhum dos usos de smartphone considerados diz respeito ao dispositivo enquanto um telefone em si. Em vez disso, abordam suas aplicações para fins de entretenimento, viagens, obtenção de informações e fotografias. O contato perpétuo deixou, portanto, de ser a teorização adequada do smartphone.

A categoria-chave do *oportunismo* emerge em seu lugar. Pelo simples motivo de o smartphone estar sempre conosco, surge a possibilidade de ele ser constantemente oportuno. O que importa, contudo, é a evidência de como este ponto é valorizado pelos usuários, que, por sua vez, desenvolvem posturas mais oportunísticas em suas vidas cotidianas. O primeiro exemplo deste capítulo mostra como o smartphone transformou a fotografia. A diferença crucial vem da possibilidade sempiterna de tirar e, instantaneamente, compartilhar um retrato. No mesmo eixo, podemos checar as

últimas notícias, ou então ouvir música, simplesmente porque esperamos em uma fila ou estamos entediados em alguma medida. O Oportunismo Perpétuo extrapola, portanto, o contato perpétuo, na medida em que modifica nossa relação para com o movimento e a condição de viajar.

Conforme vimos no capítulo 1, é impossível manter uma abrangência na discussão dos smartphones, porque eles estão envolvidos em todo e cada ponto de nossas vidas. O presente capítulo foca, portanto, em quatro exemplos distintos, escolhidos com o propósito de examinar tanto a diversidade, como a uniformização dos usos de smartphone em meio aos campos etnográficos elaborados. A discussão, porém, não se limitou ao impacto do Oportunismo Perpétuo em cada uma das instâncias. Optou-se por sempre fazer referência ao contexto mais geral, o que incluirá quaisquer outros fatores tidos como relevantes para os usos em questão.

Fotografia oportuna

As entrevistas sobre os aplicativos presentes nos smartphones das pessoas confirmaram que a câmera é uma das funções mais usadas nos diferentes campos etnográficos. Como, porém, notamos no capítulo 1, é errôneo designar o dispositivo dos smartphones como "câmera"; isto implicaria que a fotografia através de smartphones consistiria numa mera versão móvel da fotografia tal como produzida até então. A câmera do smartphone decerto tira retratos, mas um exame mais cauteloso do seu uso sugere que tanto a câmera do aparelho, como as próprias fotografias por ela capturadas, seriam melhor compreendidas quando enfatizamos os seus contrastes, mais do que as continuidades, em relação à fotografia tradicional. Uma diferença óbvia é simplesmente a escala. O número bruto de imagens tiradas, compartilhadas, exibidas e guardadas uma vez que smartphones são adquiridos é incomparavelmente maior que o total advindo da fotografia analógica, ou mesmo da digital[4].

Há, ainda, gêneros inteiramente novos de fotografia, como a "funcional", mencionada no capítulo 1. Trata-se das fotos corriqueiras que tiramos, hoje, de itens que talvez sejam adquiridos posteriormente, das horas de abertura de uma loja ou de um cartaz sobre aulas de yoga, divulgado na prefeitura da cidade[5]. A fotografia funcional é um exemplo privilegiado do caso do smartphone como eixo de controle: frequentemente, os retratos consistem num primeiro passo rumo à organização dos horários e tarefas individuais. O exemplo ilustra, ainda, como os novos usos do smartphone usufruem da proximidade entre os ícones na tela do aparelho. O retrato é tirado primeiro, e, imediatamente, podemos usá-lo de modo

articulado com outros aplicativos, como o calendário ou uma plataforma de redes sociais, para informar a alguém sobre o evento[6]. Alterações na prática da fotografia mapeiam, portanto, as modificações de como acessamos e compartilhamos informação, lidamos com localizações, usamos calendários e associamos o digital à memória humana[7].

A fotografia via smartphone também deve seu sucesso a outras tecnologias, incluindo o baixo espaço ocupado pelo formato .jpeg e a maciça capacidade de armazenamento disponível nos aparelhos. Para além dos próprios celulares, temos, ademais, a disponibilidade generalizada de armazenamento na nuvem, o que leva à súbita redução do "custo" de tirar e armazenar fotografias. Câmeras digitais podem, hoje, ser lançadas com Bluetooth, Wi-Fi e GPS para georreferenciamento e compartilhamento imediato dos arquivos. Mesmo nesse cenário, a fotografia por smartphone surge como caso especial em meio à fotografia digital. O oportunismo é a diferença crucial, e tem tido profundos reflexos sobre a fotografia em si. Associava-se a fotografia incipiente à ideia de armazenamento de longo prazo e ao arquivo: tratava-se de um meio para capturar e reter imagens de pessoas, lugares e coisas[8]. Fotografar era sobre resiliência e permanência. A fotografia contemporânea via smartphone, em franco contraste, tornou-se uma das principais manifestações de transiência, cuja expressão derradeira pode ser encontrada no título do Snapchat[9], uma de suas principais plataformas. Assim, de modo pioneiro, a imagem fotográfica pode ser utilizada como parte da conversa; torna-se tão fugaz e transiente quanto a comunicação oral em si. A maior parte das fotos é compartilhada no WhatsApp, Instagram ou Facebook, com a expectativa de serem vistas por um dia ou dois e, então, substituídas por outras. O significado da fotografia sofre, por conseguinte, uma inflexão de 180º em relação às suas origens, como arquivo duradouro. Onde, antes, a permanência era o principal objetivo, tem-se, hoje, a transiência. Representação e arquivamento seguem como dois propósitos inerentes à fotografia, mas são mais secundários do que dominantes.

A mudança de objetivos não ocorreu em mesmo grau, ou da mesma forma, para todos. Pessoas mais velhas tendem a combinar as possibilidades tradicionais e as novas. É possível ser criativo exatamente pelo meio através do qual se combina a fotografia via smartphone com a analógica. Podemos ver um exemplo neste curta-metragem de Dublin (Fig. 5.1).

A produção de imagens é, hoje, parte integrante do ambiente cotidiano de aposentados em Iaundé, em que as pessoas podem tentar transformar cada momento memorável em imagem. De fato, o smartphone é usado para manter os "rastros" de pequenos eventos, que pontuam a

Figura 5.1 Filme: Fotografar na aposentadoria. Disponível em http://bit.ly/retirementphotography.

experiência no dia a dia. Um dos principais componentes do uso de smartphones pelas pessoas mais velhas é o tempo dedicado a olhar fotos e vídeos: aqueles enviados pelos filhos e netos, nos grupos de família do WhatsApp, e aqueles da família estendida e dos amigos. Se os mais jovens perceberam uma intensificação do número de retratos que tiram, o fato de pessoas mais velhas terem acelerado seu consumo de fotografias é igualmente importante. Isto se evidencia quando comparamos as constantes verificações de imagens em redes sociais com o uso anterior, muito mais casual, de álbuns fotográficos, porta-retratos e distribuição de fotos pela casa[10].

Ainda que a maior parte das imagens seja vista de forma transiente, a preocupação com o arquivamento pode persistir para pessoas mais velhas. Um dos papéis modificados, a fim de acomodar estes desdobramentos, foi o da pessoa responsável por organizar e manter as imagens de arquivos de família. Roger, de Bento, por exemplo, se converteu no "guardião da memória" de sua família. É, hoje, responsável por organizar as fotos no Google Drive, em arquivos referentes aos principais eventos de família, mas também arquiva as imagens por nome, ano ou membro da parentela. Além disso, incrementa as imagens com filtros de dois aplicativos, tanto em seu smartphone como no computador. Quando alguém deseja uma foto em especial, recorre a ele e a mais ninguém.

Não apenas a câmera do smartphone consolidou a inflexão do analógico rumo ao digital, ao transformar nossa relação para com a imagem, como pode, ainda, ter tido um impacto equivalente em como vemos o mundo ao nosso redor[11]. Ao tirarmos retratos, criamos molduras em torno de algumas das coisas que vemos, separando-as do que não foi enquadrado[12]. O enquadramento através da fotografia é, no mínimo,

análogo com o enquadramento enquanto uma distinção da arte e do que não é arte, do sagrado e do mundano. De quebra, ele nos auxilia no entendimento de conteúdos que, sem isso, nos soariam enigmáticos. Enquanto compartilhamos muitas das fotos que tiramos, outras tantas nunca serão vistas. Por que, então, produzi-las? Entender a fotografia via smartphone pede que nos atentemos não apenas sobre nosso consumo imagens, e como ele ocorre, mas também sobre por que produzimos imagens, sabendo que não serão consumidas.

A maior parte de nossa vida cotidiana é experimentada de forma mundana, e não nos atemos a esses eventos. Vez por outra, todavia, observamos algo que nos parece um destaque, e queremos que assim seja reconhecido[13]. O elemento em questão tanto pode ser planejado e ritualizado, como uma festa de aniversário infantil ou uma vista turística, como pode ser um imprevisto que nos surpreende na paisagem. A mera posse da ferramenta do Oportunismo Perpétuo, que nos possibilita fotografar sempre que vemos algo em destaque, pode resultar num olhar diferente sobre o mundo. Estas fotos são tiradas num capricho: podemos, ou não, compartilhá-las em redes sociais. Como ocorre, preferivelmente, no âmbito da arte[14], o ato de fotografar detém o efeito de enquadrar algo no mesmo instante; aponta-se, ainda que de modo sutil, que aquele elemento transcende o mundano. Talvez nunca apreciemos a imagem novamente, nem compartilhemos o arquivo com ninguém. Naquele momento, contudo, sentimos que não podíamos passar pela borboleta, ou por uma rocha de feições engraçadas, ou pela expressão de um amigo, sem homenageá-los, ao enquadrá-los através de um retrato.

Como explicou a japonesa Sawada-san, enquanto caminhava em torno de um templo de Quioto e observava um jardim através de uma janela perfeitamente enquadrada, “os japoneses adoram enquadrar as coisas; faz parte de nossa cultura”[15]. O jardim japonês tradicional é concebido para ser observado a partir de pontos de visualização enquadrados, em templos e residências, mais do que realmente ser um espaço em que se caminha. O smartphone democratizou o ato do enquadramento, praticado por artistas e paisagistas, convertendo-o em algo realizado todos os dias, por muitos de nós. Independentemente da nossa escolha de fotografar uma refeição ou uma árvore em flor, o ato de enquadrar está sujeito a um modo de prestar atenção, ao mesmo tempo em que reivindica uma presença[16]; não se trata apenas de “estive aqui”, mas de “estou aqui, neste exato momento, vivendo esta experiência em tempo real”[17]. A fotografia via smartphone pode, então, dispor de maiores afinidades com a arte e a religião (e, quem sabe, das práticas de atenção plena) como um ato de sacralização transiente do que teríamos imaginado a princípio.

Um caso em que a afinidade da fotografia com a religião aparece de modo claro e explícito é o dos migrantes peruanos em Santiago do Chile. Boa parte do trabalho de campo ocorreu em meio a uma irmandade católica dedicada a uma procissão religiosa anual, em homenagem ao ícone do Senhor dos Milagres. Diante da quantidade de fotos tiradas ao longo da procissão de oito horas, o evento é, hoje, inteiramente iluminado por telas iluminadas dos smartphones, direcionadas à imagem sagrada. De modo similar, qualquer *pollada* (um jantar onde o frango é ingrediente principal, realizado para angariar fundos) é bombardeada pelos flashes de câmeras de smartphone. As festividades relativas ao Dia Nacional do Peru também são registradas por centenas de aparelhos. Praticamente qualquer evento, religioso ou não, acaba sendo transmitido pelo Skype ou o Facebook (Fig. 5.2).

Em Dar al-Hawa, a religião aparece mais como uma restrição. Ali, ser o tema de um retrato pode ameaçar a honra da família, sobretudo no caso feminino. Uma imagem de uma mulher fumando um cigarro, ou despida de seu hijab, pode causar sérios problemas em caso de compartilhamento do arquivo[18], embora as normas sociais que regem a modéstia e o comportamento apropriado possam ceder, em termos de pressão, conforme as envolvidas se casem, tenham filhos e envelheçam. No caso dessas pessoas mais velhas, o ato de fotografar ou ser fotografado é mais tido como uma evidência da vitalidade e da vida produtiva, que uma mulher pode partilhar com os amigos ou exibir para a família.

Figura 5.2 Migrantes peruanos transmitindo o Senhor dos Milagres em Santiago, Chile. Fotografia de Alfonso Otaegui.

A maior parte dos membros do centro comunitário participa, várias vezes ao ano, de viagens coletivas para fora de Dar al-Hawa. As viagens de campo são organizadas e subsidiadas pelo centro comunitário. Em uma delas, rumo a Acre, cidade no noroeste de Israel, quem dispunha de smartphone fotografou de modo contínuo, enquanto aqueles sem aparelho também apareciam nos retratos. O coordenador, ademais, organizava as fotos em grupo. Todos os arquivos foram enviados pelo WhatsApp para as pessoas mais velhas que não tinham podido participar e ficaram em Dar al-Hawa, fosse por motivos de doença ou por compromissos. As imagens evocavam respostas positivas, tais como "se cuidem", "ah, o mar está lindo", permitindo àqueles que tinham ficado na cidade estarem, de alguma forma, presentes na atividade coletiva.

A sensação de estar presente foi complementada por um uso mais tradicional da fotografia enquanto memória – conceito que ainda não desapareceu por inteiro. A foto de perfil do WhatsApp de Hibat consiste em uma imagem em preto e branco de uma jovem moça, também vestida de uma blusa preta de botões, com o colarinho branco. Com esse retrato, Hibat relembra, e informa aos seus interlocutores, suas feições da juventude e as memórias carinhosas que guarda desse período da vida. Ao olhar as próprias fotos, Hibat recebe, ainda, um lembrete do que fez e

Figura 5.3 Foto de um barco, tirada durante viagem de campo rumo a Acre. Fotografia de Maya de Vries.

de onde estava. Outras imagens similares constam em seus álbuns do Facebook. Como resultado, as aulas mais animadas, ao longo dos cursos sobre uso de smartphone, talvez fossem aquelas dedicadas à fotografia, e em especial quando os alunos aprendiam a tirar selfies.

Os usos da fotografia sugerem que a ideia de "artesania" já não se limita aos retratos. Aplica-se, ainda, às suas transformações, partilhas e consumos. Vemos exemplos destes pontos nas tecnologias que visam selecionar, editar e postar imagens nos Instagram. O uso do Instagram variou tanto de campo em campo, como dentro dos próprios campos etnográficos. Em alguns casos, dedicava-se tempo à composição de fotos "artísticas", como os arranjos florais expostos no Japão; outros lidavam com a plataforma mais como um tipo de Facebook, partilhando suas vidas cotidianas. Ao compartilharem imagens de eventos aos quais compareceram, ou retratos da família e dos amigos, os participantes da pesquisa reconhecem seu usufruto do Instagram como uma ferramenta democrática, com a qual praticamente qualquer membro da família pode interagir. Na maioria dos campos etnográficos, o tempo passado vendo fotografias no Instagram ultrapassava, em larga medida, aquele passado realizando o upload das imagens. Além dos usos já mencionados, a fotografia pode ser usada simplesmente para facilitar relações de parentela, como explicou Komatsu-san, de Osaka. Em relação ao Instagram, ela apreciava sobretudo o fato de seguir sua nora, que regularmente postava fotos dos filhos, netos de Komatsu-san. Eles moravam do outro lado da cidade, e Komatsu-san os encontrava ao vivo apenas cerca de uma vez por mês.

Um exemplo do desenvolvimento do ofício pode ser visto no uso da fotografia via smartphone para tirar retratos. Em Xangai, a câmera é vista como parte do hardware do aparelho, mais do que como um aplicativo em si. Confirmou-se, através de um levantamento, que se tratava da única câmera disponível para a maioria dos 200 respondentes, com idades entre 50 e 80 anos. A qualidade desse apetrecho tornou-se, por conseguinte, um fator chave de vendas de aparelhos de marcas de ponta, como Huawei e OPPO. Para pessoas mais velhas de Xangai, esta postura de reverência em relação à fotografia floresceu naturalmente de uma era anterior, quando fotos eram caras e reservadas para momentos muito especiais. Era preciso pedir às lojas que emprestassem as câmeras, já que estavam acima das posses da maioria.

Embora a fotografia já não seja rara, nem cara, tirar o retrato de uma refeição antes de comê-la ainda pode soar como um gesto ritualístico, um legado desta época anterior, preservado até hoje. Em alguns locais, fotografar a refeição antes de comer se converteu em uma rotina essencial,

a ponto de um cozinheiro do campo de Xinyuan se ofender quando seu filho e a noiva começaram a comer sem, antes, tirar um retrato dos pratos. Por mais que se possa constantemente compartilhar coisas no WeChat, resta a questão sobre a validade do ato de tirar o retrato e, de fato, partilhá-lo na sequência. Todo o processo se tornou uma análise de valor. Retratos de férias podem ser assunto comum nas redes sociais, em parte por conta dos gastos envolvidos nessa ocasião.

O sr. Shou sempre usa a frase "senso ritualístico" (*yi shi gan*) para sublinhar a significância de cada sessão de fotos. Percebe seu projeto de fotografias em meio aos mais velhos, sem fins lucrativos, como um sinal de respeito. Como ele mesmo coloca:

> Quantos não faleceram sem terem saído em um bom retrato sequer. Todo mundo merece um bom retrato ao longo da vida. Não quero apenas tirar fotos, mas manter a grande memória daquela pessoa. Fotografo com respeito, e as pessoas podem sentir o senso ritualístico. A vida precisa desse senso ritualístico, você não acha?

Para o senhor Hu, de 88 anos, a fotografia via smartphone é tida como um passatempo sério e especializado. Preencheu uma tela e meia do seu último smartphone, de marca OPPO, com aplicativos de fotos. O senhor Hu possui, ainda, um gabinete repleto de material caro e sofisticado ligado a câmeras, como lentes de infravermelho longo da Nikon. O material ocupa bastante espaço em seu pequeno apartamento (Figs. 5.4a e 5.4b), mas ele não se importa de que as peças estejam empoeirando por conta das novas habilidades que descobriu na fotografia via smartphone.

O levantamento sobre aplicativos aplicado em Xangai, já apresentado em capítulos anteriores, identifica dois apps de edição de imagem na lista dos 10 mais baixados. Nas palavras da senhora Huahua, a poderosa categoria de "retoque" (*mei yan*), que renderiza melhorias imediatas na imagem, é o elemento chave.

Ela descreve a ferramenta como uma "cirurgia plástica segura e gratuita, sem dor nem custo". Rugas, espinhas, cicatrizes, olheiras e marcas da idade podem ser eliminados com um único botão, usando a função de "auto embelezamento" (*yi jian mei rong*). O aplicativo pode, ainda, ser usado para aplicar "maquiagem digital", como adicionar cor aos lábios, blush, cílios falsos e sombra, além de desenhar e ajustar o formado das sobrancelhas.

Via de regra, os residentes de Xangai não designariam as fotos auto-editadas da senhora Huahua como "fakes", pois, a seu próprio modo, ela adaptou a câmera e transformou-a em um ofício artesanal, assim como

Figuras 5.4a e 5.4b O conjunto de lentes fotográficas específicas do senhor Hu (5.4a); o senhor Hu no seu conjugado (5.4b). Fotografias de Xinyuan Wang.

fez o senhor Hu. Consequentemente, a senhora Huahua é avaliada segundo a sua capacidade de ajustar a imagem e criar um retrato idealizado. Afinal, a modificação de aparências já tem um longo percurso como prática estabelecida no mundo "analógico". Tanto cosméticos como roupas que nos favorecem não são tidos como fakes, e sim como exemplos de artifícios domésticos, condizentes com as convenções sociais. Podemos condenar os maus resultados advindos dessas iniciativas, mas não as iniciativas em si. Como afirma a senhora Huahua:

> Não é que eu seja particularmente narcisista – estou apenas tentando me alinhar com as normas sociais que regem as boas fotos do WeChat.

Nesse ínterim, um terceiro participante da pesquisa, o senhor Li, anda particularmente chateado com a inexistência de um aplicativo destinado a disfarçar sua queda de cabelo. Em Xangai[19], não se desdenha da preocupação com a aparência, como se fosse um tema superficial. Em vez disso, entende-se que existe um espaço para a demonstração de

Figuras 5.5a e 5.5b A aparência natural da fotografada (Fig. 5.5a); a aparência da fotografada após edição direta na tela, com remoção de rugas, uniformização da pele, clareamento, extensão do nariz e ajuste dos cantos da boca (Fig. 5.5b). "Washington Chinese Culture Festival 2015", por S. Pakhrin, sob licença CC BY 2.0.

habilidades estéticas, onde cada um pode comprovar quem é e quais as suas habilidades.

Os exemplos acima contribuem para um contraste com o caso das pessoas mais velhas de Iaundé e de sua percepção da fotografia. Na capital dos Camarões, as pessoas estão muito mais propensas a entender o conjunto da atividade estética como a criação de uma aparência *fake*. Isto se deve, em parte, porque não estão tão interessadas no desenvolvimento do "ofício da imagem": focam, sobretudo, em novos meios de consumir fotografias. No caso de Iaundé, pode acontecer de os mais velhos entenderem a ascensão do smartphone, enquanto tecnologia de fotografia, como uma nova fonte de ansiedade. Assim relata o senhor Etou, mecânico aposentado (Fig. 5.6):

> Você abre a câmera, começa a mexer achando que está tirando fotos, mas na verdade está filmando. É um verdadeiro problema. Com a idade, a gente treme mais. É difícil focar no que queremos, sem mexer. Mas, assim que mexemos, estragamos a imagem. Assim

Figura 5.6 O senhor Etou, um dos participantes da pesquisa de Patrick Awondo, em Iaundé. Fotografia de Patrick Awondo.

> que tive meu primeiro smartphone, demorei semanas até conseguir tirar uma foto nítida, mesmo com o auxílio dos meus filhos, grandes e pequenos. Acabei desistindo. Outro problema é organizar as fotos tiradas e os vídeos gravados. Às vezes, você tenta fazer isso e perde os arquivos, não acha mais. É bem chato. Dá vontade de quebrar o telefone. Bem chato.

As pessoas mais velhas de Iaundé são, ainda, suscetíveis à circulação online de retratos delas mesmas. Desprovidas da mesma facilidade para editar as imagens, deparam-se constantemente com lembretes de como envelheceram, e a constatação pode não corresponder a uma percepção interna de ainda serem relativamente jovens. Algumas das pessoas mais velhas podem se recusar a mostrar sua galeria de fotos para terceiros, entendendo o gesto como uma invasão de privacidade. Ficam incomodadas e talvez não gostem da insistência alheia em tirar o seu retrato. Mesmo em Xangai, algumas das pessoas mais velhas vetaram a circulação de sua imagem por terceiros. Para elas, a tragédia está em sentir a sua aparência efetiva como estranha ou "fake", não nos retratos em si.

Figura 5.7 Filtros de maquiagem funcionam mesmo quando se usa máscara. Fotografia de participantes de pesquisa anônimos.

Fujiwara-san, nativa de Quioto, levantou outro problema associado aos filtros embelezadores. Ela sugeriu que, ao criarmos imagens com alto grau de edição e idealização, estabelecemos um nível de exigência artificialmente alto, impossível de ser atingido por fotos sem filtro. Se o filtro está sendo usado por todos, sentimos que devemos aderir à prática, o que desemboca numa ideia de competição. O cenário não seria tão mau, se o uso fosse tido como pura diversão, como na selfie acima, enviada para Laura durante a pandemia de COVID-19 (Fig. 5.7). O filtro de maquiagem aplicado à imagem foi apenas uma ferramenta de entretenimento durante uma viagem de ônibus, onde amigos ensaiaram aplicar sombra nas pálpebras dos olhos e ver se reconheciam uns aos outros, mesmo quando usavam máscaras.

Mapas/movimento/viagens

Aplicativos usados para viajar e se locomover são, frequentemente, um componente maior do smartphone. Iniciaremos esta seção pelos usos

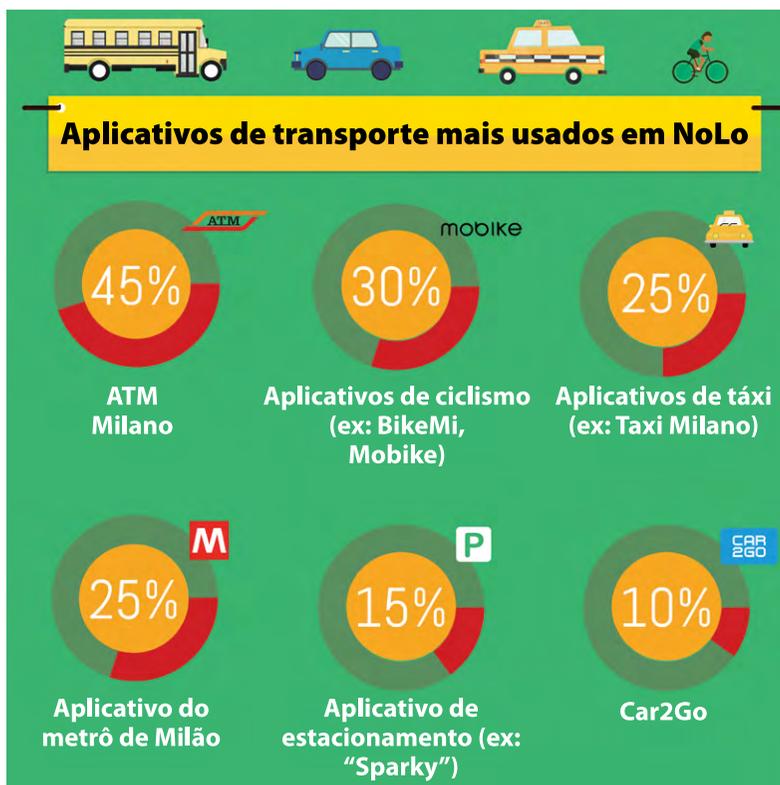



Figura 5.8 Infográfico indicando os transportes mais usados em NoLo, baseado em pesquisa de Shireen Walton.

associados ao transporte local, incluindo os acréscimos do Uber ao Oportunismo Perpétuo. Em seguida, nossa retrospectiva seguirá rumo a uma avaliação dos casos de férias e viagens ao exterior. No que se refere ao transporte público, o infográfico acima (Fig. 5.8) indica o percentual de participantes da pesquisa em NoLo que usam aplicativos ligados ao assunto. Sentiu-se, em meio a vários dos campos etnográficos, que este uso em particular dos aplicativos tende a aumentar.

As pessoas mais velhas de Bento utilizam principalmente dois aplicativos em conjunto com o WhatsApp, para consolidar a expansão da sociabilidade na terceira idade: o Google Maps e o Uber. Juntos, ambos criam um pacote de mobilidade, possibilitando às pessoas mais velhas autonomia para consumir a cidade com seus amigos. Assistimos a momento de abandono do carro como meio de transporte, e descoberta do transporte público, gratuito para quem tem mais de 60 anos.

Em muitos casos, as pessoas começaram a andar de ônibus, ou de metrô, apenas depois da aposentadoria. Usam o aplicativo Moovit, assim como o Google Maps, para se informarem sobre o transporte público. Como declara Fernanda:

> Estou amando! Olho no aplicativo e basta ir até o ponto de ônibus – frequentemente, não espero nem cinco minutos até que o ônibus chegue.

O Uber atua de modo complementar ao transporte público. O aplicativo é, via de regra, acionado à noite. Tornou-se um Oportunismo Perpétuo, que oferece às pessoas mais velhas a liberdade tanto de estender seu passeio, como de consumir bebida alcóolica ao encontrar os amigos. Mauro, que é professor de dança, já não aceita mais pretextos das alunas quanto a sair à noite para dançar, quando, antes, as questões de segurança talvez as deixassem reticentes. “Chama um Uber, pelo amor de Deus”, diz. Em Santiago, o marido de Ernestina foi diagnosticado com o mal de Alzheimer e proibido de dirigir. Como a sua própria carteira de motorista expirou, e sofre de um problema ocular, Ernestina rapidamente criou uma dependência do serviço de transporte da Uber. A mesma empresa é, ainda, um exemplo de aplicativo de smartphone usado como eixo de controle, como descrevemos no capítulo 3, desta vez no mercado de trabalho, onde aparece como organização sofisticada e atenta à verificação das atividades laborais.

Em Santiago, acontece de pessoas mais velhas relutarem em usar o GPS, por medo de que sua localização esteja sendo rastreada – como, de fato, seria pela Google, caso o comando não fosse desativado. Preferem memorizar os caminhos, embora apreciem um aplicativo que informe os horários de chegada dos ônibus, para não esperarem tanto. Usuários mais jovens, como os peruanos, se preocupam sobretudo com as vantagens do Waze sobre o Google maps, porque o primeiro parece mais bem informado sobre as condições do tráfego local. Como acontece em tantas cidades, Santiago cada vez mais tem padecido de engarrafamentos. Basta uma olhada no iPhone de Federico para perceber como os aplicativos de locomoção se tornaram importantes para este empreendedor peruano, hoje residente do Chile. Seções inteiras da tela frontal do telefone são exclusivamente dedicadas a aplicativos de viagem, como o Airbnb e a LATAM, linha aérea local; outra seção foca mais em deslocamento em pequena escala (Fig. 5.9). Esta lista não esgota os aplicativos relevantes nas telas do celular de Federico (Fig. 5.10). Além do que citamos, ele possui o Flightradar24, que informa a localização de qualquer aeronave

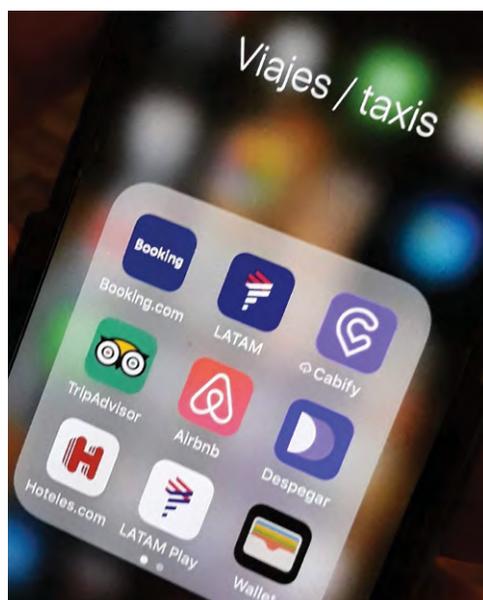



Figura 5.9 A pasta de viagem/táxis no celular de Federico. Fotografia de Alfonso Otaegui.

Figura 5.10 A pasta de mapas no celular de Federico. Fotografia de Alfonso Otaegui.

comercial, em qualquer lugar do mundo, em tempo real. Às vezes, enquanto ele espera no aeroporto, dá uma olhada no aplicativo, para checar onde está o avião, ou mesmo conferir o andamento de outros voos, por mera curiosidade.

Em Xangai, Baidu e Gao De são dois dos aplicativos de mapeamento mais populares. Na prática, o uso deste tipo deste tipo de mapas é mais comum entre pessoas mais novas, visto que as mais velhas não estão tão propensas a visitar novas áreas, mas também se sentem mais confiantes em circular sem mapas de smartphone. "Tenho o mapa dos arredores entranhado na minha mente. Minha cabeça funciona melhor do que qualquer aplicativo de mapas", alega a senhora Zhihui. Embora ela nunca use o mapa do Baidu para se orientar rumo a um destino, o mesmo aplicativo assume outra relevância quando a família de seu filho segue na viagem quinzenal de carro, a fim de visitá-la. A possibilidade de acompanhar o tráfego em tempo real, no Baidu, permite à senhora Zhihui de prever a chegada dos parentes, e, por conseguinte, estimar quando começar a preparar o jantar.

> Uma vez, aconteceu um acidente na linha elétrica, e o carro do meu filho ficou preso no engarrafamento por mais de uma hora. No final, me ligaram, avisando que iam se atrasar, mas eu já sabia que demorariam mais meia hora, porque estava acompanhando o andamento no mapa do Baidu, e observei que o percurso estava vermelho, e não no habitual verde e laranja.

Observamos, nesse caso, mais um exemplo do Oportunismo Perpétuo, com a habilidade de explorar informação em tempo real.

Todos esses pontos envolvem um processo de adoção e de adaptação. Pessoas mais velhas podem apresentar uma resistência inicial ao Google Maps; podem ensaiar um uso do aplicativo como um mapa tradicional, procurando memorizá-lo ou decorando os detalhes. Muitas, em seguida, aceitam ser direcionados enquanto dirigem, ou descobrem, quando em Moscou ou em Lisboa, que o mapa pode auxiliá-los também nos caminhos percorridos a pé. Posteriormente, as mesmas pessoas podem, ainda, seguir dicas oriundas de interesses culturais locais. Na Irlanda, por exemplo, o Google Maps é provavelmente muito mais usado para comparecer a funerais do que em qualquer outro dos nossos campos etnográficos. Isto porque espera-se dos residentes irlandeses que eles estejam presentes na ocasião, mesmo se conhecerem a vítima de forma superficial, para demonstrar apoio à família. O Google Maps seria mobilizado a partir do site RIP.ie. Nele, estão listados todos os funerais do país, em qualquer data, e indica-se rotas para chegar ao lugar, assim como os horários de atividades associadas, como o velório ou a missa.

Talvez não seja possível enfatizar a importância da viagem na vida das pessoas mais velhas que residem na Irlanda. As férias e feriados constam entre as conversas mais corriqueiras, e os membros da classe média frequentemente dispõem de uma propriedade no exterior. Também são comuns viagens do tipo bate-e-volta, com a duração de um final de semana, para o Reino Unido, quem sabe para assistir a uma corrida de cavalos em Liverpool ou para visitar os filhos que trabalham no Reino vizinho; ou, simplesmente, organiza-se uma pequena viagem para outra região da própria Irlanda. Tais atividades envolvem, via de regra, uma configuração específica dos aplicativos. Alguns são usados apenas em caso de férias e feriados, sobretudo o Tripadvisor, o Booking.com ou o Expedia. A maioria dos participantes parecia se sentir confortável ao usar o smartphone para realizar o check in de voos, tanto de forma remota como ao chegar no aeroporto. Antes de decolarem, quem sabe não usaram o Duolingo ou acionado uma estação de rádio local, para aprimorarem suas competências em outros idiomas.

Uma vez no destino, é possível usar o Google Translate ou aplicativos de câmbio. Tanto as redes sociais quanto as webcams se tornaram ferramentas importantes para manter o contato com a família, e trocar retratos; de quebra, provavelmente será consultado um aplicativo de previsão do tempo. Caso a viagem inclua excursões a pé, o Contador de passos pode aparecer como comprovação de como as férias estão sendo aproveitadas para manter a forma. Além disso, as pessoas mais velhas se sentem mais confortáveis explorando terrenos desconhecidos, pois, graças ao GPS, sabem que a probabilidade de se perderem é baixa. O smartphone aparece, ainda, como alternativa para uma viagem planejada ou digital. O exemplo mais evidente veio de Liam, da Irlanda (Fig. 5.11). Liam usou um aplicativo de realidade virtual (VR, na sigla em inglês), associado aos seus óculos da marca Oculus, para “viajar” para locais nos Estados Unidos que, provavelmente, nunca visitará de modo presencial[20]. Nem mesmo o espaço fugia à sua ambição: desfrutou de uma “viagem” em VR, em torno de uma estação espacial. Liam também perambulava virtualmente por várias regiões do planeta através do Google Earth, planejando a ida para um casamento na Itália, ou revisitando destinos de férias antigas[21].

Notícias e informações

No que se refere a como as pessoas usam os smartphones para lidar com notícias e informação, nosso levantamento sucinto começa com os

Figura 5.11 Liam “viajando” para os Estados Unidos através dos seus óculos de marca Oculus. Fotografia de Daniel Miller.

indivíduos, avança para uma visão da circulação em meio à comunidade, e termina com exemplos de notícias disseminadas pelo Estado. Hoje, em muitas regiões do globo, o verbo “googlar” se tornou um sinônimo de buscar informação online sobre praticamente qualquer assunto. Na prática, podem surgir diversas conotações locais, que extrapolam em muito a capacidade do buscador em questão. Em Santiago, muitas pessoas mais velhas não distinguem entre o aplicativo, o web site e o buscador articulados ao Google. Do mesmo modo, para alguns participantes, “a internet” se refere simplesmente ao Google.

Se o Google extrapola sua função de origem, o Youtube expandiu sua atuação a ponto de também se tornar um buscador. Por vezes, entende-se o Youtube como um site onde se busca por informação alternativa à dos canais tradicionais e dominantes (“mainstream”). Um irmão peruano residente em Santiago usava, por exemplo, esta plataforma de vídeos para colher argumentos não-religiosos contrários à prática do aborto. Pode-se, ainda, usar o Youtube para transpor conteúdos oriundos

típicos da pátria deixada para trás. Em NoLo, os participantes de pesquisa egípcios procuravam, tipicamente, por música, e os sicilianos, por receitas. Foi o caso de Maria, que, no dia de Santa Lúcia, achou na internet, com seu smartphone, uma receita de Cuccìa. Nesse dia, a tradição pede que se coma este prato típico da Sicília, feito com bagas de trigo fervidas e açúcar. Maria compartilhou tanto a receita, quanto as fotos da Cuccìa que preparou, para família e amigos, via Facebook e WhatsApp; partilhou, ainda, fatias do prato com as filhas, em Milão, e com vizinhos de prédio mais próximos, em NoLo.

Um dos efeitos do Oportunismo Perpétuo consiste no vício potencial – embora, como sublinhamos no capítulo 2, o termo detenha, muitas vezes, um significado nebuloso. Na Irlanda, pairava uma percepção dos mais jovens como "viciados" em smartphones, na medida em que agiam de forma bastante "irrequieta" após um extenso período sem checar o que os amigos – ou os *haters* [22]– estavam dizendo sobre eles. Quando as pessoas mais velhas demonstravam o mesmo teor irrequieto, ele parecia advir sobretudo de um "vício" em notícias, sobretudo aquelas ligadas à política, embora, para homens mais velhos, não se pudesse descartar a alternativa dos episódios esportivos. Muitos relatos envolviam passar horas por dia lendo notícias nos smartphones, via de regra porque os usuários acompanhavam, de forma absorta, uma situação política específica. Durante o período da pesquisa, tal afirmativa costumava se referir a dois casos: ou a situação política dos Estados Unidos, enquanto Donald Trump seguia como Presidente da República no país, ou o Brexit, no Reino Unido. Nenhum relato apresentou tamanho fascínio ao acompanhar a política irlandesa.

Anne, por exemplo, dedicava duas a três horas por dia à leitura de notícias "Trump". Alternava entre Google e aplicativos de jornais, incluindo o *The Washington Post*, *Al-Jazeera* e o *The Guardian*, assim como títulos irlandeses, emissoras de rádio e outras fontes de mídia, até mesmo dos Estados Unidos, como a Fox News. Este conjunto de fontes era complementado com o YouTube, onde buscava por programas satíricos e lia tweets satíricos do *The Onion*, além de notícias compartilhadas por terceiros no Facebook. Pela manhã, Anne ouvia as notícias com fones de ouvido, para não acordar o marido. É possível que a maioria das pessoas mais velhas, no campo etnográfico em questão, acompanhe as notícias diretamente de seus smartphones, antes mesmo de sair da cama, pela manhã, e antes de apagarem a luz para irem dormir.

Utilizava-se diferentes maneiras para decidir em que informações confiar. No caso das mídias sociais, pesava mais a reputação da pessoa que tinha enviado a notícia. Em geral, mesmo as notícias online se associavam,

com frequência, a fontes tradicionais, como jornais, emissoras de rádio e de televisão. Uma pesquisa mais detalhada sobre como os residentes de Dublin avaliam informações no campo da saúde nos forneceu muitos critérios claros, como desconsiderar qualquer fonte ligada a sites comerciais, que vendiam produtos. Em outros campos etnográficos, identificou-se uma preferência por fontes estrangeiras de notícias, em detrimento das nacionais, dependendo da opinião expressada sobre a situação política local.

A cobertura jornalística do uso de smartphones como meio de notícias e informação se preocupa, sobretudo, com as *fake news*[23]. Contudo, para muitos dos participantes, ao considerarmos todos os campos etnográficos, as notícias no smartphone são dominadas por material que ridiculariza política e políticos, através de sátiras e outros tipos de piada. O meme abaixo, por exemplo, foi compartilhado pelos residentes de NoLo, via WhatsApp (Fig. 5.12). Nele, vemos o então Primeiro Ministro italiano, Giuseppe Conte, como se cochichasse para Matteo Salvini, então Ministro do Inteiror e membro da extrema-direita:

> "Você tem um barco para a gente bloquear e distrair as pessoas, já que não sei que **** mais dizer sobre a recessão?".

Figura 5.12 Meme político satírico compartilhado em grupos de WhatsApp de NoLo.

A referência resgata um episódio de junho de 2018, quando Salvini tomou a controversa decisão de bloquear o desembarque de 600 migrantes vindos da Líbia na ilha de Lampedusa, pertencente à Itália. O gesto dominou as notícias da época. O meme se revelou particularmente popular em NoLo, numa conjuntura em que ocorriam protestos regulares, online e offline, contra Salvini e suas medidas hostis em relação aos migrantes.

O ato de compartilhar piadas sugere que o consumo de notícias seja mais coletivo do que individual. Em Iaundé, por exemplo, o YouTube se tornou um componente importante da socialização em meio a esportes coletivos, embora o principal conteúdo compartilhado sejam vídeos engraçados. Além dos vídeos em si, é muito comum acrescentar que "não se deve rir sozinho", e compreende-se que as piadas compartilhadas auxiliam no desenvolvimento de um ambiente descontraído e alegre. O compartilhamento pode começar já de manhã cedo. Assim que um membro do grupo acorda, pode descobrir que recebeu centenas de vídeos e imagens engraçados, para apreciar e comentar. Esta atividade é percebida como uma das ocupações prediletas dos aposentados de Iaundé, ultrapassando, às vezes, até mesmo a prática de assistir televisão em casa. Uma participante comentou que dedicava ao menos três horas diárias para assistir vídeos compartilhados por parentes nos muitos grupos de WhatsApp de que participa. Considera o conteúdo muito engraçado. Acrescentou que nunca os encaminha para outras pessoas, mas entende o que lhe é enviado como um gesto de cuidado. De quebra, o humor é um componente chave do modo como as notícias políticas circulam – garante às pessoas um meio de participar e se tornarem ativas da discussão política, em vez de se sentirem recipientes passivos da difusão de informação.

Além disso, o humor aparece como elemento significativo das mensagens de WhatsApp compartilhadas em Dar al-Hawa, onde os vídeos ainda aparecem numa proporção menor do que as imagens. Informações e notícias podem ser permeadas por outros enquadramentos. É comum reagir a uma mensagem específica com o acréscimo de outra imagem cômica, ou respondendo "hahahaha". Para além do humor, contudo, um gênero que pode chamar a atenção consiste no compartilhamento de enigmas e adivinhas. Podemos citar os enigmas sobre o Islã, sobre um lugar, sobre uma imagem particularmente matreira, ou mesmo sobre questões matemáticas (Fig. 5.13).

Este material se destaca em grupos de WhatsApp, quando comparado ao compartilhamento de piadas e brincadeiras. Cria, ainda, um diálogo mais engajado, acompanhado de uma competição sobre quem

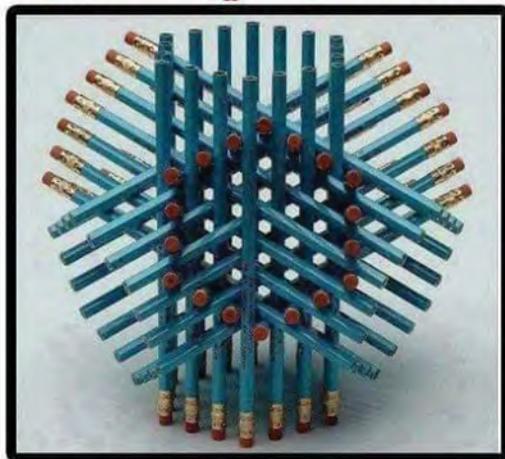



Figura 5.13 Captura de tela de uma adivinha compartilhada por Laila Abed Rabho e Maya de Vries com participantes de pesquisa em Dar al-Hawa. No texto, lê-se: "Quantos lápis você vê nessa foto? Quem é esperto e sabe responder?".

acertará a resposta primeiro. Este ponto vai de acordo com as observações de Laila e Maya em relação às atividades offline do clube de terceira idade, onde jogos e competições faziam parte de suas atividades regulares. Estas últimas eram frequentemente propostas por jovens estudantes, que realizavam um estágio através da universidade. O clima era, via de regra, positivo durante as atividades em si, com uma consciência generalizada de como as competições deixavam todos alertas. As versões no WhatsApp soavam como claras extensões dos mesmos objetivos.

Grandes grupos de WhatsApp também eram usados em Uganda, para compartilhar informações. Em Gulu, por exemplo, o irmão da representante da associação de Lusozi pertence a um grupo corporativo de WhatsApp, através do qual consegue obter dados da Airtel, fornecidos pela administração municipal a preço reduzido. Isto facilita que saiba quando ocorrerão sessões de sensibilização, organizadas pelo conselho de saúde, e permite que mobilize a comunidade, para que esta última compareça aos eventos. Quando atuam como plataformas para compartilhamento de informação, os grupos de WhatsApp em questão "trazem notícias", assuntos que as pessoas gostam, muitas vezes, de saber sobre "o mundo todo". É o caso de Flossie, avó solteira, que ouve pregações e pastores pela manhã, e notícias

da BBC à noite. O conselheiro bíblico Okida apresenta um interesse especial pelas notícias britânicas:

> Adoro a BBC. Estou acompanhando demais o Brexit de vocês... como fomos colonizados por vocês, ainda existe um interesse. Quando o caso de vocês fica meio bagunçado… se vocês não estão indo muito bem, então a gente começa a criar um leve pânico!

Ao visitar residências em Lusozi, Charlotte frequentemente se deparava com pequenos celulares tocando estações de rádio. O conteúdo poderia ser musical, de notícias nacionais ou internacionais, ou, muitas vezes, de pregações evangélicas. Emmanuel, cristão renascido, se orgulha de seu uso de smartphones e das mídias sociais para pregar a palavra. Ouve, ainda, pregações no radio através do celular, especificamente a Voice of America, e notícias de Israel:

> Sabe, é melhor a gente se informar sobre Israel, porque estamos no fim dos tempos. O que quer que aconteça lá, já se sabe que é profecia bíblica.

O único celular da residência de Atim é compartilhado, com o aparelho pertencendo a ela mesma, e o chip à filha. Em geral, usam o dispositivo para que parentes nas aldeias consigam ligar para elas, e, assim, sejam informadas dos problemas e de solicitações para auxílio financeiro, como no caso da recente ida de uma tia delas ao hospital. Também gostam de ouvir o louvor, mas temem que a prática consuma a bateria, já que não tem rede elétrica na casa e precisam carregar o celular na igreja. Restringem o uso do aparelho a, no máximo, 20 ou 30 minutos, já que "estão sempre preocupadas com a duração da bateria" e, particularmente, sublinham, "se sobrecarregar, o carregador queima".

Finalmente, assim como indivíduos e coletividades buscam por notícias e informações, o Estado pode empregar, de forma direta, os celulares como meio de difusão de novidades. O exemplo mais claro deste ponto veio da prática do governo japonês de emitir alertas via celular[24]. As notificações via aparelhos móveis foram lançadas após o desastre triplo de março de 2011, comumente chamado de 11/3, que envolveu um terremoto, um tsunami e um acidente nuclear. Nos anos seguintes ao desastre, o governo sofreu críticas sobre como lidou com a situação, muitas das quais mobilizadas nas redes sociais[25]. Desastres naturais, como fortes terremotos, tufões e tempestades ocorrem anualmente no país. O smartphone se tornou uma linha de frente de defesa para muitos,

possibilitando que as pessoas se preparem e se protejam, numa era de baixa confiança no governo[26]. Um residente da região rural de Kōchi explicou como checava em seu smartphone, toda manhã, o site da prefeitura local destinado aos desastres naturais. Embora não seja um aplicativo, o site já está marcado como favorito, para que ele o abra com um único clique, a partir da tela inicial. Ali, estão disponíveis informações sobre o nível da água e as correntes oceânicas. Se a maré baixou, sabe que deve se preparar para um terremoto. Neste tipo de cenário, ele compraria alimentos de emergência e não iria à cidade.

> Acho que se proteger é muito mais rápido... do que esperar pelos alertas do governo. Quer dizer, esse negócio de maré é só uma hipótese, mas é melhor saber. Acho bom [ter o alerta do governo] mas sempre é 5-10 minutos antes de acontecer, então é muito súbito... temo que a prefeitura de Kōchi seja a última a saber. Há outras prefeituras mais importantes do que Kōchi. Por isso, quero saber o quanto antes, para poder evacuar o lugar mais rápido.

Por conta da sua alta frequência, as notificações oficiais de emergência, usadas mesmo para terremotos menores, padecem do problema de serem sumamente ignoradas. Durante os dilúvios e alagamentos do verão de 2018, era comum estar num restaurante e escutar as notificações de emergência pipocarem, simultaneamente, para todos os presentes, o que causava grande diversão em quem estava jantando. Alguns participantes de pesquisa especularam que os avisos conjuntos ocorreriam porque o governo não gostaria de ser visto como um órgão falho, no que diz respeito aos alertas à população quanto à ocorrência de possíveis desastres.

Resulta daí uma síndrome do “grito do lobo”, em que o número de alarmes falsos pode reduzir a sua eficiência (Fig. 5.14).

Por outro lado, o potencial de alertas diretos sobre infecções possíveis, via mensagem de texto de smartphone, tornou-se uma questão global com o aumento de rastreio de contatos, durante a pandemia de COVID-19. Discutiremos essa questão no capítulo final.

Entretenimento via áudio

Um recente artigo publicado na *The Economist*[27] observou que, numa retrospectiva, o principal motivo para pessoas acessarem a internet, no mundo todo, provavelmente foram as atividades de lazer[28]. Antes do smartphone, o entretenimento era, via de regra, representado como

Figura 5.14 Captura de tela de notificações de emergência compartilhadas, em seguida, no Instagram por participante de Quioto. O comentário associado sublinhava como tais alertas eram frequentes.

atividade discreta, como ver uma série de televisão ou acompanhar um programa de rádio, via mídias tradicionais. Porém, o Oportunismo Perpétuo, que tem no smartphone seu representante, transformou-o em uma presença potencialmente constante, que pode ser mobilizada durante qualquer pausa do dia. Durante os cinco minutos em que se espera por um ônibus, é possível acompanhar um vlogger, ver alguns memes engraçados enviados por amigos, ouvir uma música nova, verificar o que um amigo pretende fazer, ou ler sobre as atitudes do governo. Se um episódio da série de rádio favorita for perdido, é possível acioná-lo a qualquer momento, via *streaming*[29].

Eis então uma significativa mudança na vida das pessoas, porque não sabemos em que momento do dia alguém se sentirá entediado, desmotivado ou simplesmente meio para baixo. Antes do estado de Oportunismo Perpétuo, talvez não fosse possível acionar a televisão ou o rádio naquele momento específico. Os smartphones ampliam, ainda, o

leque do que podemos acessar; enquanto alguém quer ouvir os resultados do futebol, outra pessoa pode cantarolar enquanto ouve seus hinos favoritos. Um indivíduo pode acionar as notícias esportivas; outro, as novidades de celebridades; outro ainda, as notícias políticas. Uma pessoa pode ser estimulada por memes políticos, outra por memes de gatinhos, e uma terceira por um netinho bagunceiro.

Na medida em que o entretenimento se configura como um assunto vasto, restringiu-se a discussão a seguir a um pequeno exemplo: como as pessoas ouvem músicas e outros gêneros. Em Lusozi, dos 35 participantes de pesquisa, 24 usavam programas para ouvir música no celular, e 4 dispunham de aplicativos para buscar música, como o Shazam. O caso mais comum, todavia, envolvia extrair música de um dos 3 fornecedores existentes na região, que vendem downloads de música, conteúdo televisivo e filmes. Os clientes trazem, ou compram, um cartão de memória ou "flash", e escolhem que gênero preferem, a partir da seleção de downloads disponível nos fornecedores, e que está sempre atualizada. Estes últimos procuram se manter a par dos últimos lançamentos, tocando música com sua aparelhagem de som, para atrair clientela. Como explica um deles, "as pessoas vêm, sobretudo os caras que são fregueses regulares... se interessam fora da loja e sabem o que querem". Homens mais jovens podem ser os responsáveis pela escolha da música, e pela sua alocação dos cartões de memória, para parentes mais velhos[30]. O mesmo fornecedor repara que clientes mais velhos são "bem raros... vem de vez em quando, procurando por músicas antigas", como canções gospel, Lingala ou composições tradicionais Acholi; o vendedor acrescenta que "isto os deixa felizes". Como vemos na análise de Pype[31] sobre pessoas mais velhas e mídias populares em Kinshasa (RDC), num ambiente urbano, onde o entretenimento foca, muitas vezes, nos mais jovens, as pessoas mais velhas podem se reconectar com a sociedade contemporânea através do seu conhecimento musical.

Tipicamente, compra-se música no fim do mês, quando se recebe o pagamento. Usando um cartão de memória de 4GB, que custa o equivalente a cerca de 4 libras esterlinas, é possível carregar por volta de 500 músicas no aparelho e enviá-las via Bluetooth. Paga-se o equivalente a 4 pence de libra esterlina por canção, ou o conjunto de cinco canções sai a 21 pence de libras esterlinas. Os fornecedores dispõem, ainda, de vídeos, vendidos a 6 pence de libra esterlina cada, ou enviados como brindes para os clientes fiéis. "As pessoas querem vídeos, sobretudo as mais velhas, com família", explica um deles. Fornecedores de música oferecem, tipicamente, comédia, series, filmes de ação, e filmes de Hollywood, da Nigéria e de Gana.

Lançada em 2013, a Ximalaya, com sede em Xangai, em uma das plataformas mais populares da China para podcasts e áudio livros, com

cerca de 500 milhões de contas registradas[32]. Podcasts, ou programas de áudio digital disponíveis para download ou para streaming, se tornaram rapidamente populares entre as pessoas mais velhas na China[33]. Existe, provavelmente, um episódio de podcast para cada gosto e cada necessidade, nesta era de conteúdo sob demanda. O total de ouvintes de podcast na China saltou para 425 milhões de pessoas em 2018, de acordo com dados da iMedia Research. O usuário típico passa 150 minutos por dia no aplicativo Ximalaya[34].

Para pessoas mais velhas, para quem ler começa a se tornar uma atividade difícil, a alternativa do áudio é uma benesse considerável. Esta geração também cresceu com o rádio, e se sente confortável com este formato. A senhora Tong, grande fã do Ximalaya, explica que "é como se fosse um rádio no smartphone, mas tem muito mais conteúdo". Ela também acompanha o programa de educação infantil (toma conta do neto durante os dias úteis) enquanto realiza tarefas domésticas. Não consegue lembrar quando se sentou para ver um programa ao vivo na televisão pela última vez, porque, hoje, assiste a tudo via iQiyi, a plataforma de vídeo por streaming disponível em seu iPad. Tampouco lembrava quando tinha ouvido um programa de rádio no aparelho em si, pela última vez. Isto pois o rádio foi substituído pela televisão, e, então, há dois anos, pelo Ximalaya, que começou a acompanhar por conta da recomendação de um amigo.

Em outros campos etnográficos, o YouTube é mais um recurso comum para encontrar música. Margarita, enfermeira aposentada de Santiago, vendeu seu rádio e comprou um alto falante com Bluetooh quando o YouTube se tornou sua fonte primária de música. A plataforma permite, ainda, que adultos mais velhos se reconectem com músicas antigas, que, normalmente, já não estão mais disponíveis. Vez por outra, adultos mais velhos de Santiago usam seus grupos de WhatsApp para compartilhar links de canções dos bons velhos tempos. De modo similar, em NoLo, as participantes egípcias percebiam o YouTube como um modo de acessar músicas egípcias ou em árabe. Tocavam as canções em viva voz, fosse nos próprios smartphones ou em alto falantes conectados, em eventos, festas e reuniões da vizinhança, como, por exemplo, durante o Eid, o festival que marca o fim do Ramadã.

Finalmente, smartphones também contribuem para a realização, ou participação, em músicas, além de simplesmente escutá-las. Brendan fundou e divulga um grupo de ukelele em Dublin. O único aplicativo especificamente relacionado à música presente em seu celular é um afinador de ukelele. Contudo, o grupo de ukelele em si se tornou seu principal assunto e motivo de uso do WhatsApp, na medida em que o conjunto é, hoje, muito ativo, possuindo mais de 70 membros, o que

resulta em postagens diárias no grupo. Brendan pode, primeiramente, baixar uma música do YouTube e, em seguida, convertê-la para o formato MP3; isto faz com que possa enviá-la para um alto falante com Bluetooth, que é o que usa enquanto trabalha com o grupo de ukelele.

O Facebook é, ainda, o principal meio de interação entre Brendan e outros grupos de ukelele, na Irlanda e no exterior. Mensagens de texto e telefonemas são usados por ele para organizar detalhes, por exemplo, quando o grupo toca em eventos ou em casas de repouso, como acontece com frequência. Mapas são mobilizados para identificar o destino da vez, assim como o calendário, para organizar os eventos. O aplicativo de músicas de Brendan tem milhares de músicas armazenadas. Muitas dessas práticas são relativamente novas, mas todas derivam de seu manejo do ukelele. Assim, mesmo se Brendan dispõe de apenas um aplicativo especificamente ligado ao ukelele, fica claro que, com o passar do tempo, converteu seu smartphone inteiro em um tipo de "aplicativo de ukelele". O exemplo em questão reforça nosso argumento do capítulo 4 sobre focar em tarefas, mais do que em aplicativos individuais.

Conclusão

O presente capítulo começou observando como muitos modos de uso dos smartphones derivam de uma combinação de duas propriedades. A primeira consiste no design interno, que permite a justaposição imediata de aplicativos, facilitando seu uso articulado. A segunda é a questão da mobilidade, e seu inverso. Embora o smartphone possa circular por aí, sua presença junto ao indivíduo permanece constante. Juntos, estes dois aspectos contribuam para a ascensão da propriedade que permeou o capítulo, e que batizamos de "Oportunismo Perpétuo".

Seu impacto é profundo na própria natureza da fotografia. A questão vai muito além de um mero ajuste em nosso uso de câmeras e imagens. Em vez disso, a fotografia se converteu, em muitos aspectos, no exato oposto do que já foi. As primeiras câmeras eram bestas imensas, que deviam ser montadas como um aparato; as próprias fotografias demoravam para ser processadas, tornando o procedimento fotográfico bastante longo, formal e custoso. Com as câmeras portáteis, fotografar ficou mais fácil. A digitalização exerceu um impacto significativo sobre o que era possível fazer com as fotografias em si, na medida em que eram tiradas. Os álbuns de família, a colagem de família em cortiças, as caixas de sapatos e os porta-retratos[35] receberam a companhia de várias possibilidades novas. A grande maioria das imagens tiradas hoje se destina ao compartilhamento

por redes sociais, parte estabelecida de conversas e comunicação em geral. Basta nos desvencilharmos de nossa tendência nostálgica de considerar como os bons velhos tempos eram melhores, e reconheceremos que a câmera não era o único elemento desengonçado. Todo o conjunto da fotografia análoga era bastante restrito.

Em contrapartida, a câmera do smartphone se ajusta perfeitamente ao Oportunismo Perpétuo. Mesmo crianças em idade escolar mantêm atenção constante, enquanto andam na rua ou cruzam um campo, das possibilidades impossíveis de se antecipar e que podem resultar em uma foto digna de Instagram. Nunca sabemos quando uma borboleta abrirá suas asas com um pano de fundo perfeito, ou quando nosso netinho ou netinha decidirá que é o momento de parecer adorável. Graças ao Oportunismo Perpétuo, basta que a atividade dure os segundos necessários para sacarmos nosso smartphone e clicarmos a cena, para que seja capturada e reconhecida. Um fator importante de tal oportunismo vem na ausência de custo. É fácil tirar, armazenar, selecionar, excluir e substituir imagens. Enquanto ato de enquadramento, tirar um retrato contém um elemento de sacralização, discernindo os elementos selecionados do resto mundano, que permanece sem moldura. Há, muitas vezes, um projeto social neste gesto, como quando a população de Dar al-Hawa compartilha imagens de uma viagem com quem não pode ir, a fim de incluir toda a coletividade[36].

Cada campo de uso do smartphone discutido no presente capítulo se revela um exemplo de Oportunismo Perpétuo em si. No exato momento em que o motorista pensa ter se perdido, o GPS está ali em seu smartphone. O aplicativo de tradução está lá para aqueles momentos das férias, em que alguém parece contar algo com entusiasmo, mas não se entende nem o que, nem por que está falando. As pessoas mais velhas em Bento, mais propensas a usar o transporte público uma vez aposentadas, já não precisam planejar seus finais de tarde de modo tão rígido; podem, simplesmente, acionar o transporte de volta para casa quando se sentirem prontas para partir. Um migrante peruano em Santiago pode aferir uma receita peruana no YouTube, durante o preparo do prato. Tudo está lá e disponível em um instante. A expressão antiga “tocar de ouvido” deriva do campo musical. Graças ao smartphone, ela passou a descrever a vida cotidiana de modo literal.

Como sempre, quando se trata do smartphone, consequências menos benignas subjazem a expansão das suas capacidades[37]. O próprio termo “Oportunismo” detém conotações negativas. O outro lado do Oportunismo Perpétuo envolve vulnerabilidade perpétua. Onde quer que se esteja, alguém pode estar nos perseguindo. Parece não haver mais

justificativas plausíveis para não responder uma mensagem, quando o WhatsApp já comunicou ao remetente (quem sabe nosso chefe?) que a comunicação foi recebida. Alguns parentes demonstram, com clareza, a expectativa de serem respondidos imediatamente. Já mencionamos o caso das crianças em idade escolar, e que sofrem de constante ansiedade em relação ao que está sendo dito sobre elas. Podem perder o sono, à noite, porque agora podem levar o smartphone para debaixo do travesseiro às 3 da madrugada, e garantir que não percam o insulto ou a revelação que tanto temem. Então percebemos que o Oportunismo Perpétuo pode, também, ser vivido como pressão perpétua. Demandas de um empregador podem ocorrer a qualquer momento de qualquer dia. O smartphone habilitou drásticas mudanças nos trabalhos da economia de shows e apresentações, que agora se pauta na disponibilidade sob demanda.[4]

O Oportunismo Perpétuo assistiu, portanto, à ascensão de reivindicações sobre dar um tempo no smartphone, ou "detox digital"[38]. Se é possível usar o smartphone a qualquer momento, o passo seguinte envolve a tentação de usá-lo o tempo todo. Sempre podemos lembrar de mais alguém para telefonar, mais uma coisa para pesquisar. O Oportunismo Perpétuo contribui, então, para um discurso sobre vício, apresentado no capítulo 2. Por outro lado, todas as consequências citadas podem sofrer exageros. Pois o Oportunismo Perpétuo não é uma propriedade exclusiva dos smartphones: a voz humana é outra oportunidade perpétua. Sempre foi necessário que as pessoas "segurassem a língua", tentando resistir à tentação da réplica, ou de ter a última palavra, mesmo quando sabemos que queremos falar algo inapropriado, ou que é a vez de outra pessoa falar. Seres humanos sempre viveram, e se ajustaram, à tentação perpétua em seus diversos formatos. A evidência oriunda deste capítulo foca muito mais em como as pessoas adaptaram os smartphones para seus próprios fins, em vez de ceder cegamente a toda e qualquer possibilidade ofertada pelo aparelho.

O Oportunismo Perpétuo não implica, necessariamente, que nos tornamos mais rasos ou que nossas atitudes passaram a ser mais imediatistas. Smartphones são usados para planejar no longo prazo, tanto quanto para gratificação imediata. Na Irlanda, as pessoas amam planejar os meses de férias com antecedência, usando o Tripadvisor, o Google Earth e o Booking.com, ou aprendendo um idioma com o Duolingo. O Oportunismo Perpétuo é, em todos os casos, uma consonância[39], mas a maior parte deste capítulo abordou os diferentes modos pelos quais nos beneficiamos desta possibilidade. Em todos os campos etnográficos, ouve-se música através dos smartphones, mas o modo como a música circula em Kampala e Iaundé, através dos fornecedores, é muito diferente do acesso musical em Dublin

ou em al-Quds. O uso do smartphone pelo governo japonês, visando alertar as pessoas quanto à ocorrência de emergências, é específico da região. Embora as oportunidades possam sempre existir, os residentes de cada localidade delas se beneficiam de modos diferente. Isto explica o título do próximo capítulo – "Artesania".

Notas

1 Contato Constante, em tradução livre [N.T.].
2 Katz e Aakhus 2002.
3 Ling 2004; Ling e Yttri 2003.
4 Sarvas e Frohlich 2011.
5 No século XIX, utilizava-se câmeras também para gravações e documentações pioneiras; vide Pinney 2012. Contudo, os aparelhos pesadões da época diferiam inteiramente dos smartphones e não podiam ser usados para o tipo de fotografia funcional aqui descrito. Vide Gómez Cruz e Meyer 2012.
6 Morosanu Firth et al. 2020.
7 Um conjunto de ensaios sobre os usos e consequências da fotografia digital está disponível em Gómez Cruz e Lehmuskallio 2016. Para a relação com a memória, vide Dijck 2007.
8 No século XIX, tais imagens eram percebidas como mais "científicas" e "verídicas" do que formas anteriores de representação visual, como pintura e arte. Vide Walton 2016.
9 Miller 2015.
10 Drazin e Frohlich 2007.
11 Ver também Mirzoeff 2015.
12 Para uma discussão mais abrangente sobre o impacto do enquadramento, ou *framing*, vide Goffman 1972.
13 Vide o artigo de Susan Murray sobre a "estética cotidiana", que a autora sublinha ser de teor central na prática da fotografia digital do dia-a-dia. Murray 2008.
14 Ernst Gombrich, um dos historiadores da arte mais renomados, escreveu uma obra relevante (O Sentido de Ordem) dedicada não à arte, mas às molduras que envolvem os retratos. No livro, Gombrich argumenta que o principal fator para que alguém pare e contemple uma obra de arte não consiste na qualidade do que está emoldurado, mas pelo próprio enquadramento. Na mesma linha, defendemos aqui que a fotografia é uma arte de enquadrar a natureza ou outros temas; e que o enquadramento é determinante na mudança da percepção, mais do que o objeto emoldurado. Vide Gombrich 1984.
15 Hendry 1995.
16 Vide Favero 2018.
17 Bell e Lyall 2005, 136.
18 Os mais jovens usuários de redes sociais, ondem postam fotos, estão cientes da vigilância constante exercida pela família. Vide de Vries, no prelo.
19 E também em Trinidad e Tobago. Vide Miller 1995.
20 Poder realizar uma viagem virtual com a modalidade dos óculos VR pe um marco digital e tecnológico na história, mais extensa, do "gabinete de viagens" imaginário. O aristocrata francês Xavier de Maistre (1763-1852) descreveu o conceito de forma pioneira, na obra Viagem Ao Redor do Meu Quarto (1794), um relato autobiográfico e satírico de um jovem oficial, preso no próprio quarto por seis semanas. O texto se baseou na experiência do próprio autor, ao ser condenado a prisão domiciliar em Turim, na Itália, por conta de um duelo. Vide Maistre e Sartarelli 1994.
21 O filme sobre Liam pode ser conferido em http://bit.ly/VR_Liam.
22 O *hater*, "odiador", em inglês, é um usuário da internet que difunde mensagens de ódio contra algum tema ou perfil [N.T.].
23 O termo *fake news* remete a informações falsas, sobretudo notícias, divulgadas no meio online. Optou-se por manter a expressão em inglês, porque é adotada de forma corriqueira pela mídia lusófona [NT].

24 Para outro exemplo sobre alertas em caso de desastre natural, vide Madianou 2015.
25 Um objeto particularmente interessante talvez seja o telefone. Quando seus inventores criaram o aparelho, pensaram que seria usado, sobretudo, para disseminação de informação, e mais do que para conversas sociais. Vide Fischer 1992.
26 Vide Slater et al. 2012: "Às 14:26 do dia 11 de março de 2011, um terremoto de magnitude 9 na escala Richter atingiu o Japão. Alguns minutos depois, um tsunami atacou, onda após onda, a costa de todo o Pacífico. Como se não bastasse o desastre natural, às 15h35, as águas do tsunami – de 15 metros de altura – danificaram o reator de Fukushima Daiichi, criando rumores e medo de uma contaminação nuclear massiva (Ito, 2012, pp.34-35). Praticamente tudo o que sabemos hoje, e, em particular, o que sabíamos sobre o terremoto e o tsunami nas horas, e mesmo nos dias, imediatamente seguintes aos eventos, foi cunhado de forma significafiva pelas redes sociais. De fato, informações e imagens foram geradas numa velocidade tal que as redes sociais não apenas representaram, como intermediaram, diretamente, nossa experiência do desastre, mais do que qualquer outro evento conhecido até então. Se o Vietnã foi a primeira Guerra plenamente televisionada (Anderegg, 1991), o episódio de 11/3 foi o primeiro desastre "natural" a ser plenamente experienciado através das redes sociais. Isto resulta de um conjunto de fatores, alguns dos quais ocorrendo em função do modo como o uso de tecnologia sem se desdobrado no Japão, e, em especial, a mobilidade das mídias que cabem na palma da mão; outros fatores são devidos às reações especificas das redes de pessoas em tempos de crise. As redes sociais, porém, já apareciam como muito mais do que fontes de informações; eram ferramentas de ação social e política". Tradução livre.
27 Vide The Economist 2019.
28 Para artigos que tratam, de modo mais abrangente, da música móvel, vide Gopinath e Stanyek 2014.
29 Transmissão, em tempo real, de dados de áudio e vídeo [N.T.].
30 Pype 2015.
31 Pype 2015.
32 Abacus News 2019. Um usuário pode ter várias contas.
33 Abacus News 2019.
34 Shuken 2019.
35 Vide a fascinante etnografia sobre o que foi feito com fotografias analógicas, redigida por Drazin e Frohlich 2007.
36 Vide Jurgenson 2019.
37 Jovicic, no prelo.
38 Sutton 2017.
39 Costa 2018.

6
Artesania

Campos: Bento – São Paulo. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi – Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

Artesania: a cunhagem dos smartphones e das vidas

Como o presente volume pertence a uma série mais ampla de publicações, muitos dos autores adotaram o termo "artesania"[1]. A palavra remete não apenas ao modo como temos adotado os smartphones e nos adaptado a esses dispositivos, como vincula essa atividade ao conceito maior dos textos em questão, que consiste na artesania da própria vida. A ideia de encarar a vida como uma artesania nos leva aos campos etnográficos que focaram na aposentadoria – época em que nos deparamos com vivências menos estruturadas pelas rotinas de trabalho ou as obrigações familiares. Essa liberdade pode nos tornar mais engajados na construção do conteúdo e dos ritmos do cotidiano. Tal sintonia entre smartphones e a experiência do envelhecimento será o tema do capítulo 7. Antes de enveredarmos por esse tema, precisamos explorar o próprio termo "artesania" com mais profundidade. Ele será utilizado no núcleo duro do presente capítulo, para examinar como as pessoas articulam seus smartphones com diversas dimensões da vida, como a individual, a social e a comunitária.

A artesania é mais um exemplo de nossa abordagem "smart desde a base", apresentada no capítulo 1. A aquisição de um aparelho é apenas o começo de vários processos transformativos, cujo resultado são os smartphones específicos, tais como encontrados ao longo dos campos etnográficos. Parece apropriado tratar os processos em questão como exemplos de uma confecção artesanal. Afinal, a artesania não significa uma liberdade total de fazer o que quisermos com os smartphones, ou

com as nossas vidas. Artesãos sofrem restrições das propriedades materiais dos insumos com que trabalham. Devem lapidar alguns elementos com cuidado, ou moldar outros, conforme a maleabilidade e a natureza dos materiais em questão. Contudo, diferente do que acontece no caso das obras de arte, a artesania dos smartphones sempre se associa ao contexto e ao uso do aparelho. Não se trata de criar algo dotado de autonomia. O objetivo da artesania em si consiste em criar sintonia com a vida cotidiana.

Organizamos, portanto, o presente capítulo de forma sequencial. Começaremos refletindo sobre como indivíduos se relacionam com seu(s) smartphone(s). Como se dá a artesania de um aparelho, para que se adeque a uma pessoa em particular? Passaremos, em seguida, para um estudo de como os smartphones se articulam não com indivíduos, mas com relações. De que modo ocorre a moldagem do smartphone, para que se encaixe em relações interpessoais? Finalmente, examinaremos o campo mais amplo onde os smartphones refletem, ou facilitam, valores culturais mais gerais. Ainda que apresentemos esses itens numa sequência linear, surge claramente, no fim do capítulo, uma organização cíclica. Afinal de contas, cada indivíduo é cunhado por normas, valores e expectativas da sociedade em que cresceu e foi educado, e está sujeito à religião ou a outras forças morais. Ficará, então, evidente que a artesania abrange uma gama de influências que em muito ultrapassa a mera personalidade individual. Ao confeccionarem seus smartphones, as pessoas elaboram suas relações com o mundo mais amplo em que vivem; assim como são por ele trabalhadas. O smartphone deve, então, se tornar uma parte habitual dos nossos hábitos cotidianos, o que os antropólogos denominam “habitus”[2].

Cunhando o indivíduo

O iPhone de Eleanor, de nosso campo etnográfico em Dublin, é uma maravilha; ela de fato o converteu em uma espécie de manual da vida. Sua tela não dispõe de ícones avulsos de aplicativos; todos estão organizados em uma hierarquia segmentada, agrupados por campos como finanças, esportes, notícias e utilitários, ou articulados a partir das suas funções e suas operações semelhantes. A ordem vertical é complementada por uma horizontal, em que Eleanor usa plenamente a capacidade de vincular aplicativos distintos. Tomemos o exemplo em que seu calendário indicaria uma tarefa como, digamos, pagar uma conta utilitária específica. Ela explicou que criaria um link do evento para o seu editor de texto. Nele, teria iniciado uma descrição passo-a-passo do processo para pagamento

da conta utilitária, indicando as senhas e os endereços de websites relevantes, conteúdo que pode se estender por várias páginas. Eleanor descreve então como é possível vincular, em seu smartphone, um aplicativo associado a uma função a uma coleção de slides de PowerPoint, advindos de uma apresentação que assistiu sobre como realizar um dado trabalho da maneira mais eficaz. De quebra, Eleanor se muniu de auxílios visuais que contribuíssem na localização de informações relevantes. Nestes, incluía-se uma série de emoticons, como alfinetes de fralda para informações médicas, um carro para transporte e um sinal de alerta para qualquer pagamento a ser realizado no dia em questão. Assim, para qualquer horário, ou qualquer tarefa, ela considera possível localizar, em 3 a 4 toques, as instruções para a sequência mais eficiente de ações que permita cumprir o item da vez.

Podemos tomar como exemplo o uso, feito por Eleanor, do aplicativo fornecido pela sua seguradora de saúde, a Laya. Eleanor relata que fotografa imediatamente qualquer receita enviada por seu médico, e envia pelo aplicativo; assim, garante seu ressarcimento em até 10 dias. Todas as fotografias são datadas, para que possa organizá-las e compartilhá-las com maior facilidade. Além disso, sua câmera se converteu em um elemento central de toda a organização, porque Eleanor entende que é o principal apetrecho na coleção e armazenamento de evidências. Isto abrange tanto um reparo de automóvel, quanto um cronograma para hidroginástica. Eleanor usa o alarme telefônico não apenas para levantar-se pela manhã, mas também para alertá-la sobre o horário de uma injeção, ou informá-la que já deveria estar saindo de casa, para algum fim específico. Uma seção inteira de seu smartphone é dedicada à gestão financeira. Ainda que não disponha de um grande patrimônio, gosta de mobilizar seus fundos com frequência, para mantê-los ativos.

Eleanor comenta sobre seu telefone com termos de limpeza, organização e cuidado doméstico. O volume de slides de PowerPoint e outras fotografias presentes no aparelho pode facilmente se desorganizar. Exigem, portanto, um constante editar, apagar e reordenar de arquivos, para que eles sigam úteis e facilmente acessíveis, os dois principais quesitos que Eleanor exige de seu smartphone. Ela atualiza constantemente seu calendário. Todos os arquivos têm *back up*[3] de segurança, na nuvem, de modo que, embora Eleanor perceba que toda a sua vida esteja contida no smartphone, foi possível, após sofrer um roubo recente, na Espanha, neutralizar imediatamente as funções do aparelho. Como toda a informação estava garantida em um *back up* seguro, Eleanor pode, muito rapidamente, repovoar um novo dispositivo com todos os conteúdos. A única função à qual não aderiu com tanta convicção foi a Siri, a assistente virtual do

aparelho[4]. Tentou customizá-la tanto com vozes masculinas como femininas, mas nenhuma agradou. Eleanor, de fato, se incomoda não apenas com as interferências da Siri, mas com toda a tendência voltada para o uso de inteligência artificial para antecipar suas ações com sugestões. Não gosta de como o Netflix ensaia propostas de ideias do que ela gostaria de assistir, baseado nas experiências anteriores, e comenta que "tenta ser prestativo, mas é destrambelhado".

As transformações de Eleanor parecem seguir um padrão. A essa altura da vida, controla menos o trabalho, ou a saúde, do que gostaria, e a manutenção de uma ordem rigorosa compensa parcialmente esses pontos. Seu iPhone é percebido como uma das poucas coisas que de fato controla. Não surpreende, assim, que ela considere desagradável qualquer competição em relação a esse controle, representada pelas sugestões que emanam do próprio smartphone.

As razões para darmos o pontapé inicial do capítulo com Eleanor vão além do intuito de apresentar um manual bastante impressionante de instruções da vida. Escolhemos esse exemplo porque ela cunhou seu celular com propriedade, a fim de expressar um sentido próprio de perfeita profissional, com a aptidão organizacional nele implícita. Eleanor dedicou a vida inteira à tentativa de garantir um cargo profissional que utilizasse plenamente essas habilidades. Infelizmente, não foi o caso: seus empregadores foram incapazes de reconhecer essas qualidades, e ela não recebeu a oportunidade de se tornar quem imaginava ser, através do trabalho. No final, foi através do smartphone que se sentiu capaz de demonstrar, ao menos para si própria, tanto quem almeja ser quanto quem acredita ser de fato. O caso de Eleanor e seu smartphone pode soar altamente particular, mesmo único. Não há ninguém como ela. Mas o caso também reflete um senso mais amplo da ordem que associamos com termos como uma abordagem "profissional" ou "bem-organizada" da vida. Trata-se de uma ordem cultural, tanto quanto pessoal, que está tão visível em uma inspeção detalhada do smartphone de Eleanor, como em conhecer a própria Eleanor. Cunhou-se, sobretudo, o alinhamento entre os dois pontos.

A mesma questão se aplica a outro irlandês, Eamon, cuja família pesca há 150 anos. Dotado de uma autossuficiência robusta e prática, ele encarna uma versão específica da masculinidade. É categórico, por exemplo, em argumentar que não precisa de outras pessoas, ou da televisão, porque nunca se entedia e sempre está ativo, seja com exercícios esportivos ou tarefas práticas. Cada uso do smartphone deve ser legitimado sob o rigoroso critério da necessidade. Eamon se permitiu utilizar o Skype ao

longo dos dois anos em que sua filha viveu na Austrália, mas afirmou que nunca tinha usado o aplicativo antes, nem depois. Por conta das melhorias no desenvolvimento dos smartphones, tem a vantagem de já não ser obrigado a usar a chamada de voz, que lhe desagrada; pode substitui-la com mensagens de texto, por exemplo, sobre o horário de chegada do trem na estação. No caso de Eamon, a estética inclui um formato específico de minimalismo social, derivado de um dos estabelecidos estereótipos associados à masculinidade. Trata-se, mais uma vez, de um estilo aplicável tanto à pessoa quanto ao seu smartphone. Hoje em dia, provavelmente, tal abordagem da vida se restringe, na Irlanda, a homens mais velhos, tendo sido revogada por ideais de gênero mais modernos.

Em outros exemplos, o senso de ordem de um indivíduo apresenta laços menos óbvios com uma norma cultural – pessoas que podem ser consideradas um tanto excêntricas. A fisioterapeuta esportiva Gertrude possui dois telefones. Isto por estar obcecada com a ideia de, a qualquer momento, se deparar com uma imagem ou composição que precise capturar com o celular e imediatamente enviar para o Instagram, ou, às vezes, também para o Facebook e o Twitter. Pode se tratar de uma paisagem, uma selfie em uma dada situação, ou apenas uma constelação de cores. Este sentimento é bastante comum hoje em dia, embora não seja, via de regra, levado a este extremo. Gertrude admite que, se a bateria do celular acabasse, não seria possível capturar a imagem no exato momento em que a encontrasse, o que a aterroriza. Como resultado, não apenas carrega consigo os dois iPhones, mas também um *dongle*[5] (caso não haja conexão sem fio disponível) e um carregador de bateria extra.

Gertrude sempre leva dois celulares – mas quando Melvin, outro participante do campo etnográfico irlandês, esvaziou os bolsos da sua jaqueta, revelou nada menos que quatro aparelhos da marca Nokia, e um smartphone da marca Huawei (Fig. 6.1). Neste caso, a principal questão diz respeito à música, mais do que à fotografia. Melvin grava constantes "sessions" e performances ao vivo, geralmente em pubs, de música irlandesa tradicional; quando o espaço de armazenamento de um aparelho acaba, passa para o seguinte.

Melvin também viaja com frequência para destinos como o Reino Unido e a Córsega. Usa aparelhos distintos para se comunicar com as pessoas de cada região, usando planos de celular locais. Também duplica os dados, na medida em que se preocupa com a perda ou roubo de um celular em particular, e às vezes leva uma bateria extra. Melvin se acostumou a ser visto como excêntrico, em vários sentidos. Claramente tem prazer em atuar à altura das expectativas, criadas por sua reputação,

Figura 6.1 Os cinco celulares nos bolsos da jaqueta de Melvin. Fotografia de Daniel Miller.

de quem o conhece, e aprecia gestos extravagantes e, muitas vezes, generosos. Talvez fosse a pessoa, nos dois campos etnográficos irlandeses, que menos surpreendesse ao carregar cinco celulares em seus bolsos.

Em cada caso apresentado até aqui, caracterizamos a pessoa, e, em seguida, a sua posse de um smartphone. Estes aparelhos não acentuaram, nem atenuaram as personalidades em questão. Melvin já era geralmente percebido como excêntrico, enquanto Eleanor se sentia confortável ao ser vista como hiper organizada. Nada disso, contudo, reduz o teor extraordinário dos usos que ambos fazem de smartphones - é difícil de imaginar qualquer outra coisa, no mundo, que criasse tanta sintonia com seus perfis, de modo tão eficiente, quanto estes dispositivos. As suas histórias apontam o quão íntimo se tornou o dispositivo, e revelam meios através dos quais o smartphone pode ser reconfigurado, de modo individual, para desenvolver essa relação holística e contínua entre usuário e aparelho.

Ao ministrar aulas sobre uso de smartphone, Alfonso se encontrava em uma boa posição para observar como o modo de uso individual dos smartphones expressa suas atitudes em relação aos próprios dispositivos. Francisco, estudante chileno, por exemplo, era dotado de uma natureza séria; podia se mostrar um tanto ranzinza em relação aos alunos mais

impertinentes, mas também apresentava uma tendência à nostalgia, assim como um senso de humor muito seco. Francisco gosta de *gadgets*[6] e aparelhos, preferindo os que pode debulhar, consertar e reconstituir; esta feição, além de tudo, contribui para apontá-lo como alguém bastante funcional. Trata-se de um aluno alerta, que tende a instalar de antemão os aplicativos relevantes. Contudo, seu pragmatismo cético faz com que gravite em torno de métodos analógicos mais antigos, a menos que inteiramente convencido de que a alternativa digital seja melhor. Não é o caso, por exemplo, do calendário do smartphone.

Francisco apresenta uma extrema cautela frente à habilidade do smartphone de segui-lo, por exemplo, através do GPS, a ponto de se recusar, durante as aulas, a realizar qualquer atividade baseada nesta ferramenta. Tinha sofrido um assalto pouco tempo antes, e seu smartphone fora roubado, o que desencadeou uma preocupação sobre qualquer item que permitisse que o seguissem. Uma vez que o Google Maps revelou seus poderes de vigilância, ao lembrá-lo de que estava em um parque há três horas, desligou o GPS. Queremos frisar que os medos de Francisco derivam de sua autopercepção como ator racional, que baseia suas conclusões em observações. Viu – e vivenciou – o fato de que pessoas são assaltadas, assim como o *modus operandi* do Google Maps, e daí deduz que gangues de ladrões devem estar usando o Google Maps para assaltar. O fato de considerarem esquisito o seu comportamento lhe preocupa muito menos do que a sua fé no próprio raciocínio.

O engenheiro irlandês Peter desenvolveu um carinho atípico pelo seu celular Nokia: era confiável, durava muito, dispunha de um bom design e era prático. Sentiu-se traindo o aparelho ao adquirir um smartphone, abandonando um verdadeiro amigo em prol dos balangandãs do novo dispositivo. Como, porém, Peter é um engenheiro com destreza, decidiu por uma reengenharia de seu smartphone. Ao desabilitar muitos dos elementos centrais do aparelho, fez com que seu Samsung Galaxy operasse por 120 horas ininterruptas, sem precisar recarregar. Programou-o para que, ao chegar em casa, todas as chamadas fossem redirecionadas para o telefone fixo, enquanto o smartphone em si podia ser guardado em uma gaveta. De fato, converteu seu novo dispositivo smartphone em uma réplica do celular Nokia antigo.

Um último exemplo irlandês é importante, na medida em que um smartphone pode não refletir uma personalidade como um todo, mas, simplesmente, seus interesses dominantes. Quando Matis deixou sua Lituânia natal para viver na Irlanda, certamente caiu de pé. Seu atual emprego cai como uma luva, dada a sua paixão de vida inteira por carros. Quando termina de retirar o lixo, recolher as mesas e as demais tarefas

que lhe competem no restaurante de comida mexicana em que trabalha, pode se concentrar no restauro dos carros clássicos pertencentes a seu empregador, que também partilha dessa paixão.

Matis mora na Irlanda, com sua esposa, filhos e netos, desde 2008. Não surpreende, portanto, que predominem, na tela de seu smartphone, aplicativos associados a automóveis, peças e acessórios, como o Donedeal (um *marketplace* digital irlandês para compradores e vendedores de carros) ou o Mister Auto (uma loja de peças automotivas). Igualmente importantes são os vídeos de outros aficionados por carros que assiste no YouTube, em que explicam como lidar com tarefas particularmente problemáticas. A câmera é, por sua vez, essencial, uma vez que compradores especializados esperam um registro fotográfico completo de cada etapa do restauro, processo que pode demorar um ano até ser concluído. Matis observa o orgulho com que seu empregador dirigiu seu restauro mais recente, um carro clássico de corrida, por 1500km, até a Itália, e retornou à Irlanda sem problemas. Um fio plugado ao celular tem, na outra ponta, uma micro lanterna/câmera. Matis a utiliza como um "aparelho de endoscopia", que pode inserir em brechas do carro para investigar uma seção específica do automóvel, antes de começar a modificá-la. Aspectos que a lanterna falha em revelar podem ser observados graças a fotografias que tira com o flash do "aparelho de endoscopia", e que são, em seguida, enviadas para o smartphone. Matis obteve este *gadget* na China. Ao nos mostrar como ele funciona, parece tão reluzente quanto a lanterna.

A engenharia do smartphone tem por quesito inverso o uso do smartphone para uma autoengenharia. Esta última foi a abordagem escolhida por Fernanda, de Bento, que observou um declínio na sua capacidade de lembrar as coisas. Assim como muitas pessoas mais velhas, ela diz não temer a morte, embora tenha horror à demência. Sua maneira de reagir à perda de memória, experiência comum para pessoas mais velhas, consiste em aderir a exercícios de treino do cérebro. Esta modalidade é bastante percebida como análoga à ideia de se manter fisicamente em forma, e estender a expectativa de vida. Assim, Fernanda exercita sua mente todos os dias, usando jogos como Freecell, Lumosity, o Jogo de Blocos de Madeira (Wood Block Puzzle) e o Codecross. O aprendizado da língua inglesa auxiliou Fernanda a estimular suas funções cognitivas através de aplicativos como o English Conversation e o Google Classroom, que possibilitam o envio e a correção de exercícios via o próprio app. Há pouco tempo, Fernanda baixou e instalou o Duolingo, aplicativo que utiliza para aprender italiano, visto que seu filho namora uma italiana.

Após obter a aposentadoria como funcionária de uma empresa de alimentos, Fernanda planeja, hoje, passar a empreender. Aceitou

recentemente o convite de um amigo para começar uma empresa de telemedicina, voltada para o cuidado de idosos. Antes, reconheceu os benefícios e os riscos de partilhar processos cognitivos com seu smartphone:

> Se você perde o seu smartphone, fica sem vida. É impressionante, tudo está lá. A sua vida está nele. Tenho medo de perder meu smartphone. Sem ele, teria dificuldades para lembrar. Falaria com você e no dia seguinte já pensaria... "o que ela disse mesmo?". Então, para mim, o smartphone é fundamental.

À medida que Fernanda cede habilidades cognitivas, dentre as quais a de lembrar, para seu smartphone, ela busca meios de transformar seu aparelho em um dispositivo para reparo, ou ao menos manutenção, da memória.

Toriyama-san, de Quioto, hoje usuária de um smartphone, também tem na memória o motivo central para manter seu celular antigo (*garakei*) e carregá-lo toda noite, embora já não o manuseie. "Não quero morrer", explica. Teme que as fotos que tirou, e, por extensão, as memórias que criou, se percam para sempre se permitir a "morte" de seu celular antigo. Ouviu-se de muitos outros participantes, no campo etnográfico japonês, que nem mesmo sonhariam em jogar os celulares antigos fora, por esse exato motivo, preferindo guardá-los com segurança em uma gaveta. O sentimento do celular como um repositório de memórias se complica, à medida que o smartphone assume outras funções cognitivas e pode até mesmo surgir como parte integral de alguém.

Todos os exemplos apresentados até aqui tiveram uma orientação bastante individualista. Encontramos, porém, um contraste no caso de Mario, um aposentado. Mario é apaixonado por horticultura e ativista ambiental com orgulho. Como ele mesmo explica:

> Sempre fui assim, desde criança, me recordo. Sempre tive curiosidade em relação à comunidade, os ambientes em que vivemos, sobre as pessoas, sobre as suas experiências coletivas de trabalho e de vida.

Mario converteu seu smartphone em um dispositivo para gerir um dos loteamentos comunitários locais (Fig. 6.2). Coorganiza, ainda, eventos sociais, como um tour pelo apiário mantido nos loteamentos e a coleção de tipos de mel (opção popular entre as crianças da região), ou um jantar comunitário, em que pessoas oriundas de culturas diferentes trazem pratos tradicionais de seu país, a serem degustados ao ar livre, nos jardins.

Figura 6.2 Um loteamento comunitário em NoLo. Fotografia de Shireen Walton.

Mario gosta de usar o PictureThis, um aplicativo identificador de plantas. Ao longo do tempo, aplicativos que não se integraram bem à rotina de Mario foram deletados.

Temos, em Mario, exemplos das contradições de discurso abordadas no capítulo 2. Enquanto ambientalista, não se sente particularmente dependente de smartphones. Ao mesmo tempo, porém, é através do uso do seu smartphone que consegue difundir os valores ambientais e comunitários que lhe são tão caros.

Alguns outros exemplos de como os smartphones se encaixam nas vidas de indivíduos, em NoLo, estão disponíveis no curta-metragem abaixo (Fig. 6.3).

Podemos, finalmente, retornar ao ponto de partida da nossa discussão, descrevendo como smartphones podem se tornar um instrumento de artesania da vida durante a aposentadoria. Marília examinava o smartphone de Eduardo, de Bento, cuja aposentadoria saíra apenas 2 semanas antes do encontro dos dois. Enquanto trabalhava, o relógio e o alarme eram cruciais, já que devia levantar diariamente às 4 horas da manhã. Após se aposentar, todavia, Eduardo constatou que o corpo se adaptava com custo às novas rotinas, então abandonou o alarme e começou a evitar o relógio. Hoje, usa o smartphone para acompanhar

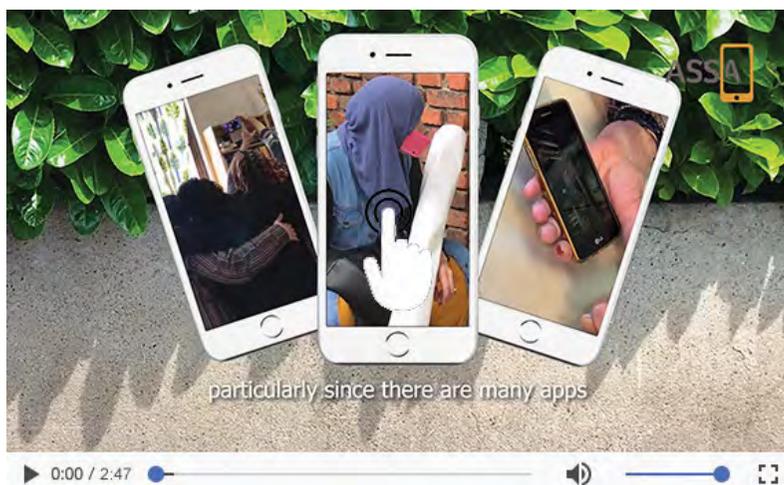



Figura 6.3 Filme: Meu smartphone. Disponível em http://bit.ly/italymysmartphone.

receitas e tutoriais que permitam encantar sua esposa durante o jantar. Ao usar o Google em seu telefone, ele pode, também, pesquisar sobre ferraria decorativa, assunto que planeja converter em um segundo passatempo. Além disso, o smartphone permite que amplie seu trabalho junto a um grupo de evangélicos, que pretendem abrir uma igreja própria na periferia de São Paulo, onde moram a filha e o neto de Eduardo. Há, no seu aparelho, aplicativos para cânticos, um para estudos bíblicos e outros que o auxiliam a organizar as doações para fins eclesiásticos – incluindo o cálculo dos valores, com a Calculadora, e a alocação em contas bancárias, através de um aplicativo de cartão de crédito chamado Payeven Chip. Em suma, Eduardo está deliberadamente ajustando seu smartphone, de modo a facilitar a nova vida que vislumbra ter.

Os desdobramentos dos casos mencionados serão explorados em maior profundidade no capítulo 9. Neste capítulo final, de cunho mais teórico, consideramos o smartphone como algo que vai "além do antropomorfismo". O que foi observado aqui não constitui apenas uma propriedade de semelhança. O smartphone atua mais como uma prótese[7], para a qual algumas funções corpóreas ou cognitivas foram cedidas, na medida em que a perda do aparelho consistiria numa perda de uma parte integral da pessoa. Isso se justifica pelos muitos modos através dos quais o smartphone estendeu a capacidade individual, mas claramente se traduz numa estratégia de investimento que traz consigo o risco de uma perda subsequente. Ao lermos sobre esses casos particulares, é, mais uma vez, difícil pensarmos em qualquer outro dispositivo prévio que tenha atingido este mesmo potencial de intimidade em relação aos usuários.

Relações/vínculos/laços

O capítulo 3 nos forneceu uma perspectiva crítica sobre a tentação de focarmos nos indivíduos e em seus smartphones. O termo "Ecologia social" foi adotado para discutir como o celular podia muito bem expressar relações e vínculos ligados a outros – como no caso de Kampala, onde o aparelho pode ser compartilhado entre família e vizinhos. No capítulo 4, tivemos um exemplo de Xangai para ilustrar como aplicativos de um dado aparelho expressam as relações entre casais. Cada vez mais, cresce a importância dos smartphones para a criação de relacionamentos, graças aos aplicativos de encontros.

Smartphones podem, portanto, expressar relações, e não apenas indivíduos. Rachel, de Dublin, trabalha como secretária de uma chefe bem-sucedida, que, por sua vez, lida profundamente com a questão de manter os laços familiares em meio a uma agenda profissional exigente. Após décadas de trabalho conjunto, a dupla não constituiu os típicos vínculos de trabalho. Rachel pode entrar em ação às 10 da manhã, realizando tarefas em prol da chefe, como buscar respostas para os filhos da dirigente. Comenta, porém, o apoio assíduo em termos de lealdade e amizade, o orgulho que tem de seu trabalho e como não tem vontade alguma de se aposentar. Seu smartphone foi engrenado para acompanhar este modo de trabalho. Se o aparelho não estivesse sempre ligado, sentiria como se traísse a confiança de sua chefe. Ademais, o dispositivo permite lidar, de modo bem mais eficiente, com as ansiedades da chefe em relação a viagens e à família.

Embora se trate do smartphone pessoal de Rachel, o aparelho é usado sobretudo para fins profissionais. Ainda assim, ela se sente confortável com o ajuste do smartphone nessa relação, e sublinha como sente que atingiu o exato equilíbrio entre vida pessoal e profissional que desejava. De fato, Rachel usa o smartphone para qualquer ponto demandado pelo trabalho, e praticamente não o manuseia em outros casos. Quando não está na relação de trabalho, ainda escreve satisfeita a caneta, em um diário de papel. O smartphone pode tanto delinear quanto facilitar.

O aparelho pode, ainda, se envolver na transformação dos laços familiares ao longo do tempo. Esta observação pode ser acompanhada de modo mais claro ao longo do capítulo 8, pois, em termos de identidade coletiva e formação de grupos, os aplicativos-chave parecem ser LINE/WeChat/WhatsApp. No caso do Japão, alguns aspectos da instituição "família" podem ser remodelados por conta do smartphones; é comum a existência de "grupos de família" no LINE, incluindo as parentelas mais

imediatas. Contudo, os vínculos interpessoais sempre estão sujeitos a modificações. Yamashita-san, senhora de cerca de sessenta anos oriunda de Quioto, explicou que vivia com a filha de quarenta e poucos anos; após a morte do marido, tinham se distanciado do eixo familiar a ele conectado. Yamashita-san criou um grupo no LINE chamado "família" (ファミリ) que incluía a si própria e à filha, seguido de um pequeno grupo de amigos próximos.

A unidade familiar patriarcal (ie) tem sido central, historicamente, para a sociedade e a domesticidade japonesas. A família nuclear ganhou proeminência a partir do fim do século XIX, acompanhando os planos do governo Meiji para modernizar o país[8]. Hoje em dia, porém, a diminuição das famílias em números de indivíduos e a queda no total de filhos, não tendo nenhum ou tendo apenas um, as famílias "escolhidas", compostas de amigos próximos, tem se tornado cada vez mais significativas para alguns. Grupos de amizades no LINE, especialmente para participantes de gênero feminino, se apresentaram como locais importantes, onde se podia receber o apoio das amigas, algo de crescente valorização conforme a idade avançava. Tais grupos podem ser compostos por antigos colegas de ensino médio, ou colegas de trabalho, e é comum participar de vários deles simultaneamente. Wada-san, outra residente de Quioto, passou a morar sozinha após perder o marido, enquanto a filha e os netos moram em Tóquio. Lidou com a situação criando um código visual para categorizar seus contatos do LINE, no smartphone. Emojis passaram a representar o grau de contato com cada pessoa, permitindo que Wada-san mapeasse visualmente as várias "famílias" contidas em seu telefone. Por ter trabalhado em uma linha aérea, por exemplo, os antigos colegas de trabalho na companhia recebiam um símbolo de um avião ao lado de cada nome; os parentes nucleares eram indicados por um emoji de casa. Esta artesania do smartphone permitia a Wada-san de rapidamente visualizar os vínculos que mantinha com cada contato. Nesse sentido, estava construindo uma árvore genealógica visual, com galhos variados, que a conectavam a todos os presentes em seu smartphone.

Religião

Sugeriu-se, na introdução, que a estrutura narrativa linear adotada no presente capítulo poderia ser melhor entendida como um ciclo. Tomemos o exemplo do irlandês Eamon, o áspero descendente de pescadores. Para além da sua caracterização como um indivíduo, ele, por sua vez, manifestava um entendimento tradicional de como "homens autênticos"

deveriam, de fato, se comportar. De modo similar, em nosso último exemplo, a incorporação, através do smartphone, de amigos em relações pseudofamiliares reflete mudanças maiores na sociedade japonesa. Os mesmos indivíduos que mantêm uma artesania de seus smartphones são, por sua vez, cunhados por valores mais amplos. O caso mais nítido de imposição e manutenção de valores culturais vem de considerações sobre o papel da religião, porque, via de regra, é também o mais óbvio.

Rosalba, por exemplo, é oriunda de uma aldeia na região rural do sul da Itália. Para ela, o smartphone é seu companheiro material, extrapolando até um bom livro. Uma das suas práticas mais frequentes no smartphone é o googlar, em especial receitas – muitas vezes, as tradicionais da sua região. Embora Rosalba seja uma ávida pesquisadora, ela também googla informações de forma recorrente. “Vamos perguntar a ele”, diz com frequência, referindo-se ao Google. Ter informação disponível mediante o toque de um botão é algo que Rosalba considera incrível, todas as vezes. Tendo crescido em uma grande família rural, filha de um vendedor de frutas, ela descreve sua infância como “em um outro mundo, um outro tempo e um outro lugar – uma época em que a conversa, a escola e a igreja eram os centros de informação da gente”. Por muitos anos, a família não teve televisão e ela cresceu brincando ao ar livre, na grama, com seu irmão e primos da mesma idade.

Hoje, em contrapartida, a informação chega em segundos, no conforto da sua casa, graças ao Google. Rosalba pode googlar informação sobre saúde, e, se ouve algo na televisão que a instiga a saber mais, ela “pergunta a ele”. Recentemente, descobriu um aplicativo para medição de pulso, que utiliza em seu tablet. Para Rosalba, católica praticante, a tecnologia é uma força onipresente que acompanha e informa, ilumina e instrui. Ao mesmo tempo, a oração e a ida semanal à igreja (aos domingos) seguem como pilares da sua vida.

O modo como uma artesania dos smartphones contribui para que se mantenha o compasso da fé religiosa é evidente em meio aos migrantes peruanos católicos que residem em Santiago do Chile. O grupo em questão manteve, cautelosamente, a devoção às virgens peruanas sagradas e aos santos padroeiros. Marcelo, por exemplo, usa seu smartphone para ouvir a prece do Rosário enquanto anda, ou pega o metrô para ir trabalhar. Ele segue a página virtual dos Cavaleiros da Virgem (Caballeros de la Virgen), que inclui gravações sonoras de orações. Com os fones acoplados, em silêncio, reza também. No catolicismo, o Rosário é rezado sob a forma de um diálogo. Tomás, outro participante da pesquisa, não detém um catolicismo tão aparente – a imagem de fundo de seu smartphone não consiste no habitual Cristo Roxo (o Senhor dos Milagres) ou em São

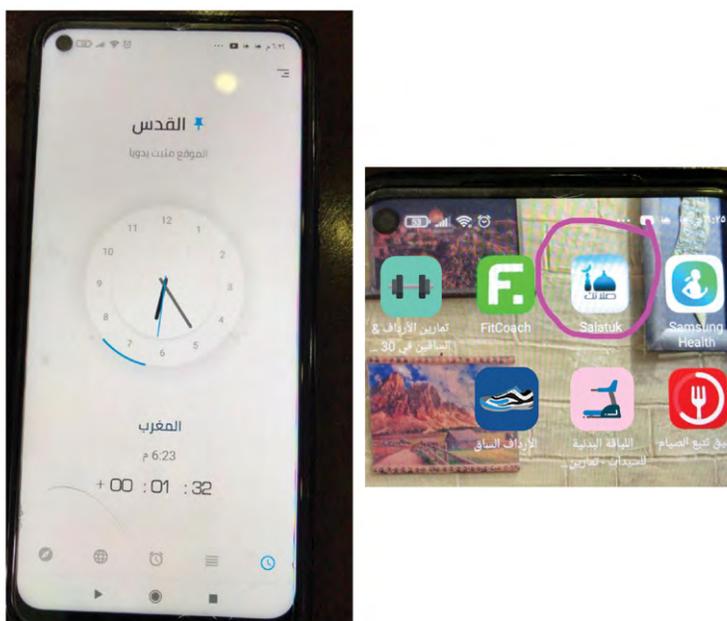



Figura 6.4 O aplicativo Salatuk, tal como apresentado na Google Play Store. Este aplicativo serve de “muezim de mão”, alertando o usuário sobre o horário da prece.

Martinho de Porres, mas em Gohan, personagem de Dragon Ball Z. Enquanto se locomove de transporte público, Tomás gosta de jogar algo que lembra Space Invaders. A sua devoção vem mais à tona ao assistir séries e filmes cristãos. “Gosto de séries e filmes que comuniquem uma mensagem”, explica.

Em Dar al-Hawa, é comum o uso de smartphones como um “muezim de mão”, já que a maior parte da população baixou um aplicativo que lembra o usuário da hora da prece. No Islã, as rezas acontecem cinco vezes ao dia. O aplicativo está programado para criar um alerta baseado no fuso horário local, usando uma gravação de chamado de um muezim para a prece em si (Fig. 6.4).

> Alá é o maior (Allahu akbar); testemunho que não há outro Deus que não Alá. Testemunho que Maomé é o Profeta de Deus. Vinde à prece. Vinde à salvação. Alá é o maior. Não há outro Deus que não Alá.

Se a pessoa estiver em uma região inatingível para o chamado sonoro do muezim, a versão digital da chamada à prece é acionada. A maior parte

das pessoas ouve apenas alguns segundos antes de desligá-la. A chamada à prece cunha o cotidiano de muitos em Dar al-Hawa, especialmente das pessoas mais velhas, que ficam em casa a maior parte do tempo. O aplicativo é simples e não requer código ou senha. É também popular com os mais jovens, que temem perder o horário da prece ao trabalharem.

Eis alguns exemplos de uma artesania relativamente privada do smartphone, influenciada pela religião. Mais uma vez, contudo, a cunhagem pode se aplicar a relações, e não apenas aos indivíduos. Muitos dos participantes irlandeses aderem a uma tradicional peregrinação ao longo do norte da Espanha, chamada Caminho de Santiago[9]. Embora o costume perdure há séculos, o número de aderentes cresceu consideravelmente nos últimos tempos. Tradicionalmente, associa-se o percurso do Caminho a um exercício de contemplação espiritual, mesmo para quem que já não se considera formalmente religioso. O processo pode incluir um sentimento de retração, ou distanciamento, do entorno mundano, por mais que a jornada sempre tenha sido dotada de um forte componente social, na medida em que as pessoas andam em grupos ou interagem nas pousadas dormitório em que geralmente pernoitam. A antropóloga Nancy Frey argumenta[10] que os valores fundamentais da peregrinação tradicional foram minados pelos smartphones, visto que esses criam um modo constante de retenção de contato com o mundo mais amplo. Tais observações não se confirmaram nas atitudes dos peregrinos oriundos de um dos campos etnográficos em Dublin, e que percorreram o Caminho, embora a maioria assuma que não é particularmente devota. Quando acontece de apenas um ou dois disporem dos meios ou do tempo para a empreitada, que ocorre a cada ano, deleitam-se ao compartilhar a experiência com amigos e parentes que ficaram em Dublin, enviando mensagens diárias e atualizações sobre onde chegaram. Quem percorre o caminho percebe estas ações como uma expressão ética de companheirismo, mais do que um ataque à espiritualidade individual.

Normas culturais

Parece intuitivo sugerir que uma população profundamente religiosa seja propensa a permitir que sua fé domine o significado e o uso dos smartphones. Religiões tendem a deixar explícito seu papel na determinação dos valores culturais. Encontramos, porém, núcleo duro da antropologia, uma ênfase no impacto mais amplo da normatividade. O próprio termo remete com clareza à palavra “normal” – o que tomamos por certo como uma simples ordem natural e, portanto, categoriza outros comportamentos

como “anormais”. A maior parcela da normatividade, porém, não é obtida através de controle religioso, ou mesmo da educação formal. Emerge, de fato, como parte da vida cotidiana, onde as pessoas dão deixas sutis, umas para as outras, sobre o que consideram apropriado ou inapropriado em ações de terceiros. Podem parecer um pouco chocadas ou surpresas se alguém se aproxima um tanto demais, por exemplo, ou diante das roupas usadas por uma pessoa. Embora o grau de pressão moral varie, os participantes de pesquisa nos campos etnográficos do Japão falavam com frequência sobre como a sensibilização sobre o comportamento social apropriado é integral do “ser japonês”.

Atos como bullying e ostracismo eram mencionados por muitos participantes, no Japão, como corriqueiros se alguém se mostrasse inábil na “leitura do ambiente” (*kuuki ga yomenai*) e no comportamento social apropriado. Para as crianças em idade escolar, começa cedo o aprendizado da importância de ler nas entrelinhas. As mensagens de texto enviadas via smartphone têm, porém, deixado mais complicado o embasamento da interação social nestas camadas múltiplas de comunicação. Assim explicou Yumi, uma adolescente de 17 anos de Kōchi:

> Como é difícil ler nas entrelinhas das mensagens de texto, os professores estão sempre conscientizando sobre o bullying via SMS. Os mal-entendidos podem se propagar e dar início ao bullying. Isto porque as palavras se dispersam rapidamente e, por vezes, criam mal-estar entre os adolescentes. Assim, elas podem criar brigas e rumores. Acho que você acaba só sendo excluído. Se eles têm grupos [e] alguém comete um vacilo, podem tirar a pessoa do grupo. Não é como se doesse fisicamente, mas dói mentalmente.

Yumi costumava usar o Facebook e o Twitter. Abriu mão deles há um ano e meio, por terem se tornado estressantes demais e por conta do escrutínio social ao qual se sentia submetida. Tais questões não se limitam aos adolescentes, como revelou uma mulher de Quioto de sessenta e poucos anos.

> Acho que as pessoas, no Japão, se inserem numa hierarquia social, então elas se sentem na obrigação de comentar ou curtir a postagem de alguém. Aqui, você tem que ser leal e responder à postagem. Você se sente no dever (*giri*) de cumprimentar as pessoas. Se é alguém que você conhece e espera, ou gostaria que tivessem uma boa impressão sua, então tem que curtir as postagens. Às vezes eu sinto como se as curtidas de cada um fossem só “curtidas por obrigação”

(*giriiine*). Não me agradam essas "curtidas por obrigação". Se alguém realmente curte a postagem, fico mais feliz. Acho que algumas pessoas cansam disso e aí saem do Facebook. Tenho amigos que dizem que dá trabalho demais curtir, curtir, curtir. Não gostam da pressão.

A maior parte dos participantes deste campo etnográfico nunca postaria nada controverso, como, por exemplo, conteúdo ligado a política, porque "você não quer criar inimigos, ou contradizer as pessoas. Não crie conflito – mesmo em *tête à tête*. O pessoal gosta é de papo sobre o tempo e comida e como anda a saúde". Eis o motivo pelo qual muitos participantes criaram várias contas anônimas de Twitter e Instagram, permitindo que se engajassem com tópicos em que estavam interessados, sem sucumbir ao escrutínio social. No Japão, portanto, o smartphone se torna um espaço de negociação da diferença entre os sentimentos reais de alguém, e o que se diz em público. A distinção se expressa nas noções culturais de *honne* (本音, som verdadeiro) e *tatemae* (建前, "fachada"), que gerações de estudiosos entenderam como o núcleo duro da sociedade normativa japonesa[11].

Assim como nas discussões prévias sobre indivíduos ou relações, podemos estudar a capacidade dos smartphones em expressarem as normas culturais em questão. Eles também podem, contudo, ser examinados como fatores de mudança social e desenvolvimento de novas normas sociais. No caso de Iaundé, o foco primário da pesquisa de Patrick envolveu a classe média emergente. O termo "emergente" sugere uma transição. No que diz respeito à formação da classe média, uma das abordagens acadêmicas mais estabelecidas, e que, de início, fazia referência a casos europeus, foi a ideia de uma "esfera pública", elaborada pelo sociólogo Jürgen Habermas[12]. Ele discutiu como, até dado momento da história europeia, floresceram novos locais, como os cafés, que reforçaram o desenvolvimento do debate público. Tais mudanças, por sua vez, levaram a uma forma inédita de política, baseada em discussões de membros da classe média nascente. Um considerável volume de pesquisas subsequentes examinou o papel da mídia como outro espaço onde a esfera pública podia se desenvolver[13]. Patrick nos traz um argumento similar, ao levar em conta, dessa vez, o papel do mundo online como um lugar onde a classe média dos Camarões cria sua própria esfera pública, mais uma vez caracterizada por um intenso debate político.

No caso camaronês, vários tópicos dominam o debate. Dentre eles, temos o conflito de longo prazo entre as seções anglófonas do país, e as áreas dominantes, que são francófonas. De quebra, a organização

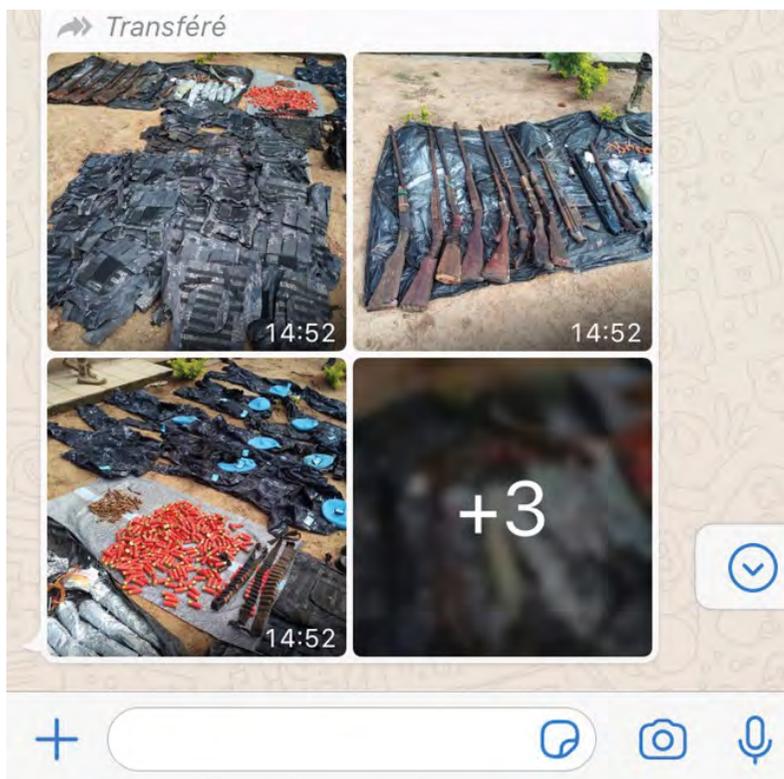



Figura 6.5 Imagens de guerra circulando nos Camarões, através de grupo do WhatsApp. Fotografia de Patrick Awondo.

terrorista radical islâmica Boko Haram tem realizado, desde 2014, muitos ataques na região norte do país. Ambos os temas circulam continuamente pelas redes sociais presentes nos smartphones. Os residentes de Iaundé carregam consigo, diariamente, imagens violentas, assim como os comentários de repórteres sobre as imagens, vídeos pessoais e o cotidiano de conflitos e tensões. Tudo isso se difunde através dos grupos de WhatsApp. Informações que têm os Camarões como ponto de partida podem, por sua vez, circular pelas diásporas na França, na Alemanha, nos Estados Unidos e no Reino Unido, incluindo imagens que podem ter sua inautenticidade revelada (Fig. 6.5).

O exame da emergência de uma esfera pública sugere tanto rupturas quanto continuidades[14]. Smartphones passaram a adotar um papel central nos incessantes debates sobre os tópicos-chave do momento.

Tais tópicos gravitam naturalmente em torno do smartphone, onde há um acesso e um debate relativamente gratuitos. A classe média percebe

o conjunto como uma forma de "cidadania informacional", dando a entender que os temas são assuntos sobre os quais devem ter opinião[15]. Notícias e fatos políticos parecem pipocar diariamente em seus smartphones, às vezes até de modo indesejado. Ao mesmo tempo, a inflexão rumo a um novo meio de comunicações tem outras consequências. A constante circulação de imagens, por exemplo, levou o governo camaronês a banir smartphones no Exército, que está envolvido com a supressão do Boko Haram e, ainda, de movimentos separatistas. Além disso, vazamentos difundidos pelas redes sociais criam milhares de reações da população, exigindo, então, uma resposta do Estado.

O processo foi mais além com a resposta à pandemia de COVID-19, situação na qual tornou-se cada vez mais importante o combate à desinformação e à circulação de *fake news*. Diante disso, o Ministério da Saúde começou a twittar detalhes, tais como o número de óbitos e as medidas tomadas pelo governo. Esse tipo de contato direto entre um ministério e o público era bastante inédito para um governo que tende a agir de modo secreto. Foram criadas novas possibilidades de responsabilização do governo e expansão da democratização da informação, já que os detalhes circularam ainda mais via WhatsApp. A esfera pública emergente se consolidou, e a circulação online gerou transparência onde, antes, a norma era o teor opaco. Muitas vezes, ao ser incitado, o processo criava novas tensões.

Podem ocorrer, ainda, tendências de muito longo prazo. O cerne da monografia de Xinyuan é um estudo de uma geração que viveu a Revolução Cultural chinesa (1966-1976), evento de influência central sobre a resposta desse perfil ao smartphone, décadas depois. A ideia de que todo indivíduo deve se sacrificar em prol da causa revolucionária, através de uma constante autorreconstrução[16], se alinhou com um crescente "tecno-nacionalismo"[17]. As pessoas mais velhas veem como dever do cidadão auxiliar a China a atingir a meta estabelecida, um "salto digital" do desenvolvimento econômico, o que explica a atitude mais receptiva em relação aos smartphones, como discutimos no capítulo 2. Os valores da Revolução Cultural foram introjetados nas pessoas como um senso de dever em relação às artesanias. A etnografia em Xangai apontou como as pessoas mais velhas naturalmente veem o smartphone como uma chance de cunhar suas próprias vidas na tradição da "autorreforma" e da "perfeição própria", continuando a luta para se tornar o "Novo Homem" (*xin ren*) com auxílio da tecnologia. Em suma, o Partido Comunista encoraja constantemente as pessoas a endossarem a artesania de suas vidas, de acordo com seus ideais. E a artesania do smartphone encaixa perfeitamente nesse processo.

Conclusão

Abrimos o capítulo com a sugestão de que o conceito de artesania deveria ser aplicado tanto ao modo como as pessoas cunham seus smartphones como ao modo como buscam trabalhar suas próprias vidas. Temos, em verdade, um triângulo, na medida em que ambos os processos são amparados pelas influências de valores culturais mais profundos, manifestados no surgimento subsequente das pessoas, e de seus smartphones. O irlandês áspero e pragmático, descendente de pescadores, e seu smartphone minimalista são, ambos, expressões de tradições culturais mais antigas sobre o que torna masculinos os homens irlandeses. O exemplo final, de Xangai, é atípico, porque traz uma pressão cultural bastante explícita, favorável à artesania dos smartphones como contribuição a uma ideia estabelecida de uma artesania da vida. O mesmo aconteceria se as pessoas apresentassem, abertamente, os smartphones como apetrechos modificados para expressar seus princípios religiosos.

Na maioria dos casos, porém, os elos não são tão evidentes. São processos sutis e implícitos. Foi unicamente através das etnografias de longa duração que pudemos juntar as peças do quebra-cabeça. Inicialmente, enfatizamos no que é mais aparente, ou seja, o alinhamento íntimo entre o indivíduo e o smartphone. Uma série de retratos de pessoas da Irlanda, como Eleanor, foi usada para ilustrar esse processo. Para que as observações ganhassem em dinamismo, foram suplementadas com casos como o de Francisco, em que Alfonso pode observar como o smartphone estava sendo cunhado para se adequar ao homem, ou o de Eduardo, em que Marília pode assistir a um uso do smartphone para antecipar uma artesania da vida do proprietário ao se aposentar. O capítulo considerou, também, como as pessoas refletem, na sequência, sobre os significados de um aparelho que se tornou parte delas – uma intimidade que pode se manifestar na confiança do smartphone como uma memória externalizada – e a vulnerabilidade que podem sentir em relação a uma parte das lembranças que pode ser perdida.

A partir dessas observações sobre os indivíduos, o capítulo seguiu para um exame do modo como os smartphones se integram em relações, como as de uma empregada com a sua patroa ou em meio à família japonesa expandida. Procurou, então, explorar as normas sociais de forma mais ampla, com exemplos que refletem princípios mais gerais do que é normativo e consensual, quesitos particularmente visíveis no Japão. Outros exemplos consideram o smartphone como um participante ativo na formação de um novo conjunto de valores. Isto foi evidenciado no caso

de smartphones usados para circulação de debate político, fator-chave na formação da classe média de Iaundé como uma nova esfera pública.

O equilíbrio final entre indivíduo e normatividade social pode variar consideravelmente. De um lado, tivemos exemplos em que os indivíduos envolvidos esperavam ser percebidos como excêntricos em algum grau, como no caso da decisão de Melvin de carregar cinco celulares em sua jaqueta. A situação oposta pode ser vista em uma comunidade religiosa ou onde muitas pessoas podem se dedicar ao consenso. Por mais que todo indivíduo possa ser diferente, existe um imperativo moral que visa a conformidade.

Deveríamos, ainda, reconhecer o papel do designer do smartphone, cuja maior contribuição tem sido, em alguns casos, a sua modéstia. E por que modéstia? A artesania que vimos no presente capítulo é possível porque as possibilidades tecnológicas mais avançadas, que encontramos no uso de algoritmos e de inteligência artificial, não estão sendo empregadas para completar o design do smartphone. Algoritmos e inteligência artificial fomentaram alguma capacidade para um aprendizado autônomo. Mas o que realmente importa é que os smartphones são criados com uma facilidade sem precedentes para mudanças posteriores. Os designers proporcionaram uma arquitetura aberta o suficiente para possibilitar que os smartphones assumam uma miríade de formas artesanais que eles mesmos nunca teriam imaginado. Em 2008, Chris Kelty demonstrou, em seu livro *Two Bits*[18], como a liberdade atribuída a sucessivos designers de software, através do Open Source, permitiu um desenvolvimento mais imaginativo e democratizado, em escala mais ampla, para as tecnologias digitais. De quebra, no mesmo ano, o livro *Here Comes Everybody*[19], de Clay Shirky, imaginou a união das pessoas em um levantamento de fundos colaborativo, visando se beneficiar dessas novas possibilidades. Nenhuma das visões chegou a ocorrer de fato como os autores imaginaram. Em vez disso, o smartphone se tornou, de fato, o meio para uma revolução mais modesta, porém efetiva. Converteu o Open Source de um conceito em meio ao design de software para a miríade de possibilidades de artesania através do subsequente consumo dos smartphones. Isto, por sua vez, foi adotado, não por novas formas de colaboração popular, mas pela sociabilidade e as normas culturais e relacionais já estabelecidas, assim como pela manifestação de valores culturais pelos indivíduos[20].

Na maioria dos campos etnográficos, pouquíssima gente usa de modo recorrente os aplicativos pré-instalados no celular, preferindo sobretudo manusear os aplicativos que escolheram baixar. Resulta daí uma verdadeira personalização do smartphone, não apenas no que diz

respeito a conteúdo, mas também sobre como é organizado e construído para ser capaz de fazer. No caso de Eleanor, o que realmente torna seu smartphone especial é o conteúdo – todas as instruções que redigiu pacientemente e associou a funções variadas. São a inteligência e a artesania de Eleanor que criam o teor único de seu smartphone. Os designers permitiram essa possibilidade, mas, mais uma vez, é a artesania "smart desde a base" que converte o smartphone no que ele se torna de fato.

Notas

1 "Crafting", no original. Não existe, em português, um equivalente perfeito para esta noção, que mescla ação manual, detalhamento e graus variáveis de perícia. Adotou-se a "artesania" como a alternativa mais próxima que incluísse esses quesitos, no contexto da obra [N.T.].
2 Uma das obras de maior impacto na história da antropologia, o Esboço de Uma Teoria da Prática é de autoria do antropólogo francês Pierre Bourdieu (1986). Ao longo do livro, ele discute um conceito que batiza de "habitus", termo hoje de uso comum nas ciências sociais. O termo cria um elo evidente com a ideia de hábito – um padrão do que fazemos, mesmo sem pensar nos atos em si. Bourdieu argumentou que o "habitus" deriva do modo como hábitos de domínios diferentes da vida são associados a uma ordem implícita. Na população Berbere, no norte da África, que Bourdieu estudou, ele pode identificar a ordem em questão em meio a uma gama de atividades, desde a organização da parentela juntamente com o sistema agrícola, até o arranjo de calendário. Nesta sociedade, um único indivíduo estava propsenso a refletir com proximidade a ordem normativa que também designamos por "cultura". Em um lugar como a Londres contemporânea, a diversidade de pessoas é maior. Contudo, em um livro intitulado *Anthropology and the Individual* [Antropologia e o Indivíduo], Miller (2009) defendeu que, mesmo a nível individual, podemos ver um senso de ordem implícita similar, que pode se referir a muitos dos engajamentos e atividades pessoais; muitas vezes, esse conjunto é percebido pelas pessoas como o que entendemos comumente por personalidade. Assim, o conceito de "habitus" pode ser aplicado a um indivíduo, e não apenas à sociedade de modo mais amplo.
3 Uma cópia segura dos dados para que seja possível regatar a informação, caso necessário [N.T.].
4 Siri é a assistente de voz dos dispositivos Apple.
5 Apetrecho de hardware que permite conectar o laptop com funções específicas, a depender do caso. No caso de Gertrude, o dongle proporciona conexão com a internet para contornar o caso de não haver uma rede disponível diretamente [N.T.].
6 Dispositivo eletrônico de funções variadas, projetado para facilitar o dia-a-dia [N.T.].
7 Vide Lury 1996.
8 Daniels 2015.
9 Frey 1998.
10 Frey 2017.
11 Benedict 1946; Doi 1985; Hendry 1995.
12 Habermas 1989.
13 Garnham 1986; Couldry et al. 2007.
14 Schafer 2015.
15 Para um debate mais amplo sobre cidadania informacional na era digital, vide Bernal 2014. A autora discute o que chama de "infopolítica" – ou seja, como o "poder é exercido e expressado através da comunicação e do controle de mídia, tráfego, censura e autorização" (p.8), em tradução livre. Os pontos são "particularmente cruciais na relação Estado-diáspora" (p.54), em tradução livre, e alter a visão de interações e compromissos cidadãos.

16 Uma ideia profundamente entranhada, cujas raizes podem ser traçadas até Confúcio. Vide Cheng 2009.
17 Wang 2014.
18 Kelty 2008.
19 Shirky 2008.
20 Para uma argumentação bastante esotérica, que entendeu este tipo de consumo como uma realização das possibilidades de cultura tais como abarcadas pela filosofia hegeliana, vide Miller 1987.

7
Idade e smartphones

Campos: Bento – São Paulo. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi – Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

No presente livro, adota-se uma abordagem que provavelmente soa inusitada, por focar em pessoas mais velhas, e não na juventude. A expressão "pessoas mais velhas" se refere, aqui, principalmente à meia idade, e salientamos casos em que os envolvidos não se viam nem como jovens, nem como idosos. A idade em si dos indivíduos variava consideravelmente entre os campos etnográficos. Esta interpelação transforma os adultos em uma população ordinária, em meio à qual a juventude seria uma exceção, em vez do cenário inverso. Simplesmente assumimos esta distribuição demográfica na maioria das seções do livro. Muitas das facetas do uso do smartphone apresentam, porém, um vínculo com a idade, então dedicamos o presente capítulo a essas questões.

O debate se inicia com uma consideração acerca da população jovem, e segue para relações intergeracionais. Examinamos, em seguida, os problemas enfrentados pelas pessoas mais velhas ao aprenderem a usar smartphones, e, na sequência, outros problemas mais gerais com que se deparam. Finalmente, considera-se o desenvolvimento dos aplicativos destinados especificamente para o recorte demográfico em questão. O capítulo propõe, ainda, um ponto mais amplo: o estudo de smartphones da perspectiva de parâmetros sociais. Poderia ter sido um capítulo sobre gênero ou sobre classe. Cada parâmetro traria observações análogas àquelas aqui discutidas.

Juventude e relações intergeracionais

O uso dos smartphones como meio de expressar a experiência de envelhecer é possível para qualquer faixa etária, seja para pessoas mais

jovens, ao procurarem estabelecer sua identidade, ou para pessoas mais velhas, para quem a aposentadoria acabou de começar. A juventude de NoLo é muito apegada a mundos virtuais, facilitados por smartphones e outros dispositivos. Há, nas redes sociais, grupos específicos para algumas categorias, como, por exemplo, a "segunda geração" de jovens com pais nascidos no exterior. Eles se tornaram espaços em que os jovens exploram, de forma coletiva, questões de identidade de grupo que podem assumir um papel fundamental na crescente conscientização social e política, assim como em outras formas de ativismo[1]. Esta geração, conhecida na Itália como "segunda geração"[2] ou "novos Italianos"[3], tem crescido com uma sensibilidade frente a gestos excludentes de outros italianos.

Outra preocupação destes descendentes consiste em manter vínculos com os lugares de origem dos pais. Temos, por exemplo, os filhos de egípcios no final da adolescência até vinte e poucos anos, que começaram a compor raps que expressassem seus vínculos com as culturas pop do Egito e da Itália. Em seus smartphones, ouviam, criavam os raps e gravavam suas vozes em árabe e em italiano, ao se reunirem em espaços públicos, como o parque local. Em Milão, a poesia se converteu no meio escolhido pelos refugiados Hazara e migrantes do Afeganistão de vinte a trinta anos de idade, falantes de hazaragi[4], para refletir sobre identidade e temas ligados a inclusão, exclusão e alteridade na Itália. A função de bloco de notas do smartphone trouxe uma prática alternativa digital às anotações em caderninhos, em persa como em italiano, durante pausas do trabalho, em um restaurante ou durante viagens de ônibus ou de metrô. Smartphones e redes sociais têm tido um papel crucial no ativismo hazara online, e em campanhas de conscientização sobre a perseguição do povo hazara, em curso ainda hoje na sua terra-mãe, o Afeganistão.

Para anteciparmos o debate da "Lar Portátil", no capítulo 9, em que grupos de jovens passam por uma profunda experiência de ambivalência sobre onde residem, o smartphone pode deter uma imensa importância. Trata-se de um lugar em que amigos, parentes e estranhos, por vezes em diferentes cidades ou outras partes do mundo, podem se reunir, independentemente de onde residam fisicamente. Tudo isso faz do smartphone um lugar mais confortável, em que podemos nos perceber "vivendo", mais do que qualquer candidato alternativo em potencial para um sentido de lar. Isto é particularmente verdade quando se tem um pano de fundo de crise econômica que torna o aluguel e/ou a compra de residências um desafio para muitos dos mais jovens. Ter um lugar com que se identificar importa bastante para migrantes e seus filhos – em especial em meio a um cenário de práticas excludentes em relação a

direitos civis[5] e onde o Estado determina, de maneiras formais e informais, quem é “bem-vindo” neste “lar” que é a nação[6].

Para as pessoas mais velhas, porém, o smartphone pode se converter em um instrumento de destruição e ruptura. Em Iaundé, a gerontocracia e o respeito a essa categoria preponderaram nas ordens sociais, ao longo do tempo. No passado, o próprio conhecimento era configurado em relação à idade. No caso agrícola, por exemplo, importava a experiência: os mais jovens aprendiam com os mais velhos, ordem esta que sofreu rupturas com a ascensão da educação formal. No que diz respeito aos smartphones, contudo, as pessoas mais velhas não necessariamente seguem respeitando os repositórios de conhecimento. Em vez disso, veem-se constantemente obrigadas a aprender com os mais jovens (Fig. 7.1). Os aposentados de Iaundé passaram a depender dos jovens, sejam seus netos ou pessoas que veem na rua, e admitem com frequência que “se sentem embaraçados pela destreza juvenil”. Um dos

Figura 7.1 Vovô Tom aprendendo a usar seu novo smartphone em Iaundé, auxiliado pelo neto. Fotografia de Patrick Awondo.

participantes de pesquisa, professor de Ensino médio de 59 anos, sente com bastante profundidade o hiato geracional tecnológico em questão; explica como a sua própria geração se deu conta de que deveria dominar primeiro o computador, depois, a internet, e hoje, o smartphone. Em cada etapa do processo, os jovens já estavam lá. Quando um professor deve aprender com os mais jovens da sociedade, é esperado que ocorra, para as pessoas mais velhas, um condizente senso de humilhação, porque muitas delas entendem este redirecionamento da educação como bastante antinatural, pelo menos de início. Em contrapartida, as pessoas mais velhas de Lusozi podem sentir que o tempo dedicado, pelos mais jovens, para ensinar-lhes como usar seus smartphones confirma formas tradicionais de respeito.

Algumas das pessoas mais velhas passaram décadas refinando habilidades das quais já não necessitam, precisamente por conta dos smartphones. Uma participante de pesquisa em Dublin tinha adquirido uma considerável expertise em localização na região rural, após anos entregando flores para uma floricultura. Por conta do Google Maps, porém, a sua habilidade em se localizar sem mapas tornou-se redundante. As pessoas mais velhas no Japão deploravam o fato de os smartphones terem desvalorizado habilidades-chave, como fazer contas de cabeça, pelas quais outrora eram respeitados. Expressavam um temor sobre o esquecimento, pelas gerações mais novas, de como escrever, já que as mensagens preditivas sugerem o *kanji* (ideograma) correto com base numa entrada de dados fonética. Os mais velhos lembravam quanto tempo, na escola, era dedicado à escrita do *kanji*, através de uma memorização da ordem correta dos traços e a prática da caligrafia por horas a fio – conhecimento duramente conquistado e que agora corria o risco de ser perdido. Em outros campos etnográficos, adultos mais velhos se queixavam sobre a falta de paciência dos mais jovens em relação a ensiná-los como usar seus smartphones. Uma mulher de 63 anos, no Chile, apresentava uma queixa típica:

> Minha filha comprou esse celular para mim e me ensinou [como usá-lo] no primeiro dia. Depois disso, se eu pergunto alguma coisa, ela diz “eu já te ensinei”!

Um homem de 67 anos, em Santiago, descreve outro problema comum:

> Quando você pergunta a eles [os mais jovens] como fazer alguma coisa, eles fazem muito rápido no seu aparelho, “pá, pá, pá, pronto!”, mas não mostram *como* fazer.

Filhos e netos deixam, muitas vezes, de entender as dificuldades enfrentadas por seus pais e avós. Em Bento, por exemplo, alegam que as gerações anteriores trabalharam com tecnologia em seus empregos prévios, exclamando "Você trabalhou com isso, como pode não saber usar?". Em verdade, muitas das pessoas mais velhas podem ter se aposentado há décadas. Outras tantas temem ser um fardo para as famílias, e decidem não procurar ajuda. Aceitam, estoicamente, o fato de que os filhos trabalham duro e têm muitos outros compromissos. Como diz uma mulher de 71 anos de Bento: "Considerando tudo isso [as vidas ocupadas dos filhos], você acha que eu iria atrapalhá-los?"[7].

Os mais jovens podem ser displicentes de muitas formas. Abu Zaki, participante da pesquisa em al-Quds, enfrentava alguns problemas técnicos em seu smartphone, um Samsung Galaxy antigo, presente de um dos filhos, que comprara um aparelho novo. É comum, em Dar al-Hawa, que as pessoas mais velhas acabem tendo uma versão mais antiga de smartphone, que já não é necessária para um membro mais jovem da família. Abu Zaki se queixava de que os netos tinham baixado jogos demais no celular; não faz ideia de como apagá-los e os mais jovens simplesmente não o ajudam na tarefa. Algumas das pessoas mais velhas podem hesitar até mesmo em decorar o próprio número do celular (Fig. 7.2).

Em Dublin, os jovens, por sua vez, expressavam com frequência sua frustração ao tentar ensinar os mais velhos a usarem smartphones; achavam-nos, muitas vezes, lentos no aprendizado e com necessidade de repetição constante. Os mais jovens alegavam que tais dificuldades eram surpreendentes, na medida em que os smartphones eram "intuitivos". Na sequência, porém, quando vários membros de nossa equipe decidiram ensinar pessoas mais velhas a usar os aparelhos, tornou-se rapidamente nítida a inverdade dessa afirmação. Smartphones não são dispositivos intuitivos para quem não desenvolve uma familiaridade para com eles. Tomemos o exemplo de uma pessoa mais velha, a quem se pede para baixar um aplicativo. Olha para o aparelho, e vê um ícone chamado "Downloads"; aperta-o de modo diligente, o que não a leva a lugar algum. Como adivinharia que o ícone apropriado se chama "Play Store"[8]? Por que não assumiriam, de modo lógico, que se trataria de um lugar específico para jogos, e não para baixar um aplicativo de banco? Como poderiam saber os novos significados de pacotes, da nuvem ou de quando algo trava? Todos esses termos têm pouca ou nenhuma semelhança com seu uso prévio, e são ainda mais enganosos por conta da sua aparente inteligibilidade.

Em outro exemplo, pediu-se a estudantes mais velhos que "acessassem a internet". Ao olharem seus aparelhos, veem um ícone chamado "Internet" – constatam, todavia, que os seus professores mais

Figura 7.2 Mulher filmando uma apresentação musical ao vivo em al-Quds. O número do próprio celular está enfiado na capinha do aparelho. Fotografia de Maya de Vries.

jovens estão acessando a internet através de algo denominado Chrome ou Google ou Firefox. Ninguém se dá ao trabalho de explicar as diferenças entre estas várias rotas potenciais para a internet. Qual é a diferença entre um ícone pré-instalado, designado por “Galeria”, e outro, chamado “Google Photos”? Dentre as muitas coisas que são os smartphones, “intuitivo” não é uma delas.

Como os smartphones rejuvenescem as pessoas

Apesar dos atritos iniciais, da potencial inversão de papeis tradicionais, da impaciência dos parentes mais jovens e do design contraintuitivo dos smartphones, adultos mais velhos conseguem, via de regra, lidar com seus aparelhos. Então por que se esforçam tanto em adotar essa “coisa de jovem”? No início do projeto, muitas pessoas, em vários dos campos etnográficos, ainda assumiam os smartphones como mais “naturais” para os jovens, supostos “nativos digitais”. Naquele momento, smartphones representavam uma barreira de reforço para distinções de idade – um tipo de dispositivo digital baseado em faixa etária. Pessoas mais velhas

perseveram no uso do smartphone porque o aparelho lhes proporciona mais do que novas capacidades. A adoção de um dispositivo outrora tão associado com a juventude pode fazer com que os mais velhos se sintam rejuvenescidos. Uma vez que dominaram o smartphone, este deixa de ser uma barreira entre mais velhos e mais jovens, e se converte no símbolo do colapso dessa fronteira. Em plena era do "envelhecer bem", adotar este novo dispositivo e todas as possibilidades a ele atreladas equivale a permanecer ativo e em constante reinvenção do seu próprio *self*.

Cada autor do livro em suas mãos também está redigindo uma monografia, e todas sairão sob o selo "Envelhecendo com Smartphones". Em cada um dos campos etnográficos, que são muito distintos entre si, atribui-se diferentes significados ao envelhecimento, e frequentemente as faixas etárias têm menor significância do que o sentimento de uma pessoa, ou como ela é percebida. Como já observamos, é possível, em Kampala, ser considerado um coroa aos 40, enquanto outros não se sintam velhos aos 80, no Japão. Os palestinos tendiam a adotar roupas distintas, e outros sinais de pertencimento a um segmento mais sênior da população, ainda em idade relativamente jovem, aos 40 ou 50 anos. Convencionalmente, mulheres usariam um longo vestido em cores escuras, e um véu, como o hijab.

Na maior parte dos outros campos etnográficos, contudo, as monografias sugerem uma mudança radical na experiência de envelhecer. A categoria tradicional de "terceira idade", imaginada pelos Beatles como sentada em uma cadeira de balanço, rodeada de netinhos aos 64 anos, já esvaneceu em larga medida. Muitos dos nossos participantes de pesquisa afirmaram que tinham a expectativa de se sentirem velhos ao completarem 60, 70 ou 80 anos, mas isso simplesmente não aconteceu. Em contrapartida, a nova separação consiste em dividir a experiência da fragilidade, independentemente da idade, da saúde suficientemente boa, que levou a uma experiência de continuidade ao longo das décadas. Em alguns dos campos etnográficos, as pessoas mais velhas apenas seguem ouvindo Rolling Stones, embora agora via Spotify, e talvez até mesmo considerem marcar encontros amorosos, embora agora através de sites online como o Plenty of Fish[9]. Assim, o domínio do smartphone como oportunidade de se sentir mais jovem se encaixa nitidamente em um padrão de mudança muito mais amplo, referente à experiência geral do envelhecimento. Tal fator era particularmente importante em Xangai, onde as pessoas mais velhas sentiam como se nunca tivessem tido uma juventude propriamente dita, por conta da irrupção da Revolução Cultural. Foi apenas ao atingirem a aposentadoria, e com o auxílio dos smartphones, que puderam embarcar no projeto de serem jovens.

O impacto do smartphone depende, portanto, em grande medida, do contexto mais amplo da transformação da experiência do envelhecimento. Na Irlanda, os smartphones contribuíam para um sentimento de juventude também por conta de outros meios, através dos quais aposentados afluentes conseguiam, à primeira vista, reverter o processo de envelhecimento. Outro exemplo consistia em como tinham mais tempo para se envolver no cultivo do bem-estar, ou militar ativamente em causas ecológicas e ambientais, a ponto de a sustentabilidade ser aplicada tanto às próprias pessoas mais velhas como ao planeta. Em contrapartida, os palestinos tendiam se sentir confortáveis ao manter ideais tradicionais de hierarquia e idade, modificando o seu comportamento de acordo com esses quesitos.

Uma última versão destas transformações ocorre quando uma categoria tradicional do envelhecimento, como a de ser avô ou avó, permanece, mas sofre alterações, ou recebe um acréscimo de vitalidade, ao se manifestar de forma digital. Temos o caso do conceito de Nonna, ou avó, na Itália. Na cultura popular, em especial fora da própria Itália, "Nonna" passou a ser um tipo de idioma, significando idealizações variadas, associadas com tradições locais, acolhimento no lar, cozinha e cuidado. É amplamente utilizada na publicidade como um marco da "Itália autêntica". Hoje, um dos principais papéis das avós na Itália é seu envolvimento ativo no cuidado infantil; fornecem um apoio prático, econômico e social às famílias. Muitas mulheres com sessenta ou setenta e poucos anos, em NoLo, tinham se mudado para ficar próximas aos filhos adultos, ou já moravam nas proximidades e estavam ativamente envolvidas nas atividades relativas aos netos. O smartphone é um instrumento central nesse e em outros aspectos da vida cotidiana. O WhatsApp, por exemplo, é amplamente utilizado para organizar cronogramas e questões práticas, para compartilhar fotos e vídeos com a família os amigos, e para aprofundar interesses e atividades pessoais. Podemos ver exemplos no curta-metragem aqui disponível (Fig. 7.3).

Nesse sentido, os smartphones não criam tanto um sentimento de rejuvenescimento, mas, sobretudo, adaptam uma categoria tradicional, já existente, de "pessoa mais velha" para que fique mais apropriada à vida contemporânea.

Ensinando e aprendendo habilidades no smartphone

O que entra em jogo no aprendizado do uso do smartphone? Dijk e Deursen[10] sugerem a existência de seis níveis de habilidades requisitados para desenvolver uma alfabetização digital, como detalhamos a seguir.

Figura 7.3 Nonnas. Disponível em http://bit.ly/nonnas.

1) Habilidades operacionais, como, por exemplo, saber usar um botão específico
2) Habilidades formais, como, por exemplo, conseguir entender e usar aspectos da interface – por exemplo, as estruturas de menu e os links
3) Habilidades informacionais, como, por exemplo, procurar dados
4) Habilidades de comunicação, como, por exemplo, usar as redes sociais
5) Criação de conteúdo, como, por exemplo, criar as próprias playlists para *streaming* de música
6) Habilidades estratégicas, como, por exemplo, saber usar o smartphone para fins pessoais ou profissionais

Cada habilidade pode causar uma nova cisão digital entre usuários competentes e os inabilidosos. O ponto é considerado com bastante detalhe por Donner, em seu livro *Beyond Access*[11,12], por se tratar de uma característica comum do mundo em desenvolvimento: o simples acesso de uma população a smartphones e à internet não equivale ao fim das desigualdades. O domínio de um dos níveis pode simplesmente acentuar outras restrições e divisões baseadas no que se sabe, e o que não se sabe, do subsequente desdobramento dos smartphones.

Tais questões emergiram com particular clareza, porque nossa pesquisa também incluiu algumas pessoas mais velhas que começavam a vivenciar fragilidades ligadas à idade – redução das capacidades cognitivas, artrites, dedos trêmulos, visão turva – e que afetavam o uso do aparelho. Assim, por um lado, o smartphone amplia a questão da

habilidade, porque aumenta a sua complexidade. Outras populações, porém, se confrontam com a perda da destreza – literalmente na palma da mão. O resultado podia ser observado, etnograficamente, como parte da vida cotidiana, mas era identificado com maior facilidade através do método de ensino de smartphones para a população em questão. O contexto mais amplo inclui entender a motivação das pessoas mais velhas para querer aprender a usar smartphones, as situações rotineiras em que o empregam e – sobretudo – as relações e tensões intergeracionais em geral, que são, frequentemente, envolvidas na obtenção, no aprendizado e no desdobramento dos smartphones. Finalmente, assim como fizemos a cada vez, desde o capítulo 2, em que introduzimos a temática, trazemos a consequente questão da ambivalência em relação ao dispositivo.

Muitos dos membros da equipe se engajaram em lecionar cursos, fosse sobre o uso de smartphones em geral, ou sobre o uso específico do WhatsApp, em um caso por mais de um ano. Os alunos participantes tinham uma larguíssima gama de preocupações e de expectativas. Em Santiago do Chile, uma aluna queria fotografar imagens em HDR (sigla em inglês para *high-dynamic-range* ou grande alcance dinâmico, em português) para, depois, postar no Instagram, enquanto um aluno desejava baixar um aplicativo que escaneasse os códigos QR[13] disponíveis em panfletos disponíveis por aí. Alguns dos participantes achavam difícil discernir entre dados móveis (pagos) e Wi-Fi (gratuito), ou entender a noção de "nuvem"; outros padeciam com a interface sensível ao toque. Os fatores que afetavam tanto as dificuldades como as expectativas incluíam a familiaridade a partir de uso anterior dos dispositivos, o grau de apoio de parentes com o que podiam contar, o grau geral de educação formal, as habilidades motoras e há quanto tempo tinham se aposentado[14].

Segundo uma pesquisa recente sobre estadunidenses mais velhos, realizada pelo Pew Research Center[15], um terço dos sêniores se sente pouco ou nada confiante ao usar dispositivos eletrônicos (smartphones inclusive). Em consequência desse sentimento, três quartos dos entrevistados afirmaram precisar de ajuda para acionar e começar a usar um novo dispositivo. De acordo com um dos alunos de Marília, de 72 anos, o medo de errar é a diferença-chave entre as pessoas mais velhas e seus colegas mais jovens. Explicou:

> Se os mais jovens veem algo errado, riem deles mesmos, porque lhes é permitido errar. As pessoas, porém, não são tão tolerantes assim com adultos mais velhos[16].

Por conta disso, afirma, muitos de seus amigos se sentem constrangidos quando erram – o medo domina a ponto de nem mesmo tentarem.

Além disso, temem "ser cobrados em demasia", "apagar informações importantes" ou "apertar no botão errado" e, consequentemente, arruinar o próprio aparelho. Na medida em que percebem os smartphones como máquinas, assumem que, se não estiver funcionando, deve estar quebrado. É difícil entender o que jovens querem dizer, quando informam que não é possível "quebrar" o celular e que devem apenas voltar alguns passos e seguir por um caminho diferente.

Frequentemente, o medo está associado a um sentimento mais geral de ser estigmatizado por conta da idade avançada, à medida que as novas tecnologias não são "naturais" para este perfil. Em contrapartida, as pessoas mais velhas entendem suas dificuldades como "naturais", com comentários como "não entendo tecnologia" ou "não tenho cabeça para isso" e insistindo que não podiam fazer algum gesto, a menos que o professor estivesse ao lado delas. Outros alunos, porém, se aventuravam mais desde o início, ou assumiram essa postura ao longo do tempo. A mesma pesquisa realizada pelo Pew, mencionada acima, sublinha que, uma vez que as pessoas mais velhas acessam o mundo online, começam a se engajar "em alto grau com dispositivos e conteúdos digitais". 76% dos adultos mais velhos que detêm um smartphone, por exemplo, usam a internet várias vezes ao dia.

Alunos mais velhos relatavam com frequência o sentimento de opressão diante da vasta gama de menus, gestos e diferentes maneiras de fazer a mesma coisa em um smartphone[17]. Sobretudo, não há uma hierarquia clara ou lógica no arranjo de aplicativos e funções. Muitos dos alunos com celulares de sistema operacional Android não reconhecem a diferença entre telas iniciais e o *navigation drawer*, em particular se ambos detiverem a mesma tela de fundo. Um dos mais notórios obstáculos com os qual os estudantes se confrontaram foi o excesso de escolhas. Quando, por exemplo, tentavam compartilhar uma fotografia do aplicativo de galeria de imagens, após selecionarem o arquivo, deparavam-se com várias possibilidades, incluindo um coração, três pontos verticais, três círculos em interseção, um quadrado com uma flecha, um quadrado com uma carinha sorridente e uma letra T, uma paleta de cores, três pontos formando um V e um ícone de lixeira (Fig. 7.4). Qual deles era o "compartilhar"?

Parecia difícil, ainda, para muitos dos alunos mais velhos, distinguir entre um "toque" e um "pressionar por mais tempo". A ausência de autoconfiança pode contribuir para um desejo de pressionar o botão por tempo suficiente para garantir que tenha sido apertado, em um equivalente análogo ao de uma campainha. O efeito, muitas vezes, é totalmente diferente do de um toque. Os alunos podem, ainda, apresentar dificuldades em acertar o ponto certo, o que pode, mais uma vez, se desdobrar em um resultado totalmente distinto. O filme com Valeria, de Santiago do Chile, nos traz um exemplo dessas questões (Fig. 7.5).

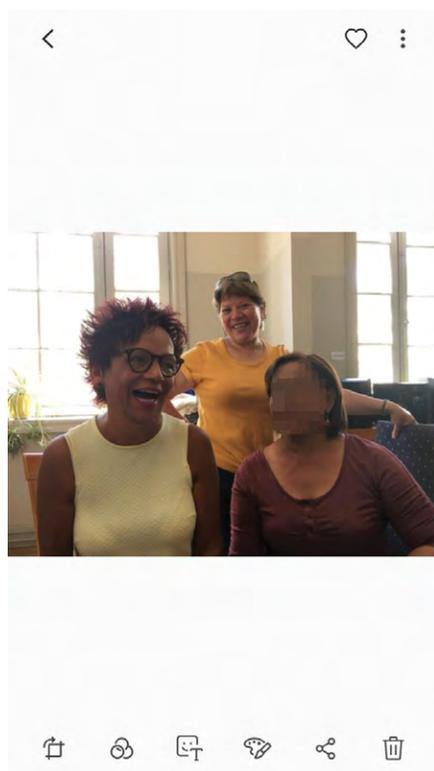



Figura 7.4 Qual, dentre todos esses ícones, é o de "compartilhar"? Fotografia de Alfonso Otaegui.

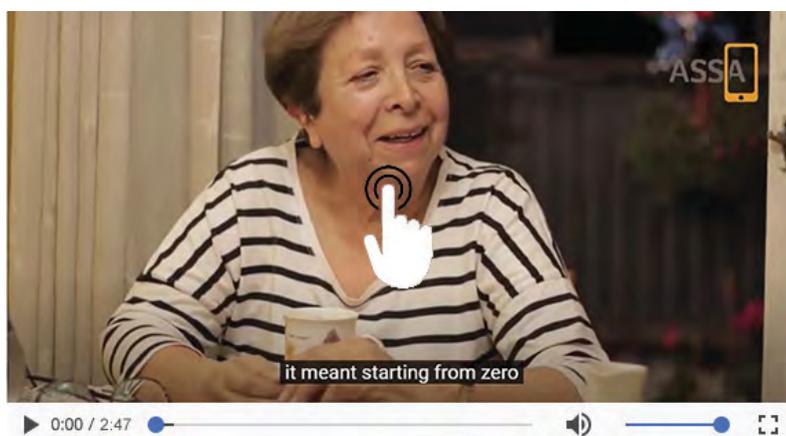



Figura 7.5 Filme: Valeria. Disponível em: http://bit.ly/valeriasmartphone.

Embora os alunos comparecessem às aulas com motivações variadas, a principal era, com frequência, o desejo de usar o WhatsApp. Ao descrever sua decisão de obter um smartphone, Maria Teresa, de Santiago do Chile, com 70 anos de idade, observa que "é por conta do WhatsApp, todo mundo tinha e eu estava me sentindo deixada de fora, então tinha que comprar um". De fato, alguns dos adultos mais velhos de Bento compraram o que veem como um "dispositivo de WhatsApp", mais do que um smartphone. A devoção ao WhatsApp foi o motivo pelo qual todo o curso de Marília, cerca de 75% do curso de Alfonso, e, ainda, alguns dos *workshops* de Maya acabaram inteiramente dedicados ao uso do aplicativo[18].

Quando Maya ofereceu um curso de uso de smartphone em Dar al-Hawa, Nura avisou imediatamente que gostaria de se inscrever, mesmo já sabendo usar um aparelho e dele sendo usuária frequente. Na prática, por conta dessa experiência, assim como de sua fluência em hebraico e em algum inglês, Nura terminou por auxiliar outros alunos na tradução de materiais relevantes para o árabe. Ela era especialmente prestativa no ensino de WhatsApp, cujo uso geral era lecionado aos alunos, desde a gravação de áudios até o envio da localização, passando pelo compartilhamento de contatos e imagens e a realização de *back up*. Em uma ocasião, enquanto explicava como realizar o *back up* de arquivos e pastas, Nura acidentalmente deletou seu próprio WhatsApp. Após alguns minutos buscando pelo aplicativo, sem sucesso, pediu ajuda com a voz embargada. Nura claramente sentiu um profundo desalento ao ser separada do WhatsApp, ainda que por alguns minutos. Decidiu que não estava aprendendo nada e que não queria seguir no curso, com ambas as decisões expressando sua frustração e raiva em relação ao aplicativo "perdido". De início, Maya não conseguiu ajudá-la, porque a memória do smartphone estava cheia. Finalmente, após limpar muitas das pastas de *back up* do WhatsApp, foi liberado espaço o suficiente para baixar novamente o aplicativo. Tudo funcionou. Nura relaxou e um clima de alívio se espraiou pela sala.

No caso de Nura, o estresse era composto por dois elementos. O primeiro consistia na perspectiva de ter cortada a sua constante conexão com parentes, amigos e atividades. O segundo era o fato de ter sido incapaz de lidar, ela mesma, com o problema. Isto expôs o grau do seu próprio desconhecimento sobre o funcionamento de algo que passou a ser a infraestrutura da sua vida. Tal experiência exacerba as preocupações das pessoas sobre, conforme envelhecem, dependerem cada vez mais de terceiros. Eis então um dos aspectos mais contraditórios do smartphone,

até aqui: aprender a usá-los gera uma autonomia maior, mas, simultaneamente, cria, muitas vezes, novas formas de dependência.

O debate sobre aprendizado do uso de smartphones se conclui com um exemplo ilustrativo de como praticamente todos podem se engajar de alguma forma com o dispositivo. Mary, de Kampala, tem cinquenta e poucos anos e nunca aprendeu a ler nem a escrever. Possui um smartphone da Samsung, indicativo da sua posição relativamente privilegiada como pensionista do ex-marido. Seus filhos, adolescentes, alegam ter-lhe ensinado a usar o smartphone, assim como os aplicativos e as redes sociais. Mary explicou que não usa muito da internet com exceção do WhatsApp, para o qual compra pacotes de dados. A maioria dos aplicativos não é usada, mas ouve música no celular a partir de arquivos enviados pelos amigos, através do Bluetooth, e agora tem pouco mais de cem canções. Frequentemente, Mary fica sozinha em casa, quando os filhos estão no colégio interno. Ao se sentir entediada, também usa o celular para jogar um jogo com um gato virtual, que deve receber cuidado, comida e limpeza. A filha de 16 anos baixou o jogo para ela. Como observamos anteriormente, durante o projeto *Why We Post*[19], o analfabetismo é uma barreira menor para uso de smartphones e redes sociais do que imaginaríamos a princípio.

À guisa de conclusão, a presente seção seguiu, em larga medida, a apresentação inicial dos seis níveis de habilidades sugeridos por Dijk e Deursen. Começamos por uma consideração sobre os atritos enfrentados por algumas pessoas para dominar habilidades motoras básicas. Ao fim e ao cabo, o que chama a atenção é como cada pessoa, com seu próprio nível de competência, apresenta recursos para adaptar o smartphone aos seus interesses e tarefas. O smartphone não necessariamente reduz desigualdades, mas pode se acomodar a elas.

Aplicativos e dispositivos especializados

Dado o crescente envelhecimento da população em alguns dos países mais abastados, tem surgido, naturalmente, iniciativas para criar tecnologia desenhada especificamente para o uso desse perfil. Uma delas é o smartphone Doro 8040 (Fig. 7.6). A tela inicial deste celular inclui quatro círculos, que podem ser preenchidos com as imagens dos contatos escolhidos. Uma senhora de 91 anos, com tecnofobia extrema, é incapaz de manusear o smartphone o suficiente para realizar uma ligação, o que exigiria que discasse o número. Graças ao design, contudo, mantém

Figura 7.6 Exemplo de um aparelho Doro, indicando seus botões rápidos para acessar contatos importantes. Fotografia de Daniel Miller.

contato regular com seus quatro parentes mais próximos, cujas imagens aparecem em sua tela.

Além dos smartphones especializados, temos, ainda, os aplicativos dirigidos às pessoas mais velhas. Um deles é o Meipian, usado em Xangai. “Meipian” significa, literalmente, “peça bonita” em chinês, fazendo referência ao uso do aplicativo para edição de fotografias e imagens. Ele esbanja 150 milhões de usuários ativos, a maioria dos quais com idades entre 40 e 60 anos; têm boa condição financeira, muito tempo livre e desejam se expressar[20]. No levantamento realizado por Xinyuan junto a seus informantes, o Meipian aparece como um dos aplicativos mais populares. Uma das participantes de pesquisa, a senhora Shen, compartilha toda semana ao menos duas postagens de Meipian no seu WeChat. Aprendeu a usar o aplicativo nas aulas de computador oferecidas na universidade comunitária para cidadãos mais velhos, em que aplicativos utilitários, considerados apropriados para pessoas mais velhas, foram apresentados pelos tutores.

Contrariamente ao WeChat, que permite apenas nove fotos por postagem, o Meipian autoriza até cem fotos. Isso interessa para a senhora Shen, que explica:

> Quero registrar grandes momentos da minha vida com propriedade e de forma completa... normalmente, tenho centenas de fotos sobre uma viagem de dois dias.

O desejo de "registrar a vida com propriedade e de forma completa" é amplamente difundido entre as pessoas mais velhas, na China. É também comum que considerem a postagem online como uma forma de status análoga à publicação. Demonstram uma atitude muito distinta da de quem não leva a sério essas postagens diárias, em estilo de "fluxo de consciência". Outro participante da pesquisa, o senhor Shi, sublinhou a diferença:

> Uma vez, meu filho mais novo afirmou que ninguém faria tanta questão de postar online, mas eu respondi que acredito que cada palavra que compartilho deveria ser boa o suficiente para sobreviver ao teste do tempo. Eu levo isso a sério.

A geração mais velha cresceu em uma época desprovida de ferramentas de comunicação voltadas para este tipo de expressão contínua do cotidiano. A única maneira de estar presente para uma audiência era através de mídias de massa, como o rádio, a televisão ou os jornais, todos acometidos de severas restrições. Considerava-se, portanto, qualquer apresentação pública como algo digno de uma análise cuidadosa. Além disso, a principal fonte de renda do Meipian é seu serviço de impressão, que oferece aos usuários uma opção de transformar seus itens digitais em brochuras impressas. A popularidade da impressão tem crescido em meio às pessoas mais velhas. "Nunca pensei que podia escrever um livro no meu smartphone!", exclamou a senhora Zhu, quando recebeu uma bela versão impressa do seu "livro" de postagens no Meipian, como uma foto do neto na capa.

O uso do Meipian nos remete a um já abordado contraste entre a China e os demais campos etnográficos. No Brasil como no Chile, é comum as pessoas mais velhas entenderem as suas dificuldades no uso do smartphone como resultados "naturais" da idade. Podem assumir que qualquer problema físico, como uma visão comprometida ou mãos trêmulas, fazem parte de uma inabilidade mais ampla, que se estende às funções cognitivas. Admitem, portanto, que os mais jovens, e não eles

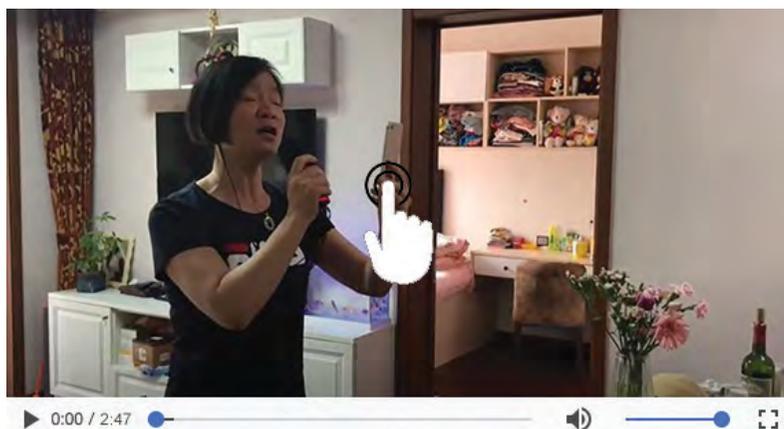



Figura 7.7 Filme: Carrega todo o meu amor. Disponível em http://bit.ly/carriesallmylove.

mesmos, são os usuários naturais dos smartphones e, por conseguinte, que é natural apresentar uma tecnofobia.

Em Xangai, porém, o curta metragem aqui apresentado mostra que uma mulher como Dan pode desenvolver, durante a aposentadoria, novas dimensões da vida, obtendo inclusive seguidores que acompanham as canções que divulga online (Fig. 7.7). O smartphone se tornou tão importante para Dan que ela pretende garantir que seja queimado após sua morte, de modo a transportar seus conteúdos para o além.

Tais associações positivas refletem o modo pelo qual a China tendeu, historicamente, a uma gerontocracia política. Como observado no capítulo 2, a habilidade no uso das mídias digitais é vista como o dever de um cidadão bom e produtivo; expressa a contribuição de todos e cada um para construir uma China moderna. Xangai é um lugar onde as pessoas mais velhas podem ultrapassar os mais jovens na sua afinidade com smartphones. Eis, porém, a conclusão. Se há uma população que vê o uso de smartphones como natural, então, nos casos brasileiro e chileno, a real questão pode ser o estigma em torno da idade. Certamente, ele pode ser tão prejudicial para o domínio dos smartphones quanto qualquer elemento tecnológico do dispositivo.

Problemas e benefícios associados aos smartphones

A idade impacta na relação das pessoas com o smartphone de outras maneiras, mais genéricas. Uma delas é o grande medo de ser roubado. Como observou um participante de pesquisa de Bento, “se você tem

cabelo branco, já é um alvo". Helen, de 67 anos, ficou frustrada por não poder mostrar para Marília todas as fotos dos netos que mantém no smartphone. "Vim para cá sem nada, não é seguro", disse. A conversa entre as duas aconteceu em uma grande praça, onde as pessoas vêm andar e se exercitar, todos os dias; é, ainda, um dos 200 pontos dotados de Wi-Fi gratuito, proporcionado pela Prefeitura de São Paulo. Ainda assim, a maioria dos participantes da pesquisa de Marília concordou que não era seguro realizar ou receber ligações na rua, nem mandar mensagens de texto.

Têm bons motivos para serem cautelosos. No primeiro trimestre de 2019, estimou-se uma média de celulares roubados por hora em São Paulo, valor que representava 63% de todos os furtos registrados na cidade[21]. Mais da metade dos 60 participantes de pesquisa com quem Marília conversou, em abril de 2018, tinham tido seu smartphone furtado ao menos uma vez, ou conheciam alguém da família que sofrera esta usurpação.

As pessoas desenvolveram, por conseguinte, diferentes estratégias para se proteger, e aos smartphones, nos espaços públicos. Lucy, de 65 anos, por exemplo, declarou que nunca atenderia a uma ligação na rua: "Eu só deixo tocar". Lilly, de 67 anos, explica por que realiza concessões: "Dou uma olhada dentro da bolsa. Se for um dos meus filhos ligando, entro em alguma das lojas da rua, para poder atender à chamada". Outros usuários até mesmo deixam os smartphones em casa, ao saírem. José, de 72 anos, é um deles: nunca tira o iPhone de casa, preferindo circular com um smartphone Android, menos caro. Outra estratégia consiste em manter o mesmo smartphone o máximo possível, torcendo para que um aparelho mais antigo soe menos atraente para os ladrões. Bia, de 59 anos, é adepta do estratagema. "Esse aqui é velho, ninguém vai querer", diz. A última opção, menos corriqueira, é a de manter um segundo aparelho na bolsa, conhecido como "o celular do ladrão". Trata-se de uma esperteza antiga, especialmente popular entre as mulheres que dirigem. Caso sejam assaltadas no tráfego, entregam a bolsa falsa, especialmente preparada para a eventualidade. O Brasil não está sozinho no ranking de altos índices de crime urbano. Um participante de pesquisa chileno descreve sua relutância em checar o smartphone em público, e as táticas que adotou, por conseguinte: "Deixo o aparelho vibrar no meu bolso. Quando chego em um lugar seguro – uma galeria – talvez o puxe e dê uma olhada".

Observou-se o oposto no campo etnográfico de Quioto, onde os smartphones eram frequentemente muito visíveis em meio ao público, já que as taxas de criminalidade são baixas. Neste espaço, os participantes de pesquisa não temiam punguistas e os aparelhos eram frequentemente

levados em bolsos externos de mochilas ou bolsos traseiros das calças. Em Quioto, onde os quimonos são comumente alugados e vestidos por turistas tanto estrangeiros como japoneses, pode-se ver mulheres em pontos paisagísticos, enfiando os smartphones nos cintos "obi" dos quimonos para facilitar na hora das selfies.

De modo geral, as pessoas temem a perda da privacidade ou as possibilidades de vigilância, ou invasão, causadas por tecnologias que conhecem, ou entendem, apenas parcialmente. Durante o curso de smartphone em al-Quds, as aulas sobre como se conectar a redes de Wi-Fi abertas revelaram que apenas 3 dos 15 de participantes tinham noção de que os pontos de Wi-Fi eram gratuitos. Nunca tinham usado outra rede que não a da operadora do aparelho. Quando aprenderam a existência deste recurso adicional, as pessoas se preocuparam sobre a segurança ao usá-lo. Ao se conectar, com o auxílio de Maya, no Wi-Fi do centro comunitário, Amina, de 74 anos, indagou se a mesma conexão permaneceria quando chegasse em casa. Como observado acima, é comum a confusão entre Wi-Fi e a rede de dados, no que diz respeito aos pagamentos.

Outra extensão nas barreiras pautadas na idade, e que já foi mencionada nos capítulos anteriores, aparece na crescente propensão dos governos em favorecer acesso unicamente online a informações. O Senado chileno, por exemplo, aprovou recentemente uma lei batizada de "Transformação Digital no Estado"[22], que visa converter a maioria dos serviços estatais para o formato digital. Quem desejar se comunicar através de papel ou cópia impressa deve solicitar especificamente o serviço e justificar o requerimento. Em 2017, Israel também embarcou em uma reforma de grande porte, com o intuito de criar uma nação digital; a reforma era baseada na digitalização dos serviços governamentais, a nível local como a nível estatal. Aqueles a favor da reforma proclamaram que ela traria uma gama de benefícios, desde "acelerar o crescimento econômico" até "reduzir as disparidades socioeconômicas e tornar o governo mais inteligente, mais rápido e mais acessível aos cidadãos, fazendo de Israel um líder global no domínio digital"[23]. Laila e Maya, contudo, entenderam que, no caso dos adultos palestinos de Dar al-Hawa, nem os mais velhos, nem os mais jovens faziam parte desta perspectiva, na medida em que muitos ou eram analfabetos digitais, ou não eram letrados no idioma hebraico, ou ambos (Fig. 7.8).

O problema não se restringe aos governos. Em Xangai, um dos maiores hospitais estatais da cidade anunciou que um dos seus departamentos mais populares já não disporia de um serviço de agendamento presencial para consultas. Em vez disso, o processo se limitaria a um sistema online. O hospital entendeu a decisão como uma solução para problemas de

Figura 7.8 Aplicativo de alerta de emergência para pessoas mais velhas. Disponível apenas em hebraico, sem versão em árabe. Fotografia de Maya de Vries.

aglomeração e longas filas. Políticas desta monta podem, contudo, causar consternação junto às pessoas, que, com frequência, são mais velhas ou economicamente desfavorecidas, e não possuem as habilidades necessárias para garantir seu agendamento por via digital.

Tais desdobramentos contribuem para criar uma crescente dependência dos smartphones, que pode ser mal-recebida por pessoas mais velhas, vivenciando-a como uma forma de exclusão baseada na idade. Sarah, participante de pesquisa do campo etnográfico de Dublin, observou, consternada, que não tinha dificuldades em lidar com computadores antes de ter filhos. Infelizmente, de lá para cá, a tecnologia progrediu em enorme medida, deixando-a num impasse. Parece viver em um fuso horário paralelo, impedida de participar plenamente do presente. Diante do convite de alguns primos para que entrasse no Facebook, sugeriu que, em vez disso, ligassem para ela e combinassem de tomar um café.

Sarah está ciente que os parentes e amigos modulam seus comportamentos para acomodá-la, e considera isso humilhante. Quando quer

viajar, conta com o marido, executivo do setor bancário, para agendar os voos e comunicar com os parentes enquanto estão fora. Sarah sabe que o hiato pode piorar, e tem noção de que não pode construir uma ponte apenas com sua disposição pessoal. Tem, porém, um amigo, Aoife, que a ampara na retomada do mundo digital. Aoife acompanha as mensagens no grupo de WhatsApp do clube do livro de que participam, que, de outra forma, poderiam passar despercebidas para ela. Sarah agora deseja ter aulas para aprender essas habilidades, embora não queira ir sozinha. Felizmente, Aoife se ofereceu para acompanhá-la.

O último fio deste rosário de problemas também é relativo ao crime. As pessoas mais velhas são, comumente, o principal alvo de tramoias, de ataques cibernéticos e de fraudes. No Brasil, por exemplo, ocorreram quase 26 mil tentativas de tramoias online por dia, durante a primeira metade do ano de 2018[24]. As burlas eram muito criativas e variadas, indo desde links para obter prêmios gratuitos até supostos anúncios de vagas ou ofertas de benefícios[25]. Falsas promessas resultam, com frequência, em extorsão ou na captura de dados bancários, que serão usados em golpes futuros. Para além de serem os alvos principais, as pessoas mais velhas tendem a compartilhar histórias sobre amigos, vizinhos ou parentes que sofreram na mão dos fraudadores. Tudo isso contribui para um medo generalizado em relação a novas tecnologias e promove discursos negativos, debatidos no capítulo 2. As pessoas se preocupam com a questão de que, embora tenham aprendido o suficiente para serem capazes de usar o smartphone e serem contactadas através dele, não consigam aprender o suficiente para identificar se estiverem sofrendo um golpe[26].

O motivo pelo qual listamos esta série de questões é que estes problemas impactam em particular as pessoas mais velhas. Ao mesmo tempo, porém, emerge do uso de smartphone um número equivalente de benefícios que atuam particularmente sobre essa mesma população. O caso mais óbvio ocorre no âmbito da saúde: consideremos o grau em que as pessoas mais velhas têm a maior probabilidade de serem acometidas por fragilidades, deficiências ou problemas variados de (im)obilidade. Temos, na Irlanda, o caso de Chris, homem com necessidades especiais de 67 anos, que cresceu em um conjunto habitacional. Começou a trabalhar aos 12 anos e atuou sobretudo em canteiros de obras. Desde 2005, é deficiente e pode sair apenas com uma lambreta adaptada.

Chris vê seu telefone como uma corda de segurança e tem mais de 40 aplicativos ativos. A compra online detém, a seu ver, uma importância particular, na medida em que não há pontas de estoque baratas em Cuan, um dos campos etnográficos de Dublin. Chris baixou aplicativos que permitam a entrega de roupas vindas dos Estados Unidos, e, além disso,

usa um aplicativo chinês chamado Wish (uma plataforma de e-commerce). Sua verdadeira paixão é a Radio Caroline – uma estação de rádio *offshore*, situada em um navio, que costumava ouvir quando trabalhava nos canteiros de obras. A Radio Caroline ainda possui três canais: um para música contemporânea e outros dois cuja trilha sonora é mais das décadas de 1960 e de 1970, respectivamente. De quebra, Chris também usa o Facebook e ouve a rádio comunitária local de Dublin. Acompanha os esportes, inclusive, através do aplicativo do Manchester United, o time local de dardos, e também "visita" lugares por meio do Google Street View. Chris passa, ainda, bastante tempo no hospital e googla com frequência sobre todo tipo de informação ligada à saúde, buscando tratamentos tanto de cunho biomédico, como de teor complementar. Seu smartphone o conecta, de quebra, com o táxi que o leva para o hospital.

Kamila, de 79 anos, enviuvou duas vezes. Não tem filhos e vive sozinha em um apartamento térreo de dois quartos, em Dar al-Hawa. Kamila tem aguda consciência da sua vulnerabilidade e não permite que ninguém entre na sua casa. Só recentemente comprou um smartphone e percorreu um lento processo para começar a usá-lo. Hoje, contudo, Kamila aprecia o auxílio do dispositivo para conectá-la à irmã, que mora a uma hora de carro, com mais facilidade. As duas podem conversar com muito mais frequência graças ao WhatsApp, o aplicativo favorito de Kamila, seguido pelo YouTube. Usa o YouTube para assistir ao canal da revista Burda e aprender novas modelagens. Costura, tricô e confeitaria são seus principais passatempos, e está sempre em busca de novas ideias e inspirações. Antes, Kamila não fazia ideia da existência de um aplicativo do YouTube; apenas abria uma aba do navegador e procurava pelo próprio YouTube. Foi apenas ao assistir ao *workshop* de smartphone que começou a usar o aplicativo em questão.

Histórias semelhantes sobre os benefícios dos smartphones, especificamente no caso de pessoas mais velhas, podem ser vistos ao longo deste livro. De certa forma, a experiência de confinamento advinda da pandemia de COVID-19 deu ao mundo um gostinho de por que a comunicação online se tornou tão importante para as pessoas mais velhas que carecem de mobilidade. Enquanto, por meses, as pessoas seguiam sem contato direto nem abraços, a simples ideia de um confinamento desprovido de comunicação online soava como um pesadelo do qual tinham sido poupadas. Dada essa ladainha de efeitos positivos e negativos, fica, mais uma vez, claro que a ambivalência não é uma reação inconsistente; é talvez a única resposta racional para o impacto dos smartphones em nossas vidas.

Conclusão

Na introdução, mencionamos a etnografia como uma "contextualização holística". Tentamos entender o smartphone como encaixado em valores culturais e relações sociais. Teria sido, então, possível escrever capítulos sobre a relação entre smartphones e qualquer parâmetro social mais geral, como classe ou gênero. Escolheu-se a idade por exemplo porque era o parâmetro de base para o projeto de pesquisa. As evidências destes dois capítulos, quando combinadas com as dos capítulos anteriores, sobre o smartphone no contexto de indivíduos, relações e sociedade, revelam a complexidade advinda das considerações sobre contexto. Tendemos, muitas vezes, a usar termos como "expressar", "incorporar" ou "representar", mas também é preciso analisar a caracterização do contexto com maior profundidade.

Em alguns casos, o que foi apresentado poderia ser mais bem descrito como uma coevolução. Um grupo como a "segunda geração" da juventude italiana está, simultaneamente, desenvolvendo sua relação para com os seus smartphones e com a sua identidade mais ampla. A coevolução pode, ainda, descrever como os smartphones atuam em sintonia com outras mudanças de vida, como a passagem do emprego em tempo integral para a aposentadoria, muitas vezes uma transição de peso. Nesse caso, os smartphones podem se converter em um eixo para organizar a nova forma de vida. O uso dos aparelhos durante a aposentadoria é minuciosamente descrito em várias das monografias sintetizadas na presente obra. Elas usam, com frequência, o mesmo termo, "artesania", que intitulou o capítulo anterior.

O smartphone passa a adotar um papel bastante diferente se abordamos o dispositivo não como tecnologia, mas como idioma. Dessa perspectiva, ele se torna um apetrecho que representa uma certa relação com a própria idade. Isso foi nítido quando consideramos por que as pessoas escolhem dominar os smartphones, por mais árdua e intimidante que seja a tarefa. Deixando de lado a capacidade tecnológica, este ponto inverte o significado do smartphone. Antes de lecionarmos os cursos sobre smartphone, o aparelho representava uma cisão digital, em que as pessoas mais velhas eram excluídas e separadas dos mais jovens, os "nativos digitais". Uma vez obtida a proficiência no uso de smartphones, porém, os aparelhos se transformam em um idioma para a própria juventude dos mais velhos. Estes novos usuários podem se sentir rejuvenescidos porque passam a se associar com uma tecnologia hodierna. É possível até mesmo que usem o Spotify para encontrar suas músicas de rock favoritas – mas, sobretudo, o smartphone pode

facilitar que mantenham uma conexão mais imediata com o mundo contemporâneo.

Uma terceira caracterização do contexto se evidencia quando consideramos os smartphones em meio a relações intergeracionais. Estas últimas podem incorporar um campo de poder mais amplo. Desde a época em que a maioria das sociedades simplesmente assumia que sabedoria e avanço da idade estavam integralmente associados, a partir de experiência e conhecimento acumulados ao longo das décadas, ocorreu uma inflexão histórica de porte. Hoje, o smartphone consolida uma transição rumo ao conhecimento que pode exigir, dos mais velhos, que aprendam com os mais novos – uma dependência que pode gerar ocasionais ressentimentos. Sugere-se uma associação com o poder através da evidência de como os mais jovens parecem, com frequência, desdenhosos, impacientes e pouco prestativos no ensino do uso dos smartphones para os mais velhos; é como se não estivessem dispostos a ceder sua vantagem nessa relação. O poder também está envolvido no que descrevemos, ao longo do capítulo, em uma série de obstáculos para dominar o smartphone. Mesmo quando populações conseguem acessar smartphones e o conhecimento de como usar esta tecnologia, podem se deparar com subsequentes barreiras e empecilhos advindos dos contextos de uso dos aparelhos, tais como onde obter informação, ou como ser estratégico no manuseio do dispositivo. Estes, por sua vez, criam novas cisões e hiatos digitais.

Uma quarta maneira, mais uma vez, bastante distinta, de conceber o smartphone em seu contexto é entendê-lo como uma forma de conflito. Uma análise do conflito das pessoas emergiu, de forma muito clara, do período dedicado ao ensino de smartphones para os mais velhos. O exercício revelou que muitos dos recursos dos smartphones soam difíceis para algumas das pessoas mais velhas. Alguém com artrite nos dedos pode padecer para identificar a posição exata de um ícone, e ser incapaz de mudar rapidamente de uma pressão longa para uma pressão curta na tecla. Já não se trata de uma questão de poder, mas, sim, de fragilidade e ausência de destreza. É possível, ainda, que existam problemas de memória que falha, ou o desafio de aprender novas habilidades sobre dispositivos inéditos, que, muitas vezes, não funcionam, mesmo se não estão quebrados. Para muitas das pessoas mais velhas, esses quesitos parecem inextricáveis das questões de estigma e de baixa autoestima. Nossas pesquisas revelaram, com evidências, que esses pontos são menos verídicos no campo etnográfico da China do que nos outros casos, então não podemos ver esta dissociação tecnológica realizada pelas pessoas mais velhas como de uma forma “natural”.

Finalmente, o capítulo debateu sobre alguns dos contextos mais amplos e que são igualmente relevantes na relação entre smartphones e

idade. Temos um exemplo desse caso quando as pessoas mais velhas de Bento percebem o smartphone como perigoso, por atrair assaltantes. Há, então, a intervenção de forças comerciais que criam aplicativos, ou aparelhos, especificamente projetados para pessoas mais velhas. Além disso, vemos uma expansão do hiato digital criado quando as pessoas mais velhas, com menor habilidade no uso do smartphone, são discriminadas através da exclusão do acesso a serviços públicos online.

Em suma, o presente capítulo focou no grande parâmetro da idade para explorar como situamos os smartphones em seus contextos social, econômico e cultural. As conclusões poderiam ser aplicadas para qualquer parâmetro social escolhido. Seriam, também, evidenciadas por muitos outros trabalhos acadêmicos prévios, aos quais muito devemos, como o excelente material sobre as vidas digitais dos mais jovens, discutido no capítulo 2[27].

As cinco perspectivas aqui delineadas enfatizam, cada uma a seu modo, uma faceta diferente da tarefa da contextualização. Para tornar as coisas ainda mais complexas, um outro fator se aplica a todas elas: a velocidade da mudança. Todo ano, o modo como interagimos com os smartphones evolui em termos de complexidade e de profundidade. Seja na coevolução da identidade juvenil, exemplo com o qual abrimos o capítulo, ou as novas regulações estatais para infraestrutura digital, caso abordado já mais para o final, os processos pelos quais os smartphones se vinculam a relações sociais e a valores culturais são extraordinariamente dinâmicos.

Notas

1 Temos exemplos na página do Twitter "Yalla Italia", que pode ser acessada em: https://twitter.com/yallaitalia, ou no grupo de Facebook dos Jovens Italianos Muçulmanos, relativo à ONG homônima: https://www.facebook.com/GiovaniMusulmanidItaliaGMI/.
2 Vide Clough Marinaro e Walston 2010.
3 Vide o relatório da União Europeia sobre Novos Italianos, de Antonsich et al. http://newitalians.eu/en/.
4 O idioma hazāragi é falado pelo povo Hazara no Afeganistão, e também na diáspora global Hazara. Trata-se de um dialeto do persa, muito próximo do dari, um dos idiomas mais falados no Afeganistão. A fronteira entre o dazāragi e o dari é bastante tênue. Vide Encyclopaedia Iranica Online 2020.
5 Os filhos dos migrantes não têm direito à cidadania italiana antes dos 18 anos. Hoje, na Itália, muitos jovens continuam se sentindo ostracizados por essas leis, que questionam em fóruns online e em outros canais, como ONGs e grupos comunitários. Vide Andall 2002.
6 Ver também Giordano 2014.
7 Vide o survey 'RG033 – Resultados – POnline 2017', de Accessa 2018. Trata-se de uma iniciativa para inclusão digital em São Paulo, que fornece acesso gratuito à internet e muitos cursos sem custo para auxiliar os usuários a aprimorarem suas habilidades digitais. A pesquisa identificou que 70% dos respondentes aprenderam a usar a internet por conta própria ou ao frequentar cursos; apenas 4% podiam contar com a ajuda de parentes.

8 Literalmente “loja de jogos”, em inglês [N.T.].
9 Serviço canadense de namoro online. O nome pode ser traduzido como “fartura de peixes” e faz menção à expressão “there’s plenty of fish in the sea” (“o mar está para peixe”), comumente mencionada para indicar que o fim de um relacionamento não necessariamente é o fim das vivências e que próximos parceiros virão [N.T.].
10 Dijk e Deursen 2014, 6–7.
11 Donner 2015.
12 “Para além do acesso”, em tradução livre [N.T.].
13 O código QR é um código de barras bidimensional, identificável com a câmera do smartphone e que, uma vez escaneado, pode ser convertido em diversos tipos de informação, desde um texto até uma localização georreferenciada, passando por um email, uma URL, entre outros [N.T.].
14 Temos, por trás desse ponto, a variedade de experiências relativas ao envelhecimento, sobre as quais ver Thumala 2017 e Villalobos 2017.
15 Anderson e Perrin 2017, 3.
16 Vide Leung et al. 2012.
17 Kurniawan 2006.
18 Duque e Lima 2019.
19 Miller et al. 2016, 170, 207.
20 Zhao 2018.
21 Henrique 2019.
22 A lei em questão, chamada ‘Transformación Digital en el Estado’, foi defendida com argumentos sobre economia de papel e de tempo. O presidente alegou que a lei visava “modernizer o funcionamento do Estado. Estamos em 2018 e ainda lidamos com a maior parte dos procedimentos burocráticos em cópias físicas”. Vide Mensaje Presidencial de S.E. el Presidente de la República, Sebastián Piñera Echenique, en su Cuenta Pública ante el Congreso Nacional, disponível em: https://prensa.presidencia.cl/ lfi-content/uploads/2018/06/jun012018arm-cuenta-publica-presidencial_3.pdf.
23 Vide Ministério da Equidade Social de Israel 2020.
24 Travezuk 2018.
25 O Globo 2018.
26 Para a perspectiva dos golpistas, vide Burrell 2012.
27 Para referências sobre o trabalho de Sonia Livingstone e outros que criaram esta série exemplar de estudos, vide as notas de fim de texto do capítulo 2.

8

O coração do smartphone: LINE, WeChat e WhatsApp

> Campos: Bento – São Paulo. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi – Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

Por que dedicar o penúltimo capítulo ao LINE, ao WeChat e ao WhatsApp? O que significa descrever estes três aplicativos como "o coração do smartphone"? Justificamos esta escolha por conta da evidência de que, para muitos usuários, de diversas regiões, um único aplicativo representa, hoje, a coisa mais importante que o smartphone faz para eles. Este app pode dominar o uso cotidiano do smartphone, a ponto de se tornar sinônimo do próprio aparelho. Como observamos no capítulo 7, para alguns brasileiros, o smartphone nada mais é do que um dispositivo para uso do WhatsApp, enquanto usuários no Japão se referem ao seu aparelho como "o meu LINE".

O segundo motivo para designar estes aplicativos como "coração do smartphone" é porque eles, muitas vezes, se tornam instrumentos para expressão da devoção das pessoas sobre o que consideram mais caro. Para muitos de nós, as nossas relações mais íntimas importam mais do que tudo na vida: aquelas com filhos, pais, parceiros e melhores amigos. Tais aplicativos são as plataformas em que fratrias se unem para cuidar de pais idosos, pais orgulhosos enviam infinitas fotografias de seus bebês e os migrantes se reconectam com suas famílias; são os meios através dos quais é possível, ainda, ser avô ou avó, mesmo morando em outro país. Todos esses usos vêm com questões concomitantes sobre vigilância, dependência e estresse. A primeira seção do capítulo dirá respeito à dimensão afetiva. O termo "afetivo" faz, aqui, referência a humores, sentimentos, emoções e atitudes, facetas distintas de como tais plataformas ativaram a capacidade de se afeiçoar e de cuidar[1].

A segunda seção traz outro motivo pelo qual este capítulo se tornou o penúltimo do livro como um todo. É aquele que, talvez, traga o argumento de maior peso para uma perspectiva etnográfica. Os três aplicativos aqui debatidos tendem a dominar a comunicação mais íntima e particular, frequentemente no âmbito da família. Isso os torna, ao mesmo tempo, não apenas os aplicativos mais importantes, mas também os mais difíceis de acessar e de pesquisar. Para lecionar sobre o uso e as consequências de modos de comunicação de tamanha importância, são necessárias a participação e a observação direta. A construção da confiança, as garantias de anonimato e a amizade exigidas para tal levam meses para serem trabalhadas. É, portanto, difícil cogitar qual outra abordagem de pesquisa pudesse proporcionar a bagagem demandada.

Nesta segunda seção, examinaremos como os aplicativos em questão podem, entre outros, decretar o fim de uma categoria discreta, que nos habituamos a chamar de "redes sociais". Um dos avanços conceituais ocorridos durante o projeto *Why We Post* consistiu numa perspectiva denominada "sociabilidade escalável". Antes das redes sociais, tínhamos, via de regra, dois meios principais de comunicação: um privado, como, por exemplo, falar ao telefone, ou um público, como no caso da difusão para uma plateia geral. As versões pioneiras de rede social escalavam a difusão, de modo a postarmos no Facebook, ou escrevermos um tweet para algumas centenas de pessoas ou 20 destinatários. As redes sociais seguintes, incluindo os canais discutidos no presente capítulo, se desenvolveram a partir de serviços privados de mensagens, a fim de atingir uma audiência inicial de alguns indivíduos, e, a partir daí, muitos outros. O resultado geral foi a sociabilidade escalável: um conjunto de plataformas que poderia atingir desde pequenos grupos até os maiores, com um teor de privacidade que ia desde o totalmente fechado até o completamente público. Os desenvolvimentos se sucederam e continuam ocorrendo no presente ano de 2021. Os três aplicativos aqui discutidos se mesclam, uniformemente, com outros elementos do smartphone: textos, outras mensagens, chamadas de voz e filmagens por *webcam*. O resultado é que, hoje, pouco sobra de qualquer arena que pudesse ser designada por "rede social", quando separada da capacidade mais geral do smartphone para fins de comunicação.

O outro desenvolvimento de porte consiste no modo como as plataformas, tais como o WeChat, passaram a incorporar uma larga gama de serviços que, outrora, poderiam ter sido aplicativos independentes. WeChat e LINE podem soar mais como um smartphone em si, com o WeChat substituindo aplicativos pelos seus próprios miniprogramas, como vimos no capítulo 3, e o LINE em vias de se tornar um tipo de

super aplicativo[2]. Tais mudanças serviram de base para a terceira e última seção do capítulo, que reconhece a natureza multifuncional destes aplicativos dominantes, e as suas consequências. Mais uma vez, é preciso incluir uma consideração sobre as forças comerciais que levaram a tais desenvolvimentos.

Uma breve história

De início, o LINE foi lançado no Japão, em 2011, pela companhia sul-coreana NHN. Fora desenhado como um serviço de mensagens destinado aos funcionários da empresa, para se comunicarem após o terremoto Tōhoku e o tsunami, que impactaram profundamente a rede de telecomunicações do país. Durante o desastre, as linhas telefônicas ficaram inativas, mas os canais de dados seguiram abertos, e, assim, se converteram no modo mais eficiente de manter o contato[3]. O aplicativo foi, por conseguinte, liberado para público geral em junho de 2011; em 2013, já era o segundo serviço de rede social mais popular do Japão[4]. Em 2018, o LINE tinha angariado 78 milhões de usuários no país[5], com mais 165 milhões de usuários ativos ao redor do mundo[6]; mercados significativos foram estabelecidos na Tailândia, em Taiwan e na Indonésia. O grau de penetração do LINE é maior do que o dos smartphones, no Japão, por conta do acesso realizado via tablets. Todos os participantes da pesquisa de Laura tinham LINE e muitos usavam o aplicativo para uma vasta gama de serviços, desde pagamentos e acompanhar as notícias, até ler mangá[7].

O WeChat é o aplicativo mais popular, e também o de uso mais frequente, da China contemporânea, assim como do trabalho de campo de Xinyuan. Trata-se de um aplicativo de redes sociais multitarefa voltado para o smartphone, lançado em 2011 pela Tencent, a mesma companhia proprietária do QQ – o app de redes sociais dominante na pesquisa anterior de Xinyuan, sobre trabalhadores fabris, e que seguia como o quarto aplicativo mais popular nos celulares dos participantes da pesquisa[8]. O WeChat fornece mensagens de áudio e de texto, chamadas por vídeo e por voz, compartilhamento de localização e multimídia e um serviço de pagamentos (Fig. 8.1), além de um leque de funções, desde chamada de táxi até as compras online, passando por muitos outros. A expansão do WeChat impressiona: em 2014, tornou-se o aplicativo de mensagens mais popular da região da Ásia voltada para o Pacífico[9]. O seu total de usuários ativos mensais ultrapassou um bilhão de indivíduos em abril de 2018.

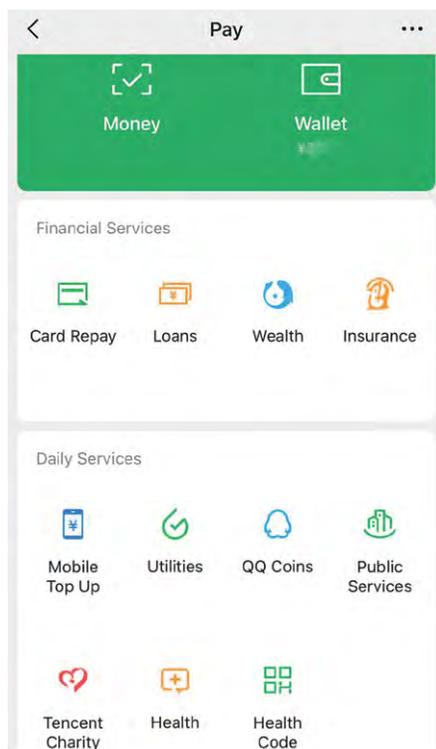



Figura 8.1 A função de pagamento do WeChat. Captura de tela de Xinyuan Wang.

O aplicativo dispõe, ainda, de um recurso chamado "Contas públicas", parte da sua oferta de "Contas oficiais". Nelas, organizações, negócios e outras entidades podem criar uma página para difusão de notícias, redirecionamento para sites de e-commerce e mais ações[10]. Usuários podem assinar serviços de informações de mais de 10 milhões de contas, desde meios de comunicação até blogs pessoais. No WeChat, é possível arquivar e buscar informações. Em 2015, um usuário típico de WeChat lia, em média, 5,86 artigos por dia, o que significa que o aplicativo também se converteu em um "app de leitura". Sua expansão através dos miniprogramas foi abordada no capítulo 3.

O WhatsApp foi fundado em 2009, por dois antigos funcionários da Yahoo. Em 2011, um bilhão de mensagens já era enviado por dia[11]; em 2013, o aplicativo abarcou 250 milhões de usuários[12]. Foi adquirido pelo Facebook em 2014, por 19 bilhões de dólares[13]. Em 2016, cessou de cobrar uma taxa anual[14] e, no final de 2017, contava com 1,5 bilhão de

usuários ativos mensais[15]. Desde 2016, o WhatsApp tem se apresentado como inteiramente encriptado, de ponta a ponta, pelo menos até aqui, e não inclui propagandas. Expandiu, ainda, os recursos para além das mensagens de texto, inserindo chamadas de voz e por vídeo. Uma função-chave consiste na habilidade do aplicativo em indicar que uma mensagem foi recebida, modificando a etiqueta do "textar". Embora essas possibilidades técnicas estejam disponíveis, muito do desenvolvimento em relação a como é usado vem da criatividade dos próprios usuários. Podemos vê-lo nitidamente na publicação de Marília sobre o uso do WhatsApp para fins de saúde, no Brasil[16]. Os participantes de pesquisa praticamente nunca mencionam que o WhatsApp é propriedade do Facebook. Talvez isso ocorra para proteger uma visão do aplicativo, que soa largamente positiva, das crescentes conotações negativas atribuídas ao Facebook e à sua corporação.

A expressão visual das emoções e do cuidado

As redes sociais transformaram os pilares da conversa humana. Embora a comunicação visual sempre tenha existido, o que entendemos por "conversa" tendeu a ser oral, com recente suplemento de mensagens de texto em estilo conversacional. As redes sociais adicionaram um componente visual, como sintetizado no nome de um aplicativo popular entre os jovens batizado de "Snapchat", literalmente "falando através de fotos". Estas podem consistir em simples retratos, para expressar como o usuário está se sentindo. Já há algum tempo, o Japão tem sido vanguardista em relação à comunicação visual digital global, como no caso do desenvolvimento dos emojis[17] no final da década de 1990, e, mais recentemente, com o advento das "figurinhas" (emojis de grande formato), disponíveis para download no LINE na forma de pacotes temáticos. Em abril de 2019, aproximadamente 4,7 milhões de pacotes de figurinhas estavam disponíveis na Loja de Figurinhas do LINE[18]. De acordo com os relatórios lançados pela companhia em 2015, até 2,4 bilhões de figurinhas e emojis eram enviados diariamente pelos usuários. As figurinhas contêm um amplo leque de significados: 48% delas expressam alegria/felicidade, mas o resto reflete emoções que vão da tristeza (10%) à raiva (6%) e à surpresa (5%)[19].

Os participantes da pesquisa no Japão, tanto rurais quanto urbanos, enfatizaram o papel das figurinhas na demonstração cotidiana de cuidado via LINE (Fig. 8.2). Indicaram várias razões para seu uso intenso de figurinhas. Os participantes explicaram como estas figurinhas são um

Figura 8.2 Exemplo de figurinhas do LINE que expressam desejos de "boa noite". Captura de tela de Laura Haapio-Kirk.

modo mais casual de comunicação; não exigem que se verifique, cuidadosamente, se ocorreram erros embaraçosos ou erros de digitação que poderiam levar a um ruído na mensagem. Isso era particularmente importante para usuários mais velhos do aplicativo, menos familiarizados com os teclados sensíveis ao toque. O grande brilho das figurinhas aparece na sua habilidade de expressar sentimentos difíceis de serem postos em palavras, através de personagens que representam emoções extremas, num leque que abrange desde a tristeza mais profunda até pontos passivo-agressivos e surtos de êxtase.

Muitos dos participantes declararam que as figurinhas permitiam que mantivessem uma proximidade diária com a família e os amigos, num convívio remoto. Elas permitem que as mensagens de texto sejam "mais calorosas" e expressem, em maior teor, as suas personalidades e sentimentos, do que se tivessem que depender unicamente do texto digital[20]. Este "aquecimento" da comunicação se tornou uma parte relevante do "cuidado à distância", por exemplo, através da manutenção do contato regular com pais idosos, que podem residir em uma região

Figura 8.3 Captura de tela da loja de figurinhas do LINE (Ushiromae). Captura realizada por Laura Haapio-Kirk.

diferente do Japão. O fluxo diário de figurinhas e fotos permitia que se enviasse "bocadinhos banais", permitindo que o cuidado fosse, ao mesmo tempo, mais imediato e menos oneroso. Uma participante da pesquisa, com cerca de oitenta anos, comunicava à sua filha o seu conjunto de atividades cotidianas via um kit de figurinhas que tinha baixado. Tratava-se da personagem de uma vovó bem-humorada, com quem a participante se identificava (Fig. 8.3, p.187). Trocava figurinhas com a filha para informar que estava acordada e para se comunicar ao longo do dia, além do envio de curtas mensagens de texto e ocasionais ligações de voz. Sua filha explicou que as figurinhas permitiam que a senhora mantivesse a comunicação fluindo ao longo do dia, e faziam parte de como ela comunicava o cuidado à distância.

Mulheres de meia-idade se beneficiavam, ainda, ao manterem um contato próximo com amigas, enquanto lidavam com responsabilidades de cuidado. Esse apoio de pares era particularmente bem-vindo na forma de figurinhas que expressavam seus sentimentos de modo rápido e eficiente, durante momentos em que elas precisavam, em especial, de um

respaldo. Como observou Sato-san, mulher de sessenta e poucos anos de Quioto:

> Se tenho um dia particularmente difícil com a minha mãe, smartphones podem me proporcionar uma janela rápida para notificar minhas amigas e receber simpatia. Isso de alguém estar a um segundo de distância, quando precisamos contactar a pessoa, é um ótimo aspecto dos smartphones e receber figurinhas dizendo "legal!" é muito bom.

Em NoLo, os participantes oriundos da Sicília gostavam de usar o WhatsApp para deixar mensagens de áudio. Estas continham, principalmente, comunicações entre parentes, muitas vezes permeadas de emoção e saudações afeiçoadas. Uma mãe siciliana podia, por exemplo, acolher seus filhos, começando a mensagem com "alegria da minha vida, como você está…", seguindo com um enumerar detalhado dos eventos do dia, andamentos específicos das suas vidas, lembretes sobre aniversários e um relato do que tinha acontecido na creche do neto naquele dia. Isto reflete o estilo de comunicação pessoal *offline* – que, muitas vezes, envolvia mídias variadas e era tão tátil quanto vocal, visando criar formas vibrantes e coloridas de expressão. A nova dimensão visual foi incorporada ao conjunto, como podemos ver a partir dos memes de NoLo (Fig. 8.4 e 8.5).

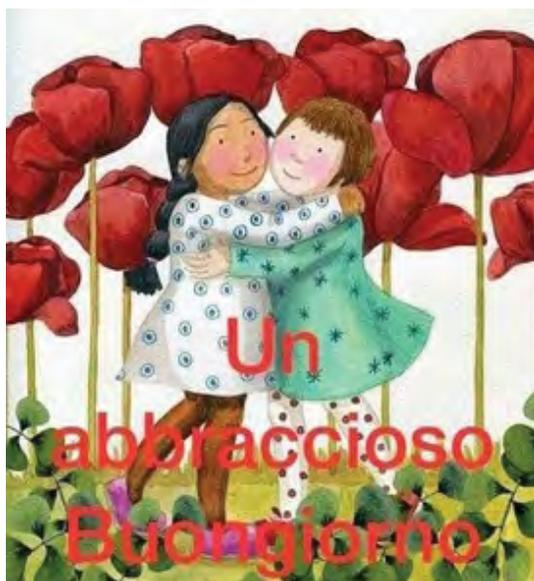



Figura 8.4 Meme de saudação em NoLo. No texto, lê-se: "Olá/bom dia, com muitos abraços". Captura de tela de Shireen Walton.

Figura 8.5 Meme enviado em NoLo. No texto, lê-se: "Fala a verdade, você estava esperando pelo meu bom-dia!!!". Captura de tela de Shireen Walton.

Elena aprecia, sobretudo, a comunicação social via memes que circulam no WhatsApp. É através dele que usufrui da sociabilidade e da comunicação.

> Envio sete a oito memes por dia, principalmente para amigos, mas também para parentes, uma das minhas irmãs, uma irmã que mora no estrangeiro.

Tais memes expressam uma mescla de humor, ironia e sátira, amor e amizade, e, por vezes, um teor espiritual. Elena não necessariamente espera que respondam; fica feliz com a mera possibilidade de poder se expressar nesses sentidos. Seja na sua mesa do escritório, no metrô ou em casa, ao longo das noites passadas enroscada com o gato, no sofá, Elena desenvolveu esta comunicação leve, porém relevante.

O visual e o áudio não vêm às custas dos textos ou da oralidade. Hoje, subitamente, todas as chamadas de voz são "gratuitas" graças ao WhatsApp, o que significa que também podem ser expandidas. Não há escrúpulos sobre ligar via WhatsApp, ou acionar a câmera, sobretudo com amigos e parentes que estão no exterior. Isto representa uma mudança

Figura 8.6 Figurinha animada do WeChat, que diz "Feliz dia de meio do outono!", enviada para Xinyuan Wang em 2019.

relevante em muitos dos campos entográficos, que contribuiu largamente para o cuidado à distância. Para um livro intitulado "O smartphone global", evocamos de menos o teor global como um todo, mas podemos ver, no caso chinês, um sentido planetário, assim como um ponto que o transcende. São 11 da manhã, no fuso horário de Londres, do dia 13 de setembro de 2019. Já é noite na China. A senhora Jinwei, em Xangai, manda para Xinyuan, que está em Londres, uma figurinha animada do WeChat. Trata-se de uma reluzente lua cheia, rodeada de três alegres e saltitantes coelhinhos, que dizem: "Feliz dia de meio do outono!" (Fig. 8.6). Esta é uma das centenas de figurinhas, emojis, vídeos curtos ou álbuns animados ligados à lua cheia, ou aos bolos de lua[21], que circularam entre amigos e parentes via WeChat, no dia do Festival Chinês da Lua (Fig. 8.7).

O Festival de Meio de Outono, ou Festival da Lua, é tido como o segundo evento nacional mais importante do país, logo atrás do Ano Novo Chinês. Tradicionalmente, parentes se reúnem para oferecer sacrifícios (bolos de lua, por exemplo) à lua, e expressar a afeição e seus sentimentos por membros da família que já se foram, e amigos que moram longe. O conceito de "distância", porém, tem justamente sofrido transformações. Como observa o senhor Liguo:

> Mesmo se moram na mesma cidade, os amigos se encontram no WeChat. Seja perto ou longe, a distância importa muito menos uma vez que se está no WeChat. Então nos vemos lá no WeChat.

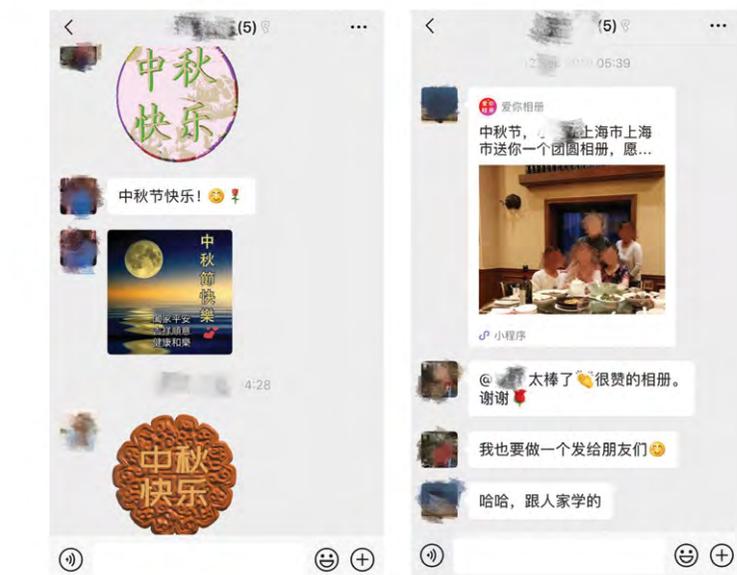



Figura 8.7 Xinyuan Wang com amigos e participantes de pesquisa, como visto em foto que circula pelo WeChat. Captura de tela de Xinyuan Wang.

Discutimos este ponto no capítulo final, que explora uma versão do cuidado que transcende a distância. Em 2019, independentemente de onde viviam, as pessoas na China podiam refletir sobre as melancólicas palavras redigidas, há 900 anos, pelo grande poeta Su Shi. Partilham, como uma população chinesa global, o conhecimento trazido pelo WeChat sobre a contemplação em questão.

Quanto tempo mais até que apareça a lua cheia? Com uma taça de vinho na mão, indago aos céus... Por que, quando as pessoas se vão, a lua está, muitas vezes, cheia e brilhante? As pessoas ficam tristes e alegres; despedem-se, e depois se encontram novamente. A lua brilha, ou está tênue; muda de fases. Nada, na história, atingiu a perfeição.

Em Dar al-Hawa, memes também são um componente de peso do tráfego do WhatsApp. Nessa comunidade religiosa, o cuidado é frequentemente expressado através da oração. As imagens mais populares são uma mescla de bençãos matinais e Suras do Corão. Estas começam cedinho pela manhã, por volta das 4h, quando o muezim dá início à chamada para a reza da aurora. O grupo de WhatsApp passa, então, a receber inúmeras mensagens, incluindo imagens de flores e chá ou café, combinados com todo tipo de textos positivos sobre a glória e a beleza da manhã, sempre acompanhados do abençoado "bom dia" (Figs. 8.8a a 8.8e).

Figuras 8.8a a 8.8e Memes matinais que circulam no grupo de WhatsApp do Clube dos Anos Dourados de Dar al-Hawa.

Trata-se, geralmente, de imagens compartilhadas, mais do que criadas pela comunidade.

Temos, aqui, tanto a norma de saudar as pessoas da maneira apropriada para tal horário do dia, quanto a de responder à altura. Como resultado, tais postagens desencadeiam um torrencial de mensagens nos dois grupos de WhatsApp acompanhados por Laila e Maya. A resposta pode consistir numa imagem parecida, ou num texto redigido por um interlocutor, por mais que algumas das pessoas mais velhas tenham dificuldade em escrever nos smartphones. Seria esperado que as mensagens de áudio resolvessem o problema, mas, em vez disso, elas traziam outras questões, já algumas das pessoas envolvidas não escutavam muito bem. Uma das vantagens do WhatsApp é o leque de mídias potencialmente empregável, além da sua gratuidade. Como colocado por Lama, de 77 anos:

> Smartphones ajudam demais, unem as pessoas. Eu me comunico com o meu irmão em Amã, eu me comunico com a minha irmã e as filhas dela em Ramala.

O envio de memes religiosos através do WhatsApp se encaixa na intensa devoção da comunidade. Via de regra, as cinco rezas diárias são seguidas à risca, e tenta-se agir, a cada momento, buscando agradar a Deus e seguindo os mandamentos. Ao adotarem essas atitude, as pessoas

acreditam que suas ações serão registradas no "livro" pertencente a cada indivíduo, de modo que, após a morte, Deus consiga decidir se irão para o céu ou para o inferno. Eman, participante de pesquisa de 42 anos de idade, sugeriu que:

> À medida que envelhecemos, começa a contagem regressiva para nos encontrarmos com Deus, então começamos a nos preocupar em fazer as coisas conforme Lhe agrada, como venerá-lo e tratar as pessoas com respeito. Talvez porque as pessoas não saibam quando suas vidas atingirão seu fim, precisem se preparar para o que der e vier. Ficamos sabendo de uma morte súbita, talvez se alguém temer a Deus, conseguirá se proteger e evitar muitas coisas, como punições que afetam à pessoa, seus filhos ou sua família. Há muitas coisas, mas elas dependem de como se pensa, de se é religioso, educado, de como se vê a vida, de como se vê o pós-vida, do que se sabe sobre punições, sobre intimidação, sobre o céu e etcétera. Todas essas coisas estão relacionadas a como se pensa.

Alinhados com esses sentimentos, muitos dos memes compartilhados através do WhatsApp têm o intuito de encorajar terceiros na sua prática religiosa. São cuidadosamente cunhados para um horário específico do dia e pela lapidação da iconografia religiosa, como a ilustração das mãos no espaço inferior da primeira ilustração, simbolizando as orações. As pessoas da comunidade entendem esta admoestação da religião como a melhor maneira de expressar seu cuidado uns para com os outros, dedicando-se, assim, ao zelo por terceiros nessa vida e para além dela.

Em Iaundé, como em outros campos etnográficos, desenvolveu-se toda uma cultura de memes e figurinhas em plataformas como o WhatsApp. As figurinhas são "africanizadas" para melhor refletir sensibilidades locais. Elas se tornaram comuns entre os jovens, mas agora também estão conquistando as redes das pessoas mais velhas. No grupo de WhatsApp da família de Marie, uma professora aposentada de 69 anos, o intenso uso de figurinhas dos filhos fez com que acabasse adotando-as. Marie explica:

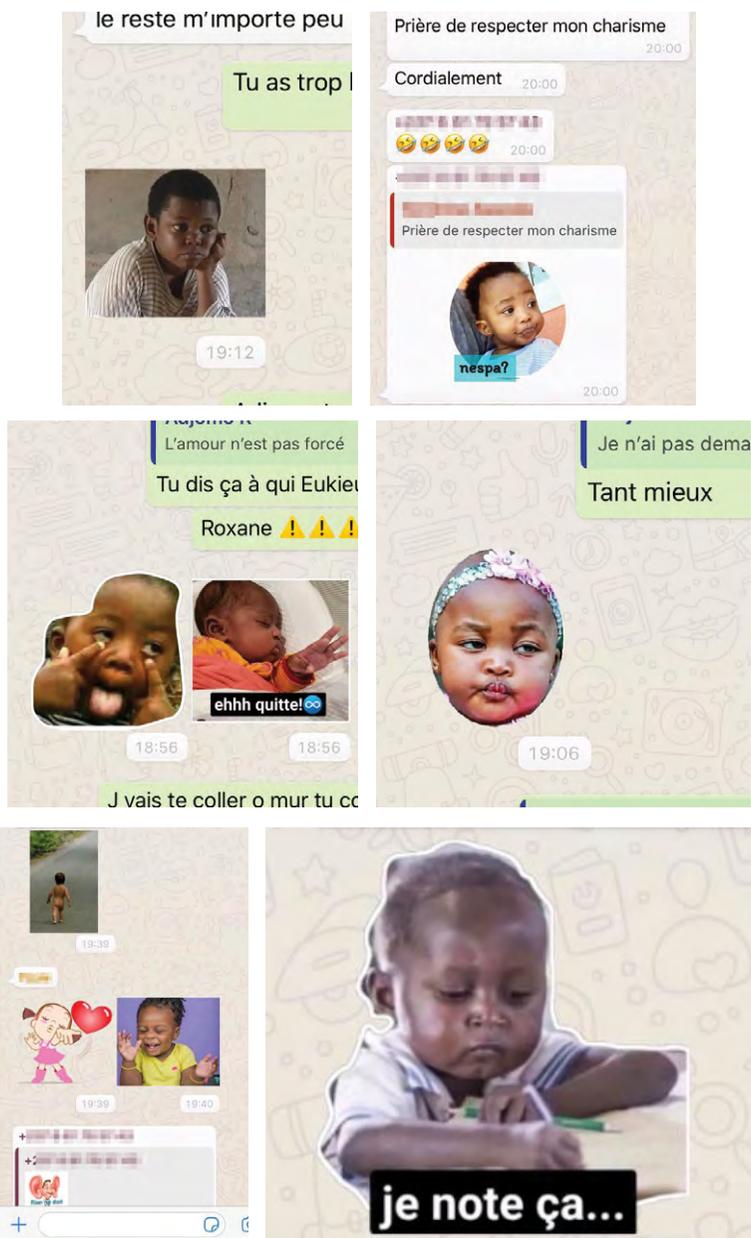
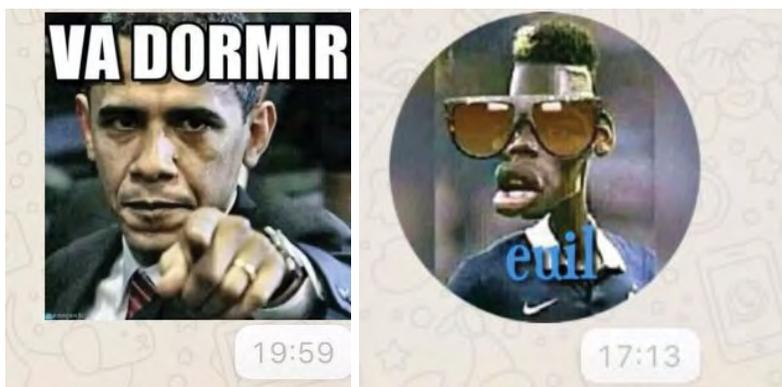
> No começo, assim que as discussões começavam a pegar fogo de um jeito ou de outro, muitas vezes na tentativa de manter um bom clima, as crianças começavam a mandar todo tipo de imagenzinhas engraçadas para descontrair o ambiente. As imagens divertidas das crianças eram das mais engraçadas; muitas vezes, faziam o grupo todo cair na risada. Então, se tiver uma tensão, você tem que relaxar.

As figurinhas parecem ser criadas pelos usuários, mas são difíceis de rastrear. Alguns dos personagens apareceram em filmes nigerianos (Fig. 8.9a). Outros vêm de indivíduos cuja produção se tornou viral (Figs. 8.9b a 8.9f).

É, contudo, possível localizar algumas outras figurinhas porque são desdobramentos da vida pública e da vida política, tornando-se, por conseguinte, parte da circulação cotidiana e da sátira em redes privadas. Podem nascer da política transnacional e das culturas populares, como no caso do Barack Obama, ou de figuras do esporte internacional, como o jogador de futebol francês Paul Pogba (Figs. 8.10a a 8.10b).

Este exemplo nos traz um último argumento sobre como os materiais visuais são usados para expressar cuidado e zelo. Trata-se da ênfase no humor e em compartilhar piadas baseadas em memes[22]. Na maioria dos campos etnográficos, a comunicação pessoal inclui a dimensão afetiva adicional, proporcionada pelo humor. Pauline, por exemplo, descobriu que a infinita circulação de piadas no seu campo etnográfico, em Dublin, incorporava com frequência um tipo de elemento afirmativo da vida. Muitas vezes, nem mesmo o conteúdo importa, diante do fato de que existe uma comunicação em andamento, assim como a pura frequência da interação. O mesmo ponto é levantado por Tanja Ahlin, em relação ao cuidado transnacional[23]. O simples envio de uma mensagem pode garantir que pessoas se sintam menos solitárias ou isoladas – um ponto considerado, antes de mais nada, na sua inclusão em um grupo de WhatsApp. Embora as pessoas acabem reclamando sobre as constantes interrupções criadas pelo celular, torna-se evidente que seria pior se dele fossem excluídas.

O sentimento é, muitas vezes, mais intenso em casos de família. No Dia das Mães, Sinead, de Dublin, carregou consigo seu smartphone, para o caso de sua filha adulta entrar em contato. O celular seguiu ligado, com a bateria cheia, ao longo de todo o dia, estando alocado no bolso de seu casaco. Nenhuma mensagem veio. "Sabia que ela não ia ligar", disse Sinead, mais tarde. "Depois que me desfiz do pai dela por conta da bebedeira constante – há muitos e muitos anos – essa filha não quer falar comigo". Ainda assim, o smartphone lhe dera esperança.

Tais exemplos apontam para a eficiência da imagem visual, e de como podem ser os aplicativos ao tentarmos transmitir cuidado e afeto, ultrapassando, por vezes, as capacidades do discurso oral ou escrito. As mídias, porém, não deveriam ser percebidas como mutuamente excludentes. Conforme argumentou Gunther Kress[24], um mundo de conversa através da fala, de texto em livros e de imagens em telas é multimodal; gêneros importantes, como o meme, incluem combinações

Figuras 8.9a a 8.9f Figurinhas criadas por usuários, aplicadas em grupos de WhatsApp nos Camarões. Captura de tela por Patrick Awondo.

Figuras 8.10a a 8.10b Figurinhas criadas por usuários, aplicadas em grupos de WhatsApp nos Camarões, retratando Barack Obama e Paul Pogba. Capturas de tela de Patrick Awondo.

destas modalidades. O que mais importa para as pessoas não é como transmitem cuidado e afeto, mas o sentimento de que, de um modo ou de outro, apoiaram a quem gostam. O cuidado não é, contudo, desprovido de contradições e outros aspectos mais difíceis da questão serão abordados no capítulo 9.

A transformação da família

O debate inicial demonstrou a capacidade dos aplicativos aqui abordados de comunicarem de forma profunda, como no caso do cuidado e do afeto, alterando o humor e impactando o clima subjacente de relações sociais, sendo, inclusive, uma evidência primária da manutenção desse tipo de vínculo. Estes aplicativos detêm, ainda, a capacidade de alcançar um leque de comunicação, da particular à pública, que descrevemos antes como "sociabilidade escalável". Esta sociabilidade é evidente nos aplicativos em questão, nos quais os grupos se estendem desde associações de grande porte, como, por exemplo, quem joga um esporte específico, até a comunicação próxima entre três ou quatro amigos íntimos. Os mesmos grupos variam em graus de engajamento, desde os de longo prazo, como no caso de uma fratria, até os mais ad-hoc, como, por exemplo, aqueles destinados à organização de uma festa de aniversário. A presente seção está estruturada a partir do princípio de sociabilidade escalável, partindo da família e se ampliando para abranger comunidades e grupos maiores.

Figura 8.11 Detalhamento do número de grupos de WhatsApp no celular de cada participante em Dublin. Elaborado a partir do campo etnográfico realizado por Daniel Miller na região de Dublin.

Dentre os 18 respondentes do campo etnográfico de Dublin, a maioria participava de vários grupos de WhatsApp, conforme a ilustração acima (Fig. 8.11). Quase todos participavam de ao menos um grupo de família, e alguns pertenciam a quatro ou cinco destes. Exemplos típicos incluem grupos de interessados em ver os netos, ou tomar conta de pais idosos, ou simplesmente todos os residentes de um domicílio. Por vezes, os casos se expandem, como no exemplo de todos os primos que moram na Califórnia. A próxima categoria mais corriqueira para os dublinenses em questão seriam os grupos de amigos, como para mulheres que se encontram regularmente na cidade, ou celebram, de forma recíproca, os respectivos aniversários. Grupos de esporte também são comuns, em

especial os de golfe, mas também os de natação e os de triatlo. Muitos dos participantes também estão em grupos de caminhada no WhatsApp. Há, então, os grupos de engajamento, como o Men's Shed, ou o Town Twinning, além de outros de proposta similar. Num caso (mas, para nossa tranquilidade, o caso é único), um filhotinho de cachorro dispõe do seu próprio grupo de WhatsApp.

Os grupos em questão refletem a demografia dominante da pesquisa, contando sobretudo com aposentados que têm netinhos e aderiram a várias atividades de lazer. Via de regra, entendem os grupos de WhatsApp como um acréscimo positivo na capacidade das pessoas em se comunicarem, e um poupa-tempo em mensagens que não precisam se repetir. Mas há, também, aspectos negativos. Os participantes da pesquisa reclamavam com frequência do número bruto de mensagens de WhatsApp que incorrem, diariamente, em seus celulares. Podem entender esse volume como um reflexo de uma sociabilidade intensa em uma comunidade vibrante. Por outro lado, observam que, quando recebem uma mensagem de um pai, mãe, avô ou avó sobre um gol marcado pela criança com quem tem laços, em uma partida de futebol, sente-se uma obrigação generalizada de enviar um comentário apreciativo. O número combinado de notificações ou de mensagens acumulada pode, então, se tornar extremamente cansativo. De modo similar, alguém num comitê municipal reclama quando alguns membros "sequestram" o grupo, desviando-o do seu objetivo principal e, em vez disso, usando o espaço para contar para todos sobre as suas últimas férias.

Um impacto de relevância bastante considerável se encontra no domínio das relações de parentesco, que, na maioria dos campos etnográficos, ainda representa a unidade fundamental de sociabilidade. Em locais como Bento, o WhatsApp promoveu um retorno à família mais estendida de tias e tios, primos de primeiro e segundo grau e sobrinhos, situação que reverte a retração histórica prévia, que se dirigia mais à família nuclear. Anteriormente, encontros com a família estendida tendiam a coincidir com rituais de datas especiais, como a Páscoa, o Natal e os aniversários, revestindo-os de um tom mais formal. Com o WhatsApp, o contato é mais constante e pode-se permitir um tom mais trivial. O WhatsApp converte as mensagens de "bom dia", piadas, fotografias de refeições e relatos das férias em encontros casuais, transformando a própria natureza da família estendida.

Temos um exemplo na implementação do grupo de família no WhatsApp de Bete. Quando criado, o grupo tinha por objetivo organizar o próximo jantar de Natal, distribuindo atribuições e alocando responsabilidades sobre quem faria qual prato. Uma vez, porém, passado o evento, o grupo seguiu ativo, mesmo mantendo o nome de "Ceia de

Natal". Passou a ser um meio de contornar a distância e os imprevistos de vários bairros de uma grande cidade, onde o tráfego automotivo tem se tornado um pesadelo. Hoje, os membros podem manter o contato e trocar ocorrências cotidianas sem os infinitos engarrafamentos da São Paulo atual. No capítulo 3, levantou-se um argumento parecido durante a abordagem da "Ecologia de telas", com a apresentação do senhor e da senhora Huang. O capítulo explorou como eles podem, hoje, interagir constantemente com a família ao saírem do domicílio, através do uso de dispositivos variados, de modo a deixar tênue a fronteira entre os residentes e quem mora em outro espaço.

A união de um grupo tão diverso quanto uma família, com várias gerações inclusive, obviamente criará sua própria leva de problemas. Reclama-se tanto sobre a quantidade, quanto sobre o tipo de mensagens que circulam em grupos de família. As pessoas mais velhas, que, tradicionalmente, atuavam como conectores para reenvio de informação da família, percebem que essa tecnologia de ponta parece ser desenhada precisamente para estes papéis mais antigos. Mensagens simples, muitas vezes visuais, são fáceis de se manusear, mesmo para alguém novato, e podem ser livremente encaminhadas. Os membros mais jovens da família podem se sentir ligeiramente desconcertados por essa barragem da conversa fiada entre parentes. Roger, de Bento, reclama que as gerações mais velhas estão compartilhando piadas que viu em um email, 10 anos atrás, mas que não deseja ser o estraga-prazeres que critica a piada da tia avó. Reconhece que, a partir de uma certa idade, as pessoas tem um tempo imenso para se dedicar ao papel de ser o eixo da família.

Alguns temas são, todavia, tabu em tais grupos de família de WhatsApp. Via de regra, não se discute política, futebol e religião; é comum que filhos enveredem por vertentes cristãs distintas das dos genitores, o que pode ser um ponto de atrito. A política se tornou, ainda, tóxica no Brasil. O impeachment da ex-presidente Dilma Roussef (2016) e a prisão do seu popular predecessor, Lula (2017), foram seguidos pela eleição de Jair Bolsonaro (2019), de cunho extremamente divisor. Tudo isso poderia, facilmente, esgarçar a frágil trama da sociabilidade familiar. Muitas pessoas podem fornecer exemplos de parentes forçados a deixar um grupo de WhatsApp, ou que criaram ofensas significativas, por conta de comentários políticos.

Da família à comunidade

A capacidade do WhatsApp de habilitar pessoas mais velhas a desenvolverem seus papéis como eixos de família pode ser estendida a

camadas mais amplas da sociabilidade. Pessoas influentes em suas carreiras profissional dispõem, frequentemente, das habilidades necessárias para filtrar informação e redirecioná-la para destinatários que, sabem, dela irão usufruir.

No campo etnográfico de Dublin, praticamente todo mundo parecia ter algum parente no ramo da saúde, a quem poderiam contactar em relação a ansiedades sobre sintomas. Indivíduos também podem se tornar curadores de eventos, informando às pessoas o que está acontecendo, ou o que vai ser transmitido na televisão, como um tipo de serviço público. Em Bento, um bom exemplo surgiu no modo como as pessoas se inteiravam sobre vários cursos educativos. Cada disciplina cria um grupo de apoio ao Ensino no WhatsApp, mas, na prática, os alunos rapidamente se apropriam do espaço para compartilhar outras informações, como novos cursos. Isto faz com que mais grupos de WhatsApp proliferem. Outra expansão potencial da sociabilidade acontece na aposentadoria, quando se tem o tempo de retomar o contato com quem conhecemos na escola ou na universidade. O WhatsApp é, por conseguinte, visto hoje como uma espécie de máquina do tempo, permitindo que as pessoas se reconectem com seus passados distantes. Por último, mas não menos importante, o WhatsApp também é usado para reter laços com antigos colegas de trabalho, o que, com frequência, é muito importante para quem se aposentou[25].

Tal expansão do contato com a família e além flui, facilmente, para uma comunidade mais ampla, como constatamos em NoLo. O fato de os participantes da pesquisa de Shireen verem o WhatsApp como um de seus aplicativos mais usados reflete a intensa sociabilidade das pessoas que ela conheceu, em meio a um leque de contextos sociais e culturais. É impossível, em NoLo, separar o uso familiar do comunitário. Enquanto a comunidade anuncia eventos no Facebook, o WhatsApp assume o encargo de organizá-los. Além dos vários grupos de família no WhatsApp, existem aqueles direcionados para passatempos, para a escola das crianças, para o trabalho, para o lazer e para ações voluntárias. Hoje, parece haver um grupo de WhatsApp para praticamente qualquer atividade, em qualquer escala, desde as mais públicas, como uma aula de ginástica, aulas de italiano, grupos de tricô e grupos culturais, como os “Sicilianos” ou “Egípcios em Milão”, até loteamentos comunitários e grupos para condomínios de apartamentos residenciais semiprivados.

Por exemplo, para Giovanna, em NoLo, a aposentadoria se revelou bastante difícil. Por serem muito diferentes de sua vida ativa como professora de uma escola pública de ensino médio, o retiro para o lar e as rotinas domésticas soaram, de início, um pouco como uma prisão, ainda

que relativamente confortável. Sentia-se em um espaço associado à solidão e ao isolamento, comparado à esfera mais ampla, vibrante, multigeracional do seu ambiente de trabalho. Isto mudou quando um colega sugeriu que se juntasse a um coral feminino. Inicialmente hesitante, Giovanna cedo considerou o grupo como vibrante e amigável. Embora se encontrassem apenas uma vez por semana, podia usufruir do burburinho constante das mais de 40 participantes do grupo de WhatsApp. Elas compartilhavam fotos, vídeos e letras de música, assim como emojis repletos de corações, flores, estrelas cadentes, risadas, choros e abraços.

De quebra, a administradora do grupo fez do lugar um espaço bastante ativo politicamente, em que se podia expressar perspectivas liberais e cantos/marchas contra o racismo e o drama dos refugiados na Itália. Como declarou uma das participantes do coro, “A piazza é nosso habitat natural!”. Este grupo de mulheres e a sua atividade proporcionou a Giovanna um novo sopro de vida, na medida que se tornou cada vez mais engajada com essa dimensão expressiva, tanto em relação ao canto quanto em relação à política. A aposentadoria lhe soa, agora, como algo de que pode participar e que pode moldar, lapidando espaços para si mesma e sua necessidade de sociabilidade, e, ao mesmo tempo, ampliando seus horizontes sociais e políticos. Ela auxilia Giovanna a lidar com seus sentimentos de ansiedade e melancolia, à medida que seus setenta anos se aproximam.

Se Giovanna representa o primeiro estágio da aposentadoria, então Pietro, de setenta e muitos anos, é um exemplo do uso de WhatsApp em meio a participantes mais velhos. Pietro é acometido por severas restrições na caminhada, e raramente sai de seu apartamento. Muitas vezes, ele usa seu smartphone amarrado em volta do pescoço, de modo a nunca ficar sem ele. O WhatsApp se tornou um dos principais portais de Pietro para um mundo mais amplo. Checa, regularmente, por mensagens de parentes, dos amigos e do clínico de família, se envolve em alguns bate-papos e, então, fuma mais um cigarro enquanto mergulha em uma edição do jornal *Corriere della Sera* ou continua a leitura de um romance até a hora do almoço. Então, Maria, esposa de Pietro, também aposentada e voluntária em uma vizinhança local, prepara o almoço para ambos. À tarde, Pietro tira uma soneca, retoma a sua leitura, navega na internet no computador do escritório e assiste à televisão à noite, após o jantar.

Quando Pietro foi adicionado a um novo grupo de WhatsApp, representando o condomínio de apartamentos em que viveu por 30 anos, o casal esboçou reações diferentes. Maria acolheu a sociabilidade mais ampla e a utilidade da comunicação sobre questões práticas, como

preocupações sobre espaços comunais e corredores ou outros pontos a serem partilhados e discutidos. Pietro, de início, se sentia mais desconfortável com esse modo pouco familiar de sociabilidade, sobretudo quando rapidamente divergiu da sua suposta função de troca de informações para postagens mais amplas de emojis, memes e mesmo poemas. Ao mesmo tempo, os sinais que recebe no celular, incluindo novas notificações, lhe dão muito prazer ao longo do dia. Eles fazem com que se sinta conectado com um certo burburinho de estar-no-mundo, um lugar do qual foi gradualmente se distanciado por conta da sua condição física.

Nem toda região é dominada pelo uso dos aplicativos. O levantamento de Patrick, em Iaundé, revelou que 78,2% das pessoas usam simples chamadas de voz, mas apenas 18,6% usam o WhatsApp para realizar ligações de voz. Em geral, a proporção reflete uma cisão geracional: telefonemas foram mais ou menos substituídos pelo WhatsApp para a faixa etária entre 16 e 35 anos no campo etnográfico em questão, mas ainda não se espraiou de fato para pessoas mais velhas[26]. Atualmente, há principalmente pessoas de meia-idade em fase de transição, em que se pergunta cada vez mais "você tem WhatsApp?", mais do que a pergunta anterior "você quer meu MTN ou meu número Orange?" sobre diferentes redes telefônicas. Ademais, há, em Iaundé, uma dimensão de classe sobre o uso do WhatsApp. À medida que os mais jovens, ou quem não pode arcar com ligações telefônicas, rapidamente colonizaram o WhatsApp, mais usuários de classe média começaram a ver o aplicativo como associado a quem não consegue pagar por ligações de voz "normais". A conotação de um status inferior significa que, ao menos por ora, não apenas pessoas mais velhas, mas também as mais afluentes, sejam quem menos usa o WhatsApp. Isso tende a mudar no curto prazo, todavia, já que o WhatsApp se prova ser útil demais para ser evitado. O aplicativo, por exemplo, tem se tornado cada vez mais importante para comunicações internas em comunidades residentes em Iaundé, cada uma oriunda de uma região particular dos Camarões. Por enquanto, todavia, não apenas o WhatsApp é menos dominante nesse campo etnográfico, em relação aos demais, como também goza de um status inferior.

Apesar disso, tem crescido o uso do WhatsApp nestas comunidades. Em Iaundé, os grupos de comunidade muitas vezes se interconectam. Um deles é conhecido, por exemplo, como os "veteranos Bafout", e trata de esportes e lazer, tendo sido inicialmente criado por originários da região de Bafout, na região oeste dos Camarões. Tais grupos reforçam, gradualmente, as estruturas de apoio e solidariedade mútuos, na maior parte das vezes através da formação de tontines – um rodízio de vaquinhas

Figura 8.12 Filme: usos comunitários dos smartphones. Disponível em http://bit.ly/communityusesphones.

e associações de crédito. Em muitas regiões da África, estas organizações são um dos meios mais corriqueiros para financiar projetos, já que, fora isso, o acesso a crédito é limitado[27]. De fato, as tontines combinam uma associação étnica e o lazer, como os esportes, com suporte financeiro para se tornarem a base de uma identidade cultural.

Apesar dos problemas iniciais, o presidente do grupo de veteranos mencionado acima deixou nítida a crescente importância do WhatsApp em Iaundé. O grupo possui 83 membros e existe há 33 anos. O senhor Sing, um engenheiro aposentado, observou como o WhatsApp acelerava as possibilidades de compartilhar uma notícia e outros itens com os demais, reforçando, por conseguinte, o senso de pertencimento dos membros. Antes, eles mantinham a tradição de sair para um drinque após as atividades esportivas, mas, hoje, 72 membros também compartilham um grupo de WhatsApp em que circulam, diariamente, informação e vídeos divertidos.

O curta metragem acima (Fig. 8.12) nos proporciona algumas ilustrações do uso de WhatsApp e dos smartphones em diferentes comunidades.

WhatsApp e religião

A trajetória da família à comunidade e aos grupos mais amplos culmina no que, frequentemente, é a esfera mais ampla em que os aplicativos aqui abordados tendem a florescer: a da religião. Uma das crescentes funções organizacionais do WhatsApp em Iaundé é para grupos de oração. Didi é

professora primária aposentada e mãe de quatro filhos. Separou-se do ex-marido, um coronel do exército camaronês, há 4 anos, e, agora, dispõe de muito tempo pela frente, sendo boa parte dele dedicada à igreja. Embora possua um smartphone, Didi resistiu ao WhatsApp até 2018, preocupada com a contribuição das redes sociais para a "perda das referências" e "limitações à moral e aos valores cristãos". Ao longo dos últimos cinco anos, tem sido membro da "ekoan Maria", rede devotada à Virgem Maria, assumindo, pouco a pouco, a responsabilidade por todo o distrito em torno da diocese de Iaundé. Como resultado, teve de se envolver com o WhatsApp, o meio primário para coordenação das atividades deste grupo de devoção. Quase todo dia, publica uma agenda para as redes, baseada na Diocese católica de Iaundé. Usa o WhatsApp, ainda, para uma variedade de mensagens, inclusive avisos sobre a missa dominical – podem conter a leitura e as homilias (um sermão ou fala que discorre sobre uma parte específica das Escrituras), ou mesmo a missa na íntegra. Didi também compartilha imagens (Figs. 8.13a e 8.13b) – sobretudo representações da Virgem Maria, mas também mais informação geral para a diocese, como *releases* de imprensa de natureza religiosa.

Figuras 8.13a e 8.13b Exemplos de fotografias compartilhadas por Didi em Iaundé, via grupos de WhatsApp. O texto diz: "Feliz dia para todas as mamães!" (Fig. 8.13ª) e "Feliz retorno, com a proteção do Senhor, para nossas crianças, professores, equipe da escola, e todos os pais e responsáveis! Desejo a vocês força, inteligência, sabedoria, e, sobretudo, o privilégio de fazer deste ano escolar um sucesso" (Fig. 8.13b). O meme à esquerda é uma mensagem especial, enviada no Dia das Mães.

Em termos numéricos, peruanos estão em segundo lugar, atrás apenas dos venezuelanos, nas diversas comunidades de migrantes de Santiago do Chile[28]. Muitos deles são devotos de sua religião e a Igreja Latino-Americana de Santiago, famosa por acolher e apoiar os migrantes, é um ponto de encontro corriqueiro. Em meio a todas as irmandades cristãs peruanas, a Hermandad del Señor de los Milagros ("Irmandade do Senhor dos Milagres") é a mais variada em termos de origens regionais; também inclui outras nacionalidades além da peruana. A irmandade consiste em três batalhões de homens e três grupos de mulheres, cada qual com seu próprio grupo de WhatsApp.

No batalhão ao qual se juntou Alfonso, mensagens de grupo de WhatsApp são enviadas diariamente. O uso mais comum dos grupos consiste em envio diário de leituras bíblicas, mas também são mobilizados para organizar eventos a fim de angariar fundos, procissões e encontros. De vez em quando, correntes de oração são passadas adiante via os mesmos grupos de WhatsApp, em prol de um membro ou de um parente, para as quais todos respondem com uma benção e mensagens de esperança. O chefe de batalhão é Enrique. À época do trabalho de campo, já residia no Chile há cerca de 10 anos. O horário de seu expediente muda a cada mês, então, por vezes, deve se levantar às 4 da manhã. Enrique lia a Bíblia em sua escrivaninha e, em seguida, preparava uma mensagem a ser enviada para os irmãos, em seu batalhão. Dava um google em "Novo Testamento leitura do dia" e, em seguida, copiava e colava o resultado (Figs. 8.14a e 8.14b). Também buscava no Google por uma imagem de Cristo ou da Virgem Maria, a ser anexada ao texto, registrava com uma captura de tela e colava na mensagem do WhatsApp. A maioria dos irmãos respondia com um "Amém" ao que tinham recebido.

Uma simples rolagem nos grupos de WhatsApp dos migrantes peruanos de Santiago do Chile revela, de fato, um rastro de suas histórias de vida e seu lugar na diáspora. Muitos têm grupos de WhatsApp de seus amigos de ensino médio e do superior, no Peru – com quem talvez encontrem de vez em quando, durante seus retornos a Lima. Em segundo lugar, também dispõem de vários grupos de família: a família nuclear local de primos, o grupo dos irmãos (através do qual se coordena o cuidado por um pai ou mãe de mais idade), assim como vários grupos de família estendida. Terceiramente, participam dos "grupos profissionais", incluindo todos os colegas de trabalho; estes últimos se expandem para incluir outras pessoas que não peruanos. Finalmente, há os grupos sociais, como a irmandade cristã ou clubes peruanos. O WhatsApp, juntamente com o Skype e o Facebook Messenger, tornou toda a experiência de viver uma diáspora muito mais contínua; migrantes podem, hoje, seguir

Figuras 8.14a e 8.14b Exemplos de tipos de mensagens enviadas por Enrique via WhatsApp. A imagem à esquerda (Fig. 8.14a) consiste em uma mensagem de "boa tarde", seguida de uma passagem da Bíblia e acompanhada de uma figura de Jesus na cruz. A imagem à direita (Fig. 8.14b) foi enviada no Dia Nacional do Peru (28 de julho). No texto, lê-se: "Eu não pedi para nascer no Peru. Simplesmente Deus me abençoou".

conectados não apenas aos outros, no Peru, mas também a peruanos que migraram para o Japão ou os Estados Unidos. Aqueles que lembram refletem, com frequência, sobre o início da década de 1990 – um momento em que dispunham apenas de comunicações caras e escassas, para as quais deviam seguir rumo a uma cabine telefônica na Galeria Caracol, próxima à Plaza de Armas (principal praça de Santiago). Para aqueles que vivem separados de quem amam, a tecnologia tem sido uma profunda transformação em suas vidas.

A ordem desta seção ecoou o argumento mais teórico da sociabilidade escalável. Neste último exemplo, em Santiago, o WhatsApp importa não apenas para a família individual, a comunidade e os grupos religiosos, mas, ainda, para permitir que cada um desses escoe nos demais. Há, porém, problemas associados à amplitude do uso, dentre os quais um conhecido como "colapso do contexto"[29]. Um exemplo externo ao campo da religião pode ser obtido na China, onde, mais uma vez, a própria escala do uso, neste caso, no WeChat, convida ao vazamento entre domínios distintos da sociabilidade. No campo etnográfico de Xangai, por exemplo, a senhora Ruyun reclamou sobre como se sentira mal quando descobrira que tinha sido bloqueada pela filha, Qing, no WeChat. Na verdade, Qing não a bloqueara de modo algum, mas acionara

as configurações de privacidade mais severas do WeChat, de modo que todos os seus contatos do aplicativo possam ver apenas as postagens dos três últimos dias. Diferentemente do caso de "bloqueio" de contatos específicos, estas configurações agem indiscriminadamente; mesmo se os usuários quiserem restringir a visão de seus posts prévios para alguns poucos contatos, não há como aplicar a "regra de apenas três dias" apenas para os poucos indesejados. O motivo por trás da ação de Qing era a sua visita recente a uma grande conferência sobre indústria, quando adicionara vários dos participantes do evento aos seus contatos do WeChat. Ela prosseguiu na explicação:

> No meu WeChat, há posts demais sobre a minha vida particular, incluindo fotografias da minha lua de mel, alguns anos atrás, e dos meus filhos, e eu não quero mesmo que esses novos contatos profissionais tenham a chance de conhecer tanto sobre mim. Contudo, seria considerado rude se eu bloqueasse a visão dos meus posts de WeChat para eles, à medida que conseguirão identificar que foram especificamente bloqueados por mim.

O desafio encarado por Qing envolvia seguir afável com os novos contatos do trabalho, enquanto protegia sua privacidade. A configuração de "apenas três dias"[30] oferecida pelo WeChat veio em seu resgate. Trata-se de algo que não será tomado como pessoal (ou muito menos pessoal) pela maioria, precisamente porque as configurações se aplicam a todos os contatos de um indivíduo. A mãe de Qing, é claro, tomou a situação como pessoal, conforme apresentamos acima. Aqui, a questão surgiu justamente porque tem sido cada vez mais difícil discernir entre os usos de família dos aplicativos de seus usos mais gerais.

O app útil

Até aqui, o debate não enfatizou um dos aspectos mais significativos dos aplicativos estudados, sobretudo no caso do LINE e do WeChat. Trata-se de como se expandiram através da incorporação de funções das mais variadas, substituindo, muitas vezes, a organização baseada em aplicativos dos smartphones. Enquanto as duas seções anteriores ressaltaram o papel de tais aplicativos na comunicação, esta última reconhece um desenvolvimento igualmente importante nesses apps de base: como se tornaram centrais para a subjacente utilidade do smartphone. Cada vez mais, são o modo como as pessoas fazem "coisas".

Para ilustrar o ponto, selecionamos dois exemplos advindos do campo da saúde, por se tratar da área em que o projeto focou em relação ao uso potencial dos smartphones com fins mais aplicados.

Em janeiro de 2019, o LINE lançou um serviço de consulta médica remota para o Japão, em parceria com a maior plataforma médica do país, chamada M3[31]. O potencial do LINE como meio para intervenções de saúde é o tema da pesquisa aplicada de Laura Haapio-Kirk, em colaboração com a doutora Kimura, um pesquisador de nutrição social da Universidade de Osaka. Os benefícios em potencial do LINE podem incluir um acréscimo de privacidade nas mensagens, quando comparadas a chamadas de voz, especialmente quando se mora próximo a familiares, ou a redução do estigma associado à visita de uma clínica psiquiátrica. O mesmo ponto sugere que o LINE seja apropriado para outros temas estigmatizados, como proposto por uma recente publicidade em um jornal local de Kanagawa, área urbana próxima de Tóquio (Fig. 8.15). Nela, anunciava-se que a prefeitura começaria a fornecer consultas via LINE sobre os temas de paternidade e maternidade, criação solo de filhos, violência doméstica e reclusão social (*hikikomori*).

A publicidade é dirigida em especial aos mais jovens (com menos de 39 anos) que tivessem dificuldade em encontrar emprego ou em socializar. É difícil indicar com precisão quantas pessoas são acometidas de reclusão social e não saem de casa, já que as famílias tendem a omitir a questão. Todavia, um levantamento realizado em março de 2019 pelo governo japonês estimou que o país detinha mais de um milhão de hikikomori, dos quais 613 mil estariam na faixa etária entre 40 e 64 anos[32]. De modo similar, a importância utilitária do WhatsApp é evidente no projeto de saúde aplicada de Alfonso. Ele tem sido elaborado como parte de sua etnografia em um centro oncológico de um hospital público de Santiago – o único da cidade a implementar um modelo de saúde com “função navegador de enfermeiros” (“nurse navigator”). Estes últimos funcionam como mediadores entre os pacientes oncológicos, auxiliando-os a navegar em meio aos sistemas médico e burocrático, muitas vezes encontrados em um hospital público.

Os tratamentos de câncer apresentam dois sistemas complexos, pelos quais o paciente deve navegar. O primeiro é porta-voz da complexidade da medicina. Diferentes tratamentos oncológicos podem ter efeitos variados nos diferentes sistemas do corpo, então geri-los envolve lidar com muita informação. Eles se baseiam em uma série de procedimentos (exames de imagem, sessões de quimioterapia, exames de sangue, etc), que pedem prescrições e consultas, e devem ser realizados em uma ordem específica, num determinado período de tempo. Fracassos

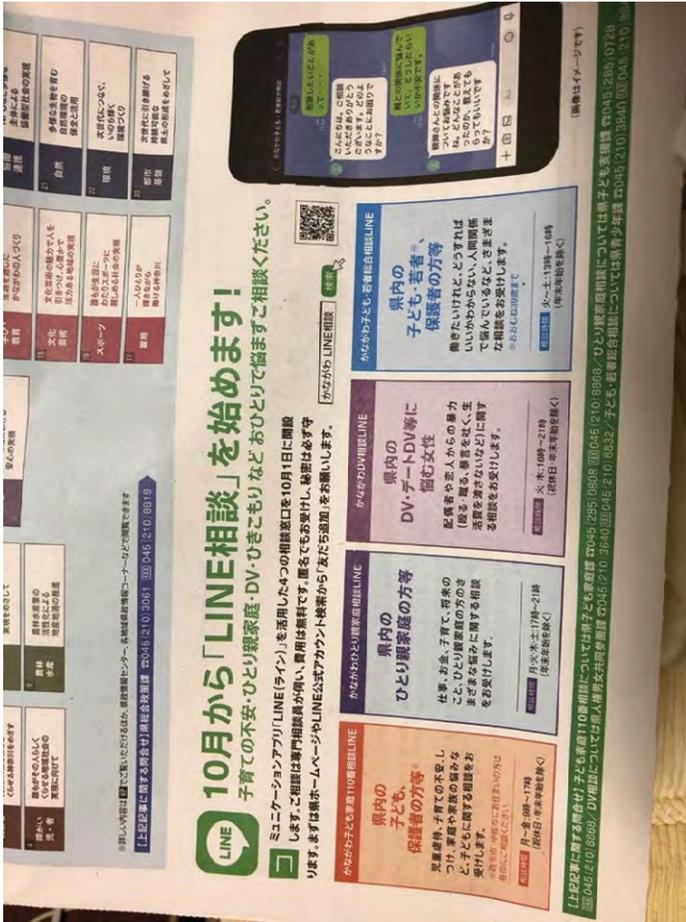



Figura 8.15 Publicidade de jornal anunciando a disponibilidade de consultas via LINE sobre tópicos como violência doméstica e reclusão social no Japão. Fotografia de Laura Haapio-Kirk.

nesse quesito podem reduzir a probabilidade de sucesso do tratamento. A função de navegador de enfermeiros detém a expertise de lidar tanto com as complexidades do tratamento em si como as da burocracia, e transmitir ambas para o paciente. Para estes fins, as enfermeiras devem agendar exames de imagem e de sangue, entre outros, o que exige uma boa parcela de documentação. Devem, ainda, manter contato com os pacientes, caso estes últimos tenham dúvidas ou perguntas. De certo modo, estas dedicadas enfermeiras constituem um fator humano no cuidado com a saúde impossível de ser substituído por qualquer aplicativo

de smartphone. Também eram, de longe, o grupo com o uso mais extenso e criativo do WhatsApp.

Segundo as enfermeiras, o aplicativo era ideal para desenvolver vários modos de comunicação que correspondem às particularidades e às necessidades de cada paciente. Alguns preferem uma ligação, e outros precisam ver a informação escrita na forma de uma mensagem de texto; outros, ainda, se sentem tranquilizados se veem uma fotografia de uma prescrição ou demanda de um teste médico. Uns precisam de mensagens de áudio, que podem ouvir várias vezes, a fim de entender o sentido, porque a maioria dos pacientes possui uma renda baixa e pouco frequentou a escola formal. O WhatsApp se tornou, ainda, parte integral do modo como as enfermeiras se tornam disponíveis para os pacientes, a fim de responder às dúvidas e questões que possam ter, assim como providenciar conforto, e manter a relação social essencial, que os sustenta ao longo dos tratamentos e do cuidado à distância. Relação essa que pode durar vários anos.

Um terceiro exemplo ilustra a inflexão geral na orientação do projeto. Como observamos nos capítulos anteriores, o principal resultado de nossa pesquisa, no que diz respeito à saúde, consiste em evidências que sugerem um novo foco no campo da mHealth, deixando de lado os aplicativos especializados, para nos concentrarmos, em vez disso, nos principais aplicativos usados pelas pessoas. Nesse curta metragem (Fig. 8.16), Marília Duque discute o que aprendeu sobre o potencial do WhatsApp para aprimorar a comunicação sobre saúde e o cuidado em São Paulo.

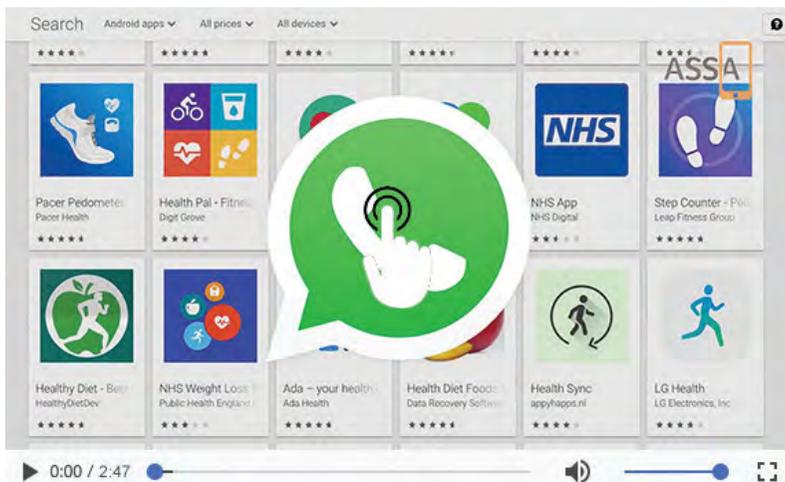



Figura 8.16 Filme: O que aprendi usando o WhatsApp. Disponível em http://bit.ly/learnedfromwhatsapp.

Comércio e corporações

Outra área que não foi abordada em detalhes, mas que detém uma importância cada vez maior, em relação a como tais aplicativos têm se tornado o núcleo duro do uso geral, é o comércio. Eis o campo em que o WeChat, especificamente, tem sido a vanguarda. Nas séries *Why We Post*, vimos que o WeChat já começava a ser importante em relação a pagamentos e ao e-commerce[33]. Hoje, os aplicativos de pagamento móveis mais usados na China são o WeChat Pay e o Alipay. A maioria (72%) dos participantes[34] de Xangai com idade entre 45 e 70 anos percebem o pagamento móvel como sua primeira escolha nos pagamentos cotidianos; mais de 90% já tinham pagado com o smartphone alguma vez. É comum as pessoas não levarem mais nenhum dinheiro em efetivo, nem cartão de banco, do momento que tenham consigo seus smartphones. Os funcionários de lojas de conveniência do bairro em que Xinyuan vivia informaram que menos de 10% do faturamento diário das lojas vinha em dinheiro vivo.

O ponto de partida, amplamente reconhecido, de monetização do WeChat ocorreu em 28 de janeiro de 2014, quando foi lançado o envelope vermelho do aplicativo – esquema que permitia aos usuários enviarem "envelopes vermelhos digitais" de dinheiro para contatos online. O envelope vermelho do WeChat era uma extensão da antiquíssima tradição chinesa de enviar envelopes dessa cor, com dinheiro vivo, como presentes de um festival ou cerimonial, para uma atividade online, tornando-a, assim, mais divertida. Hoje, através do WeChat Pay, serviços de conta podem fornecer um pagamento direto intra-app para os usuários. Os clientes podem pagar seja por bens, seja por serviços, em páginas web dentro do próprio app, ou na loja, ao escanear códigos QR do WeChat (Fig. 8.17).

Em 2015, o WeChat lançou o projeto "Serviços Urbanos", expandindo ainda mais o escopo de seus serviços, ao permitir que usuários pagassem contas utilitárias, agendassem uma consulta médica, enviassem dinheiro para amigos e obtivessem cupons com localização geográfica, etc. Além disso, o aplicativo se tornou importante no desenvolvimento mais amplo do e-commerce na China. Com exceção das instituições de negócio, todas as contas públicas de WeChat podem vender bens ou serviços no aplicativo. Muitos dos miniprogramas abordados anteriormente são usados para e-commerce, rivalizando o Alibaba, a empresa dominante neste setor, na China[35].

Eis um lado da equação. Ele, porém, implica ao menos um outro, a saber, que, embora nossa equipe não tenha estudado as corporações, é

Figura 8.17 Fotografia que indica a variedade de códigos QR de pagamento disponibilizados por um vendedor de comida de rua. O verde pertence ao WeChat Pay. Fotografia de Xinyuan Wang.

impossível considerar estes desenvolvimentos sem reconhecer as forças que subjazem a sua criação, e que facilitaram a adoção e a adaptação dos usuários. A maioria das práticas descritas ao longo do capítulo, especialmente as de alta monetização, abordadas na presente seção, provavelmente se desenvolveram a partir de corporações, na premissa de que elas, e não apenas antropólogos, realizam pesquisas sobre como usuários adotam e adaptam os produtos. É, obviamente, do interesse das companhias manter os aplicativos alinhados com quaisquer desenvolvimentos sobre como são usados.

Um bom exemplo é como a Tencent (companhia chinesa que criou e detém o WeChat) tenta, hoje, desenvolver recursos que refletem o entendimento da companhia sobre como as relações sociais operam na China. Isto ficou nítido quando, em junho de 2018, o WeChat Pay lançou um novo recurso, chamado “cartão do parentesco” (*qinshu ka*). Ele permite às pessoas de combinarem seu recurso WeChat Pay com até quatro parentes, incluindo o pai, a mãe e dois filhos[36]. O pagamento com “cartão do parentesco” inclui pessoas mais velhas e crianças que, por vários motivos, ainda não se envolveram com o pagamento móvel – talvez ainda não tenham aberto conta no banco ou fiquem ansiosos em relação ao uso de sistemas móveis de pagamento. Os beneficiários de cartões do parentesco não precisam fornecer a informação bancária ao WeChat,

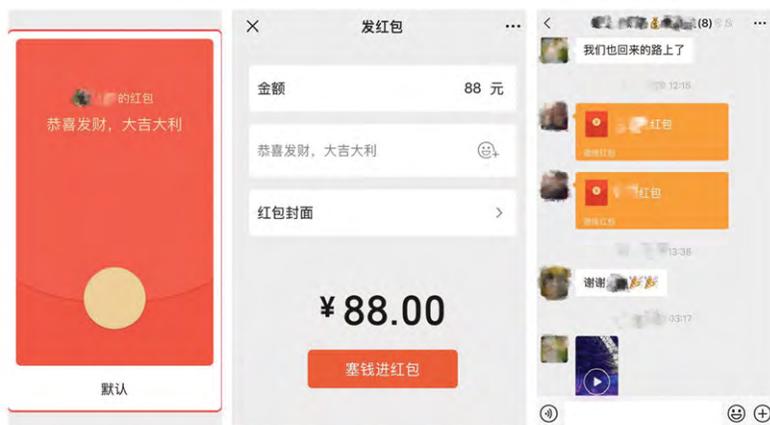



Figura 8.18 O envelope vermelho digital do WeChat replica o modelo físico em que, tradicionalmente, as pessoas colocam presentes ou dinheiro. Capturas de tela de Xinyuan Wang.

porque as operadoras reconhecerão a transação através do aplicativo. Este modo de operação encapsula muitos princípios da parentela chinesa. Ao incluir o pai e a mãe, pode ser entendida como uma expressão da piedade filial. Também se pauta na incorporação prévia do envelope vermelho (Fig. 8.18).

Uma participante de pesquisa, a senhora Zhong, ficou interessada pelo cartão do parentesco em parte por motivos de segurança financeira, à medida que a operadora do cartão sempre verifica cada gasto. Além disso, a função auxiliou-a a lidar com sua mãe, que sempre temeu as fraudes online. Antes do advento dos cartões do parentesco, a senhora Zhong transferia, todo mês, o equivalente a 250 libras esterlinas para a conta de pagamentos do WeChat de sua mãe. Agora, simplesmente programa o link do cartão do parentesco a partir desse orçamento. O teto permitido pelo cartão do parentesco gira em torno de 450 libras exterlinas, o que é suficiente para despesas cotidianas sem correr o risco de nenhuma fraude de porte. Por outro lado, o senhor Guo, que tem alguns compromissos financeiros importantes, como uma casa nova, começou a ficar preocupado quando sua mãe lhe pediu um cartão do parentesco; temia que impactasse sobre as suas próprias despesas. O senhor Guo ficou bastante aliviado ao constatar que sua mãe gastara apenas simbólicas 2 libras esterlinas durante o primeiro mês, através do cartão do parentesco. Ele explica:

> Entendi então que não era sobre o dinheiro. Ela apenas não queria "ficar para trás" (*diu mianzi*) diante das amigas próximas, porque algumas delas ganharam cartões do parentesco dos filhos.

Um livro recente descreve as relações entre usuários e o WeChat[37] como "super grudentas", etiqueta que remete à dificuldade de sair da plataforma, uma vez dentro dela.

O WeChat super grudento responde às necessidades dos usuários e estabeleceu modos de vida na China, o que, por sua vez, reformula os estilos de vida chineses na sua interface móvel[38].

O fato que o WeChat, super grudento, de fato "cole" as pessoas no aplicativo se deve, ao menos, por conta do design e da estratégia aplicados pelo desenvolvedor do app, que seguem interesses similares ao do nosso próprio estudo; ambos procuram entender como o smartphone pode se alinhar mais com as formas chinesas usuais de relações sociais. Não se trata apenas da criação, pelo comércio, de um dispositivo consequentemente transformado pelos usuários. Deveríamos esperar que as empresas, por sua vez, aprendessem com o uso e desenvolvessem novas possibilidades que facilitam, ou buscam comercializar, estes mesmos padrões de uso.

Conclusão

O que aprendemos a partir das considerações sobre estes aplicativos que, no início do capítulo, descrevemos como o "coração" do smartphone contemporâneo? Podemos levantar três conclusões primárias. A primeira é que eles podem muito bem indicar a rota a ser seguida pelo próprio smartphone. A segunda é que a sua centralidade foi reforçada através da amplitude de seus empregos. A terceira é a evidência de que a profundidade dos usos é tão importante quanto a amplitude.

Primeiramente, a rota de viagem. LINE, WeChat e WhatsApp poderiam todos ser denominados "super apps" ou "plataforma". O que eles, porém, emulam principalmente é o próprio aparelho – dispositivo que serve para qualquer propósito. O WeChat, em particular, através dos seus miniprogramas, demonstro um potencial para superar todos os demais aplicativos ao incorporá-los. Como foi mencionado em diversos capítulos, muitas pessoas veem smartphones primariamente como dispositivos de WhatsApp ou LINE. A rota de viagem parece similar à hegemonia estabelecida pelo Microsoft Windows ou pela Suíte office da mesma empresa. Haverá rivais, como, no caso, a Apple. Mas, se a analogia se mantiver, então estes aplicativos são o presságio da crescente

dominação de uma interface em particular. Isto contrastaria profundamente com a extraordinária proliferação de aplicativos e desenvolvedores de aplicativos que povoam a maior parte dos smartphones de hoje.

É óbvio que tal desenvolvimento é, precisamente, o intuito de corporações incrivelmente poderosas, como Facebook e Tencent, que estão por trás desses aplicativos. Mas há evidências de que seu sucesso se deve, ao menos em partes iguais, porque a maioria das pessoas não almeja uma cultura de aplicativos em si. Como argumentamos no capítulo 4, usuários focam apenas na facilidade de uso; se isso significa tratar tudo através de uma única companhia hegemônica, a maioria parece preparada para reconhecer esta dominância com seu comportamento, apesar dos protestos verbais contra o poder das corporações. A cultura dos aplicativos pode muito bem ser um estágio temporário na evolução da comunicação.

Temos uma trajetória de amplitude em expansão, que consiste em dois elementos. O primeiro é a habilidade de incorporar tantos recursos quanto possível. Estes aplicativos se tornaram imensamente importantes em campos como o da saúde e o do bem-estar, principais exemplos de utilidade debatidos ao longo do capítulo, embora a abordagem sobre os usos na esfera da religião contribua para o mesmo argumento. O segundo elemento da amplitude foi descrito neste capítulo como a sociabilidade escalável – a capacidade dos aplicativos em questão de abranger desde a menor e mais íntima comunicação até a mais pública. Este debate levou a um foco na família através do uso de aplicativos por grupos, e, em seguida, por coletivos ou comunidades. Nesse caso, a religião disse respeito a um grupo de fiéis que vai além, um tipo de mega comunidade.

Ainda assim, se pensamos sobre o que criou a qualidade descrita como um senso de dependência "super grudento", talvez seja a habilidade dos aplicativos de se tornar um veículo da profundidade, tanto quanto de qualquer amplitude. O núcleo duro dos três aplicativos é a comunicação social. Eles exploraram, ou pegaram carona, em nossa dependência humana mais básica, uns em relação aos outros. À medida que o smartphone é percebido como um facilitador de comunicação, seus defeitos e pontos fracos regridem; torna-se, primeiramente e antes de tudo, um meio para relações que dão à vida um sentido. Boa parte do início do capítulo tratou, de fato, sobre o amor. O termo "oportunismo perpétuo", apresentado no capítulo 5, adota aqui noções associadas: o sentido de contato perpétuo como evidência do zelo e do cuidado[39]. Este potencial para estar sempre em contato, por sua vez, carrega o desejo por apoio constante, tanto emocional quanto financeiro. Um exemplo apresentado no capítulo foi o dos sistemas de crédito rotativo ("tontines", nos Camarões), centrais para a pesquisa etnográfica em Iaundé como em

Lusozi, Uganda. Em Iaundé, os esquemas combinam, continuamente, o apoio social e financeiro, mas se estendem para abranger muito mais. Começando pela comunicação, cada aplicativo evoluiu para se tornar uma das "tecnologias da vida"[40].

O principal exemplo, abordado na primeira seção, foi o uso de imagens visuais. Somos naturalmente conservadores no raciocínio, e, se o encontro ao vivo vem primeiro, tendemos a entendê-lo como mais "natural". Para os antropólogos, contudo, nada é natural ou relação sem mediação. Como demonstrado pelo sociólogo Goffman[41], a conversa ao vivo sempre envolveu um conjunto de regras culturais que ditam ou que é, ou não, apropriado. A comunicação face a face é, muitas vezes, tão regida pela etiqueta, pela performance, pelo medo do constrangimento e por outros enquadramentos culturais que nos parece difícil dizer o que quer que seja. Basta visitar um pub em Londres, e boa parte da conversa parece ser rasa ou zoação[42]. Vendo por esse ângulo, não há motivo pelo qual imagens visuais não possam ser o meio mais "natural"; podem, por vezes, soar mais amenas que o discurso oral direto. Imagens visuais nas redes sociais podem transmitir o que não se pode dizer face a face; ou, de modo alternativo, como no Japão, tornam-se o complemento das interações ao vivo. As pessoas, por sua vez, passam a ter que desenvolver novas etiquetas e normas, para acomodar o uso do visual em meio aos smartphones[43]. Nos diferentes campos etnográficos, o aspecto visual não pareceu nem periférico nem superficial; ele também possui a capacidade de tocar corações.

Esta centralidade do aprofundamento se pauta, ainda, na conclusão do capítulo 7. Poderíamos pensar que o modo como estes aplicativos se envolveram com os aspectos mais íntimos da comunicação familiar seria suficiente para trazer o seguinte argumento: a profundidade é a chave para a subsequente dependência destes três aplicativos. Mas, de fato, a seção sobre a família defendeu um ponto similar à conclusão do capítulo 7, sobre coevolução. Os aplicativos não apenas refletem, simplesmente, as relações de família e a comunicação: defendemos, aqui, que eles basicamente alteram o que entendemos, e experienciamos, como família. Há, então, uma trajetória mais longa em relação a estas conclusões de capítulo – uma que naturalmente leva à discussão mais ampla e mais teórica a ser apresentada no próximo, e último, capítulo.

Notas

1 Vide Ahmed 2004.
2 Steinberg 2020.
3 Bushey 2014.

4 Akimoto 2013.
5 Smith 2020.
6 Russell 2019.
7 Modalidade tradicional de história em quadrinhos japonesa [N.T.].
8 Wang 2016, 28–37.
9 Cecilia 2014.
10 Graziani 2019.
11 Iqbal 2019.
12 Fiegerman 2013.
13 BBC News 2014.
14 Drozdiak 2016.
15 Iqbal 2019.
16 Duque 2020.
17 Emojis foram inventados em 1998 por um funcionário da companhia telefônica japonesa NTT Docomo.
18 Vide Linecorp 2019.
19 Shu 2015.
20 Para outros meios pelos quais os emojis podem atenuar a comunicação no contexto de negócios, que é muito distinto, vide Stark e Crawford 2015.
21 Quitute típico da ocasião [N.T.].
22 Shifman 2013, 78–81, 156–70.
23 Ahlin 2018a.
24 Kress 2003.
25 Danny Miller pode atestar o ponto pessoalmente. Pessoas da época da escola e da universidade, com quem tinha totalmente perdido o contato, agora aposentadas, tem passado a sugerir reencontros.
26 Com base no *survey* de Patrick Awondo em seu campo etnográfico. A amostra contou com 65 pessoas.
27 Elas são importantes em muitas outras regiões do planeta. Vide Ardener 1964.
28 Instituto Nacional De Estadisticas (INE) 2019.
29 Vide Marwick e boyd 2010.
30 Para além da "regra de apenas três dias", também é possível selecionar um nível de privacidade de "apenas os últimos 6 meses", permitindo que os contatos vejam unicamente as postagens dos 6 meses mais recentes.
31 Pulse News KR 2019.
32 Kyodo News Agency 2019.
33 McDonald 2016, 169–70 e Wang 2016, 37–50.
34 Valores obtidos em *survey* sobre uso de pagamento móvel com 220 participantes (de mais de 45 anos). O *survey* foi realizado em Xangai (abril a junho de 2018) por Xinyuan Wang.
35 Sheng 2020.
36 Esclarecemos que não há motivo para pensar que o recurso tenha sido influenciado pela nossa pesquisa. Ele, porém, sofreu claras influências de um entendimento e de uma interpretação sobre práticas de parentesco na China.
37 Chen et al. 2018.
38 Chen et al. 2018, 107.
39 Vide o artigo de Singh em Prendergast e Garattini 2015. Nele, a autora explica que um simples ponto que informa se alguém está no celular pode, ao mesmo tempo, ser um tipo de contato social mínimo para uma pessoa mais velha. Singh 2015.
40 Cruz e Harindranath 2020.
41 Goffman 1971.
42 Fox 2014, 88–108.
43 Horst e Miller 2012, 28–30.

9

Reflexões gerais e teóricas

Campos: Bento – São Paulo. Dar al-Hawa – Al-Quds (Leste de Jerusalém). Dublin – Irlanda. Lusozi – Kampala, Uganda. Quioto e Kōchi – Japão. NoLo – Milão, Itália. Santiago – Chile. Xangai – China. Iaundé – Camarões.

Introdução

O objetivo desta obra foi tecer, em cada capítulo, algumas conclusões de cunho mais geral e teórico. Em muitos destes capítulos, a ênfase recaiu mais sobre aspectos organizacionais do smartphone como tecnologia, incluindo sua estrutura, os aplicativos contidos no aparelho e suas relações para com outros dispositivos. À guisa de conclusão, porém, vamos acentuar a temática das consequências dos smartphones sobre as pessoas. Isto pois, em última instância, enquanto antropólogos, estamos menos interessados na tecnologia em si – a questão do que é o smartphone – do que em usar o estudo de tais apetrechos para desvendar indivíduos, a sociedade e a cultura, com o intuito de ampliar nossa compreensão da humanidade.

Vamos, de início, reprisar algumas das afirmações prévias. O capítulo 1 partiu da exposição da abordagem "smart desde a base", e da observação que, na maioria dos casos, embora seja denominado "smartphone", o aparelho pouco se assemelha ao telefone tradicional. O smartphone, tampouco, é dominado pelas ambições S.M.A.R.T. – a habilidade de um dispositivo aprender ao ser usado. O capítulo 2 explorou visões populares sobre o smartphone, apontando que, em vez de trazer evidências sobre o uso deste dispositivo, assim como as consequências desse uso, tais discursos muitas vezes utilizavam o aparelho como pretexto, para se engajarem em vários debates morais sobre a sociedade contemporânea.

O capítulo 3 examinou o smartphone como um objeto material, situando-o em uma série de contextos. Estes últimos trouxeram as noções de "Ecologia de telas", definida como a relação entre o smartphone e outros dispositivos baseados em telas, e de "Ecologia social", definida como as relações sociais envolvidas no compartilhamento de smartphones e de aplicativos. Estes dois conceitos são importantes para o entendimento do próprio smartphone. Este mesmo capítulo vinculou o smartphone a outras redes, formando um tipo de eixo de controle remoto, tanto para pessoas quanto para, potencialmente, a Internet das Coisas.

O capítulo 4 contemplou o uso do smartphone como orientado a tarefas, e da importância deste ponto para entendermos a cultura de aplicativos e como estes são manuseados. O capítulo introduziu, ainda, o "Solucionismo Escalável" – espectro que abarca desde um aplicativo de função única ("tem um app pra isso") até o canivete suíço de aspirações que são o WeChat e o LINE, quando se esforçam para serem abrangentes e capazes de realizar qualquer tarefa que seja solicitada. Ao mesmo tempo, porém, reconhecemos que os usuários podem considerar que um aplicativo seja dotado de um potencial que extrapole, largamente, um propósito único. A observação do "Oportunismo perpétuo" compôs a base do capítulo 5, que elencou uma série de gêneros de uso, como a fotografia, o transporte, as notícias e o entretenimento.

Dada a diversidade dos ícones possíveis em uma tela de smartphone e, ainda, de como podem ser organizados, o presente livro evitou se basear na aplicação de termos como "apps" ou "plataformas". Em vez disso, partiu do uso cotidiano, admitindo uma inflexão de um foco mais tecnológico para uma perspectiva concentrada na vida dos usuários de smartphone. Esta migração para uma ênfase nas pessoas, mais do que no dispositivo em si, estava, em grande medida, concluída no início do capítulo 6, que examinou como o smartphone é cunhado para refletir indivíduos, relações e valores culturais mais amplos. O capítulo 7 estudou como, em decorrência de nossa capacidade de transformar o smartphone, ele pode se alinhar intimamente a parâmetros sociais – no caso, a idade. O capítulo 8 defendeu que três aplicativos/plataformas deveriam ser tidos como o coração do smartphone, porque os apps mais importantes são os mais engajados com relações sociais, como no caso da expressão de cuidado e afeto, da família e da comunidade. Os capítulos 6 a 8 nos fornecem, ainda, as principais evidências para as conclusões elaboradas no presente capítulo final.

Nossas conclusões partirão de uma tentativa de redirecionar nosso entendimento sobre como as pessoas experimentam o smartphone, com base no termo do "Lar Portátil". Exploramos, então, algumas das

questões de intimidade e correspondência entre os aparelhos e as pessoas, introduzindo o conceito de “Para Além do Antropormofismo”. Há, em seguida, uma síntese de como os smartphones se inserem – e, por vezes, transformam – em relações sociais sob a etiqueta do “Smartphone Relacional”. A quarta seção do capítulo começa abordando o problema mais geral da contradição e da ambivalência. Argumenta que tais reflexões emergiram com particular nitidez como resultado da resposta à pandemia de COVID-19, incluindo debate sobre a linha tênue existente entre o smartphone como instrumento de cuidado, e o smartphone como instrumento de vigilância. A conclusão do debate nos leva de volta à premissa inicial do “smart desde a base”.

O Lar Portátil

A consideração dos mundos da internet e do online como um tipo de lar tem muitos precedentes. Uma obra da socióloga Heike Mónika Greschke, por exemplo, foi intitulada, em tradução livre, Há um lar no ciberespaço?[1]. Todavia, o conceito aqui introduzido como “Lar portátil” vai muito além de qualquer analogia ou argumento anterior que faça referência ao lar online. Parte-se da consideração de que o smartphone é melhor entendido não apenas como dispositivo através do qual nos comunicamos, mas como um lugar em que, hoje, vivemos. Estamos sempre “em casa” em nosso smartphone[2]. Tornamo-nos caracóis humanos, carregando nosso lar nos bolsos. O smartphone é, quem sabe, o primeiro objeto a desafiar a própria casa (e, possivelmente, também o espaço de trabalho) em termos de quanto tempo passamos no lugar, estando acordados. O termo “lar Portátil” é composto de vários elementos. Além de fazer referência à casa, reconhece o smartphone como um portal, a partir do qual podemos migrar de uma zona para outra. Finalmente, há, ainda, uma analogia com transporte, sendo um veículo para a mobilidade.

Consideremos uma acusação frequente contra o smartphone, que apareceu no capítulo 2. A maioria das pessoas se incomoda quando está sentada com alguém, em um restaurante, e a companhia some do companheiro ou da companheira, que, em vez disso, está absorto ou absorta em seu smartphone. O que aconteceu é que a pessoa, na verdade, foi para casa. Podem se utilizar do portal para sair de onde estão sentados, e retornar para um lar em que podem exercer muitas atividades com as quais já desenvolveram uma familiaridade, de procurar entretenimento a organizar seus cronogramas ou enviar mensagens para amigos ou parentes, através de texto e mídias visuais. Antes, nós respeitávamos

integralmente o direito de alguém ir embora e voltar para sua residência pessoal. Ficamos, porém, perturbados quando alguém que parece estar sentado ao nosso lado se retraiu, para todos os fins e propósitos, abruptamente para um outro lugar, do qual fomos excluídos sem que nem mesmo se despedissem de nós. A companhia física pode permanecer, mas as pessoas já não estão engajadas. Habituamo-nos à ideia de internet como a "Morte da Distância"[3], mas, hoje, o smartphone parece implicar numa paralela "Morte da Proximidade". Sempre que alguém pareça ausente, talvez esteja retornando a seu Lar Portátil. O efeito consiste em uma disruptura radical de noções convencionais prévias sobre público e privado, que, por sua vez, levam a protestos sobre a flagrante ruptura da etiqueta convencional.

A importância do Lar Portátil tem tanto a ver com a crescente fragilidade do sentido tradicional de "lar", quanto com a capacidade do smartphone de compensar essa perda[4]. O mundo tem ficado cada vez mais inquieto, com movimentos advindos da migração, dos padrões de trabalho, do aprimoramento do transporte e de muitos outros fatores[5]. Nosso campo etnográfico de NoLo inclui uma alta proporção de migrantes, da Itália e de outros países. Essas pessoas já entenderam as limitações do conceito de lar como uma única localização física, o que as separaria de boa parte da família e dos elementos socioculturais em que cresceram. Para os sicilianos que moram em Milão, o smartphone auxilia a aceitar que residem na cidade, porque podem, ao mesmo tempo, permanecer "na sua terra" (*mia terra*) da Sicília, sítio de suas memórias e sonhos.

Durante a segunda metade do século XX, no Japão, a migração das áreas rurais rumo à cidade levou a um significativo esvaziamento populacional do campo. Contudo, a pesquisa de Laura documenta um contra-movimento contemporâneo, da cidade de volta às aldeias e cidadelas rurais, que tomou força desde os desastres triplos de terremoto, tsunami e explosão nuclear, ocorridos em 11 de março de 2011. Na sequência de tais desastres, observou-se uma queda de confiança nas infraestruturas estatais[6] e um retorno às regiões rurais, motivados por um sentido de alienação e desenraizamento na urbe. Muitos dos participantes, nos campos etnográficos rural e urbano do Japão, concordaram que o smartphone é, hoje, o centro de suas vidas, conectando-as não apenas à família e aos amigos, mas, ainda, a muitas de suas atividades cotidianas.

Em comparação com muitos migrantes das pesquisas na Itália, ou no Chile, os participantes do caso japonês não necessariamente entendem esses pontos como positivos. Muitos são ambivalentes sobre passar tanto tempo em seus smartphones, enquanto dizem, ao mesmo tempo, que o aparelho transformou suas vidas, ao possibilitar que mantenham vínculos

próximos com amigos, filhos e netos que, muitas vezes, moram longe. Por mais que a adoção do smartphone tenha sido recente, especialmente entre os mais velhos, experimenta-se uma crescente dependência do dispositivo. Isto se deve, em parte, à centralidade de muitas das atividades cotidianas, mas também, talvez, a um senso de estar desconectado fora do smartphone que é cada vez maior, e causado, por sua vez, pelas vizinhanças despovoadas.

Fizemos referência, no capítulo 1, a um argumento de Bogost que sugeria como, graças ao smartphone, vivemos, hoje, em um mundo despido de lugares – uma versão do que Augé[7] entendeu como uma experiência de "não-lugar" cada vez mais comum. Mas o conceito do Lar Portátil põe este argumento de ponta-cabeça. Percebemos que não estamos, de modo algum, sem lugar. Sempre podemos saber onde moramos e como os vários componentes de um lar podem convergir, à medida que estejamos preparados para entender o smartphone como essa localidade estável. O que importa é como o celular está imóvel e constantemente próximo de nós.

O argumento detém tanto uma dimensão temporal, como uma espacial. No campo etnográfico de Xangai, é comum encontrarmos pessoas mais velhas que se mudaram para a cidade, a fim de tomar conta dos netos. Elas podem achar difícil o entrosamento com sua nova vida na localidade, na medida em que foram arrancadas de suas redes sociais anteriores, e do apoio social disponível na cidade de origem. Anseiam, agora, por algo que lhes proporcione a experiência de um lar, em que se sintam seguras, e que lhes dá a esperança de ser um lar a posteriori.

O uso do smartphone como um lar alternativo se torna ainda mais importante, quando abordamos a questão dos jovens na Europa. Em locais como Milão, ou Dublin, uma fonte notória de ansiedade é que, enquanto a geração anterior conseguiu adquirir uma residência própria, ao menos quando quiseram começar uma família, isto já não ocorre. O ponto, aqui, é que ocorreu uma ampliação da expectativa de vida, combinada com o fracasso na construção de residências suficientes para compensar a subsequente falta de casas, e o comércio de imóveis subsidiado por políticas públicas. Resulta daí que muitos jovens tenham baixa perspectiva de adquirir uma propriedade antes de formar uma família; nada lhes resta além da indagação de quando, se é que conseguirão, dar esse passo. Não surpreende, portanto, que desenvolvam um apego ao lugar onde sempre podem estar, com um endereço fíxo e que lhes pertence, compatível com o apego que desenvolveriam com o lar que podem adquirir. Quando os mais velhos criticam os mais jovens pela fixação nas telas do smartphone, seria razoável pontuar, em contrapartida,

que quem faz essas críticas, via de regra, ou possui ou aluga uma casa própria, enquanto os jovens são julgados por dedicarem sua atenção ao único lar que de fato têm, os seus smartphones.

Quando, finalmente, saem da casa dos pais, a instabilidade do contexto torna ainda mais importante a função do smartphone de reunir o endereço em que se vive, o número de telefone e o endereço de e-mail. O fato de estarmos sempre "em casa", em nosso smartphone, e, consequentemente, sempre conectáveis, facilita a vida de todos. Com o WhatsApp, há, de praxe, uma notificação que reconhece que estamos em casa e que recebemos a comunicação. Em outras ocasiões, o smartphone, como no caso de um lar tradicional, pode se tornar um local em que as pessoas se sentem em bastante privacidade – não apenas para elaborar seus próprios pensamentos, mas, ainda, para fazer coisas sem serem observadas.

Em muitos locais, as residências se dividem em cômodos. É provável que tenhamos um quarto de dormir, uma cozinha para preparo de refeições e uma sala de estar para socializar ou ver televisão. O conjunto da obra funciona como um tipo de organismo com circulações de energia, um tempo submetido a rotinas e espaços dedicados. O Lar Portátil detém muitas qualidades similares às do lar físico, como podemos ver no infográfico (Fig. 9.1). De modo parecido com as casas, o Lar Portátil também é dividido em vários domínios, com usos discriminados para diferentes tipos de experiência. Podemos entrar, através de um ícone, em lugares onde é possível jogar jogos, ou ver televisão. Outro ícone nos transporta para um local de pesquisa e estudo, outro nos dirige a música que podemos ouvir e outros, ainda, nos levam ao manuseio de tarefas diárias, como compras ou transações bancárias.

Como no caso de lares maiores, podemos passar bastante tempo em meio a esses vários aplicativos, ou espaços, em relativo silêncio. Este pode ser um dos motivos pelos quais estamos tão preocupados em proteger o sentimento de privacidade, tradicionalmente associado a estar no lugar em que se vive; muitas pessoas receiam que o smartphone as esteja traindo, e rompendo tal privacidade ao coletar dados comerciais. O smartphone pode proporcionar muitos espaços privados, incluindo aqueles em que podemos conversar através do LINE/WeChat/WhatsApp sem que ninguém em nosso entorno saiba, ou mesmo armazenar pornografia. Mas também é possível convidarmos visitas, ter um grupo de fofocas, entediar os outros com o nosso entusiasmo mais recente sobre uma dieta saudável e compartilhar coisas divertidas.

Podemos pensar, de forma similar, no smartphone como um espaço doméstico em que a limpeza e a arrumação podem se tornar tarefas

Figura 9.1 Infográfico ilustrando o conceito do Lar Portátil. Criado por Georgiana Murariu.

regulares. Susana, em Santiago, por exemplo, nos contou do entusiasmo com que arruma seu celular (*mantener de teléfono*):

> Uma vez por mês, baixo as fotografias do celular. Apago as fotos, apago os vídeos. Limpo ele todo dia. To-do di-a!

Outra participante da pesquisa, Ernestina, gosta do aplicativo Outlook porque lhe permite que apague os emails com facilidade. Ter uma função

denominada "lixeira reciclável" colabora na manutenção da analogia doméstica. Quando ela explica, "Gosto de manter o celular arrumado", Alfonso não pode evitar de notar como era arrumada a sala de estar do apartamento de Ernestina. Smartphones podem se tornar muito bagunçados. Podemos conviver com a bagunça, ou agir sobre ela: apagar todo o lixo em excesso, reordenar as coisas que estão no lugar errado, substituir um aplicativo por outro melhor, concordar em atualizar a infraestrutura. Em Xangai, as pessoas passaram a adotar um termo que significa "recusa-rejeito-separação" (duan-she-li). Para manter limpo um lar, é preciso se recusar a comprar mais tralhas e renunciar ao que não é necessário. Ainda assim, durante seu campo etnográfico, Xinyuan descobriu que a frase era corriqueiramente usada para remeter à limpeza e organização dos smartphones. Guanghua, por exemplo, relata que:

> Deste 2016, eu "duan-she-li" regularmente o meu WeChat. Normalmente, me sinto bem após apagar alguns contatos desnecessários.

Em Iaundé, a expressão apropriada é "faire le ménage" – que significa faxinar, mas que foi estendida para se aplicar aos smartphones; "faxinar meus contatos" (faire le ménage dans mes contacts) e "dar uma limpa na minha tela" (faire le ménage sur mon écran). De modo ainda mais elucidativo, as pessoas usam a frase "tem gente que eu não deixo mais entrar na minha casa" (il y a des gens que je ne veux plus laisser entrer chez moi) para se referirem ao seu smartphone, mais do que ao lar onde residem e dormem fisicamente.

Podemos, ainda, identificar muitas outras qualidades da residência convencional no Lar Portátil. Como argumenta Mary Douglas[8], o lar é onde organizamos o espaço ao longo do tempo; o que lhe proporciona solidez não é "a espessura das paredes, mas a complexidade da coordenação". O lar é onde distribuímos nossa atenção destinada a terceiros, quando negociamos, de forma sutil, quem deveríamos contactar, e quando. É onde estabelecemos nossas rotinas diárias e sabemos que horas são, e o que deveríamos estar fazendo naquele momento. O smartphone é onde editamos nosso mundo da experiência, o que escolhemos ver e o que escolhemos manter. Como veremos na próxima seção, isto faz com que este dispositivo se torne um sítio-chave para cunharmos a nós mesmos, no mundo.

O Lar Portátil pode, ainda, colonizar o lar tradicional de modo surpreendente. Muitas vezes, não é algo separado do próprio lar, mas uma extensão desse último[9]. Um exemplo deste quesito surge no debate de Ecologia das Telas em Xangai, que vimos no capítulo 3. Cada vez mais,

as pessoas vivem, hoje, com um espectro de tamanhos de tela, que contrapõe mobilidade e legibilidade. O smartphone é o elemento mais móvel, mas temos, também, o tablet, o laptop e a smart TV, todos cada vez mais integrados; algumas pessoas, quando estão em casa, leem, hoje, os seus emails na smart TV. A casa examinada em Xangai é povoada de smartphones e com seus primos maiores, de modo que, em cada cômodo, a família possa se beneficiar de portais de qualidade, em uma tela ou na outra. Nesse caso, as telas se convertem, de fato, nas janelas da casa; é através delas que os residentes podem ver um mundo que vai muito além da paisagem de janelas físicas. Smartphones modificam, ainda, a relação das pessoas com seu lar. Em Bento, por exemplo, os casais podem morar juntos com maior facilidade, porque não precisam criar atritos sobre quem pode ter acesso ao sistema de entretenimento, ou quem pode falar com outra pessoa, graças aos smartphones separados.

A Ecologia das Telas está, ainda, por trás de significativas alterações em nossa relação com lares – como se tornou claro durante o confinamento em resposta à pandemia de COVID-19. Constatou-se quantas formas não só de trabalho, mas de socialização, compras, entretenimento e da vida em geral podem continuar funcionando de dentro das paredes da casa, graças à comunicação digital. A experiência do confinamento expôs todas as limitações de uma sociabilidade exclusivamente online, incluindo a ausência de encontros casuais no trabalho e abraços de quem amamos. Mas parece haver, igualmente, uma apreciação quase universal do quão piores seriam as coisas sem o contato online. Em algumas regiões, o smartphone foi um auxiliar do agente primário, a saber, o computador com Zoom e outras plataformas de comunicação. Mas o presente projeto também incluiu campos etnográficos em que praticamente ninguém dispunha de um computador, e onde toda a comunicação dependia do smartphone.

Nem tudo o que acabou de ser descrito é positivo – há, por exemplo, a preocupação de que o próprio objeto utilizado para manter, ou mesmo criar, um sentido de privacidade é, na verdade, um espião em um regime de capitalismo vigilante[10], que transmite, para estranhos, dados sobre o mundo mais íntimo de alguém. O Lar Portátil não possui o teor inviolável de que o lar tradicional usufrui, como espaço privado. Em outros casos, o smartphone pode reduzir a experiência prévia do lar enquanto refúgio. Funcionários podem, hoje, ter a expectativa de seguir em contato com o trabalho, por exemplo, mesmo após sair do local de trabalho. Uma criança vítima de um bullying lançado por outros alunos, na escola, tem pouco ou nenhum sossego ao voltar para casa.

Confinadas durante a pandemia de COVID-19, as pessoas rapidamente constataram que não apenas sentiam falta de abraçar terceiros, fora do ambiente doméstico, mas, ainda, que uma festa ou celebração via Zoom era um substituto pobre do evento real. Encontros sexuais e íntimos via internet claramente não são os mesmos que offline, e podem ser entendidos como substitutos muito imperfeitos. Um smartphone não vem com um jardim a ser cultivado, ou com os apetrechos para que se possa assar o próprio pão. Existem, provavelmente, centenas de outros exemplos que revelam a pobreza de uma vida exclusivamente online. Este passeio mais detido pelas limitações e perigos do smartphone não deveria, contudo, se pautar em uma visão desprovida de defeitos do lar tradicional, que detém sua própria miríade de problemas, desde a vigilância familiar e a claustrofobia até o abuso doméstico. Todos os lares vêm com suas contradições.

A outra principal diferença consiste no aspecto do "portal" que o Lar Portátil contém. O lar físico é imóvel e possui uma capacidade limitada de interação com o mundo mais amplo, na medida em que lhe falta a crucial mobilidade corporal. Em contrapartida, o Lar Portátil[11] fornece uma conexão fácil e instantânea para outro mundo; podemos usar o Skype para falar com outros países, comprar em um shopping virtual ou jogar em um universo alternativo, tudo isso sem sair de nossos smartphones[12]. O smartphone possui uma relação própria com sentimentos e afeto, desde a experiência tátil da tela sensível ao toque, e do ato de "rolagem" de informações, até o sentimento seguro de que está confortavelmente guardado em um bolso. Experimentamos, ainda, uma sensação de perda, quando, por exemplo, o smartphone quebra ou não pode ser encontrado. Subitamente, é como se estivéssemos cortados da mera possibilidade de encontros sociais, ou temporariamente excluídos da memória de alguém, ainda que de forma parcial.

Vários recursos do Lar Portátil podem deter relevância particular para pessoas mais velhas. À medida que cresce a imobilidade dos indivíduos, o smartphone se torna ainda mais importante como um lar do qual podem se transportar, em contraste com um onde são obrigados a permanecer. Isto é claramente demonstrado nos campos etnográficos japoneses, onde as pessoas mais velhas valorizam, cada vez mais, o apoio de amigos através do aplicativo LINE de mensagens, à medida que envelhecem e sofrem maiores restrições físicas. Assim explicava Komatsu-san, uma senhora de Quioto com cerca de sessenta anos:

> Acho que, quando somos mais velhos, isso não significa que teremos amigos ao nosso lado. Então o smartphone pode soar ainda mais

precioso para nós (conforme envelhecemos) porque permite que a gente siga socializável.

O mesmo argumento se aplica para um outro elemento do Lar Transportável, que é a locomoção. Os capítulos 6 e 7 trouxeram diversos casos de pessoas mais velhas que já não dispunham de habilitação para dirigir. Nesses casos, o smartphone se torna um eixo de controle para suas relações com o transporte, com aplicativos dos cronogramas dos ônibus locais, Uber e mapas. Para as pessoas na Irlanda, tal uso se estende à sua mobilidade mais ampla; os smartphones são empregados em muitos aspectos da saída de férias, ou para manter propriedades no exterior, incluindo aprender um idioma ou usar o Tripadvisor, ou o AirBnB. Mas ainda mais importante é o sentido de transporte advindo dos próprios smartphones, quando estão a tiracolo na mobilidade de nossos corpos: eles dispõem da habilidade única de estarem sempre conosco, garantindo nosso acesso ao Oportunismo Perpétuo do dispositivo. Tais qualidades têm, é claro, seus poréns, como o medo sentido pelas pessoas de Bento, que acreditam que atender a uma ligação, ou checar seus smartphones em um espaço público pode torná-las um alvo do crime.

Finalmente, a leitura do presente livro deveria deixar claro que as referências a argumentos gerais e teóricos são sempre nuançadas, e dependem do campo etnográfico. É inevitável, por exemplo, que o Lar Portátil tenha significados distintos em cada campo etnográfico, por conta dos diferentes entendimentos das pessoas sobre o que é um lar, e as muitas maneiras como um smartphone é usado por elas. O curta-metragem aqui apresentado exemplifica este argumento com relação ao Japão (Fig. 9.2). À guisa de conclusão, para a antropologia, a importância de considerarmos o smartphone como um Lar Portátil consiste tanto em reconhecer a relação, cada vez mais problemática, estabelecida por migrantes, jovens, e outros perfis para com seus lares tradicionais, quando em admitir a capacidade do smartphone em compensar tamanha perda. O smartphone reune muitas capacidades, da multiplicidade de atividades que ocorrem em "cômodos" separados até a habilidade de cuidar à distância, ou agir como um eixo de controle remoto, conectado, por sua vez, a outros sistemas, como o do transporte. Da Morte da Proximidade ao fornecimento de um contato seguro em casos frágeis, o impacto do smartphone como Lar Portátil é profundo. Por todos esses motivos, são bem-vindas pesquisas adicionais, que explorem a constante mudança visível na relação entre o lar smartphone e outros espaços, como, por exemplo, o lar doméstico e o escritório[13].

Figura 9.2 Filme: o smartphone como Lar Portátil no Japão. Disponível em http://bit.ly/transportalhomeinjapan.

Para além da máquina antropomórfica

Por mais de um século[14], a humanidade se fascinou pelo desenvolvimento dos robôs e de seu potencial para tornar realidade o que imaginamos sobre a máquina antropomórfica – máquina essa muito parecida com um ser humano. Este tem sido um exercício de alteridade. O robô era tradicionalmente retratado como uma máquina que se torna cada vez mais parecida conosco, enquanto permanece outra coisa que não humana. Portanto, nos fascina o potencial dos robôs de se virarem contra nós, ou de adquirir direitos como um "tipo" de humano, tópico corriqueiro na ficção científica. Ainda assim, este mesmo fascínio para com robôs pode ter levado à negligência de uma trajetória mais profunda e mais avançada rumo à máquina antropomórfica, e para além dela – máquina essa que, muito mais do que similaridade ou alteridade, adquire uma imbatível intimidade com as pessoas. Tal desenvolvimento chega plenamente a seu termo no smartphone.

As concepções populares do robô como fisicamente antropomórfico refletem um encontro mais superficial[15]. Em contrapartida, um smartphone não se parece minimamente com um ser humano. Não possui, por exemplo, braços nem pernas. O smartphone não precisa de membros; sua mobilidade física é obtida ao ser colocado em nossos bolsos traseiros, ou nas bolsas. O antropomorfismo avança através de processos como a complementaridade (por exemplo, assumir o trabalho de memória de

alguém) ou de prótese (por exemplo, estender nossa habilidade do que há em nosso entorno). Ademais, temos a habilidade do smartphone em transformar o indivíduo a quem pertence. Uma vez proprietários de um smartphone, é possível que modifiquemos nossos hábitos e práticas cotidianos.

As evidências primárias do “Para Além do Antropomorfismo” vêm do capítulo 6. O caso de Eleanor, da Irlanda, revelava como um smartphone pode expressar, de forma completa, a personalidade de seu proprietário ou sua proprietária, no caso, seu desejo de ser vista como profissional consumada, ou, em outro exemplo do mesmo campo etnográfico, a masculinidade tradicional de um áspero descendente de pescadores. O smartphone parece se tornar uma extensão da pessoa, de modo similar à figura do “daemon” nos romances de Philip Pullman: algo que, de certa forma, está separado de nós, mas cuja ausência seria progressivamente sentida como uma perda de parte de nós mesmos. O smartphone é um dispositivo que estende nossas capacidades, não apenas de obter conhecimentos melhor do que faríamos sozinhos, mas também aprimorando nossa organização. Tal pode ser, em particular, o caso de quem dispõe de recursos limitados, ou sofre barreiras no uso dos smartphones. Uma das autoras da presente obra, Laila, de al-Quds, é cega; embora tenha recebido tanto compensações quanto frustrações de seu novo iPhone, não ficaria, hoje, sem ele. Nunca houve, provavelmente, um dispositivo que atingisse tamanho nível de intimidade ou de continuidade em relação a um ser humano (Fig. 9.3).

A criação de um smartphone foi tratada, no capítulo 6, como um ato de artesania. O paralelo entre artesania do smartphone e artesania da vida tornou-se, por sua vez, particularmente claro em meio ao presente projeto de pesquisa, à medida que a maioria dos etnógrafos estudava, simultaneamente, sobre a aposentadoria[16]. Aposentar-se pode envolver a adesão a uma série de novas atividades e comportamentos, a continuidade de algumas atividades, e o encerramento de outras. Hoje, a aposentadoria se tornou, muitas vezes, um empreendimento conjunto ao smartphone. Dispor de mais tempo para velejar em Dublin podia significar, também, usar sete aplicativos diferentes sobre vela. Em Iaundé, aposentar-se podia significar mais tempo a ser dedicado à igreja, a baixar a Bíblia e outros aplicativos religiosos. No Japão, os participantes de pesquisa de gênero masculino e idade para se aposentar tinham, frequentemente, construído toda a sua identidade em torno da vida profissional, e, consequentemente, alguns dispunham de poucos recursos para gerir a vida fora do emprego. Tais participantes poderiam, então, rejeitar o smartphone, preferindo manter seu celular antigo (*garakei*) como conexão com seus mundos

Figura 9.3 Infográfico ilustrativo do conceito de Para Além do Antropomorfismo. Criado por Georgiana Murariu.

sociais anteriores. Contudo, para outros homens e outras mulheres, o smartphone proporcionou um controle maior sobre seus trabalhos de cunho parcial, durante os anos de aposentadoria. Aplicativos que organizavam turnos de atividades significavam que aquelas chamadas embaraçosas com empregadores, em que era difícil dizer "não", poderiam ser evitadas.

Em Dar al-Hawa, a maioria das mulheres mais velhas nunca ocupou vagas remuneradas de trabalho, e, por conseguinte, não "se aposentam". Mas muitas consideram que o smartphone tem um papel de peso ao se tornarem avós. A essa altura, poder ampliar as interações familiares, como ao permitir que os netos assistam ao YouTube em seus smartphones, também modifica as relações dessas mulheres com tais dispositivos. A maior parte desta artesania é uma suave mescla do velho com o novo: a icônica fotografia do netinho, ou da netinha, na sala de estar é complementada pelo compartilhamento diário do que a criança fez naquele dia. O smartphone faz parte de nós, ou é algo independente? Como admitiu, timidamente, uma participante do campo etnográfico irlandês, agora que dispõe de um aplicativo de contagem de passos, passou a andar mais porque gosta de "impressionar o app".

Como opera essa cunhagem? Na etapa de aquisição, o smartphone parece ser puramente máquina. Todos os exemplos de um Samsung Galaxy Note de uma loja são idênticos. Uma vez, porém, comprado o aparelho, cabe ao indivíduo decidir quais aplicativos pré-instalados não serão usados ou o que fazer com as funções embutidas, como a lanterna ou o Bluetooth. Parte-se, então, para o download de novos aplicativos, que podem ser ordenados conforme a sua importância, criando, através de várias telas, um plano principal e uma periferia. No plano de fundo ficam os aplicativos raramente usados ou que são novidade, talvez um para reconhecimento de pássaros durante uma caminhada diurna, e outro que possa identificar constelações, num passeio noturno.

O próximo nível envolve afinar esses aplicativos. Os proprietários do aparelho podem alterar as configurações para receber apenas as notícias em que estão interessados, ou colocar a localização de casa como a base do uso de mapas. A próxima camada de customização, que é a criação e seleção de conteúdo, é, via de regra, a mais significativa. Muitos usuários de smartphone podem ter um aplicativo de leitura, mas este pode conter qualquer coisa, desde a série de livros do Harry Potter às peças de Shakespeare. Suas fotografias podem ser selfies, ou de slides do PowerPoint. Essa escolha de conteúdo, em meio a muitos dos aplicativos, é que proporciona o melhor apanhado geral sobre a pessoa em questão: seus gostos, valores e interesses. Se vem de Dar al-Hawa, pode desejar que seu conteúdo do smartphone seja um reflexo dos valores do Islã.

Os capítulos 4 e 5 deslocaram sua atenção da cultura dos aplicativos para a etnografia da vida cotidiana, cuja orientação primária é, muitas vezes, sobre tarefas, não aplicativos. Muitas das pessoas mais velhas que conhecemos enquanto aprendiam a usar os smartphones se preocupavam com sequências de ações já sabidas, ou que estavam preparadas para aprender. O smartphone era reduzido ao papel de performador da tarefa, através de sua sequência de ações. Tudo o mais que poderia ter sido feito com um smartphone tornara-se irrelevante: era simplesmente ignorado. Como no caso de outra artesania, o trabalho pode envolver subtração, além da adição. O resultado desta cunhagem é uma íntima relação com smartphones, que se tornou altamente expressivo dos indivíduos, como descrito no capítulo 6. O efeito desta relação de proximidade pode ser visto em evento como aqueles descritos no capítulo 7, quando Nura, de Dar al-Hawa, perdeu temporariamente sua conexão com o WhatsApp. Seu choque e prostração momentâneos vieram de um entendimento do WhatsApp como algo, então, integral à infraestrutura de sua vida. Sentiu dor como se a perda fosse visceral. É isso que entendemos por intimidade.

Tal abordagem da customização do smartphone pós-compra não significa, porém, que as companhias de celular e de aplicativos possam ser reduzidas à irrelevância. Devem, de início, receber os créditos pela criação de todas essas capacidades, já que são o que possibilita a artesania subsequente. São os designers, frequentemente em conjunto com um pesado volume de testes com usuários, que criam as condições para as transformações subsequentes. Diferentemente de outros bens criados por companhias, e consumidos pelas pessoas, o smartphone foi implantado com sua própria capacidade de estender a intimidade em relação a quem o usa. Os aplicativos têm sido, cada vez mais, desenhados para aprender através da interação. É isto que representa a terminologia técnica do "smart" – a habilidade de aprender do dispositivo. A localização não se resume à capacidade do GPS de nos dizer onde estamos; pode incluir predições baseadas em onde estivemos, ou demonstramos interesse de ir. Assistentes ativados por voz se tornam mais acurados, conforme os dispositivos aprendem a nossa voz. Assim, os algoritmos de *machine-learning* habilitam os aplicativos a aprenderem conosco, com nosso ambiente e uns com os outros, como no caso dos suportes de mídia social sobre nossa informação de localização, ou históricos de busca. Este processo detém, por sua vez, uma via de mão dupla, em que as companhias seguem envolvidas como coletoras e processadoras de dados; permanecem, ainda, empenhadas no refinamento contínuo dos aplicativos, para que estejam cada vez mais sintonizados com seus papeis em cada processo, com propósitos como o de publicidade personalizada.

Uma ênfase demasiada no elemento "smart" do smartphone pode, todavia, nos levar a caminhos errôneos. Quando inspecionamos o dispositivo de modo pormenorizado, a maneira como alguém adapta seu aparelho às suas necessidades particulares tem um impacto muito maior na sua experiência, do que as adaptações do dispositivo à pessoa, através de seus algoritmos. Por mais que as corporações tenham esgotado seus recursos na tentativa de fisgar os usuários com assistentes de telefone, muitos de nossos participantes viam a "assistente" do Samsung Galaxy, Bixby, como um simples ruído exasperante, porque não é possível se livrar dela. Alexa, uma outra assistente, raramente ultrapassa a condição de um rádio ativado por voz. Talvez no futuro o *chatbot* da Aldriven possa cavar um nicho ligado à amizade, ou mesmo servir como nosso terapeuta[17], mas, por ora, o impacto é limitado.

Esta artesania resulta numa combinação íntima, que vai além do antropomorfismo. Em seu excelente livro, *Smarter than you think*[18], Clive Thompson[19] documenta como os seres humanos se tornaram mais inteligente ao incorporarem tais dispositivos. O ponto de não precisarmos

mais memorizar “fatos”, mas, em vez disso, memorizar o uso do smartphone que nos permite obtê-los, está de fato ampliando nossa inteligência. Thompson demonstra porque o melhor jogador de xadrez não é nem uma pessoa, nem um computador, mas uma ação conjunta de ambos. A melhor analogia para a ascensão dos smartphones é a invenção da impressão e, em seguida, o livro. Tal conquista deslocou muitas funções prévias de lembrança, que, até então, se baseavam inteiramente na memória cognitiva, para o “retângulo duro” que é o livro, e que podemos considerar um precursor do disco duro (hard disk). Poucas pessoas veriam um problema se sugeríssemos que livros tornam a humanidade mais inteligente, porque fomos preparados para ceder boa parte da memória à palavra escrita[20]. Muitos dos participantes da pesquisa do presente volume percebem o smartphone como um *aide-mémoire* literal, que acompanha suas anotações. Outros, como Fernanda, de Bento, usam aplicativos de exercício para o cérebro, em parte por conta de uma grande ansiedade para com a demência. Praticamente todos aqueles retratados neste volume evocam um holismo que transcende a distinção entre pessoas e máquinas, quando se trata de abordar *como* pensamos.

Muitos exemplos deste livro apontam como a pessoa está igualmente sendo cunhada ao longo do processo de artesania – um ponto particularmente claro no caso de Eduardo, de Bento, discutido no capítulo 6. Ele expunha, de maneira bastante explícita, seu uso do smartphone para auxiliar na composição do que seria sua nova vida, agora que se encontrava aposentado. Os desdobramentos de tais processos levam a histórias como as de Mário, em NoLo. Seu smartphone passou a replicar muitos dos seus interesses centrais, desde a horticultura até a organização dos loteamentos comunitários locais. Outro exemplo é Matis, que veio da Lituânia e, hoje, vive na Irlanda. Seu smartphone é dominado, assim como ele, pela paixão por reparos em automóveis. Às vezes, é óbvio que o smartphone cunha a pessoa, tanto quanto a pessoa cunha o smartphone.

A artesania pode, então, soar um tanto artificial, por exemplo, quando alguém adquire uma aparência muito mais jovem do que é na verdade, como fica implícito nesse meme de Iaundé (Fig. 9.4). Mas não seria, talvez, o próprio meme o fornecedor dessa falsa impressão? Muitos de nossos participantes de pesquisa respondem ao informar repetidamente que se sentem muito mais jovens do que sugerem as suas aparências. Como observamos no capítulo 6, eles percebem sua própria aparência externa como falsa, e o smartphone como um aparato que pode revelá-los como realmente são. De todo modo, já estavam tomando medidas para aprimorar sua aparência externa. Então, qual seria a pessoa “real”: o corpo sem adornos, o corpo tal como preparado para exposição pública, através de

Figura 9.4 Meme que circula nas redes sociais de Iaundé. Captura de tela de Patrick Awondo.

cosméticos e roupas, ou a fotografia elaborada para nos apresentar como imaginamos ser? Não cabe a nós, autores, responder. Em vez disso, respeitamos como as pessoas de Iaundé poderiam trazer uma resposta muito distinta daquela das pessoas de Xangai. Não é possível que haja uma reinvindicação absoluta sobre se o smartphone cria, ou não, imagens "fake" de pessoas inautênticas. O presente volume traz evidências que apontam para o fato que, em algumas sociedades, os resultados são percebidos como os de alguém "fake", enquanto em outras a artesania é vista como uma expressão esclarecida da verdadeira pessoa.

A conclusão do capítulo 8 citou Goffman para repudiar a ideia de que o face a face é um encontro "natural". Na China, diz-se, através dos smartphones, o que não pode ser dito cara-a-cara. Faz-se referência a todo tipo de emojis e figurinhas como "biaoqing", o que significa, literalmente, "expressão facial" em mandarim. É comum a aplicação de biaoqing para contornar situações que, sem isso, seriam entendidas como estranhas ou embaraçosas. O senhor Hong, por exemplo, funcionário público aposentado, tem mais de cem biaoqings salvos em seu WeChat. Isso lhe proporciona um repositório de biaoqing para emoções ou gestos sociais

comuns, como pedir desculpas. Ele se apropria habilmente de diferentes biaoqing, dependendo dos contextos e dos interlocutores. O senhor Hong poderia, por exemplo, se desculpar gentilmente com amigos, ao não poder participar de uma confraternização, com uma figurinha de mãos unidas, em estilo mangá, e um texto onde se lê “perdão, perdão”. Ou poderia, ainda, provocar o neto com um gato de cabeça caindo, que também pede desculpas. Quando teve de recusar o pedido de ajuda de um amigo, o senhor Hong replicou com uma figurinha onde se lia “Não tenho como, Majestade” para amenizar a dureza da rejeição. Como resultado, observou, em uma ocasião:

> Às vezes eu realmente gostaria de usar esses biaoqing em conversas cara-a-cara, deixaria a vida muito mais fácil.

O problema é que, em conversas cara-a-cara, o senhor Hong mantém sua feição grave e digna, algo que preservou por décadas como um homem adulto respeitável. Ao usar o WeChat, porém, seu repositório de biaoqing pode trazer à tona muitas camadas de emoções e habilidades sociais que não existem no mundo da comunicação offline. Podemos, então, esperar que aflorem, ao longo do tempo, restrições e etiquetas em torno dessas formas de conversa.

Um último ponto a ser mencionado é que o conceito de Para Além do Antropomorfismo não deveria hiper romantizar o ideal de “ser humano”. Se o smartphone assume nossa humanidade, então ele pode, igualmente, expressar nossa inumanidade. Smartphones são facilmente usados para perseguir ou oprimir, ou como instrumentos de poder. Tais práticas estão por trás de muitas das acusações registradas no capítulo 2, em que smartphones são percebidos como o pilar de uma crescente inumanidade, responsável por fazer com que as pessoas se sintam mais rasas ou mais antissociais. Conforme observado acima, porém, o Lar Portátil não deve implicar em bonança doméstica. O lar tem sido, muitas vezes, espaço de bullying, conflitos de poder, abuso e desigualdade. Alegar que smartphones podem agir de modo parecido com o das pessoas não significa, necessariamente, que sejam bons ou morais. Isso depende mais da pessoa com quem passaram a se assemelhar.

O Smartphone Relacional

Um dos problemas emergentes sobre os conceitos de Lar Portátil e Para Além do Antropomorfismo é que eles se pautam numa ênfase sobre o

indivíduo e seu dispositivo. Contudo, uma das principais contribuições da presente obra é que cada capítulo contém evidências que se opõem a tal reducionismo a nível individual. O smartphone se tornou central para todo tipo de relação e de grupo – não apenas como meio de comunicação, mas, ainda, como algo que constitui, parcialmente, as próprias relações e grupos, ou, cada vez mais, redes[21].

Já ficava aparente, do debate sobre Ecologia Social, no capítulo 3, que não se pode considerar as pessoas como indivíduos isolados, quando se trata do smartphone. Em Lusozi, muita gente compartilha seus aparelhos com parentes e amigos. Em Xangai, algumas das pessoas mais velhas podem nem se dar ao trabalho de baixar um aplicativo; já que tudo é feito em conjunto com o parceiro ou parceira, não faz diferença qual aparelho possui o aplicativo. Ainda mais importante, talvez, seja o impacto do Oportunismo Perpétuo, debatido no capítulo 5. Tal conceito transformou as relações em uma conversa de constância muito maior. Agora, já não é preciso mais esperar até encontrar um amigo ou um parente. No momento em que ocorre algo que sentimos que eles gostariam de saber, sacamos o LINE, o WeChat ou o WhatsApp. Compartilha-se o dia todo, todos os dias. As pessoas mais velhas, que costumavam ter um botão vermelho para emergências, podem, agora, se sentir seguras com os smartphones sabendo que, mesmo após uma queda, ainda podem contactar alguém de modo rápido e fácil. Tais observações levam à questão maior sobre se os smartphones estão de fato alterando, mais do que apenas facilitando, tais relações e grupos.

O maior argumento a favor da mudança seria a sugestão de que smartphones estejam revertendo uma das trajetórias fundamentais da família – uma que tem emergido ao longo de séculos, em algumas regiões, ou durante as últimas décadas, em outras. Ela consiste, em essência, na inflexão da família estendida para a família nuclear, muito evidenciada pelas alterações em tradições de design doméstico, já que, em muitas regiões, as casas, outrora, eram construídas para acomodar famílias bem maiores do que as atuais[22]. Nas regiões mais afluentes, apartamentos modernos e outras moradias são quase sempre criados a partir da premissa de serem ocupados por uma família nuclear, ou, cada vez mais, por uma única pessoa, como ocorre no Japão. Ainda assim, conforme enveredamos na profundidade dos usos mais íntimos dos smartphones e de aplicativos como o WhatsApp, esta tendência de longo prazo está, em certa medida, sendo revertida. O debate sobre Ecologia das Telas nos traz um exemplo com o caso de uma residência de Xangai. Aqui, o ponto não consistia na simples proliferação de telas existentes na casa, mas, sobretudo, que eram usadas para retomar uma comunicação constante

com a família estendida. Como resultado, em algum grau, ao menos, a família estendida voltou a partilhar da casa com o casal mais velho, que continuava vivendo lá.

A evidência mais nítida dessas mudanças veio de Bento. Aqui, primos, tias, tios e parentes mais distantes, muitas vezes vistos apenas no Natal, em casamentos e funerais, passaram a ter uma presença muito mais constante no Lar Portátil. A conversa formal, apropriada para ocasiões especiais, é substituída pela informalidade do bate-papo cotidiano. Talvez seja precisamente porque a família estendida não more na mesma casa que seja tão bem-vinda como residente do Lar Portátil. As relações são próximas, mas não próximas demais. O smartphone contém, sempre, a possibilidade da comunicação, sem a pressão de compartilhar do mesmo espaço físico. Se você precisar de uma conversa e a pessoa não estiver ali, há, via de regra, outro alguém com quem falar no Lar Portátil. Mas sempre é possível usar o smartphone para redefinir a proximidade da sociabilidade. Em um trem lotado, no Japão, cada smartphone, de cada pessoa, as coloca, de fato, em uma bolha privada, porém social, enquanto estão fisicamente rodeadas por estranhos. Em geral, as evidências de vários campos etnográficos sugerem que o smartphone proporciona um meio de balanceamento de períodos, quando a sociabilidade tem sido ou intensa demais, ou insuficiente demais.

Smartphones podem, ainda, estar atuando no que parece ser uma relação mais fluida entre parentesco e amizade. Na China, os aparelhos podem confirmar a observação de que, pela primeira vez, as pessoas desenvolveram algum tipo de vínculo significativo com estranhos[23]. Significativo porque torna possível contarmos todos os nossos segredos, e os piores medos, para alguém que não nos conhece. Na Irlanda, aposentados usam smartphones para organizar a rodada de encontros com amigos em cafés, e para planejar encontros mais regulares e com base em grupos, como nos clubes dos livros. Tal expansão da família e dos amigos, por sua vez, leva a um aumento do uso dos smartphones de forma comunitária. Em Lusozi e em Iaundé, o WhatsApp pode contribuir na organização de grupos de crédito rotativo que proporcionam auxílio financeiro. Em Dar al-Hawa, o compartilhamento de fotografias significava incluir, em algum grau, quem não tinha podido participar de uma saída. Em NoLo, o Facebook foi o local-chave usado para organizar, e divulgar, reuniões de massas em um espaço público em uma tarde de sábado de maio de 2018. Ali, pessoas ficaram lado a lado, de mãos dadas, para formar uma cadeia humana (*catena umana*) de 4 quilômetros de extensão. O gesto foi feito para celebrar a unidade presente na

comunidade, e para desafiar a percepção negativa da vizinhança como "gueto de imigrantes". A repórter Zita Dazzi, ao descrever o evento para a versão online do jornal La Repubblica, de sua sede de Milão, escreveu sobre uma "cadeia humana contra o racismo na Via Padova: 'Somos cidadãos, não imigrantes ilegais'".

O Facebook, em NoLo, se converteu no principal sítio para notícias comunitárias locais, para história comunitária e fotografia comunitária. É o lugar em que pessoas expressam desejos de oferecer seu tempo e auxílio umas para as outras. Um dos participantes da pesquisa de NoLo considerou extraordinário como, se alguém adoece ou precisa de ajuda, por exemplo, e posta sua situação no grupo de Facebook, receberá, a cada vez, uma média de 20 a 30 respostas de pessoas desejosas de oferecer assistência, desde comprar itens básicos de mercado até retirar medicamentos. Mais recentemente, a comunidade de NoLo também se estendeu ao Instagram, recebendo a atenção e o apoio do Prefeito de Milão.

A situação é parecida na Irlanda. Ali, o Facebook é utilizado para organizar caminhadas de caridade, para providenciar um local de postagem sobre grupos locais de esporte, para facilitar o desenvolvimento comunitário sobre um novo conjunto habitacional e para formar o espaço público destinado às mais importantes atividades comunitárias, como a competição das Tidy Towns[24]. Em Cuan, um dos campos etnográficos de Dublin, 2300 pessoas (de uma população de 10 mil) se juntaram, muito rapidamente, a um grupo de Facebook chamado "Cuan contra o COVID-19". Os palestinos de Dar al-Hawa já não precisam se preocupar se estiverem fora do raio de chamada de qualquer mesquita, já que o smartphone pode, hoje, emitir a chamada à prece. Também cresceu o papel significativo do Facebook em prover informação religiosa, como sobre os eventos associados à quebra de jejum durante o mês sagrado do Ramadã.

Tendo discutido o smartphone em relação a indivíduos, relações, grupos e comunidades, o capítulo 6 concluiu com uma nota ainda mais expansiva. Seu desfecho refletia sobre como smartphones expressam valores culturais que são naturalmente proeminentes em um estudo cuja metodologia primária é a etnografia comparativa. Por exemplo, muitas das avós que Shireen conheceu em NoLo ressaltam o lugar proeminente da "Nonna" (avó) no cuidado familiar contemporâneo e na comunicação. Como em muitos outros casos, o smartphone se alinha com ideias tradicionais e idealizações da Nonna, mas também contribui para a expansão e a mudança de papeis sociais junto às circunstâncias contemporâneas. Por exemplo, os smartphones facilitam o papel das Nonnas em cuidar ativamente das crianças, e proporcionar apoio prático em contextos familiares urbanos, como o de Milão.

Para os peruanos de Santiago e as pessoas de Dar al-Hawa, os smartphones são instrumentos de religião, que podem criar normas muito claras. Da mesma forma, no Japão, existe, com frequência, um consenso sobre o que constitui um uso apropriado, ou inapropriado, do smartphone. Falar ao celular enquanto viaja no transporte público, por exemplo, atrairá olhares críticos dos demais passageiros, enquanto fotografar um prato de restaurantes antes de comê-lo é quase um pré-requisito para que a refeição seja plenamente apreciada. O smartphone pode, ainda, participar da emergência de novas normas societais. Era o caso nos Camarões, onde os smartphones têm se estabelecido como instrumento de desenvolvimento de uma nova esfera pública de debate político, para uma classe média que emergiu recentemente.

O Smartphone Relacional cria novos problemas ao resolver alguns dos antigos. Nossa pesquisa trouxe muitos exemplos de relações intergeracionais problemáticas. O hiato digital entre pessoas mais velhas e mais jovens, em termos das dificuldades dos mais velhos em aprenderem a manusear seus smartphones com propriedade, foi fundamental para o capítulo 7. Em Santiago, e em muitos outros campos etnográficos, os mais jovens surgem como gritantemente impacientes. Tendem a pegar o smartphone e realizar um ensaio sumário de mostrar como fazer algo, mas, em seguida, se recusam a repetir a sequência na visita seguinte, já que a pessoa mais velha "já tinha visto" como funcionava o aparelho. Na Irlanda, era possível que as pessoas mais novas alegassem que o smartphone deveria ser "intuitivo", deixando, assim, implícito que uma pessoa mais velha e com dificuldades no uso do aparelho seria meio boba, ainda que mesmo uma inspeção apressada indique que smartphones são tudo, menos intuitivos. Em Iaundé e em outros lugares, essa condescendência reflete uma reversão muito mais ampla dos papéis tradicionais de senioridade e de autoridade, à medida que a sabedoria que, outrora, representava a experiência de longo prazo, foi substituída pelo conhecimento do último gadget.

As pessoas mais velhas frequentemente obtêm seus primeiros celulares como um repasse dos mais jovens, revertendo a trajetória tradicional. Descobrem, então, que precisam apagar um material ofensivo, que ressurge quando os jovens insistem em pedir os celulares emprestado. Os mais jovens podem, ainda, ser cruelmente displicentes em relação à perda experimentada pelas pessoas mais velhas, que passaram décadas cultivando conhecimentos que, hoje, o smartphone tornou redundantes. Relembremos a mulher que se localizava de modo excelente, após anos trabalhando com entregas de uma floricultura. Quem se importa com essas habilidades duramente adquiridas, quando, hoje, temos o Google Maps?

O processo é de mão dupla: as redes sociais têm já existido por tempo suficiente para que elas mesmas sofram modificações das tensões intergeracionais em questão. Um dos principais motivos pelos quais os mais jovens, em muitos dos nossos campos etnográficos, evitam plataformas como o Facebook é porque elas foram colonizadas pelas gerações dos pais. Quando sua mãe, e mesmo sua avó, está no Facebook, é muito melhor se expressar fora do olhar delas, primeiro no Instagram e, em seguida, quando este último também for colonizado, seguindo adiante para o TikTok. Algumas das mudanças mais significativas nas redes sociais e no uso de plataformas específicas nada tem a ver com controle corporativo, ou com as concordâncias da plataforma. Elas simplesmente refletem as tensões das relações intergeracionais entre os usuários.

Contradição e ambivalência

O primeiro capítulo substantivo deste livro não discorreu sobre o que as pessoas fazem com smartphones, mas sobre o que dizem sobre eles. A conclusão esmagadora foi de que as pessoas são, em geral, ambivalentes. As mais velhas falam, sem cessar, sobre os danos causados nos jovens pelo smartphone, alegando que estão "viciados nas telas"; tornaram-se antissociais, desconectados do mundo real e rasos. Em relação aos seus próprios usos, as pessoas mais velhas em NoLo dizem que estão perdendo seu tempo, ou que os smartphones estão causando "confusão demais" (*troppo confusione*). No Japão, as pessoas se queixam da pressão em responder imediatamente às mensagens como intrusiva, e um elemento a mais nas pressões cotidianas para sempre interagir da maneira correta. Na Irlanda, referem-se, muitas vezes, às infinitas notificações de WhatsApp que, agora, devem ser reconhecidas.

Ainda assim, ao mesmo tempo, as pessoas não poupam elogios sobre as coisas maravilhosas que podem fazer com aplicativos específicos, no smartphone. Os casais já não gritam uns com os outros quando o carona se perdeu no mapa de ruas que está segurando; agora, já podem gritar com o GPS. Avôs e avós sentem a benção de como os netinhos na Austrália podem ficar incrivelmente fofos na webcam. Uma mulher mais velha, com joelhos vacilantes, já não precisa esperar na chuva, pois um aplicativo lhe avisa quando chegará o próximo ônibus. Em todo lugar, o smartphone é, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição. Os chilenos mais velhos, em Santiago, dizem, muitas vezes, coisas altamente negativas e positivas sobre os smartphones, na mesma frase. Constantemente, há "issos", mas também "aquilos". Se as pessoas,

independentemente do que gostam, se contradizem na mesma frase e o que dizem pouco tem a ver com o que fazem, poderíamos assumir que são ou hipócritas ou ignorantes. Contudo, as evidências, ao longo deste livro, sugerem que a ambivalência pode ser a única resposta razoável para um fenômeno que é, em si, uma massa de contradições. Cada capítulo desta obra trouxe evidências para os benefícios e prejuízos simultâneos que são, ambos, consequências dos smartphones.

Uma vez concluído nosso trabalho de campo, a equipe discutiu as constatações gerais do projeto. Uma delas foi batizada "a tênue linha entre cuidado e vigilância". Embora não pudéssemos ter previsto, isto foi logo antes de a constatação se converter em um componente crítico à resposta da pandemia de COVID-19. À época da redação, o smartphone se tornou um elemento ainda mais importante de um discurso moral, do tipo descrito do capítulo 2. Isto porque, ao redigirmos em 2020, antes de qualquer vacina, a principal alternativa para suprimir o vírus do COVID-19 em muitas regiões e, especialmente, o Leste Asiático, é um rastreio intensivo de movimentos individuais, baseado em uma combinação de dados de smartphone e entrevistas. Este desenvolvimento revelou para todos o potencial dos smartphones, que, com uma intimidade sem precedentes, podem também ser veículos de vigilância pessoal – o Big Brother está exposto em nossas bolsas e bolsos. Ainda assim, ao mesmo tempo, o uso efetivo de rastreios é visto como o principal motivo para o sucesso relativo da contenção de consequências do vírus em algumas regiões. O smartphone aparece, portanto, como um Salvador em potencial e um presságio de distopia.

Vigilância

Três considerações primárias advêm destes desenvolvimentos. A primeira é examinar a questão da vigilância, e a segunda examinar a natureza desse cuidado. A mais importante, porém, é a terceira: considerar as implicações destes eventos para o equilíbrio entre cuidado e vigilância. Esta última tem uma presença dual no livro. Por um lado, é um tópico central do discurso explícito dos participantes. Quando lecionou sobre o uso de smartphones para chilenos mais velhos em Santiago, Alfonso pode observar pessoas que simplesmente se recusavam a usar o GPS porque o entendiam um dispositivo que gravava todos os lugares pelos quais passaram como uma intrusão intolerável. De modo similar, estes usuários receosos tomaram as publicidades direcionadas, na internet, como evidência de que o Google já sabia coisas demais sobre eles. A vigilância

no smartphone não é segredo. Um dos recursos mais populares do dispositivo é sua suposta habilidade de aprender com o usuário, de modo a antecipar suas buscas e ações. A cada vez que o smartphone é bem-sucedido nesta missão, ele confronta, simultaneamente, seu usuário ou usuária com evidências diretas do quanto sabe sobre ele ou ela.

A vigilância é evidente – mas é a ponta de um iceberg de uma vigilância muito maior, que jaz nas águas escuras. Os mesmos dados pessoais, relativos ao usuário, com os quais o smartphone está tentando aprender, podem ser reencaminhados para corporações, para fazerem parte de um grande campo agregado de Big Data[25]. Este, por sua vez, é o combustível para a inteligência artificial (IA) – um processo que, rapidamente, cria espirais rumo a mundos que não podemos ver e que, muitas vezes, entendemos muito pouco. Esta talvez seja a externalidade mais importante de todas[26].

Tais medos possuem duas versões. A primeira foi exemplificada num livro, *The Age of Surveillance Capitalism*, de Shoshana Zuboff[27]. Ela argumentou que a força motora central do capitalismo, a busca por lucro, levou a uma extraordinária habilidade de extrair informações sobre nós, e ao incessante desenvolvimento de estratégias que buscam empregar tais dados no controle de nossas vidas. Se, em algum momento, encontramos tempo para ler os "termos e condições" que somos obrigados a acatar, a fim de usar um novo aplicativo de smartphone, ficamos chocados. Parecem exigir todo tipo de dados irrelevantes, contidos em nosso smartphone. Por que um aplicativo de entretenimento precisaria da nossa localização, ou de acesso às nossas redes sociais? As companhias competem na extração de cada mínimo detalhe sobre nós que puderem obter. Diz-se que os dados pessoais são o novo petróleo.

Se isso soa intrusivo, ou mesmo sinistro, é porque o é. Como Zuboff coloca, companhias como a Google hoje assumem o direito de "reivindicar toda experiência humana como matéria-prima a ser traduzida em dados comportamentais"[28]. As companhias de tecnologia gastam largas quantias em lobbies para evitar qualquer corte, seja na extração de dados *per se*, ou seu uso subsequente na causa da lucratividade. Deixamos de ser consumidores em massa para sermos massivamente consumidos, sujeitos a uma experimentação e análise contínuos para que se aprofunde a penetração corporativa em nossas vidas. Dessa perspectiva, o smartphone soa, mais uma vez, como um espião em nossos bolsos, idealmente localizado para acompanhar tudo o que fazemos e dizemos e somos.

A segunda versão dessa crítica se dirige mais ao Estado do que à vigilância comercial. Este foi o pano de fundo para a experiência das pessoas de Dar al-Hawa, que viveram a maior parte de suas vidas com

evidências concretas dos poderes de vigilância do estado israelense. Para os demais, em sua maioria, a revelação inicial da extensão da vigilância estatal veio com a delação de Edward Snowden. Ele usou de sua posição de funcionário estatal para revelar a extensão com que os Estados Unidos podiam se mostrar igualmente gananciosos na coleta de dados privados. Após as revelações de Snowden, veio o escândalo de Cambridge Analytica, que apontava para o uso de dados sobre indivíduos com o fim de alterar o desfecho de eleições democráticas, através de mensagens dirigidas a perfis distintos.

Ambas as observações críticas parecem receber o apoio de um terceiro tipo de ameaça contemporânea de vigilância. Uma revisão recente de John Lanchester, no *The London Review of Books*, baseou-se em duas novas publicações, *The Great Firewall of China*, de James Griffiths, e *We Have Been Harmonised*, por Kai Strittmatter[29]. Estes livros defendem que tais temores já tenham se tornado realidade na China contemporânea. Strittmatter sugere que a vigilância digital se tornou o instrumento mais eficiente que já conhecemos para criar um estado totalitário. Enquanto o conteúdo do WhatsApp permanece encriptado, cada detalhe e cada conteúdo particular do WeChat está disponível para o Estado chinês. Não há restrições quanto ao uso estatal de tecnologias como o reconhecimento facial. O Estado proclama abertamente estes poderes, de modo a conscientizar os cidadãos sobre o quanto podem ser observados. Mais uma vez, tais capacidades de vigilância dos smartphones se evidenciaram ainda mais durante a pandemia de COVID-19, quando o Estado chinês adicionou recursos aos smartphones pessoais para garantir a observância do confinamento. Em Israel, sistemas de vigilância que soariam familiares às pessoas de Dar al-Hawa foram estendidos à população inteira, como forma de controle de saúde[30].

Cuidado

Se a vigilância parece ser a maldição dos smartphones, então o cuidado aparece, de início, como a sua bênção. Na China, houve uma explosão da propaganda, com base na evidência de que, embora a pandemia de COVID-19 ali tenha se iniciado e que outros países tenham recebido mais alertas, o País do Meio atingiu 3 mortes por milhão, enquanto a maioria dos países europeus teve uma taxa de mortalidade mais de cem vezes maior. O Estado chinês, que usou o smartphone como instrumento-chave na contenção do vírus, usou seu sucesso como prova de que se importa mais com seus cidadãos do que as democracias ocidentais. O fato de que

a democrática Taiwan tenha tido uma taxa de 0,3 mortes por milhão[31], dez vezes menos do que a taxa da China continental, foi, é claro, totalmente desconsiderado.

Os capítulos anteriores nos trazem muitos exemplos do uso dos smartphones como instrumentos de cuidado. Dentre eles, incluía-se o modo como as pessoas de Lusozi se empenham em cuidar de parentes mais velhos que seguem vivendo em suas aldeias natais, muitas vezes enviando dinheiro móvel. Como vimos acima, em Xangai, elementos visuais da comunicação por smartphone podem romper tradições de distância e formalidade nas relações familiares entre as gerações. Por outro lado, uma participante da pesquisa de Quioto preferia não enviar figurinhas fofinhas para a filha, porque esta poderia considerá-las infantis, mas despachava-as feliz para seus próprios amigos.

Há bastantes pesquisas prévias sobre o uso de tecnologias digitais que visam facilitar o cuidado à distância, seja fazendo referência a sistemas de um Estado[32] ou à crescente necessidade de cuidado através dos continentes, como, por exemplo, no caso das diásporas de migração[33]. As evidências etnográficas contidas nesse volume sugerem que passamos do cuidado à distância para o "Cuidado Que Transcende A Distância" (Fig. 9.5). Às vezes, em Bento, Marília simplesmente não sabia a que neto ou neta uma participante de pesquisa fazia referência: quem morava em Bento, ou quem morava em Nova Iorque. O modo como se

Figura 9.5 Ilustração do conceito de Cuidado Que Transcende A Distância. Criado por Georgiana Murariu.

comunicava com os netos, no WhatsApp, era igual em ambos os casos. De fato, em um caso, uma mulher que vive sozinha em São Paulo, cuja filha mora na França, observou que "meus amigos dizem que ela estava me abandonando, mas ela é muito mais próxima de mim do que a maioria das filhas dos meus amigos que moram em São Paulo".

Cuidado e vigilância são, claramente, dois lados da mesma moeda. Em Dublin, muitos dos participantes de pesquisa se envolveram no cuidado dos pais, muitas vezes com noventa ou mais anos, o que significava uma alta incidência de demência. Enquanto estes pais moravam em suas próprias casas, a vigilância passou a dominar muitas das práticas de cuidado. Em vários campos etnográficos, as pessoas rapidamente criaram grupos de WhatsApp para apoiar os idosos mais frágeis; um dos principais objetivos dos grupos era de partilhar o fardo de monitorar os vulneráveis. Em Iaundé, os aposentados são acompanhados de perto pelos filhos, "para ficar de olho neles" (*avoir un oeil sur eux*), seja tendo-os por perto ou através de grupos de família de WhatsApp muito ativos, onde um ou dois dos filhos detêm, muitas vezes, um papel de sentinela.

Não há, portanto, uma demarcação simples do cuidado como benigno e da vigilância como maligna. A vigilância pode, com frequência, ser prova de uma preocupação real e constante – incluindo, durante a pandemia de COVID-19, um cuidado apropriado do Estado de bem-estar. Igualmente, existe uma crescente literatura da antropologia que remete ao lado negro do cuidado, sobretudo em relação às questões migratórias[34]. Por vezes, o modo como as pessoas expressavam o cuidado incluía a vigilância de quem foi pago para cuidar. Trabalhar sob vigilância era, frequentemente, a experiência de migrantes rurais na China, que tinham ido para Xangai a fim de cuidar de idosos. Seus empregadores tinham aderido ao potencial dos smartphones de espionar seus cuidadores pagos. No Japão, entende-se a destreza em vigilância social como importante para manter boas relações sociais. Esta prática pode também ser exaustiva e, se realizada de forma incorreta, levar ao ostracismo social. Entender a prática de cuidado, inclusive através da vigilância social na era digital, é crítico no contexto da virada do Japão rumo à tecnologia para lidar com uma população envelhecida, e forças de trabalho cada vez menores nas áreas de saúde e cuidado.

Em todos esses casos, os smartphones podem se tornar, ainda, ferramentas para restringir ou negociar a autonomia. Muito da preocupação, no Japão, foca em descobrir meios de respeitar a autonomia e a dignidade das pessoas mais velhas, sob as ditas condições de vigilância constante[35]. Algumas das pessoas mais velhas estão conscientes de que a recusa em ter um smartphone pode se converter numa forma de garantir

que o contato físico não seja substituído pelo digital, ou de evitar que a familiar linha fixa de telefone seja redundante. Ainda assim, em muitos dos campos etnográficos, a vigilância baseada em smartphones é o que tranquiliza os filhos adultos de que tudo bem os pais idosos manterem alguma autonomia ao seguirem em suas casas. Nesses casos, a vigilância constante garante a autonomia continuada dos pais.

Ideologia, privacidade e a tênue linha entre cuidado e vigilância

A discussão sobre vigilância, cuidado e a relação entre ambos monta o cenário para os desdobramentos subsequentes, advindos da pandemia de COVID-19. Para os críticos, a ênfase resultante nos smartphones como soluções de cuidado tira não apenas a vigilância, mas o próprio smartphone, do gancho. Evgeny Morozov[36] publicou um artigo no Guardian, intitulado "As 'soluções' tecnológicas para o coronavírus levam a vigilância estatal a outro patamar". Ele argumentava que "o policial bom, neste drama, é a ideologia do solucionismo, que transcendeu suas origens no Vale do Silício e agora forma o pensamento de nossas elites dominantes". A chave para o solucionismo é o smartphone, como exemplifica o programa chinês de estimativa de saúde codificado por cores, para smartphone. No dia seguinte, a *The Economist* publicou um artigo sob a chamada "Um microscópio global feito de celulares"[37] para debater a colaboração entre a Apple e a Google que visava criar um aplicativo que rastreasse contatos, assim como o papel dos governos em tais iniciativas.

Ainda assim, os eventos subsequentes mais parecem um reforço dos argumentos do presente volume. Isto pois o passo seguinte não foi a adoção irrestrita dos potenciais do smartphone, mas uma incrível heterogeneidade na resposta à possibilidade tecnológica. O motivo para tal é que a implementação de rastreios antecipa a questão do equilíbrio entre cuidado e vigilância. O que converte o uso da tecnologia em uma questão moral – o que, por sua vez, expõe as ideologias subjacentes à criação da heterogeneidade das respostas regionais. É preciso, portanto, considerar estas ideologias subjacentes em qualquer aprofundamento do conceito de "linha tênue".

O equilíbrio entre cuidado e vigilância é um dilema antigo. Uma definição de Deus, na maioria das religiões, consistiria em um ser onisciente que tudo vê e que se importa com todos. É a cruz parental. Governos também sempre trocaram conhecimento por cuidado. O uso de smartphones em resposta à pandemia de COVID-19 na China teve seus

precedentes no chamado Sistema de Crédito Social. Sob tal Sistema, qualquer comportamento entendido pelo Estado como antissocial – ou antiestatal – poderia resultar na perda da habilidade de cidadãos para agendar voos ou percursos em trens de alta velocidade, além de sujeitá-los a várias outras restrições.

Faltava um indício de como a população chinesa se sente em relação a tal sistema, o que, por conseguinte, se tornou um componente da pesquisa de Xinyuan. Ela identificou três motivos que explicam por que, na maioria dos casos, o Sistema de Crédito Social tem sido um desenvolvimento bastante popular. O primeiro deles jaz na mudança geral de uma economia agrária, onde as pessoas sabiam ao menos da reputação de praticamente todos com quem lidavam a nível pessoal, e a confiança se pautava, portanto, nas relações sociais (*guanxi*). A vida agrária foi substituída por uma sociedade urbana, onde as pessoas não sabem praticamente nada sobre aqueles com quem são forçadas a interagir, e elas acreditam que isto levou a uma ascensão massiva nas fraudes e enganos. Para muitos, os fins (combater a fraude) justificam os meios da vigilância estatal[38]. O segundo motivo era a crença das pessoas de que o Sistema de Crédito Social estava meramente alcançando a ideia de um ranking de crédito baixo no Ocidente. O terceiro fator vinha da crença que o Sistema de Crédito Social correspondia à cosmologia tradicional, pautada na ideia taoísta de que o céu (*tian*) assiste a todo o nosso comportamento e que um bom destino depende de boas ações[39]. É preciso considerar, portanto, uma ideologia e uma história complexas subjacentes para entender a situação na China. As alegações do Partido Comunista sobre ser um cuidador paternalista, papel expressado através da vigilância, são reminiscências de séculos de comando imperial.

A ideologia é igualmente importante para entendermos as respostas em regiões como a Europa e os Estados Unidos. Neles, a principal objeção à vigilância é a premissa ocidental da privacidade. A obsessão com a privacidade individual pode muito bem soar igualmente extrema para um visitante do Leste Asiático. Em seu livro *The Comfort of People*, Danny argumentou que a principal causa independente de dano a pacientes de asilo, outra que a própria doença, era a insistência em uma confidencialidade estrita. Tinha-se por resultado que os diferentes membros das equipes de cuidados, responsáveis pelos pacientes moribundos, fracassavam em manter informados uns aos outros. Quando membros de nossa equipe dão palestras sobre como esperamos usar nossa pesquisa para aprimorar o bem-estar das pessoas, a pergunta mais comum não é como ela poderia beneficiar o bem-estar da população, mas se nossas propostas não seriam invasivas à privacidade.

O que nos permite considerar tais preocupações relativas à privacidade como ideológicas é o fato de serem vistas como axiomáticas. Para a maioria das pessoas, na Europa e nos Estados Unidos, sente-se as premissas sobre privacidades como simplesmente "naturais". Enquanto ideologia, elas estendem a ideologia fundamental do liberalismo histórico. Esta crença na priorização do indivíduo como fundamento da ética levou ao ideal do indivíduo como fonte dos direitos humanos básicos. O sistema do "neo" liberalismo inclui a crença central de que os indivíduos detêm um direito humano intrínseco de controlar toda a informação sobre si próprio[40]. A postura em relação à privacidade derivada do "neo" liberalismo difere grandemente, por exemplo, das ideologias socialistas, que assumiam que, se um Estado é capaz de reforçar o bem-estar social ao coletar informações sobre os indivíduos, isto automaticamente se superpõe aos direitos humanos.

Embora os Estados Unidos e a Europa sejam, talvez, os proponentes mais convictos desta privacidade "neo" liberal, adotam formas muito diferentes. Na Europa, a privacidade é protegida por meio de uma regulação burocrática como o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR, na sigla em inglês). Em contrapartida, nos Estados Unidos, o caminho pelo qual os direitos de privacidade se desenvolveram parece estar mais alinhado com o neoliberalismo da economia política, em que tais diretos são parte de uma ideologia associada com liberdades individuais e escolhas, também utilizada para legitimar o capitalismo contemporâneo. Tais direitos são, então, constituídos diretamente contra formas de intervenção estatal, incluindo o "snooping", mais do que instrumentos da burocracia estatal[41].

Uma vez reconhecida a importância destas ideologias "dadas como certas", então a heterogeneidade de respostas aos aplicativos de rastreio de COVID-19 passa a fazer muito mais sentido. Era certamente previsível que os Estados Unidos assistiriam a demonstrações de protesto contra as restrições do governo em relação à liberdade individual, e que seria, ao menos, esperado dos eleitores Republicanos que defendessem a vigilância baseada em smartphones. Tampouco surpreende que as pessoas em países como a Coreia do Sul, com sua tradição prévia de envergonhar indivíduos, em redes sociais, por qualquer tipo de comportamento inapropriado[42], se provassem os mais aderentes a um sistema de vigilância pública, às custas da privacidade individual. Se este sistema de vigilância expunha os casos extraconjugais das pessoas[43], isto era justificado pelo bem maior de suprimir o vírus. A Coreia do Sul mostrou o quão central poderia se tornar o smartphone, fora de qualquer regime autoritário. O dispositivo, que não se resumia a um instrumento de rastreio de contato,

era também utilizado para sensoriamento remoto, por exemplo da saturação de oxigênio no pulso. Ademais, os smartphones se converteram no meio através do qual o Estado informava constantemente às pessoas sobre a presença de contágio em cada localidade específica, através de mensagens de texto diretas.

À medida que a pandemia de COVID-19 ocorreu logo após o fim do nosso trabalho de campo, a equipe ainda mantinha contato com os participantes de pesquisa. Podíamos, portanto, observar o desdobramento dos eventos em modos que refletiam nossas caracterizações dos campos etnográficos, enquanto redigíamos o presente volume. No Japão, por exemplo, o Estado procurou se distanciar de qualquer tecnologia "de rastreio" ao usar as redes sociais como ferramenta de monitoramento. Mas as pessoas tendiam a ser cautelosas ao completar formulários enviados, pelo governo, via LINE, com respostas honestas, com vemos na ilustração abaixo (Fig. 9.6). Quando o governo ofereceu uma compensação financeira (em torno de mil libras esterlinas) para cada cidadão, por conta das perdas resultantes do vírus, pediu-se às pessoas para se inscreverem online, usando sua identificação "my number" (マイナンバー), que conecta digitalmente todos os seus registros de seguro social com outras formas de dados. Muita gente, contudo, expressou a preocupação de que o sistema rompesse com sua privacidade, permitindo que o governo tivesse acesso a demasiada informação particular, como o extrato bancário e registros de saúde. Conforme foi averiguado, o cadastro online para a compensação se revelou difícil, por conta de um site de design ineficiente, o que resultou em filas país adentro, por horas em frente às prefeituras, para resetar presencialmente as senhas do "my number"[44]. Para muitos, o episódio sintetizou muitas das preocupações mais amplas com as infraestruturas digitais ineficientes no Japão.

Na Irlanda, por outro lado, muitos de nossos participantes de pesquisa tinham eles mesmos trabalhado para o Estado, nos setores de saúde, educação e serviço civil. Entendiam como dever do cidadão tornar-se um instrumento de vigilância, em apoio ao Estado. Em um meme circulado por um participante do campo etnográfico de Dublin (Fig. 9.7), menciona-se a extensa adoção da vigilância, em um momento no qual as pessoas deveriam estar apenas na presença de outros habitantes da mesma residência.

Isto culminou no lançamento, em julho de 2020, do aplicativo de smartphone estatal destinado ao "rastreio". A Irlanda parece ter tido uma das respostas mais positivas, entre todos os países onde não houve qualquer imposição de download do aplicativo. Em dois dias, houve um milhão de downloads, cerca de um quarto da população elegível[45].

Figura 9.6 Ilustração de respostas às questões de cuidado e vigilância, por Laura Haapio-Kirk, com base em entrevistas com participantes de pesquisa.

Para concluir, o fator subjacente é, uma vez mais, o enorme poder e a enorme prevalência dos smartphones, tanto em relação à vigilância como ao cuidado. Mas isto é apenas o início de um processo. Igualmente importantes são os meios como os valores culturais subjacentes determinam como as tecnologias se vinculam aos ideais normativos locais. É isto que significa o Smartphone Global – um dispositivo para manifestar a diversidade global, mais do que suprimi-la.

Outras duas implicações serão brevemente mencionadas, a primeira referente às implicações políticas do presente volume, e a segunda se

Figura 9.7 Meme circulando em Dublin. Captura de tela de Daniel Miller.

debruçando sobre pesquisas futuras. Primeiramente, em relação a políticas, podemos claramente aprender apenas com os Estados onde houve, ao menos, a possibilidade de refletir valores culturais e sentimento popular. Pouco pode ser colhido de regimes autoritários que impunham soluções; podemos apenas expressar nosso apoio às populações consequentemente oprimidas. Porém, mesmo se tanto a Coreia do Sul quanto a Suécia detenham populações relativamente guiadas pelo consenso, os dois países responderam à pandemia de formas muito diferentes. Acabamos de ilustrar um contraste similar entre o Japão e a Irlanda.

O relevante é que nossas observações sobre a tênue linha entre cuidado e vigilância derivaram de pesquisas anteriores à pandemia. Isso sugere que as pessoas comuns já detêm uma larga experiência sobre como lidar com uma questão tão importante. O equilíbrio entre cuidado e vigilância é central no dilema de cuidado da saúde de pessoas mais velhas sem desrespeitar a autonomia e a dignidade de cada uma delas. Isto é, ao menos, tão importante quanto o modo segundo o qual os pais negociam suas relações com filhos adolescentes[46]. Certamente, cada responsável entende o monitoramento do uso dos smartphones pelos filhos como um exemplo de cuidado, enquanto cada adolescente percebe

o mesmíssimo comportamento como um exemplo de vigilância. Este volume inteiro está repleto de exemplos sobre a consequente ambivalência sentida pelas pessoas, em relação aos smartphones.

Em suma, somos todos experts relevantes, e essa é a expertise em que deveríamos nos basear quando confrontados a crises públicas como a pandemia de COVID-19. A maioria dos dilemas centrais colocados pelo vírus para os governos eram escolhas morais irresolvíveis e contraditórias. Tratavam dos direitos das pessoas mais velhas, em oposição às mais jovens, da educação, em oposição à saúde, ou de indivíduos, em oposição ao coletivo. Tais dilemas estavam, então, sujeitos ao relativismo cultural, à medida que cada população exigirá sua própria negociação interna sobre sua última opção "menos pior" e o papel apropriado para smartphones. O presente projeto comprova que as populações não apenas têm o direito de serem consultadas, como elas têm as qualificações – resultado de uma considerável experiência, acumulada pela maioria das pessoas, ao tentar balancear cuidado e vigilância em suas vidas cotidianas. É o momento de insistir que as populações sejam autorizadas, através de consultas, a ter voz na decisão sobre o equilíbrio apropriado.

O segundo ponto trata da importância da pesquisa contínua. Quando a pandemia de COVID-19 se espraiou, contribuímos para iniciar[47] uma resposta de tipo "ciência cidadã" ao montarmos um site chamado *anthrocovid.com*. Isto forneceu um espaço para que os antropólogos postassem sobre os eventos à medida que se desdobravam, utilizando seus acessos a populações locais, geralmente, elaborados através de trabalho de campo anterior. Ocorreram muitas iniciativas similares, especialmente no campo da antropologia médica[48]. Tais investigações antropológicas são complementadas por outras disciplinas, que pesquisam sobre perspectivas e evidências distintas. Um breve levantamento de parte desta literatura foi oferecido no capítulo 1. A velocidade de resposta é ilustrada por Deborah Lupton, que rapidamente publicou um levantamento da literatura relevante, assim como pela compilação de fontes de Evgeny Morozov[49]. A história dos smartphones recém começou. Esperamos que nosso volume tenha mostrado o quão importante é aprofundar pesquisas futuras sobre suas consequências para a humanidade[50]. Esperamos, ainda, que a presente obra cumpra seu papel ao estimular mais pesquisas, em meio a várias disciplinas.

Conclusão: "smart desde a base"

As observações sobre a pandemia de COVID-19 – a tênue linha entre cuidado e vigilância, a expertise de cidadãos ordinários e a necessidade

de mais pesquisas colaborativas – são pontos que fazem com que o presente volume retorne ao ethos com que começou: a justificativa para a premissa do projeto de "smart desde a base". Todos precisamos observar, ouvir e aprender com o modo de uso dos smartphones pelas pessoas, em suas vidas cotidianas. Uma grande parcela da resposta inicial ao COVID-19 tomou a forma de um solucionismo tecnológico de cima para baixo. Governos selecionaram aplicativos de smartphone para rastrear contatos e, em seguida, informaram às populações sobre como deveriam obedecer. Há muita ciência por trás do desenvolvimento dos aplicativos e da sua eficiência, mas o equilíbrio entre cuidado e vigilância é uma decisão política. A política deveria remeter a consultas, quando forem apropriadas. A última seção argumentou que sempre negociamos esse balanço em nossas vidas; para que as populações abracem de fato as tecnologias, os governos deveriam melhorar muito em relação à experiência difundida.

O livro é inteiramente constituído por um ethos similar. Se os resultados do presente estudo diferem de um debate *mainstream* sobre smartphones, não é porque nossa equipe de pesquisa tem tentado fazer com que smartphones pareçam "bons" ou "maus". É porque nossa pesquisa se baseia no respeito empático pelos recursos e pela artesania das pessoas comuns. Ainda que a pandemia de COVID-19 nunca tivesse ocorrido, teríamos um caso tão sólido quanto para elaborar as perspectivas "smart desde a base", com pauta em nossos estudos da mHealth. Nossa pesquisa identificou que o uso criativo de aplicativos onipresentes, como o WhatsApp[51], é que realmente modifica a gestão da saúde, de modo muito mais significativo do que os aplicativos exclusivos de saúde, desenvolvidos de forma *top-down*. Um terceiro exemplo foi a constatação de que, via de regra, não é o *machine learning* S.M.A.R.T., que ocorre durante o uso dos smartphones, que torna os aparelhos "espertos", mas as adaptações subsequentes e a criação de conteúdo pelos usuários.

Para essa pesquisa, foi, ainda, importante não nos basearmos simplesmente em questionários e levantamentos sobre a relação entre uma pessoa e seu smartphone. A abordagem holística de nossas etnografias focou igualmente no impacto em casais, grupos, redes e em valores culturais mais amplos. Isso também repercutiu no estilo de redação do presente volume. O uso recorrente de retratos reflete uma questão humanística de não deturpar o que é especial nos indivíduos. As generalizações analíticas, em torno de conceitos como o Lar Portátil e Para Além do Antropomorfismo, que compõem a substância deste capítulo final, podem ser aplicados em muitas das populações estudadas, mas raramente em todas. A teoria e a conceituação podem, por sua vez, levar a uma caracterização altamente abstrata e hiper generalizada, destacada dos mundos bagunçados e variados que emergem da

observação etnográfica. Contrariando essa tendência, há, ainda, um outro motivo para extrair, constantemente, conclusões gerais de histórias sobre pessoas. Faz-se uma generalização sobre os homens de Dublin, mas, então, vem Eamon; faz-se uma generalização sobre as mulheres em Dar al-Hawa, mas, então, há Nura.

Nossa abordagem tampouco deveria diminuir a contribuição dos designers de smartphone, dos desenvolvedores e das corporações – o que tentamos reconhecer de tempos em tempos, mas não pesquisamos diretamente. Reconhecemos, ainda, a influência de nossa metodologia de pesquisa, que resultou num livro com foco no que era aparente através da etnografia. A presença de designers e desenvolvedores era pouco provável nos campos etnográficos em questão, um ponto verdadeiro também para outras importantes contribuições, que só podem ser reconhecidas como externalidades. Por estes motivos, sugerimos que o livro seja usado em conjunto com pesquisas de outras disciplinas, engajadas no estudo de outros contextos relevantes para o entendimento dos smartphones, de modos que não eram viáveis em nossa abordagem etnográfica. Alguns deles são discutidos na revisão de literatura do capítulo 1.

Parte de nosso ethos “smart desde a base” consistiu em fornecer um respeito empático a populações com menor probabilidade de serem representadas em estudos de smartphones, seja pelo foco em uma demografia que não é nem jovem, nem idosa, mas que aqui foi simplesmente denominada de apenas “mais velha”. A lógica na seleção dos campos etnográficas não passou pela consideração de nenhum deles como especial, de qualquer modo. O objetivo era simplesmente representar a diversidade do mundo que justifica batizar o volume de *Smartphone Global*.

Uma das alegrias deste estudo do smartphone é o acesso que fornece a uma miríade de maneiras pelas quais as pessoas são espertas. Elas não necessariamente são boas. O livro está repleto de exemplos de como o smartphone reflete nossa inumanidade, tanto quanto nossa humanidade. Mas expor, em primeiro plano, como pessoas comuns contribuíram, com sua criatividade, para criar o que os smartphones acabam sendo ajuda a humanidade a recuperar um pouquinho da sua autoestima – especialmente diante de novas capacidades e novas tecnologias intimidantes, e das corporações esmagadoramente poderosas e dos Estados por trás delas. Foram as pessoas comuns que converteram a capacidade dos smartphones de serem um “smart-esperto” na capacidade de serem “smart-sensíveis”. É graças a elas que cada smartphone é único. O potencial do aparelho de ir além do antropomorfismo pode ter sido criado pelas corporações, mas qualquer humanidade ou inumanidade consequentemente discernível no

smartphone – a maior evidência aqui apresentada – foi criada pelas pessoas que você conheceu ao longo da obra.

Notas

1 Greschke 2012. Ver, ainda, Morley 2000.
2 Deveria ser óbvio, já que esse é um livro sobre diversidade, que esta e outras afirmações similares do capítulo têm a ressalva de que haverá uma grande quantidade de exceções.
3 Cairncross 1997.
4 Jackson 1995.
5 Eles operam com taxas temporais distintas e em diferentes escalas, a níveis local e global. Vide Eriksen 2016.
6 Alison 2014.
7 Augé 2008.
8 Douglas 1991, 306.
9 Vários artigos em de Souza e Silva 2014 defendem que o celular é frequentemente usado para nos conectar de novas maneiras com os lugares.
10 Zuboff 2019, 6.
11 Para um precedente, vide Boullier 2002. Portais assim tendem a estar mais presentes na ficção científica ou em livros infantis, como O Leão, a Feiticeira e o Guardarroupa, de C.S. Lewis, ou A Faca Sutil de Phillip Pullman; a chave de portal na série de livros de Harry Potter ou o doraemon nos quadrinhos japoneses. Eis um exemplo de como a tecnologia permitiu à humanidade "atingir" algo que, até então, era mais ligado à fantasia e a um ideal. O ponto é discutido de forma mais abstrata enquanto Teoria da Concretização no livro Webcam. Vide Miller e Sinanan 2014.
12 Estes argumentos se pautam tanto em estudos anteriores quanto neste, em que podemos ver as pessoas usando as novas mídias para tentar criar um sentido de co-presença, enquanto moram em países diferentes. Ver, por exemplo, Madianou e Miller 2012 e Miller e Sinanan 2014.
13 Por exemplo, Hjorth et al. 2021.
14 Russell 2017.
15 Isto está se tornando menos verdade hoje em dia, quando começamos a pensar nos robôs como trabalhadores de fábrica mais automatizados ou no âmbito da cirurgia médica. Nenhuma dessas instâncias implica nesse tipo de antropomorfismo. Vide, por exemplo, Hockstein et al. 2007.
16 Lusozi, onde a maioria das pessoas ainda trabalha, seria uma exceção.
17 Como previso em Sherry Turkle 1984.
18 "Mais esperto do que você cogita", em tradução livre [N.T.].
19 Thompson 2013.
20 Ong 1982.
21 Rainie e Wellman 2014.
22 Waterson 2014.
23 McDonald 2016.
24 Competição organizada anualmente, desde 1958, pelo Departamento de Desenvolvimento Rural e Comunitário do governo irlandês, entre as cidades, aldeias e vilas do país. Ganha a que for considerada mais asseada e atraente [N.T.].
25 Área de conhecimento voltada para tratamento e análise de volumes de dados que não poderiam ser trabalhados através das ferramentas tradicionais [N.T.].
26 Uma gama de exemplos de vigilância digital é discutida em Lupton 2015. Há muitos artigos relevantes na revista *Surveillance and Society*.
27 Zuboff 2019.
28 Zuboff 2019, 14.
29 Lanchester 2019.
30 Lanchester 2019.
31 Worldometers.info 2020. Dados compilados de fontes oficiais ao redor do globo. Último acesso em 1º de outubro de 2020.
32 Pols 2012 e Oudshoorn 2011.

33 Wilding e Baldassar 2018. Ver também Lutz 2018. Ver também Baldassar et al. 2017 e Baldassar et al. 2016.
34 Por exemplo, Ticktin 2011, e, ainda, a edição especial da *Ethnos* dedicada ao "Cuidado na Ásia". Ver Johnson e Lindquist 2020. Para uma abordagem dos impasses gerais sobre cuidado e vigilância, ver, ainda, Schwennesen 2019.
35 Kavedžija 2019.
36 Morozov 2020.
37 *The Economist*, 16 de abril de 2020.
38 Wang 2019a.
39 Wang 2019b.
40 Vide Rossler 2005, 22: "A teoria da privacidade com a qual estaremos lidando a seguir se pauta em uma moldura política e filosófica específica. A saber, o liberalismo", em tradução livre. Ver De Bruin 2010.
41 Importante notar que este argumento em particular sobre a privacidade "neo"-liberal é uma postura inicialmente assumida por Danny, parcialmente baseada em sua pesquisa: por exemplo, o dano causado em pacientes de asilo por conta da ênfase na confidencialidade (Miller 2017b, 41–50) e os problemas enfrentados pelos setores voluntários, criados pelas regulações europeias do GDPR. Não haveria um consenso sobre tais questões entre os autores, muitos dos quais enfatizavam muito mais os perigos da vigilância do que os perigos da privacidade.
42 Como no caso do incidente da garota com cocô de cachorro, em 2005. Ver Henig 2005.
43 BBC News 2020, 5 de março de 2020.
44 Asahi Digital 2020.
45 McGrath 2020.
46 Um tópico comum nas postagens de blog em andamento do "Educando para um Futuro Digital", tocado pela professora Sonia Livingstone, pela Doutora Alicia Blum-Ross, por Kate Gilchrist e Paige Mustain. Último acesso em 1º de outubro de 2020. O blog pode ser lido em: https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture.
47 Junto a Haidy Geismar e Hannah Knox, do Centro de Antropologia Digital (Centre for Digital Anthropology) da UCL. O website pode ser acessado em: https://anthrocovid.com/.
48 Por exemplo, nossos colegas da Antropologia Médica na UCL, cujo blog está disponível em: https://www.ucl.ac.uk/anthropology/study/graduate-taught/biosocial-medical-anthropology-msc/medical-anthropology-blog-posts, assim como em outros blogs colaborativos. Ver, por exemplo, Somatosphere.net 2020.
49 Vide os textos sobre coronavirus no "The Syllabus" de Morozov, em: https://the-syllabus.com/coronavirus-readings/. Ver, ainda, Lupton 2020.
50 A relação entre cuidado e vigilância, especialmente no contexto de famílias e domicílios, tem sido recentemente discutida de forma profunda em Hjorth et al. 2020. Um dos principais exemplos dos autores do que denominam "vigilância amigável" inclui evidências do trabalho de campo que realizaram em Xangai, no qual também relatam o desenvolvimento do cuidado à distância. Ver Hjorth et al. 2020, 65–73.
51 Duque 2020.

Apêndice: metodologia e conteúdo

O contexto

Na abertura do primeiro capítulo do livro, reconhecemos a baixa semelhança do smartphone com celulares anteriores, já que expandiu suas capacidades a ponto de abranger um extraordinário leque de usos. Ao concluirmos a leitura da obra, deveria ser difícil imaginar alguma área de peso das nossas vidas que não tenha passado a envolver os smartphones, ao menos num nível potencial. Se isso cria uma questão ao pesquisarmos smartphones, felizmente, a etnografia, principal método da antropologia, foi elaborada exatamente para se adequar ao problema. Assim, no âmbito do presente projeto, a etnografia toma por base uma "contextualização holística", o que significa que tudo o que estudamos é convertido, por sua vez, no contexto de estudo de algum outro ponto. Por exemplo, a fim de entender a família, podemos considerar o conceito de gênero enquanto contexto. Então, para entender como as pessoas conceituam o gênero, podemos examinar a família enquanto contexto. Em vez de adotarem hipóteses, os etnógrafos admitem que simplesmente não sabem, antecipadamente, o que será relevante em cada tópico estudado. Respondem tentando incluir observações que abrangem uma vasta gama de aspectos da vida cotidiana.

Embora designemos a contextualização holística como método, ela também consiste, simplesmente, num reflexo da realidade das vidas das pessoas. Ninguém existe apenas em relação à família, ou ao trabalho, ou às atividades online, ou às políticas, ou aos seus hábitos alimentícios. Existimos em relação a todos esses pontos simultaneamente. Na vida real, todos praticamos a contextualização holística e a etnografia reconhece isso. E esse mesmo reconhecimento se encaixa em uma definição alternativa de etnografia: um método que estuda as pessoas em meio às suas circunstâncias normais de vida, e não em uma configuração mais artificial, como, por exemplo, um laboratório ou um grupo focal.

O ideal holístico não se encerra nas fronteiras dos nossos campos etnográficos. Os motivos pelos quais as pessoas se comportam como o fazem podem, também, sofrer influências de forças comerciais, regulações governamentais, do tempo ou de outros fatores. Então a contextualização holística não apenas define a etnografia, como a transcende. Aqui, "holístico" significa incluir tudo o que se revelar importante para o entendimento das experiências dos nossos participantes de pesquisa, sendo ou não passível de observação através da etnografia. Por isso, em alguns pontos, a obra talvez tenha se pautado em materiais da história, da mídia ou da economia política em sentido amplo, como foi o caso das conclusões do capítulo 9. Neste *Smartphone Global*, porém, enfatizamos os resultados originais, advindos de nossas observações etnográficas primárias.

Enquanto, idealmente, seria necessário levar em conta todos os aspectos das vidas dos participantes de pesquisa, é necessário adotar um foco que privilegie algumas atividades, e não outras. Isto foi determinado pela aplicação inicial junto ao Conselho Europeu de Pesquisa, que financiou o projeto. A proposta detalhava uma abordagem tríplice, tomando como pilares o envelhecimento, os smartphones e a mHealth, e nossa pesquisa subsequente devia seguir estas determinações. Assim, cada capítulo mantém um foco sobre pessoas mais velhas, embora raramente isoladas – afinal de contas, seus smartphones as conectavam à família e aos amigos. Ao residirem em um lugar por 16 meses, os pesquisadores naturalmente fizeram amigos de todas as idades, inclusive as suas próprias.

O conceito de "pessoas mais velhas" de fato soa bastante vago. De início, entendíamos nosso foco como voltado para a meia idade, que, tipicamente, não se vê nem como jovem, nem como idosa. Mas a diversidade dos nossos campos etnográficos nos confrontou com experiências altamente variáveis, desde o Japão, onde alguns dos participantes talvez não se sentissem "idosos" aos 80 anos, até Uganda, onde pessoas poderiam ser consideradas velhas aos 40 anos, dependendo de seu estilo de vida. Um dos argumentos deste volume era de que o smartphone ocupou um papel de destaque na alteração das percepções de idade desenvolvidas pelas pessoas. Como visto no capítulo 7, quem tinha dificuldades em usar o smartphone sentia, muitas vezes, que, por isso, seria alocado na categoria de "velho", enquanto a proficiência em smartphone era, frequentemente, motivo para se entender como relativamente jovem. Debates sobre as relações intergeracionais são recorrentes ao longo da obra, simplesmente porque constatamos que o smartphone tinha sido profundamente envolvido neste

tipo de relacionamento. Muitas outras informações sobre os resultados dos projetos que são ligados ao envelhecimento podem ser obtidas nas monografias individuais. Todas serão publicadas com o título *Envelhecendo com Smartphones em...* (respectivo campo etnográfico).

O terceiro elemento do projeto, além dos smartphones e do envelhecimento, era a mHealth; isto justifica o foco em questões de saúde, como no caso, por exemplo, do capítulo 4. Como observamos no capítulo 1, as ambições para essa parte do projeto eram bastante diferentes daquelas dos estudos de envelhecimento, ou dos smartphones, porque também estavam direcionadas para questões mais práticas. Visava-se desenvolver estudos ou intervenções que, idealmente, trariam benefícios diretos ao bem-estar da população das regiões aqui trabalhadas. Assim como no caso do envelhecimento e dos smartphones, porém, nosso entendimento sobre a temática se alterou substancialmente, em relação às expectativas iniciais. Em suma, ao longo do andamento da pesquisa, o principal caminho trilhado pelos estudos distanciou o projeto do seu foco inicial, na mHealth convencional, entendida como a produção de aplicativos de smartphone destinados exclusivamente à saúde. Descobrimos que a maioria destes aplicativos impactava relativamente pouco as populações etnográficas estudadas. Alterou-se, portanto, o foco para uma ênfase no uso já corriqueiro de aplicativos genéricos, como o WeChat, o WhatsApp ou o Youtube, para fins de saúde. Os resultados de tais estudos serão publicados à parte[1], mas influenciaram consideravelmente a abordagem do presente livro. O debate sobre saúde predomina, por exemplo, no capítulo 4 e no primeiro terço do capítulo 8.

Etnografia

Como vimos acima, a etnografia é o principal método de pesquisa dos antropólogos. Tem por intuito estudar as pessoas enquanto seguem suas vidas cotidianas – objetivo que pode ser atingido de várias maneiras. Vale mais ser flexível e alternar os métodos enquanto se aprende sobre cada população específica, e, de fato, sobre cada participante específico da pesquisa. Em um lugar, a amizade pode ser criada ao irmos em festas; em outro, ao frequentarmos cerimônias religiosas. Para que se tenha uma noção de como emergiram os achados desta obra, pode ajudar imaginar a etnografia como um círculo de quatro segmentos, em que cada um se mescla aos outros (Fig. A.1).

O primeiro segmento consiste no que, via de regra, é entendido como coração da etnografia – a observação participante. A equipe passou

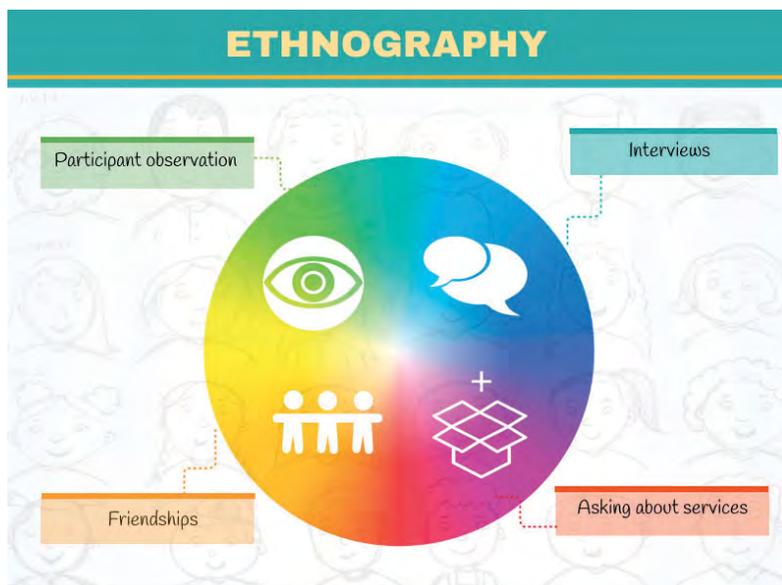



Figura A.1 Infográfico da etnografia como um círculo, com elementos mesclados uns aos outros. Criação de Xinyuan Wang.

o tempo junto aos participantes compartilhando de suas experiências. Charlotte e Patrick se juntaram aos esquemas de vaquinha rotativa, com seus encontros frequentes. Pauline aderiu a caminhadas regulares com um grupo de Thornhill. Alfonso se envolveu profundamente nas atividades religiosas dos peruanos que residiam em Santiago. Laura acompanhou, periodicamente, os jantares só de mulheres das participantes e se voluntariou para um check-up de saúde, enquanto Shireen se juntou a coros e grupos de costura. Algumas das participações derivaram de suas próprias iniciativas. Alfonso, Danny, Marília, Maya e Pauline se envolveram, todos, com o ensino de smartphones para pessoas mais velhas, enquanto Xinyuan colaborou no desenvolvimento de exposições para e junto à sua vizinhança. Laila participou ativamente dos grupos de mulheres de al-Quds. Para um pesquisador, a maioria dos dias é dedicada a este tipo de observação participante. É o envolvimento mais imersivo e mais intenso da pesquisa.

Em um projeto de antropologia digital, a observação participante passa a se estender ao nosso envolvimento direto em mundos online, como as plataformas de redes sociais. Eis aí outro domínio em que podemos, casualmente, observar os modos de comunicação dos participantes de pesquisa, sublinhando, por exemplo, a popularidade das figurinhas em bate-papos de LINE no Japão.

O segundo segmento dos quadrantes etnográficos consiste nas entrevistas. Para cada uma das três áreas-chave de pesquisa (envelhecimento, smartphones e saúde), o pesquisador ou a pesquisadora concordou em entrevistar e gravar ao menos 25 pessoas. Esse conjunto não foi entendido como uma amostra formal, mas sim utilizado para ter uma noção do que era mais comum entre os participantes de pesquisa e, consequentemente, apropriado como ponto a ser generalizado. As entrevistas eram fechadas e informais. Entrevistas são de grande ajuda para registrar como as pessoas discutem temáticas com suas próprias palavras; elas permitiram que o presente livro incluísse diversos exemplos de como elas mesmas se expressavam. As entrevistas auxiliam, ainda, o entrevistador a avaliar o que soa típico de uma população, e a explorar o que parecem ser preferências peculiares de cada indivíduo. Tal material foi particularmente importante para o capítulo 2, que traz um debate sobre o discurso – ou seja, o que se diz sobre os smartphones.

Um conjunto de entrevistas foi especialmente relevante para o conteúdo do livro; ele foi sintetizado no capítulo 4. Durante as entrevistas, pediu-se às pessoas que percorressem, um por um, cada aplicativo de seus smartphones e discutissem o uso que deles faziam. Ocasionalmente, pedíamos mais detalhes, como quantas ligações tinham realizado na semana anterior, a que grupos de WhatsApp pertenciam e quantos eram compostos apenas por familiares. Como observado no capítulo 2, é possível que pessoas mais velhas desprezem seu próprio uso de smartphones em uma conversa geral, afirmando que o usam apenas para mensagens de texto e ligações de voz. Porém, ao percorrer, um por um cada aplicativo existente no aparelho, emergia um panorama distinto. Frequentemente, constatava-se que os mesmos participantes de pesquisa estavam usando por volta de 25 a 30 aplicativos e funções diferentes, cujo debate poderia levar a histórias e exemplos que não tinham sido diretamente observados.

Ao longo dos 16 meses, contudo, as entrevistas podiam se tornar bem menos importantes do que uma conversa de três horas mantida com alguém enquanto se caminhava no campo, ou do que uma fofoca ouvida enquanto se tomava um café. Tais encontros podiam levar ao terceiro segmento, que consiste nas amizades. Seria estranho morar em um lugar por 16 meses sem fazer nenhum amigo. Esses, por sua vez, não são, de modo algum, "fake" ou apenas instrumentais. As amizades criadas durante o trabalho de campo são, muitas vezes, duradouras e continuam por muito tempo após o fim do campo etnográfico. Muitos dos insights centrais que pautam o livro vieram de amigos que os pesquisadores conheceram durante o trabalho de campo; também vieram alguns insights mais cotidianos (Fig. A.2). Escrevemos sobre nossos amigos

Figura A.2 Danny logo aprendeu a não visitar alguém sem levar um brack, um tipo de pão de frutas popular na Irlanda. Fotografia de Daniel Miller.

mediante autorização e após realizarmos debates sobre ética e anonimato. Faz parte da amizade deixar claro para os envolvidos que estamos residindo em um lugar como etnógrafos profissionais, e que estamos tentando aprender sobre o cotidiano do local, o que significa, inevitavelmente, também aprender com eles.

Explicamos aos nossos participantes de pesquisa como os conhecimentos levantados poderiam ser usados para fins educativos e de publicação, garantindo que todos estivessem cientes disso. Ao longo do tempo, as pessoas se tranquilizaram quanto à nossa discrição, que não divulgaria fofocas; muitas vezes, descobriam que, uma vez constituída a confiança, é bastante catártico ter alguém com quem conversar, sem ser um parente ou membro de uma rede social estabelecida. Ainda hoje, Danny é amigo de alguns dos trinitinos que conheceu durante seu trabalho de campo em Trinidad e Tobago, durante a década de 1980. Começaram como participantes de pesquisa, mas hoje se tornaram bons amigos. Danny planeja retornar, em breve, a Trinidad, situação em que rapidamente eles voltarão a ser participantes de pesquisa.

Graças às redes sociais, esta continuidade tende a ser muito mais forte hoje. Os fundamentos dessas amizades jazem na confiança, que também é a base da etnografia. É o que torna estes estudos colaborativos – não apenas junto aos participantes de pesquisa, mas também junto aos demais autores. Quase todo mundo é fascinado por smartphones. Os participantes de pesquisa tornados amigos podem estar tão interessados em entender e explicar o que fazem com smartphones quanto nós, pesquisadores. É comum um antropólogo falar sobre seus insights e

análises iniciais, e, então, solicitar comentários sobre se estas alternativas soam plausíveis e verossímeis em relação às experiências desses amigos. Mas estamos preparados para contradizer nossos participantes de pesquisa quando, por exemplo, suas práticas destoam do que eles alegam fazer.

O segmento final abarca debates com pessoas que fornecem serviços nos campos etnográficos locais. Isto inclui, entre outros, funcionários de lojas de conserto de celular, trabalhadores da saúde, cabeleireiros ou trabalhadores de espaços de grande circulação, como bares. Podem ser motoristas de táxi, policiais ou conselheiros ou psicoterapeutas; podem ser políticos ou faxineiros. Pessoas que ocupam tais posições detêm acesso a experiências ou observações capazes de fornecer valiosa informação extra. Isto, por sua vez, auxilia o etnográfo a entender melhor o contexto.

O centro do círculo da figura A.1 está embaçado porque os segmentos não se separam. O mesmo indivíduo pode aparecer nos quatro espaços. Todos dependem do fundamental engajamento de passar um tempo significativo em nossos respectivos campos etnográficos. Um intervalo de 16 meses garante que a pesquisa não seja meramente anedótica, mas consolidada a partir da busca por padrões e de repetições de comportamento. Isto é essencial para o estabelecimento da confiança, já que esta é que permite às pessoas se sentirem confortáveis ao falarem sobre o que sentem – em oposição a como estimam que se sentiriam, ou acham que "deveriam" falar a um pesquisador. O ideal da contextualização holística depende desse mesmo engajamento de longo-prazo. É preciso tempo para perceber como é a vida em uma vizinhança, para sentir os ritmos da vida cotidiana, para explorar tanto os lugares onde há comunidade, quanto aqueles em que há isolamento e solidão. Nesses últimos, encontramos pessoas com quem simplesmente não cruzaríamos, ou de quem não ouviríamos falar se não residíssemos no campo etnográfico por muitos meses.

A presente pesquisa é um desdobramento de um programa de antropologia digital estabelecido na University College London[2] - programa este que se propôs a reconhecer a crescente importância das atividades online em nossas vidas. Contudo, a antropologia digital não equivale à etnografia na internet. A maior parte dos campos etnográficos do presente projeto consistiu em etnografia offline tradicional. Os componentes online da etnografia tenderam a se desenvolver de forma mais orgânica, a partir da nossa presença offline. À medida que as pessoas usam, cada vez mais, o WeChat ou o Facebook para interagir com terceiros, os pesquisadores tenderão a se envolver com eles de forma online, tanto quanto offline. À medida que passam a pertencer à

comunidade local, os pesquisadores participam da faceta pública de mundos online, que se tornaram um recurso coletivo importante. A maioria dos campos etnográficos do projeto se encerrou em junho de 2019, com a exceção do de al-Quds, porque as pesquisadoras também tinham outro emprego. Mas hoje em dia, já que as etnografias desenvolvem amizades e participam das redes sociais, é preciso haver continuidade – algo especialmente importante, nesse caso, por conta dos eventos em torno da pandemia de COVID-19. Naturalmente, todos os autores do livro se preocuparam com o bem-estar dos participantes e mantiveram contato com eles ao longo desse período. Como resultado, parte das observações contidas nesta obra abarcam os eventos mais recentes, em vez de concluir com o desfecho formal do trabalho do campo.

Se o uso do smartphone é o tema de pesquisa, o aparelho também tem se tornado uma importante ferramenta para pesquisar. Os smartphones permitiram que a equipe seguisse constantemente conectada com os colaboradores, basicamente do mesmo modo como essas mesmas pessoas permaneciam conectadas entre si[3]. E os smartphones permitiram que mantivéssemos contato não só com os participantes de pesquisa, mas com amigos, parceiros e parentes, em casa. Novas tecnologias digitais nos habilitaram, ainda, a trabalhar de forma colaborativa e comparativa, que, talvez, não fosse possível antes. Ao longo do trabalho de campo, os pesquisadores escreviam relatórios mensais de 5 mil palavras; estes eram, então, lidos pelos demais membros da equipe e discutidos coletivamente, a cada mês, via Skype. Tais encontros incluíam, ainda, debates coletivos sobre no que focar durante o mês seguinte. Uma interação mais constante ocorria via WhatsApp e email. Por meio das discussões, brigas, bebidas e risadas, compartilhamos nossas histórias ocorridas no trabalho de campo, redescobrimos, espontaneamente, elementos comparativos através de conversas online e offline.

Comparação e generalização

O projeto foi composto por 11 pesquisadores, que realizaram 10 etnografias em 9 países. Uma brevíssima apresentação dos pesquisadores e de seus campos etnográficos pode ser vista no curta metragem abaixo (Fig. A.3).

A habilidade de um pesquisador comparar e contrastar suas próprias descobertas, junto às dos demais pesquisadores da equipe, era um trunfo considerável. Após alguns meses, é certo que o etnógrafo ou a etnógrafa comece a dar por garantida a maneira como as pessoas usam, localmente,

seus smartphones. Durante os debates, dão-se conta que o que estiveram observando como um uso lógico do WhatsApp se revela, em outro campo etnográfico, como algo que as pessoas fazem mais pelo YouTube. As pessoas de um campo etnográfico contrastam com as de outro, até mesmo sobre aceitar que pessoas mudaram sua aparência ao postarem na internet. A constante confrontação com evidências de que populações de outros campos etnográficos fazem as coisas de modo distinto lembra, a cada antropólogo, que é preciso explicar o que é feito segundo suas próprias observações – que nenhuma população é mais "natural" do que qualquer outra.

Conforme observamos várias vezes ao longo da obra, tomamos o cuidado de delinear as unidades que estivessem sendo comparadas. Um campo etnográfico na China não responde pelos "chineses". Assim como todos os homens de baixa renda e de meia idade de Santiago não são a mesma pessoa. Via de regra, as pessoas são indivíduos incrive- lmente diferentes – ainda assim, o livro está repleto de generalizações. Sublinhamos, ainda, que um dos principais pontos da etnografia de longo prazo é observar as repetições e os padrões, a fim apontar que tipos de coisa podem ser entendidas como típicas, o que não equivale a estereotipar. Constatar que as pessoas do campo etnográfico de Xangai gostam de usar códigos QR mais do que as pessoas do campo etnográfico irlandês é uma generalização baseada em nossas observações. Não implica em uma preferência como propriedade inerente do ser chinês. É perfeitamente possível que haja participantes do campo etnográfico de Xangai que detestem códigos QR, e, daqui a 20 anos, quem sabe as pessoas do campo

Figura A.3 Filme: Quem somos. Disponível online em http://bit.ly/assawhoweare.

etnográfico irlandês gostem mais destes códigos do que as de Xangai. Tudo o que observamos é resultado do crescimento das pessoas em meio a normas e expectativas da sociedade a que pertencem, enquanto florescem ao longo do tempo. Seu comportamento seria diferente se tivessem sido socializadas em outra região. Uma generalização não é um estereótipo, porque não é essencialista. Nada nesta obra considera um comportamento com algo inato, ou o associa a uma propriedade particular de qualquer pessoa, de qualquer categoria da humanidade.

Shireen trabalhou em uma vizinhança de Milão que inclui muitas pessoas de origem estrangeira. Todas, incluindo indivíduos do Egito, do Peru e das Filipinas, além de oriundos da região Hazara, no Afeganistão, tinham chegado na Itália em momentos diferentes e circunstâncias variáveis. Ao lidar com temáticas como as de cidadania e identidade, Shireen poderia ter organizado seus resultados como um contraste entre italianos e migrantes. Em vez disso, ela focou na diversidade maior de experiências da configuração urbana em questão, reconhecendo que muitos dos italianos de Milão eram, eles mesmos, migrantes de outras regiões da Itália. Sua abordagem ressalta como é importante entender as categorizações sociais, legais e políticas das pessoas, processo que envolveu documentar experiências de exclusão e inclusão. Uma última questão relativa à generalização é o teor multi-autoral do livro. Quando surge uma afirmativa, não se pode assumir que todos os autores concordem com o que está sendo defendido, ou que todo mundo dos campos etnográficos esteja de acordo com o ponto. O livro, porém, seria muito tedioso se essa ressalva fosse inserida a cada frase.

Toda a equipe realizou mais levantamentos quantitativos do que aqueles que foram inseridos na obra. Preferimos entender nossas constatações quantitativas como complementares às evidências centrais, qualitativas. Os levantamentos podem nos ajudar a entender o quão típica é uma coisa, mas não queremos privilegiá-los a ponto de subvalorizar fatores que não sejam quantificáveis. Um exemplo vem no debate sobre quantos aplicativos são usados pelas pessoas, no capítulo 4. A autoridade desta obra vem muito mais da imersão na observação participante, ao longo de 16 meses. Na outra ponta do espectro metodológico, o uso de histórias e vinhetas pode levar à impressão, igualmente errônea, de que o trabalho de campo adotou um teor anedótico. Anedotas podem ser coletadas durante uma visita de duas semanas. O propósito de permanecer por 16 meses é de observar padrões de comportamento cotidiano ao longo do tempo, permitindo ao antropólogo ou antropóloga entender com clareza se um caso é razoavelmente típico ou excêntrico – e por que.

Ética

Um projeto de pesquisa que inclui 10 etnografias simultâneas, em 9 países diferentes, envolveu a implementação de uma larga variedade de padrões éticos. Alguns se basearam na conformidade em relação a uma série de requisitos estipulados pelos comitês de ética, incluindo o Conselho Europeu de Pesquisa e a University College London, assim como no acompanhamento de políticas específicas de comitês de ética institucionais e nacionais, em cada um dos campos etnográficos. Taís políticas garantem que os participantes sejam plenamente informados sobre a pesquisa e os objetivos de divulgação do projeto, incluindo o uso de formulários de consentimento e de proteção de dados. A anonimidade é central para a ética de nosso projeto: as pessoas não deveriam ser reconhecidas, a menos, como no caso de alguns dos filmes, que tenham desejado sê-lo. Vários métodos foram adotados para contribuir para o anonimato. Nomes foram modificados e, em alguns casos, usou-se pseudônimos para localidades. Os detalhes pessoais que não fossem relevantes para os temas abordados também podem ter sido modificados, pelo mesmo motivo. O trabalho online traz uma dimensão extra. Em alguns dos casos, as pessoas estão confortáveis ao terem observadas as suas postagens das redes sociais, mas não esperam que você, pesquisador, poste. Em outros lugares, as pessoas se sentem confortáveis apenas se você postar do mesmo jeito que elas.

Para antropólogos, a ética vai muito além dos requisitos a serem cumpridos, estabelecidos pelos comitês de ética. Em nossa equipe, o ponto básico era simplesmente garantir que nenhum prejuízo recaísse, a qualquer momento, sobre qualquer participante da nossa pesquisa. Evitar o prejuízo exigiu que fôssemos sensíveis a ideias locais e pessoais sobre comportamento apropriado, por exemplo, em relação ao compartilhamento de informação. Por vezes, o etnógrafo ou a etnógrafa enfrenta, ainda, decisões difíceis sobre como responder a emergências de saúde ou a questões financeiras, que podem ter um impacto de longo prazo em relação a como são vistos, ou a como as pessoas percebem a natureza da amizade que criaram. Ademais, podem prestar atenção ao que o antropólogo Didier Fassin descreve como "ética situada"[4]. O lugar do etnógrafo ou etnógrafa inclui os sentimentos das pessoas em relação à nacionalidade, ou ao gênero. A equipe ASSA inclui tanto pesquisadores que fazem parte da população estudada, quanto pesquisadores advindos de populações muito diferentes daquelas de seu campo etnográfico[5]. Na Irlanda, por exemplo, Pauline trabalhou como antropóloga irlandesa; Danny, por ser britânico, podia ser percebido como representante do antigo regime colonial. Em alguns campos etnográficos,

foram empregados assistentes de pesquisa. Charlotte, pesquisadora britânica, trabalhou em Kampala com participantes de pesquisa oriundos de várias regiões de Uganda, e que falavam muitos idiomas diferentes. O projeto foi facilitado por uma co-pesquisadora e sua família. Eles tinham crescido na região e eram conhecidos e respeitados em meio à comunidade.

Laila é membro ativa da comunidade de al-Quds. Patrick nasceu nos Camarões, mas já vivia no estrangeiro há dez anos quando começou o campo etnográfico, embora voltasse todo ano ao país. As profundas mudanças ocorridas nos Camarões, ao longo da década em questão, criam uma ambiguidade em seu sentido de ser um "insider". Tal ambiguidade se reflete na atitude dos locais, que, por vezes, o veem como um mbenguista – um termo local para camaronenses na diáspora ocidental. Como argumenta o antropólogo camaronês Francis B. Nyamnjoh[6], a etnografia é um diálogo em andamento, uma "colaboração de vozes"[7]. É provável que as questões de "conectividade" venham à tona quando o tema de estudo são os smartphones, o principal dispositivo, hoje, através do qual as pessoas se conectam.

Disseminação

É possível adotar vários estilos para a redação de livros acadêmicos, dependendo da audiência à qual se destinam. Em nosso caso, assumimos que um entendimento maior sobre o uso e as consequências do smartphone seriam tema de interesse de praticamente qualquer um, em qualquer lugar. Por esse motivo, o livro foi escrito para abranger uma audiência muito maior do que a maioria das obras das ciências sociais. Embora os debates do capítulo 9 tenham sido etiquetados de "teóricos", tentamos redigi-los inteiramente em uma linguagem coloquial, acessível a quem quer que tenha concluído o ensino médio, ou secundário, ou tenha recém-ingressado na universidade. Todos os livros desta série são publicados no formato de acesso aberto. Podem, portanto, ser baixados gratuitamente, então não há custos envolvidos para o leitor. Até onde o orçamento permite, estamos investindo em traduções para garantir que as populações pesquisadas também tenham acesso gratuito aos resultados. De quebra, temos realizado postagens de blog, ao longo do trabalho de campo e durante a redação do livro, além de realizar curta-metragens para comunicar nossos resultados de pesquisa de maneira acessível. Todo o material pode ser encontrado no site do projeto[8].

Conforme observado no texto principal, o estilo do texto foi deliberadamente construído com o uso de pequenos retratos dos

indivíduos. Estes retratos têm o intuito de reforçar nosso engajamento para um humanismo que respeite o teor único de todos os indivíduos que conhecemos como participantes da pesquisa. Reconhecê-los como indivíduos contrabalança a necessidade de uma obra acadêmica de conter generalizações analíticas e teóricas, assim como abstrações. Para transmitir a atmosfera multisensorial dos campos etnográficos, contudo, recomendamos fortemente que assistam a alguns dos curta-metragens gravados como parte do próprio trabalho de campo[9]. Cada autor da obra ficará frustrado pelo fato de que os trechos aqui publicados, de cada campo etnográfico, sejam tão curtos e apresentados fora de um contexto mais amplo. Os autores gostariam, portanto, que os leitores que quiserem se engajar mais e entender os contextos maiores se sintam tentados a ler, ainda, as suas monografias.

Notas

1 Por exemplo, Duque 2020.
2 Horst e Miller 2012. A Antropologia Digital é, ainda, o campo a partir do qual boa parte da equipe foi treinada.
3 Ver de Bruijn et al. 2009, 15. A introdução deste livro inclui um trecho de Married But Available, A Novel [Casados porém Disponíveis, um Romance, em tradução livre], por Francis B. Nyamnjoh. Nesta obra, “Lily Loveless”, pesquisadora europeia fictícia, criada por Nyamnjoh, que está visitando a África, perde seu celular e, ao mesmo tempo, suas redes, suas relações, sua identidade e o sentido de segurança e de normalidade. Esta história é usada para descrever o celular tanto como ferramenta etnográfica quanto tema relevante, conectando as pessoas às suas relações sociais, e, consequentemente, expondo-as.
4 Fassin 2008.
5 Para mais debates sobre a situação de insiders e outsiders, ver Griffith 1998 e Merton 1972.
6 Nyamnjoh 2012.
7 Clifford 1986.
8 O blog do projeto pode ser acessado em: https://www.ucl.ac.uk/anthropology/assa/. O site do projeto pode ser acessado em: https://www.ucl.ac.uk/anthropology/assa/.
9 Em geral, os filmes duram alguns minutos e podem ser vistos no canal do YouTube do projeto, em: https://www.youtube.com/channel/UC8gpt3_urYwiNuoB83PVJlg. Para vídeos específicos sobre metodologia, ver: https://www.youtube.com/playlist?list=PLm6rBY2z_0_gCJCxU5ninztHVIP_ZewZn.

Bibliografia

Abacus News (Part of SMCP). 2019. “Podcasts are booming in China and Ximalaya FM leads the charge”. 30 de agosto de 2919. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.abacusnews.com/digitallife/podcasts-are-booming-china-and-ximalaya-fm-leads-charge/article/3025066.

Accessa, S. P. 2018. “RG 033 – Resultados – POnline 2017”. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://www.acessasp.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/ponline-2017.pdf.

Agar, Jon. 2013. *Constant Touch: A global history of the mobile phone*. Londres: Icon.

Ahlin, Tanja. 2018a. “Frequent callers: ‘Good care’ with ICTs in Indian transnational families”. *Medical Anthropology* 39 (1): 69–82. https://doi.org/10.1080/01459740.2018.1532424.

Ahlin, Tanja. 2018b. “Only near is dear? Doing elderly care with everyday ICTs in Indian transnational families: Elderly care with ICTs in Indian families”. *Medical Anthropology Quarterly* 32 (1): 85–102. https://doi.org/10.1111/maq.12404.

Ahmed, Sara. 2004. “Affective economies”. *Social Text* 22 (2): 117–39. https://doi.org/10.1215/01642472-22-2_79-117.

Akimoto, A. 2013. “Looking at 2013’s Japanese social-media scene”. *The Japan Times*, 17 de diciembre de 2013. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.japantimes.co.jp/life/2013/12/17/digital/looking-at-2013s-japanese-social-media-scene-3/#.Xl4ycaj7Q2w.

Al Jazeera. 2017. “Cameroon shuts down internet in English-speaking áreas”. *Al Jazeera*, 26 de enero de 2017. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.aljazeera.com/news/2017/01/cameroonanglophone-areas-suffer-internet-blackout-170125174215077.html.

Albarrán-Torres, C. y G. Goggin. 2017. “Mobile betting apps – Odds on the social”. En *Smartphone Cultures*, editado por J. Vincent y L. Haddon, 25–37. Londres: Routledge.

Al-Heeti, Abrar. 2019. “Facebook lost 15 million US users in the past two years, report says – CNET”. CNET. 6 de marzo de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.cnet.com/news/facebook-lost-15-million-us-users-in-the-past-two-years-report-says/.

Allison, Anne. 2014. *Precarious Japan*. Durham, NC: Duke University Press.

Andall, Jacqueline. 2002. “Second-generation attitude? African-Italians in Milan”. *Journal of Ethnic and Migration Studies* 28 (3): 389–407. https://doi.org/10.1080/13691830220146518.

Anderson, M. Y A. Perrin. 2017. “Tech adoption climbs among older adults”. PEW Research Center. 17 de mayo de 2017. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.pewresearch.org/internet/2017/05/17/tech-adoption-climbs-among-older-adults/.

Andjelic, J. 2020. “WhatsApp statistics: Revenue, usage, and history” (actualizado en mayo de 2020). Fortunly. Mayo de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://fortunly.com/statistics/whatsapp-statistics/#gref.

Anthrocovid.com. 2020. “Collecting COVID-19 | anthropological responses”. Anthrocovid.com.2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://anthrocovid.com/.

Antonsich, M., S. Camilotti, L. Mari, S. Pasta, V. Pecorelli, R. Petrillo y S. Pozzi. 2020. “New Italians: The re-making of the nation in the age of migration”. Sitio web de investigación. *New Italians*. 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://newitalians.eu/en/.

Apple Inc. 2020. “Buy iPhone 11 Pro”. Sitio web Apple 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.apple.com/us-hed/shop/buy-iphone/iphone-11-pro.

Apple Inc. 2020. “Preparing apps for review”. Apple Developer. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://developer.apple.com/app-store/review/.

Archambault, J. 2017. *Mobile Secrets: Youth, intimacy, and the politics of pretense in Mozambique*. Chicago: University of Chicago Press.

Ardener, Shirley. 1964. "The comparative study of rotating credit associations". *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* 94 (2): 201. https://doi.org/10.2307/2844382.

Asahi Digital. 2020. "10万円給付、窓口に人が殺到 総務相「改善が必要」". *Asahi Digital*, 12 May 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.asahi.com/articles/ASN5D3K6YN5DULFA00C.html.

Augé, Marc. 2008. *Non-Places: Introduction to an anthropology of supermodernity*, segunda edición en inglés. Londres; Nueva York: Verso.

Baldassar, Loretta, Mihaela Nedelcu, Laura Merla y Raelene Wilding. 2016. "ICT-based co-presence in transnational families and communities: Challenging the premise of face-to face proximity in sustaining relationships". *Global Networks* 16 (2): 133–44. https://doi.org/10.1111/glob.12108.

Baldassar, Loretta, Raeline Wilding, Paolo Boccagni y Laura Merla. 2017. "Aging in place in a mobile world: New media and older people's support networks". *Transnational Social Review* 7 (1): 2–9. https://doi.org/10.1080/21931674.2016.1277864.

Barry, Christopher T., Hannah Doucette, Della C. Loflin, Nicole Rivera-Hudson y Lacey L. Herrington. 2017. "Let me take a selfie: Associations between self-photography, narcissism, and self-esteem". *Psychology of Popular Media Culture* 6 (1): 48–60. https://doi.org/10.1037/ppm0000089.

Bateman, Tom. 2020. "Coronavirus: Israel turns surveillance tools on itself". BBC News, 11 May 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.bbc.com/news/world-middle-east-52579475.

Baym, N. 2010. *Personal Connections in the Digital Age*. Cambridge: Polity.

BBC News. 2007. "Apple's 'magical' iPhone unveiled". 9 de enero de 2007. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://news.bbc.co.uk/1/hi/technology/6246063.stm.

BBC News. 2014. "Facebook to buy messaging app WhatsApp for $19bn". 20 de febrero de 2014. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.bbc.co.uk/news/business-26266689.

BBC News. 2016. "WhatsApp is now free (and there still won't be adverts)". 18 de enero de 2016. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://www.bbc.co.uk/newsbeat/article/35345731/whatsapp-is-now-free-and-there-still-wont-be-adverts.

BBC News. 2020. "Coronavirus privacy: Are South Korea's alerts too revealing?" 5 de marzo de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-51733145.

Bell, C. and J. Lyall. 2005. "I was here": Pixelated evidence". En *The Media and the Tourist Imagination: Converging cultures*, editado por D. Crouch, R. Jackson y F. Thompson. Londres: Penguin Books.

Benedict, R. 1946. *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese culture*. Boston, MA: Houghton Mifflin.

Bernal, Victoria. 2014. Nation as Network: Diaspora, cyberspace, and citizenship. Chicago: University of Chicago Press.

Bhardwaj, P. 2018. "Tencent's business is about as big as Facebook's thanks to its stronghold in China". *Business Insider*. 16 de mayo de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.businessinsider.com/tencent-compare-facebook-revenue-charts-2018-5?r=US&IR=T.

Bikoko, A. B. 2017. "Cameroun: Le téléphone portable, au-delà de la valeur d'usage, la mort". *Mediaterre*, 26 de julio de 2017. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.mediaterre.org/climat/actu,20170726042927,6.html.

Bogost, Ian. 2020. "Every place is the same now". *The Atlantic*. 16 de enero de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.theatlantic.com/technology/archive/2020/01/smartphone-has-ruined-space/605077/.

Bolter, Jay David y Richard Grusin. 2003. *Remediation: Understanding new media*. Sexta edición. Cambridge, MA: MIT Press.

Boullier, D. 2002. "Objets communicants, avez-vous donc une âme ? Enjeux anthropologiques". *Les Cahiers Du Numérique* 3 (4): 45–60.

Boumans, J. 2005. "Paid content: From free to fee". En *E-Content Technologies and Perspectives for the European Market*, editado por P. A. Bruck, Z. Karssen, A. Buchholz y A. Zerfass, 55–75. Berlin; Heidelberg: Springer. https://doi.org/10.1007/3-540-26387-X_3.

Bourdieu, Pierre. 1977. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

Boyd, Danah y Kate Crawford. 2012. “Critical questions for Big Data: Provocations for a cultural, technological, and scholarly phenomenon”. *Information, Communication & Society* 15 (5): 662–79. https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.678878.

Boyd, Danah. 2014. *It’s Complicated: The social lives of networked teens*. New Haven, CT: Yale University Press.

Boyd, Joshua. 2019. “The history of Facebook: From BASIC to global giant”. Brandwatch Blog (blog). 25 January 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.brandwatch.com/blog/history-offacebook/.

Boylan, Dan. 2018. “Ugandans riot after President imposes social media tax to fight ‘fake News’ and gossip”. *The Washington Times*, 15 de julio de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.washingtontimes.com/news/2018/jul/15/yoweri-museveni-ugandapresident-fights-fake-news-/.

Bruijn, M. de, F. Nyamnjoh y I. Brinkman, eds. 2009. *Mobile phones: The new talking drums of everyday Africa*. Bamenda, Camerún: Langaa Publishers.

Bruns, Axel. 2019. *Are Filter Bubbles Real?* Cambridge, Inglaterra; Medford, MA: Polity.

Bruns, Axel, Gunn Enli, E. Skogerbo, Anders Olof Larsson y C. Christensen. 2018. *The Routledge Companion to Social Media and Politics.* Nueva York, Londres: Routledge.

Brunton, F. 2018. “WeChat: Messaging apps and new social currency transaction tolos”. En *Appified: Culture in the age of apps*, editado por Jeremy Wade Morris y Sarah Murray, 179–87. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.

Buganda.com site. 2020. “The clans of Buganda”. Buganda.com. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://www.buganda.com/ebika.htm.

Bunz, Mercedes y Graham Meikle. 2017. *The Internet of Things*. Cambridge, Inglaterra; Malden, MA, Estados Unidos: Polity.

Burgess, Adam. 2004. *Cellular Phones, Public Fears, and a Culture of Precaution*. Nueva York: Cambridge University Press.

Burke, Hilda. 2019. *The Phone Addiction Workbook: How to identify smartphone dependency, stop compulsive behavior and develop a healthy relationship with your devices.* Berkeley, CA: Ulysses Press.

Burrell, Jenna. 2010. “Evaluating shared access: Social equality and the circulation of mobile phones in rural Uganda”. *Journal of Computer-Mediated Communication* 15 (2): 230–50. https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2010.01518.x.

Burrell, Jenna. 2012. *Invisible Users: Youth in the internet cafes of urban Ghana*. Cambridge, MA: MIT Press.

Bushey, R. 2014. “How Japan’s most popular messaging app emerged from the 2011 earthquake”. *Business Insider*. 12 de enero 2014. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.businessinsider.com/history-of-line-japan-app-2014-1?r=US&IR=T.

Cadwalladr, Carol y Emma Graham-Harrison. 2018. “Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach”. *The Guardian*, 17 de marzo de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election.

Cairncross, Frances. 1997. *The Death of Distance: How the communications revolution will change our lives*. Boston, MA: Harvard Business School Press.

Carrier, Mark. 2018. *From Smartphones to Social Media: How technology affects our brains and behavior*. Santa Barbara, CA: Greenwood, an imprint of ABC-CLIO, LLC.

Carroll, R. 2020. “Why Ireland’s data centre boom is complicating climate efforts”. *The Irish Times*, 6 de enero de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.irishtimes.com/business/technology/why-ireland-s-data-centre-boom-is-complicating-climate-efforts-1.4131768.

Cecilia. 2014. ‘WeChat dominates APAC mobile messaging in Q3 2014”. *China Internet Watch*. 27 de noviembre de 2014. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.chinainternetwatch.com/10939/wechat-dominates-apac-mobile-messaging-q3-2014/.

Chambers, D. 2014. *Social Media and Personal Relationships*. Londres: Palgrave Macmillan.

Chatzimilioudis, Georgios, Andreas Konstantinidis, Christos Laoudias y Demetrios Zeinalipour-Yazti. 2012. “Crowdsourcing with smartphones”. *IEEE Internet Computing* 16 (5): 36–44. https://doi.org/10.1109/MIC.2012.70.

Chen, X. and P. H. Ang. 2011. “The internet police in China: Regulation, scope and myths”. En *Online Society in China: Creating, celebrating, and instrumentalising the online carnival*, editatod por D. K. Herold yP. Marolt, 52–64. Abingdon, Oxon; Nueva York: Routledge.

Chen, Yujie, Zhifei Mao y Jack Linchuan Qiu. 2018. *Super-Sticky WeChat and Chinese Society*. Inglaterra: Emerald Publishing.

Cheng, Yinghong. 2009. *Creating the 'New Man': From Enlightenment ideals to socialist realities*. Honolulu: University of Hawai'i Press.

Clark, Lynn Schofield. 2013. *The Parent App: Understanding families in the digital age*. Oxford, Nueva York: Oxford University Press.

Clements, Alan. 2014. *Computer Organization & Architecture: Themes and variations*. Stamford, CT: Cengage Learning.

Clifford, J. 1986. "Introduction: Partial truths". En *Writing Culture: The poetics and politics of ethnography*, editado por J. Clifford y G. E. Marcus, 1–26. Berkeley, CA: University of California Press.

Clough, Marinaro, I. y J. Walston. 2010. "Italy's 'second generations': The sons and daughters of migrants". *Bulletin of Italian Politics* 2 (1): 5–19.

Coleman, E. Gabriella. 2013. *Coding Freedom: The ethics and aesthetics of hacking*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Coleman, E. Gabriella. 2014. *Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy: The many faces of Anonymous*. Londres; Nueva York: Verso.

Costa, Elisabetta. 2018. "Affordances-in-Practice: An ethnographic critique of social media logic and context collapse". *New Media & Society* 20 (10): 3641–56. https://doi.org/10.1177/1461444818756290.

Couldry, Nick, Sonia Livingstone y Tim Markham. 2007."'Connection or disconnection?: Tracking the mediated public sphere in everyday life".En *Media and Public Spheres*, editado por Richard Butsch, 28–42. Basingstoke, Inglaterra: Palgrave Macmillan.

Couldry, Nick y Ulises Ali Mejias. 2019. *The Costs of Connection: How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Counterpoint. 2019. "India smartphone market share: By quarter". Counterpoint Research (blog). 27 de noviembre de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.counterpointresearch.com/india-smartphone-share/.

Corte de Justicia de la Unión Europea. 2014. "Judgment in Joined Cases C-293/12 and C-594/12: Digital rights Ireland and Seitlinger and others. The Court of Justice declares the data retention directive to be invalid". 8 de abril 2014. Consultado el 25 de mayo de 2020. https://curia.europa.eu/jcms/upload/docs/application/pdf/2014-04/cp140054en.pdf.

Cronin, Michael. 2013. *Translation in the Digital Age*. Primera edición. Londres: Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203073599.

Cruz, Edgar Gómez y Ramaswami Harindranath. 2020. "WhatsApp as 'technology of Life': Reframing research agendas". *First Monday* 25 (12). https://doi.org/10.5210/fm.v25i12.10405.

Daniels, Inge. 2015. "Feeling at home in contemporary Japan: Space, atmosphere and intimacy". *Emotion, Space and Society* 15 (Mayo): 47–55. https://doi.org/10.1016/j.emospa.2014.11.003.

DataSenado. 2019. "Redes sociais, notícias falsas e privacidade de dados na internet". Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/maisde-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opiniao-das-pessoas.

Dazzi, Zita. 2018. "Catena umana contro il razzismo in via Padova: Siamo cittadini, non clandestini". *La Repubblica*, 5 de mayo de 2018. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://milano.repubblica.it/cronaca/2018/05/05/news/catena_umana_via_padova-195600267/.

De Bruin, B. 2010. "The liberal value of privacy". *Law and Philosophy* 29 (5): 505–34.

De Pasquale, C., C. Sciacca yZ. Hichy. 2017. "Italian validation of smartphone addiction scale short version for adolescent and young adults (SAS-SV)". *Psychology* 8 (10): 1513–18. https://doi.org/10.4236/psych.2017.810100.

Deloitte. 2016. "Game of phones: Deloitte's mobile consumer survey. The Africa cut 2015/2016". Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/za/Documents/technology-media-telecommunications/ZA_Deloitte-Mobile-consumer-survey-Africa-300816.pdf.

Denworth, L. 2019. "Social media has not destroyed a generation". *Scientific American*, noviembre de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.scientificamerican.com/article/socialmedia-has-not-destroyed-a-generation/.

Deursen, Alexander J. A. M. van, Colin L. Bolle, Sabrina M. Hegner y Piet A. M. Kommers. 2015. “Modeling habitual and addictive smartphone behavior”. *Computers in Human Behavior* 45 (Abril): 411–20. https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.12.039.

Dijck, José van. 2007. *Mediated Memories in the Digital Age*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Dijk, Jan A. G. M. van. 2006. “Digital divide research, achievements and shortcomings”. *Poetics* 34 (4–5): 221–35. https://doi.org/10.1016/j.poetic.2006.05.004.

Dijk, Jan A. van yAlexander van Deursen. 2014. *Digital Skills: Unlocking the information society*. Nueva York, NY: Palgrave Macmillan.

Doi, Takeo. 1985. *Anatomy of Self: The individual versus society*. Japón: Kodansha.

Donner, Jonathan. 2015. *After Access: Inclusion, development, and a more mobile internet*. Cambridge, MA: MIT Press.

Donner, Jonathan y Patricia Mechael. 2013. *MHealth in Practice: Mobile technology for health promotion in the developing world*. Bloomsbury Academic. https://doi.org/10.5040/9781780932798.

Doron, Assa y Robin Jeffrey. 2013. *The Great Indian Phone Book: How the cheap cell phone changes business, politics, and daily life*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Douglas, M. 1991. “The idea of home: A kind of space”. *Social Research* 58 (1): 287–307.

Drazin, Adam y David Frohlich. 2007. “Good intentions: Remembering through framing photographs in English homes”. *Ethnos* 72 (1): 51–76. https://doi.org/10.1080/00141840701219536.

Drozdiak, N. 2016. “WhatsApp to drop subscription fee”. *The Wall Street Journal*, 18 de enero de 2016. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.wsj.com/articles/whatsapp-to-dropsubscription-fee-1453115467.

Duque Pereira, Marília. 2018. “Seriam os dados sublimes?” *Novos Olhares* 7 (2): 38–52. https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2018.149040.

Duque, Marília. 2020. *Learning from WhatsApp: Best practices for health. Communication protocols for hospitals and medical clinics*. Londres: ASSA.

Duque, Marília y A. Lima. 2019. “Share on the Whats: How WhatsApp is turning São Paulo into a smart city for older people”. The Global South Conference en São Paulo, Brasil.

Edwards, Elaine. 2018. “Department seeks tender to monitor social media for keywords”. *The Irish Times*, 27 de agosto 2018. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.irishtimes.com/news/social-affairs/department-seeks-tender-to-monitor-social-media-for-keywords-1.3608275.

Eede, Yoni van den. 2019. *The Beauty of Detours: A Batesonian philosophy of technology*. Albany, NY: State University of New York.

Elhai, Jon D., Haibo Yang, Jianwen Fang, Xuejun Bai y Brian J. Hall. 2020. “Depression and anxiety symptoms are related to problematic smartphone use severity in Chinese young adults: Fear of missing out as a mediator”. *Addictive Behaviors* 101 (Febrero): 105962. https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2019.04.020.

Encyclopaedia Iranica Online. 2020. ‘HAZ RA Iv. Hazāragi Dialect’. En Encyclopaedia Iranica Online. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://www.iranicaonline.org/articles/hazara-4#.

Eriksen, Thomas Hylland. 2016. *Overheating: An anthropology of accelerated change*. Londres: Pluto Press.

European Commission. 2020. “eHealth Network”. Sitio web de la Comisión Europea. 2020. http://ec.europa.eu/health/ehealth/policy/network/index_en.htm.

Fan, Zhang. 2018. “People’s daily commentator observes: Learning is the best retirement”. *The People’s Daily*, 15 de noviembre de 2018. http://opinion.people.com.cn/n1/2018/1115/c1003-30401293.html.

Fassin, Didier. 2008. “L’éthique, au-delà de la règle: Réflexions autour d’une enquête ethnographique sur les pratiques de soins en Afrique du Sud”. *Sociétés contemporaines* 71 (3): 117. https://doi.org/10.3917/soco.071.0117.

Favero, Paolo S. H. 2018. *The Present Image: Visible stories in a digital habitat*. Londres: Palgrave Macmillan.

Feigenbaum, E. 2003. *Chinese Techno-Warriors: National security and strategic competition from the Nuclear Age to the Information Age*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Fiegerman, Seth. 2013. “WhatsApp tops 250 million active users”. *Mashable*. 21 de2013. Accessed 1 October 2020. https://mashable.com/2013/06/21/whatsapp-250-million-users/?europe=true.

Fischer, Claude. 1992. *America Calling: A social history of the telephone to 1940*. Berkeley y Los Angeles: University of California Press.

Fortunati, Leopoldina. 2002. “Italy: Stereotypes, true and false”. En *Perpetual Contact*, editado por J. E. Katz y M. Aakhus, 42–62. Cambridge: Cambridge University Press.

Fortunati, Leopoldina. 2013. “The mobile phone between fashion and design”. *Mobile Media & Communication* 1 (1): 102–9. https://doi.org/10.1177/2050157912459497.

Fortunati, Leopoldina, James E. Katz y Raimonda Ricini. 2003. *Mediating the Human Body*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Foster, R. Y H. Horst, eds. 2018. *The Moral Economy of Mobile Phones: Pacific Islands perspectives*. Acton, Australia: Australian National University Press.

Fox, Kate. 2014. *Watching the English: The hidden rules of English behavior*. Revisado y actualizado. Boston, MA: Nicholas Brealey Publishing.

Frey, Nancy. 1998. *Pilgrim Stories: On and off the road to Santiago*. Berkeley, CA: University of California Press.

Frey, Nancy. 2017. “The Smart Camino: Pilgrimage in the internet age”. Presentado en Annual General Meeting of the London Confraternity of St James, St Alban’s Centre, Londres, 28 de enero de 2017. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.walkingtopresence.com/home/research/text-pilgrimage-in-the-internet-age.

Friedberg, Anne. 2006. *The Virtual Window: From Alberti to Microsoft*, Primera edición de bolsillo. Cambridge, MA: MIT Press.

Frith, Jordan. 2015. *Smartphones as Locative Media*. Cambridge, Inglaterra; Malden, MA: Polity.

Fu, Xiaolan, Zhongjuan Sun y Pervez N. Ghauri. 2018. “Reverse knowledge acquisition in emerging market MNEs: The experiences of Huawei and ZTE”, *Journal of Business Research* 93 (Diciembre): 202–15. https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.04.022.

Gadgets Now. 2019. “10 biggest smartphone companies of the world | Gadgets Now”. Febrero de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.gadgetsnow.com/slideshows/10-biggestsmartphone-companies-of-the-world/photolist/68097589.cms.

Garnham, N. 1986. “The media and the public sphere”. En *Communicating Politics*, 44–53. Leicester: Leicester University Press.

Garsten, Christina. 1994. *Apple World: Core and periphery in a transnational organizational culture: A study of Apple Computer Inc*. Stockholm: Almqvist & Wiksell International.

Giordano, Cristiana. 2014. *Migrants in Translation: Caring and the logics of difference in contemporary Italy*. Berkeley, CA: University of California Press.

“Giovani Musulmani d’Italia GMI”. 2020. Página de grupo de Facebook, 2020. Consultada el 1 de octubre de 2020. https://www.facebook.com/GiovaniMusulmanidItaliaGMI/.

Goffman, Erving. 1971. *Relations in Public: Microstudies of the public order*. Nueva York: Basic Books.

Goffman, Erving. 1972. *Frame Analysis*. Nueva York: Harper and Row.

Gombrich, E. H. 1984. *The Sense of Order: A study in the psychology of decorative art*. Segunda edición. Londres: Phaidon Press.

Gómez Cruz, Edgar y Eric T. Meyer. 2012. “Creation and control in the photographic process: iPhones and the emerging fifth moment of photography”. *Photographies* 5 (2): 203–21. https://doi.org/10.1080/17540763.2012.702123.

Gómez Cruz, Edgar y Asko Lehmuskallio, eds. 2016. *Digital Photography and Everyday Life: Empirical studies on material visual practices*. Londres; Nueva York: Routledge.

Gopinath, Sumanth S. y Jason Stanyek, eds. 2014. *The Oxford Handbook of Mobile Music Studies*, vol. 2. Oxford: Oxford University Press.

Governo do Brazil (Gobierno de Brazil). 2020. “Governo trabalha para digitalizar todos serviços públicos”. Gov.br. Official government website for Brazil. 13 de julio de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/07/governo-trabalha-para-digitalizar-todos-servicos-publicos.

Governo Federal (Gobierno Federal de Brasil). 2020. ‘Desenvolvimento social’. Ministério Da Cidadania (Brazil). 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://desenvolvimentosocial.gov.br/auxilio-emergencial/auxilio-emergencial-de-600.

Graham, Mark y William Dutton, eds. 2019. *Society and the Internet: How networks of informationand communication are changing*. Segunda edición. Oxford: Oxford University Press.

Gray, Mary L. y Siddharth Suri. 2019. *Ghost Work: How to stop Silicon Valley from building a new global underclass*. Boston, MA: Houghton Mifflin Harcourt.

Graziani, Tomas. 2019. “WeChat Official Account: A simple guide”. *Walk the Chat*. 11 de diciembre de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://walkthechat.com/wechat-official-account-simpleguide/#wechat-official-acct.

Green, Nicola y Leslie Haddon. 2009. *Mobile Communications: An introduction to new media*. Edición inglesa. Oxford; Nueva York: Berg.
Greenwald, Glenn. 2014. *No Place to Hide: Edward Snowden, the NSA and the surveillance state*. Londres: Hamilton.
Greschke, Heike Mónika. 2012. *Is There a Home in Cyberspace? The internet in migrants' everyday life and the emergence of global communities*. Abingdon, Oxon; Nueva York: Routledge.
Griffith, Alison I. 1998. "Insider /outsider: Epistemological privilege and mothering work". *Human Studies* 21 (4): 361–76. https://doi.org/10.1023/A:1005421211078.
Grupo Casa. 2012. "Waze arrives officially in Brazil". 22 de junio de 2012. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://grupocasa.com.br/waze-arrives-officially-in-brazil/.
Guess, Andrew, Jonathan Nagler y Joshua Tucker. 2019. "Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook". *Science Advances* 5 (1): eaau4586. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://doi.org/10.1126/sciadv.aau4586.
Gupta, S. ay I. Dhillon. 2014. "Can Xiaomi shake the global smartphone industry with an innovative services-based business model?" *Journal of Management & Research* 8 (3/4): 2177–97.
Habermas, J. 1989. *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Cambridge: Polity.
Halavais, Alexander M. Campbell. 2017. *Search Engine Society*. Cambridge, Inglaterra; Medford, MA: Polity.
Haynes, Nell. 2016. *Social Media in Northern Chile*. Londres: UCL Press.
Headspace. 2020. "Mindfulness for your everyday life". Sitio web de la app Headspace. 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.headspace.com/.
Hell-Valle, J. y A. Storm-Mathisen, eds. 2020. *Media Practices and Changing African Socialities*. Londres: Berghahn.
Hendry, J. 1995. *Wrapping Culture: Politeness, presentation, and power in Japan and other societies*. Oxford: Oxford University Press.
Henig, Samantha. 2005. "The tale of dog poop girl is not so funny after all". *Columbia Journalism Review*, 7 de julio de 2005. https://archives.cjr.org/behind_the_news/the_tale_of_dog_poop_girl_is_n.php.
Henrique, Alfredo. 2019. "Cidade de São Paulo tem 13 celulares roubados por hora" ('Cada hora roban trece teléfonos móviles en São Paulo'), *Folha de São Paulo*, 7 de junio de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://agora.folha.uol.com.br/são-paulo/2019/06/cidade-desao-paulo-tem-13-celulares-roubados-por-hora.shtml.
Hingle, Melanie, Mimi Nichter, Melanie Medeiros y Samantha Grace. 2013. "Texting for health: The use of participatory methods to develop healthy lifestyle messages for teens". *Journal of Nutrition Education and Behavior* 45 (1): 12–19. https://doi.org/10.1016/j.jneb.2012.05.001.
Hirshauga, O. y H. Sheizaf. 2017. "Targeted prevention: The new method of dealing with terrorism is exposed". *Haaretz*, 26 de mayo de 2017. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.haaretz.co.il/magazine/.premium-MAGAZINE-1.4124379.
Hjorth, L., K. Ohashi, J. Sinanan, H. Horst, Sarah Pink, F. Kato y B. Zhou. 2020. *Digital Media Practices in Households*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
Hobbis, Geoffrey. 2020. *The Digitizing Family: An ethnography of Melanesian smartphone*. Cham, Suiza: Springer Nature Switzerland AG.
Hockstein, N. G., C. G. Gourin, R. A. Faust y D. J. Terris. 2007. "A history of robots: From science fiction to surgical robotics". *Journal of Robotic Surgery* 1 (2): 113–18. https://doi.org/10.1007/s11701-007-0021-2.
Holroyd, K. 2017. "*The digital Galapagos: Japan's digital media and digital content economy*". *Japan Studies Association Journal* 15 (1): 41–65.
Horst, Heather A. 2013. "The infrastructures of mobile media: Towards a future research agenda". *Mobile Media & Communication* 1 (1): 147–52. https://doi.org/10.1177/2050157912464490.
Horst, Horst, Heather A. y Daniel Miller, eds. 2012. *Digital Anthropology*. Edición inglesa. Londres; Nueva York: Berg.
Huang, Zheping. 2019. "China's most popular app is a propaganda tool teaching Xi Jinping thought". *South China Morning Post*, 14 de febrero de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.scmp.com/tech/apps-social/article/2186037/chinas-most-popular-apppropaganda-tool-teaching-xi-jinping-thought.
Hughes, Christopher y Gudrun Whacker. 2003. *China and the Internet: Politics of the digital leap forward*. Londres; Nueva York: Routledge.
Humphreys, Lee. 2018. *The Qualified Self: Social media and the accounting of everyday life*. Cambridge, MA: MIT Press.

IEEE. 2020. *IEEE Internet of Things Journal*. 2020. https://ieeexplore.ieee.org/xpl/Recent Issue.jsp?punumber=6488907.

Instituto Nacional Dde Estadísticas (INE) y Departamento de Extranjería y Migración (DEM). 2019. "Estimación de personas extranjeras residentes en Chile 31 de diciembre 2018". Santiago, 9781787359635_Chile: Estadísticas Migratorias. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.extranjeria.gob.cl/media/2019/04/Presentaci%C3%B3n-Extranjeros-Residentes-en-Chile.-31-Diciembre-2018.pdf.

Iqbal, Mansoor. 2019. "WhatsApp revenue and usage statistics (2019)". *Business of Apps*, 19 de febrero de 2019. https://www.businessofapps.com/data/whatsapp-statistics/.

Iqbal, Mansoor. 2020. "Line revenue and usage statistics (2020)". *Business of Apps*, 28 de abril de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.businessofapps.com/data/line-statistics/.

Istepanian, R. S. H., S. Laxminarayan y C. Pattichis, eds. 2006. *M-Health: Emerging mobile health systems*. Nueva York: Springer.

Ito, Mizuko. 2005. "Mobile phones, Japanese youth, and the re-placement of social contact". En *Mobile Communications*, 131–48. Londres: Springer-Verlag. https://doi.org/10.1007/1-84628-248-9_9.

Itō, Mizuko, Daisuke Okabe y Misa Matsuda, eds. 2005. *Personal, Portable, Pedestrian: Mobile phones in Japanese life*. Cambridge, MA: MIT Press.

Jackson, Michael. 1995. *At Home in the World*. Durham, NC: Duke University Press.

Jao, N. 2018. "A clone of a failed mobile game has just gone viral on WeChat". *Technode*, 9 de enero de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://technode.com/2018/01/09/wechat-viral-game/.

Jia, Kai, Martin Kenney y John Zysman. 2018. "Global competitors? Mapping the internationalization strategies of Chinese digital platform firms". En *International Business in the Information and Digital Age*, editado por Rob van Tulder, Alain Verbeke y Lucia Piscitello, 187–215. *Progress in International Business Research* series, vol. 13, cap. 8. https://doi.org/10.1108/S1745-886220180000013009.

Jia, Lianrui y Dwayne Winseck. 2018. "The political economy of Chinese internet companies: Financialization, concentration, and capitalization". *International Communication Gazette* 80 (1): 30–59. https://doi.org/10.1177/1748048517742783.

Jiang, M. 2012. "Internet companies in China: Dancing between the party line and the bottom line". *Asie Visions* 47 (January). https://ssrn.com/abstract=1998976.

Johnson, M. y J. Lindquist. 2020. "Care in Asia". *Ethnos* 85 (2): 195–399.

Jorgensen, D. 2018. "Toby and 'the mobile system': Apocalypse and salvation in Papua New Guinea's wireless network". En *The Moral Economy of Mobile Phones: Pacific Islands perspectives*, editado por R. Foster y H. Horst, 53–73. Acton, Australia: Australian National University Press.

Jovicic, Suzana. En revisión. "Scrolling and the in-between spaces of boredom: Youths on the periphery of Vienna".

Jurgenson, N. 2019. *The Social Photo: On photography and social media*. Londres; Nueva York: Verso.

Katz, James Everett y Mark A. Aakhus, eds. 2002. *Perpetual Contact: Mobile communication, private talk, public performance*. Cambridge; Nueva York: Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CBO9780511489471.

Kavedžija, Iza. 2019. *Making Meaningful Lives: Tales from an aging Japan*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Keane, Michael. 2020. "Civilization, China and digital technology". Acceso abierto. *E-International Relations*, 1 de febrero de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.e-ir.info/2020/02/01/civilization-china-and-digital-technology/.

Kedmey, D. 2014. "Facebook's new tool let you tell your friends you're safe during an emergency". *TIME Magazine*, 16 de octubre de 2014. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://time.com/3513016/facebook-safety-check/.

Kelty, Christopher M. 2008. *Two Bits: The cultural significance of free software*. Durham, NC: Duke University Press.

Kemp, Simon. 2020. "Digital trends 2020: Every single stat you need to know about the internet". The Next Web, 30 de enero de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://thenextweb.com/growthquarters/2020/01/30/digital-trends-2020-every-single-stat-you-need-to-know-about-theinternet/

Kim, S. D. 2002. "Korea: Personal meanings". En *Perpetual Contact: Mobile communication, private talk, public performance*, editado por J. Katz yM. Aakhus, 63–79. Cambridge: Cambridge University Press.

Kirkpatrick, David. 2010. *The Facebook Effect: The real inside story of Mark Zuckerberg and the world's fastest-growing company*. Nueva York: Simon and Schuster.
Kodama, M., ed. 2015. *Collaborative Innovation: Developing health support ecosystems*, vol. 39. NuevaYork; Londres: Routledge.
Kress, Gunther R. 2003. *Literacy in the New Media Age*. Londres; Nueva York: Routledge.
Kriedte, Peter, Hans Medick y Jürgen Schlumbohm. 1981. *Industrialization before Industrialization: Rural industry in the genesis of capitalism*. Cambridge; Nueva York: Cambridge University Press.
Ku, Yi-Cheng, Yi-an Lin y Zhijun Yan. 2017. "Factors driving mobile app users to pay for freemium services". Artículo presentado en 21st Pacific Asia Conference on Information Systems (PACIS 2017): Langkawi, Malaysia, 16–20 de julio de 2017. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://pdfs.semanticscholar.org/1414/42501c8130fb480e4958a300bd295482d26d.pdf.
Kumar, V. 2014. "Making "freemium" work". *Harvard Business Review*, mayo de 2014. https://hbr.org/2014/05/making-freemium-work.
Kurniawan, Sri. 2006. "An exploratory study of how older women use mobile phones". En *UbiComp 2006: Ubiquitous computing*, editado por Paul Dourish y Adrian Friday, 4206:105–22. Berlín; Heidleberg: Springer. https://doi.org/10.1007/11853565_7.
Kusimba, Sibel, Yang Yang y Nitesh Chawla. 2016. "Hearthholds of mobile money in Western Kenya". *Economic Anthropology* 3 (2): 266–79. https://doi.org/10.1002/sea2.12055.
Kyodo News Agency. 2019a. "613,000 in Japan aged 40 to 64 are recluses, says first government survey of hikikomori', 29 de marzo de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.japantimes.co.jp/news/2019/03/29/national/613000-japan-aged-40-64-recluses-says-firstgovernment-survey-hikikomori/#.Xl6UCKj7Q2w.
Kyodo News Agency. 2019b. "Japan enacts bill aimed at lowering mobile phone fees". *Japan Times*, 10 de mayo de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.japantimes.co.jp/news/2019/05/10/business/corporate-business/japan-enacts-bill-aimed-lowering-mobile-phone-fees/#.Xr6LymhKg2x.
Lanchester, J. 2019. "Document number nine". *London Review of Books*, 10 de octubre de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.lrb.co.uk/the-paper/v41/n19/john-lanchester/document-number-nine.
Lasch, Christopher. 1979. *The Culture of Narcissism: American life in an age of diminishing expectations*. Nueva York: Norton & Company.
Lavado, T. 2019. "Facebook lança rival do tinder no Brasil". Globo, 20 de abril de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/04/30/facebook-lanca-rival-do-tinder-no-brasil.ghtml.
Leswing, Kif. 2019. "Inside Apple's team that greenlights iPhone apps for the App Store". CNBC, 21 de junio 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.cnbc.com/2019/06/21/how-applesapp-review-process-for-the-app-store-works.html.
Leung, Rock, Charlotte Tang, Shathel Haddad, Joanna Mcgrenere, Peter Graf y Vilia Ingriany. 2012. "How older adults learn to use mobile devices: Survey and field investigations". *ACM Transactions on Accessible Computing* 4 (3): 1–33. https://doi.org/10.1145/2399193.2399195.
Li, Shancang, Li D. Xu e Imed Romdhani. 2017. *Securing the Internet of Things*. Cambridge, MA: Syngress.
Li Sun, Sunny, Hao Chen y Erin G. Pleggenkuhle-Miles. 2010. "Moving upward in global value chains: The innovations of mobile phone developers in China". Editado por Robert Tiong. *Chinese Management Studies* 4 (4): 305–21. https://doi.org/10.1108/17506141011094118.
Licoppe, C. y Heurtin, J.-P. 2002. "France: Preserving the image". En *Perpetual Contact*, editado por J. Katz and M. Aakhus, 94–109. Cambridge: Cambridge University Press.
Lim, S. S. 2020. *Transcendent Parenting: Raising children in the digital age*. Oxford: Oxford University Press.
Linecorp 2019. "LINE Announces Custom Stickers -Create Your Own Stickers in Minutes Using Popular LINE Characters". Sitio web de Linecorp, 11 de abril de 2019. Consultado el 8 de enero de 2021. https://linecorp.com/en/pr/news/en/2019/2666.
Ling, Richard Seyler. 2004. *The Mobile Connection: The cell phone's impact on society.* San Francisco, CA: Morgan Kaufmann.
Ling, Richard Seyler. 2012. *Taken for Grantedness: The embedding of mobile communication into society*. Cambridge, MA: MIT Press.
Ling, Richard Seyler y Birgitte Yttri. 2002. "Hyper-coordination via mobile phones in Norway". En *Perpetual Contact*, editado por J. Katz y M. Aakhus, 170–92. Cambridge: Cambridge University Press.

Lipset, D. 2018. “A handset dangling in a doorway: Mobile phone sharing in a rural sepik village (Papua New Guinea)”. En *The Moral Economy of Mobile Phones: Pacific Islands perspectives*, editado por R. Foster y H. Horst, 19–38. Acton, Australia: Australian National University Press.

Liu, Xuefeng, Yuying Xie y Mangui Wu. 2015. “How latecomers innovate through technology modularization: Evidence from China’s Shanzhai industry”. *Innovation* 17 (2): 266–80. https://doi.org/10.1080/14479338.2015.1039636.

Livingstone, Sonia. 2009. *Children and the Internet*. Cambridge: Polity.

Livingstone, Sonia. 2019. “Parenting in the digital age”. TED Talk presentada en TED Summit 2019, julio de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.ted.com/talks/sonia_livingstone_parenting_in_the_digital_age.

Livingstone, Sonia y Julian Sefton-Green. 2016. *The Class: Living and learning in the digital age*. Nueva York: New York University Press.

Livingstone, Sonia, Alicia Blum Ross, Kate Gilchrist y Paige Mustain. 2020. “Welcome to our blog”. Parenting 4 Digital Future Blog (LSE) – En blog sobre crecer en un mundo digital. 2020. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/

Long, Susan O. 2012. “Bodies, technologies, and aging in Japan: Thinking about old people and their silver products”. *Journal of Cross-Cultural Gerontology* 27 (2): 119–37. https://doi.org/10.1007/s10823-012-9164-3.

Lui, Natalie. 2019. “WeChat mini programs: The complete guide for business”. Dragonsocial (sitio web comercial). 19de junio de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.dragonsocial.net/blog/wechat-mini-programs/.

Luo, Chris. 2014. “China’s latest internet sensation: Young man’s hand-drawn guide to WeChat for his parents”. *South China Morning Post*, 26 de febrero de 2014. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.scmp.com/news/china-insider/article/1435568/sons-hand-drawn-guidewechat-parents-goes-down-storm-chinese.

Lupton, Deborah. 2015. *Digital Sociology*. Abingdon, Oxon; Nueva York: Routledge.

Lupton, Deborah. 2020. “Topical mapping of academic publications on social aspects of Covid-19”. 2020. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://simplysociology.files.wordpress.com/2020/07/lupton-map-of-social-research-on-covid-19-july-2020-3.pdf.

Lury, Celia. 1997. *Prosthetic Culture: Photography, memory and identity*. Abingdon, Oxon; Nueva York: Routledge.

Lutz, Helma. 2018. “Care migration: The connectivity between care chains, care circulation and transnational social inequality”. *Current Sociology* 66 (4): 577–89. https://doi.org/10.1177/0011392118765213.

MacKenzie, Donald A. y Judy Wajcman, eds. 1999. *The Social Shaping of Technology*. Segunda edición. Buckingham, Inglaterra; Philadelphia, PA: Open University Press.

Madianou, Mirca. 2015. “Digital inequality and second-order disasters: Social media in the typhoon Haiyan recovery”. *Social Media + Society* 1 (2): 205630511560338. https://doi.org/10.1177/2056305115603386.

Madianou, Mirca y Daniel Miller. 2012. *Migration and New Media: Transnational families and polymedia*. Abingdon, Oxon; Nueva York: Routledge.

Maistre, Xavier de y Stephen Sartarelli. 1994. *Voyage around My Room: Selected works of Xavier DeMaistre*. Nueva York, NY: New Directions.

Margetts, Helen, Peter John, Scott A. Hale y Taha Yasseri. 2016. *Political Turbulence: How social media shape collective action*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Marwick, Alice E. and Danah Boyd. 2010. “I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience”. *New Media & Society* 13 (1): 114–33. https://doi.org/10.1177/1461444810365313.

Maurer, Bill. 2012. “Mobile money: Communication, consumption and change in the payments space”. *Journal of Development Studies* 48 (5): 589–604. https://doi.org/10.1080/00220388.2011.621944.

Maxwell, Richard y Toby Miller. 2012. *Greening the Media*. Nueva York: Oxford University Press.

Maxwell, Richard y Toby Miller. 2020. *How Green Is Your Smartphone?* Cambridge, Inglaterra; Medford, MA: Polity.

McCulloch, Gretchen. 2019. *Because Internet: Understanding how language is changing*. Londres: Harvill Secker.

McDonald, Tom. 2016. *Social Media in Rural China: Social networks and moral frameworks*. Londres: UCL Press.

McGrath, Dominic. 2020. “Why was the Covid-19 app so successful in Ireland?” The Journal.Ie, 11 de julio de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.thejournal.ie/covid-19-app-irelandsuccess-5146093-Jul2020/.

Mcintosh, Janet. 2010. “Mobile phones and Mipoho’s prophecy: The powers and dangers of flying language”. *American Ethnologist* 37 (2): 337–53. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://doi.org/10.1111/j.1548-1425.2010.01259.x.

McNamee, Roger. 2019. *Zucked: Waking up to the Facebook catastrophe*. Nueva York: Penguin Press.

“Mensaje Presidencial de S.E. el Presidente de la República, Sebastián Piñera Echenique, en su Cuenta Pública ante el Congreso Nacional”. 2018. 1 de junio 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://prensa.presidencia.cl/lfi-content/uploads/2018/06/jun012018arm-cuenta-publica-presidencial_3.pdf.

Merola, Francesco. 2018. “Italiani, sempre più smartphone-mania: Il 61% li usa a letto, Il 34% a tavola”. *La Repubblica*, 26 de junio de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.repubblica.it/tecnologia/2018/06/26/news/dipendenza_degli_italiani_ad_internet-200069807/.

Merton, Robert K. 1972. “Insiders and outsiders: A chapter in the sociology of knowledge”. *American Journal of Sociology* 78 (1): 9–47. https://doi.org/10.1086/225294.

Miller, Daniel. 1987. *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Blackwell.

Miller, Daniel 1995. “Style and ontology in Trinidad”. En *Consumption and Identity*, editado por J. Friedman, 71–96. Chur, Suiza: Harwood Academic.

Miller, Daniel. 1997. *Capitalism: An ethnographic approach*. Oxford, Inglaterra; Washington, D.C: Berg.

Miller, Daniel, ed. 2009. *Anthropology and the Individual: A material culture perspective*. Oxford; Nueva York: Berg.

Miller, Daniel. 2011. *Tales from Facebook*. Cambridge, Inglaterra; Malden, MA: Polity.

Miller, Daniel. 2013. “What will we learn from the fall of Facebook?” UCL Blogs – Global social media impact study (blog de la universidad). 24 de noviembre de 2013.

Miller, Daniel. 2015. “Photography in the age of Snapchat”. *Anthropology & Photography*, vol.1. Royal Anthropological Institute. https://www.therai.org.uk/images/stories/photography/AnthandPhotoVol1.pdf.

Miller, Daniel. 2016. *Social Media in an English Village*. Londres: UCL Press.

Miller, Daniel. 2017a. “The ideology of friendship in the era of Facebook”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 7 (1): 377–95. https://doi.org/10.14318/hau7.1.025.

Miller, Daniel. 2017b. *The Comfort of People*. Cambridge, Inglaterra; Medford, MA: Polity.

Miller, Daniel y D. Slater. 2000. *The Internet: An ethnographic approach*. Oxford: Berg.

Miller, Daniel y Jolynna Sinanan. 2014. *Webcam*. Cambridge: Polity.

Miller, Daniel, Elisabetta Costa, Nell Haynes, Tom McDonald, Razvan Nicolescu, Jolynna Sinanan, Juliano Spyer, Shriram Venkatraman, y Xinyuan Wang. 2016. *How the World Changed Social Media*. Londres: UCL Press.

Miller, D. y Jolynna Sinanan. 2017. *Visualising Facebook: A comparative perspective*. Londres: UCL Press.

Ministerio de Equidad Social de Israel. 2020. “Headquarters for the National Digital Israel Initiative, Ministry of Social Equality’. Sitio web del gobierno israelí. 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.gov.il/en/departments/digital_israel.

Mirzoeff, Nicholas. 2015. *How to See the World: A Pelican introduction*. Londres: Penguin UK.

Mitchel, W. 1992. *The Reconfigured Eye: Visual truth in the post-photographic era*. Cambridge, MA: MIT Press.

Mobile Internet Statistics 2020. Consultado el 3 de diciembre de 2020. https://www.finder.com/uk/mobile-internet-statistics#:~:text=Quick%20overview,up%20from%2066%25%20in%202018.

Mohan, Babu. 2019. “Google now takes three days to approve new play store apps”. Android Central (blog). 20 de agosto de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.androidcentral.com/google-now-takes-three-days-approve-new-play-store-apps.

Monnerat, A. 2019. “Idosos compartilham sete vezes mais noticias falsas do que jovens no Facebook, diz Pesquisa”. *O Estadão*, 11 de enero de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/idosos-compartilham-sete-vezes-mais-noticias-falsas-do-queusuarios-mais-jovens-no-facebook-diz-pesquisa/.

Moore, G. 1991. *Crossing the Chasm: Marketing and selling high-tech goods to mainstream customers*. Nueva York: Harper Business.

Morley, David. 2000. *Home Territories: Media, mobility and identity*. Londres; Nueva York: Routledge.

Morosanu Firth, S. Rintel yA. Sellen. 2020. “Everyday time travel: Future nostalgia, multitemporality, and temporal mobility with smartphones”. En *Beyond Chrono(dys)topia: Making time for digital lives*, editado por Anne Kaun, C. Pentzold y C. Lohmeier. Londres: Rowman & Littlefield.

Morozov, Evgeny. 2012. *The Net Delusion: How not to liberate the world*. Londres: Penguin Books.

Morozov, Evgeny. 2013. *To Save Everything, Click Here: Technology, solutionism and the urge to fix problems that don't exist*. Londres: Allen Lane.

Morozov, Evgeny. 2020. “The tech “solutions” for coronavirus take the surveillance state to the next level”. *The Guardian*, 15 de abril de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/apr/15/tech-coronavirus-surveilance-state-digital-disrupt.

Morris, Jeremy Wade y Sarah Murray, eds. 2018. *Appified: Culture in the age of apps*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.

Morris, Jeremy. 2018. “Is It Tuesday? Novelty apps and digital solutionism”. En *Appified: Culture in the age of apps*, editado por Jeremy Wade Morris y Sarah Murray, 91–103. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.

Mugerwa, Yasiin y Tom Malaba. 2018. “Museveni slaps taxes on social media users”. *The Daily Monitor*, 1 de abril de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.monitor.co.ug/News/National/Museveni-taxes-social-media-users-Twitter-Skype/688334-4366608-oilivjz/index.htm.

Mumbere, Daniel. 2018. “Digital in 2018: Africa's internet users increase by 20%”. Africa News, 6 de febrero de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.africanews.com/2018/02/06/digital-in-2018-africa-s-internet-users-increase-by-20-percent/.

Murray, Susan. 2008. “Digital images, photo-sharing, and our shifting notions of everyday aesthetics”. *Journal of Visual Culture* 7 (2): 147–63. https://doi.org/10.1177/1470412908091935.

Namatovu, Esther y Oystein Saebo. 2015. “Motivation and consequences of internet and mobile phone usage among the urban poor in Kampala, Uganda”. En 2015 48th Hawaii International Conference on System Sciences, 4335–44. HI, USA: IEEE. https://doi.org/10.1109/HICSS.2015.519.

National Information Technology Authority (NITA). 2018. “National Information Technology Survey 2017/18 Report”. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.nita.go.ug/sites/default/files/publications/National%20IT%20Survey%20April%2010th.pdf.

Naughton, J. 2000. *A Brief History of the Future: The origins of the internet*. Londres: Phoenix (Orion Books).

Nicolescu, Razvan. 2016. *Social Media in South Italy*. Londres: UCL Press.

Nissenbaum, Helen Fay. 2010. *Privacy in Context: Technology, policy, and the integrity of social life*. Stanford, CA: Stanford Law Books.

Norman, Jeremy M., ed. 2005. *From Gutenberg to the Internet: A sourcebook on the history of information technology*. Novato, CA: Historyofscience.com.

Nyamnjoh, Francis B. 2012. “Potted plants in greenhouses: A critical reflection on the resilience of colonial education in Africa”. *Journal of Asian and African Studies* 47 (2): 129–54. https://doi.org/10.1177/0021909611417240.

O Estado de S. Paulo. 2017. “Roubos de celular atingem metade das ruas de São Paulo'. O Estado de S. Pãulo, 30 September 2017. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://são-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,roubos-de-celular-atingem-metade-das-ruas-de-são-paulo,70002022457.

O Globo. 2018. “Golpes na internet: Veja as fraudes mais comuns e como se proteger”. *O Globo*, 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020.https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/golpes-na-internet-veja-as-fraudes-mais-comuns-como-se-proteger-22485183.

Ong, W. 1982. *Orality and Literacy: The technologizing of the word*. Londres: Methuen.

Otaegui, Alfonso. 2019. “Older adults in Chile as digital immigrants: Facing the ‘digital transformation' towards a paperless world”. UCL ASSA Blog (blog académico). 22 de abril de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://blogs.ucl.ac.uk/assa/2019/04/22/older-adults-in-chile-as-digitalimmigrants-facing-the-digital-transformation-towards-a-paperless-world/.

Oudshoorn, Nelly. 2011. *Telecare Technologies and the Transformation of Healthcare*. Houndmills, Basingstoke, Inglaterra; Nueva York: Palgrave Macmillan.

Papacharissi, Zizi. 2010. *A Networked Self: Identity, community, and culture on social network sites*. Londres: Taylor and Francis.

Papacharissi, Zizi. 2018. *A Networked Self and Love*. Londres: Taylor and Francis.
Pariser, Eli. 2012. *The Filter Bubble: What the internet is hiding from you*. Londres: Penguin Books.
Parulis-Cook, S. 2019. "Survey: WeChat mini-program use for travel". DragonTrail Interactive (sitio web de marketing). 19 de febrero2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://dragontrail.com/resources/blog/wechat-mini-program-travel-survey.
Patil, Adwait. 2016. "Tracking down India's $4 smartphone". *The Verge*. 2016. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.theverge.com/2016/3/18/11260488/india-ringing-bells-4-dollarsmartphone-controversy.
Peters, Benjamin. 2016. *How Not to Network a Nation: The uneasy history of the Soviet internet*. Cambridge, MA: MIT Press.
Petsas, Thanasis, Antonis Papadogiannakis, Michalis Polychronakis, Evangelos P. Markatos y Thomas Karagiannis. 2013. "Rise of the Planet of the Apps: A systematic study of the mobile app ecosystem". En Proceedings of the 2013 Conference on Internet Measurement Conference – IMC '13, 277–90. Barcelona, España: ACM Press. https://doi.org/10.1145/2504730.2504749.
Pinney, Christopher. 2012. "Seven theses on photography". *Thesis Eleven* 113 (1): 141–56. https://doi.org/10.1177/0725513612457864.
Plantin, Jean-Christophe y Gabriele de Seta. 2019. "WeChat as infrastructure: The technonationalist shaping of Chinese digital platforms". *Chinese Journal of Communication* 12 (3): 257–73. https://doi.org/10.1080/17544750.2019.1572633.
Pols, Jeanette. 2012. *Care at a Distance: On the closeness of technology*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
Postill, John. 2011. *Localizing the Internet: An anthropological account. Anthropology of Media*, vol. 5. Nueva York: Berghahn Books.
Postill, John. 2018. *The Rise of Nerd Politics: Digital activism and political change*. Londres: Pluto Press.
Prefeitura de São Paulo (Prefectura de São Paulo). 2013. 'LEI No 15.937 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2013'. Prefeitura de São Paulo. http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-15937-de-23-de-dezembro-de-2013.
Prendergast, D. 2019. "Ethnography, technology design and the future of ageing in place". HRB Grant Holder's Conference, Athlone, Irlanda. 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.youtube.com /watch?v=5sSWrz5Dkig&list=PL5egX8ZzHdSyM4FCC9vJ5v1fTcTlOW5ZG&index=4.
Price, Catherine. 2018. *How to Break up with Your Phone*. Londres: Trapeze.
Pulse News KR. 2019. "Naver takes telemedicine business to Japan through JV with M3", 16 de enero de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://pulsenews.co.kr/view.php?year=2019&no=33579#:~:text=South%20Korean%20internet%20giant%20Naver,platform%20firm%20M3%20in%20Tokyo.
Pype, Katrien. 2015. "Remediations of Congolese urban dance music in Kinshasa". *Journal of African Media Studies* 7 (1): 25–36.
Pype, Katrien. 2016. "Blackberry girls and Jesus's brides". *Journal of Religion in Africa* 46 (4): 390–416. https://doi.org/10.1163/15700666-12341106.
Pype, Katrien. 2017. "Smartness from Below: Variations on technology and creativity in contemporary Kinshasa". In *What Do Science, Technology, and Innovation Mean from Africa?*, 97–115. Cambridge, MA: The MIT Press.
Rainie, Lee y B. Wellman. 2014. *Networked: The new social operating system*. Cambridge, MA: MIT Press.
Reuters Institute y OII. n.d. "Reuters Institute digital news report 2019". Consultado el 1 de octubre de 2020. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/inline-files/DNR_2019_FINAL.pdf.
Roberts, Sarah T. 2019. *Behind the Screen: Content moderation in the shadows of social media*. New Haven, CT: Yale University Press.
Rossler, Beate. 2005. *The Value of Privacy*. Cambridge: Polity.
RTÉ Radio 1. 2020. "News at One", 15 de enero de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. www.rte.ie/radio/radioplayer/html5/#/radio1/11140162.
Russell, Ben. 2017. *Robots: The 500-year quest to make machines human*. Londres: Scala Arts & Heritage Publishers Ltd.
Russell, John. 2019. "Chat app line injects $182m into its mobile payment business". TechCrunch, 4 de febrero de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://techcrunch.com/2019/02/04/line-pay/.

Samat, Sameer. 2019. "Improving the update process with your feedback". Android Developers Blog, 15 de abril de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://android-developers.googleblog.com/2019/04/improving-update-process-with-your.html.

Sarvas, Risto y David M. Frohlich. 2011. *From Snapshots to Social Media: The changing picture of domestic photography*. Londres; Nueva York: Springer.

Scancarello, G. 2020. *#Addicted: Viaggio dentro le manipolazioni della tecnologia*. Milán: Hoepli.

Schafer, M. 2015. "Digital public sphere". En *The International Encyclopaedia of Political Communication*, editado por Gianpietro Mazzoleni, K. Barnhurst, K. Ikedia, R. Maia y H. Wessler, 322–28. Londres: Wiley Blackwell.

Schaffer, Rebecca, Kristine Kuczynski y Debra Skinner. 2008. "Producing genetic knowledge and citizenship through the internet: Mothers, pediatric genetics, and cybermedicine". *Sociology of Health & Illness* 30 (1): 145–59. https://doi.org/10.1111/j.1467-9566.2007.01042.x.

Schwennessen, Nete. 2019. "Surveillance entanglements: Digital data flows and ageing bodies in motion in the Danish welfare state". *Anthropology & Aging* 40 (2): 10–22.

Serger, Sylvia Schwaag y Magnus Breidne. 2007. "China's fifteen-year plan for science and technology: An assessment". *Asia Policy*, no. 4: 135–64. https://doi.org/10.1353/asp.2007.0013.

Servidio, R. 2019. "Self-control and problematic smartphone use among Italian university students: The mediating role of the fear of missing out and of smartphone use patterns". *Current Psychology*, julio de 2019. https://doi.org/10.1007/s12144-019-00373-z.

Sheng, Wei. 2020. "WeChat mini programs: The future is e-Commerce". TechNode, 15 de enero de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://technode.com/2020/01/15/wechat-mini-programs-thefuture-is-e-commerce/.

Shifman, Limor. 2013. *Memes in Digital Culture*. Cambridge, MA: MIT Press.

Shim, Yongwoon y Dong-Hee Shin. 2016. "Neo-techno nationalism: The case of China's handset industry". *Telecommunications Policy* 40 (2–3): 197–209. https://doi.org/10.1016/j.telpol.2015.09.006.

Shirky, Clay. 2008. *Here Comes Everybody*. Londres: Allen Lane.

Shirky, Clay. 2015. *Little Rice: Smartphones, Xiaomi, and the Chinese Dream*. Nueva York: Columbia Global Reports.

Shu, C. 2015. "The secret language of line stickers". TechCrunch, 10 de julio 2015. https://techcrunch.com/2015/07/10/creepy-cute-line/.

Shuken, Ryan. n.d. "Growth hacking an audio sharing platform with Tian Sun, Vice President of Business Intelligence Center at Ximalaya App". China Star Pulse. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://chinastartuppulse.simplecast.com/episodes/growth-hacking-an-audio-sharingplatform-tian-sun-ximalaya.

Silverstone, R. y D. Morley, eds. 1992. *Consuming Technology*. Londres; Nueva York: Routledge.

Simmel, George. 1968. *The Conflict in Modern Culture and Other Essays*. Nueva York: New York Teachers' College Press.

Simoni, Emilio. 2019. "Carta do director". PSafe, 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.psafe.com/dfndr-lab/relatorio-da-seguranca-digital-2018/.

Sina Technology Comprehensive (Sina Corp). 2019. "People's daily overseas edition: Involving the elderly in the internet needs multiple efforts". Sina Technology Comprehensive (Sina Corp), 22 de febrero de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://tech.sina.cn/i/gn/2019-02-22/detail-ihqfskcp7412236.d.html?from=wap.

Singh, R. 2015. "Older people and constant contact media". En *Aging and the Digital Life Course*, editado por David Prendergast y Chiara Garattini, primera ed., 63–83. Nueva York; Oxford: Berghahn Books. Recueprado el 2 de octubre de 2020 en https://www.jstor.org/stable/j.ctt9qdb6b.

Slater, D., K. Nishimura y L. Kindstrand. 2012. "Social media, information, and political activism in Japan's 3.11 Crisis'". *The Asia-Pacific Journal* 1, 10 (24). Consultado el 1 de octubre de 2020. https://apjjf.org/2012/10/24/David-H.-Slater/3762/article.html.

Smith, Craig. 2020. "65 amazing LINE statistics and facts". DMR -Business Statistics. 20 de febrero de 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://expandedramblings.com/index.php/line-statistics/.

Social Street. 2020. "Social Street: Dal virtuale al reale al virtuoso". 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://www.socialstreet.it/.

Solon, Olivia. 2018. "Teens are abandoning Facebook in dramatic numbers, study finds". *The Guardian*, 1 de junio de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.theguardian.com/technology/2018/jun/01/facebook-teens-leaving-instagram-snapchat-study-user-numbers.

Somatosphere.net. 2020. “Medical anthropology weekly: COVID-19”, 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://somatosphere.net/medical-anthropology-weekly-covid-19/.

Sorokowski, P., A. Sorokowska, A. Oleszkiewicz, T. Frackowiak, A. Huk y K. Pisanski. 2015. “Selfie posting behaviours are associated with narcissism among men”. *Personality and Individual Differences* 85: 123–27.

Sousa Pinto, A. E. de. 2018. “Uso do celular prolonga saúde mental de idosos”. *Folha de São Paulo*, mayo de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/uso-do-celular-prolonga-saude-mental-de-idosos.shtml.

Souza e Silva, Adriana de. 2014. *Mobility and Locative Media: Mobile communication in hybrid spaces*. Londres; Nueva York: Routledge. https://doi.org/10.4324/9781315772226.

Spadafora, A. 2018. “Tablet device sales struggle again”. 2 de noviembre de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.techradar.com/news/tablet-device-sales-struggle.

Spyer, Juliano. 2017. *Social Media in Emergent Brazil: How the internet affects social change*. Londres: UCL Press.

Srnicek, Nick. 2017. *Platform Capitalism*. Cambridge, Inglaterra; Malden, MA: Polity.

Standage, Tom. 2013. *Writing on the Wall: Social media -The first 2,000 years*. Londres: Bloomsbury.

Stark, Luke y Kate Crawford. 2015. “The conservatism of emoji: Work, affect and communication”. *Social Media + Society* 1 (2): 205630511560485. https://doi.org/10.1177/2056305115604853.

Statista. 2019. “Number of smartphone users by country as of September 2019 (in millions)”. Statista, Septiembre de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.statista.com/statistics/748053/worldwide-top-countries-smartphone-users/.

Statista. 2020. “Number of monthly active WeChat users from 2nd Quarter 2011 to 1st Quarter 2020”. Statista, 20 de mayo de 2020. https://www.statista.com/statistics/255778/number-of-activewechat-messenger-accounts/.

Steinberg, Marc. 2020. “LINE as super app: Platformization in East Asia”. *Social Media + Society* 6 (2): 205630512093328. https://doi.org/10.1177/2056305120933285.

Subsecretaría de Telecomunicaciones de Chile. 2019. “Conexiones 4G se disparan 35% en 2018 y abre expectativas de cara al despliegue de 5G”. Sitio web del gobierno chileno, subtel.gob.cl, 10 de abril de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.subtel.gob.cl/conexiones-4g-se-disparan-35-en-2018-y-abre-expectativas-de-cara-aldespliegue-de-5g/.

Sumpter, David. 2018. *Outnumbered: From Facebook and Google to fake news and filter-bubbles – The algorithms that control our lives*. Londres: Bloomsbury Sigma.

Sutton, Theodora. 2017. “Disconnect to reconnect: The food/technology metaphor in digital detoxing”. First Monday, junio de 2017. https://doi.org/10.5210/fm.v22i6.7561.

Sutton, Theodora. 2020. “Digital harm and addiction: An anthropological view”. *Anthropology Today* 36 (1): 17–22. https://doi.org/10.1111/1467-8322.12553.

Sweeny, Alastair. 2009. *BlackBerry Planet: The story of research in motion and the little device that took the world by storm*. Mississauga, Ontario: John Wiley & Sons Canada.

Tagal, J. 2008. “The mosaic browser democratises the world wide web, 1993”. *Financial Times*, 5 de julio de 2008. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.ft.com/content/2126bb5c-47fc-11dd-a851-000077b07658.

Taub Center. 2017. ‘מילשורי .מדיניות ירקחמל בואט זכרמ, (2017) לארשיב תיברעה היכסולואה תואירב. “The health of the Arab Israeli population”. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://taubcenter.org.il/wpcontent/files_mf/healthofthearabisraelipopulationheb.pdf.

Tenhunen, S. 2018. *A Village Goes Mobile: Telephony, mediation, and social change in rural India*. Oxford: Oxford University Press.

The Economist. 2019. “A global timepass economy – How the pursuit of leisure drives internet use”. 8 de junio de 2019.

The Economist. 2020a. “A global microscope made of phones”. 16 de abril de 2020.

The Economist. 2020b. “England’s contact-tracing system (finally) gets parochial”. Sección “Fighting Covid-19”, 15 de agosto de 2020.

The Economist. 2020c. “How centralisation impeded Britain’s Covid-19 response”. 18 de julio de 2020.

The Guardian [editorial]. 2013. “Civil liberties: Surveillance and the state”. 16 de junio de 2013. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/jun/16/civil-liberties-surveillance-state-editorial.

The Local. 2019. “Italian government unveils plan to tackle smartphone addiction”. 22 de julio de 2019. Consultado el 30 de septiembre de 2020. https://www.thelocal.it/20190722/italian-government-unveils-plan-to-tackle-smartphone-addiction.

The Telegraph. 2019. "Quarter of mobile phone users make less than five calls a month, Ofcom figures show". 10 de octubre de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.telegraph.co.uk/news/2019/10/09/quarter-mobile-phone-users-make-less-five-calls-month-ofcom/.

Thompson, Clive. 2013. *Smarter than You Think: How technology is changing our minds for the better*. Nueva York: Penguin Books.

Thumala, Daniela. 2017. "Imágenes sociales del envejecimiento". Conferencia/material de curso presentado en "Cómo envejecemos: una mirada transdisciplinaria", Universidad Abierta, Universidad de Chile.

Ticktin, Miriam Iris. 2011. *Casualties of Care: Immigration and the politics of humanitarianism in France*. Berkeley, CA: University of California Press.

Tiongson, James. 2015. "Mobile app marketing insights: How consumers really find and use your apps". Think with Google. 2015. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.thinkwithgoogle.com/consumer-insights/mobile-app-marketing-insights/.

Travezuk, Thomas. 2018. "Brasil soma quase 26 mil tentativas de golpes virtuais por dia". R7, 29 de julio de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://noticias.r7.com/economia/brasil-soma-quase-26-mil-tentativas-de-golpes-virtuais-por-dia-29072018.

Turkle, Sherry. 1984. *The Second Self: Computers and the human spirit*. Cambridge, MA: MIT Press.

UCL Anthropology. 2020. "Medical anthropology blog posts". UCL Medical Anthropology Blog Posts, 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.ucl.ac.uk/anthropology/study/graduatetaught/biosocial-medical-anthropology-msc/medical-anthropology-blog-posts.

Venkatraman, S. 2017. *Social Media in South India*. Londres: UCL Press.

Vertesi, Janet. 2014. "Seamful spaces: Heterogeneous infrastructures in interaction". *Science, Technology, & Human Values* 39 (2): 264–84. https://doi.org/10.1177/0162243913516012.

Vieira, N. 2019. "Idosos: Um público cada vez mais adepto à tecnología". CanalTech, 17 de noviembre de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://canaltech.com.br/comportamento/idosos-umpublico-cada-vez-mais-adepto-a-tecnologia-154977/.

Villalobos, A. 2017. "Conceptos básicos acerca del autocuidado". Conferencia/material de curso presentado en "Cómo envejecemos: una mirada transdisciplinaria", Universidad Abierta, Universidad de Chile.

Vries, M. de. En revisión. "The voice of silence: Practices of participation among East Jerusalem Palestinians".

Wallis, Cara. 2013. *Technomobility in China: Young migrant women and mobile phones*. Nueva York: New York University Press.

Walton, S. 2016. "Photographic truth in motion – The case of Iranian photoblogs". *Anthropology & Photography* 4. Consultado el 30 de septiembre de 2020. http://www.therai.org.uk/images/stories/photography/AnthandPhotoVol4.pdf.

Wang, H. 2014. "Machine for a long revolution: Computer as the nexus of technology and class politics in China 1955–1984". Tesis doctoral. Hong Kong: The Chinese University of Hong Kong.

Wang, Xinyuan. 2016. *Social Media in Industrial China*. Londres: UCL Press.

Wang, Xinyuan. 2019a. "Hundreds of Chinese citizens told me what they thought about the controversial social credit system". The Conversation, 17 de diciembre de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://theconversation.com/hundreds-of-chinese-citizens-told-me-what-they-thoughtabout-the-controversial-social-credit-system-127467.

Wang, X. 2019b. "China's social credit system: The Chinese citizens perspective". UCL ASSA blog. 9 de diciembre de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://blogs.ucl.ac.uk/assa/2019/12/09/chinassocial-credit-system-the-chinese-citizens-perspective/.

Ward, Mark. 2009. "Celebrating 40 years of the net". BBC News, 29 de octubre de 2009. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://news.bbc.co.uk/1/hi/technology/8331253.stm.

Wardlow, H. 2018. "HIV, phone friends and affective technology in Papua New Guinea". En *The Moral Economy of Mobile Phones: Pacific Islands perspectives*, editado por R. Foster y H. Horst, 39–52. Acton, Australia: Australian National University Press.

Waterson, Roxana. 2014. *The Living House: An anthropology of architecture in South East Asia*. North Clarendon, VT: Tuttle Publishing.

WeAreSocial. 2018. "Digital 2018: Cameroon". Consultado el 1 de octubre de 2020. https://datareportal.com/reports/digital-2018-cameroon.

WeAreSocial. 2020. "Digital 2020: Cameroon". Consultado el 1 de octubre de 2020. https://datareportal.com/reports/digital-2020-cameroon.

Web Foundation. 2020. “Sir Tim Berners-Lee invented the world wide web in 1989”. Sitio web de Web Foundation, 2020. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://webfoundation.org/about/vision/historyof-the-web/.

Weiser, Eric B. 2015. “#Me: Narcissism and its facets as predictors of selfie-posting frequency”. *Personality and Individual Differences* 86 (Noveimbre): 477–81. https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.007.

Wilding, Raelene y Loretta Baldassar. 2018. “Ageing, migration and new media: The significance of transnational care”. *Journal of Sociology* 54 (2): 226–35. https://doi.org/10.1177/1440783318766168.

Wilken, R. G. Goggin y Heather A. Horst, eds. 2019. *Location Technologies in International Context*. Abingdon, Oxon; Nueva York: Routledge.

Williams, L. y C. Smith. 2005. “QSEMSM: Quantitative scalability evaluation method”. Artículo presentado en la conferencia de Int. CMG (International Computer Measurement Group), Orlando, Florida, 2005. PerfX and Performance Engineering Services. Accessed 1 October 2020. https://pdfs.semanticscholar.org/1ba0/8541f2cf3723d1af109c0ef08e2e12f46c74.pdf?_ga=2.77758556.952171762.1582645803-397802861.1582645803.

Wired Magazine. 2019. “Oggi la tecnologia non ha età”. *Wired* Italy, 18 de enero de 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.wired.it/attualita/tech/2019/01/18/tecnologia-amplifon-eta/.

Worldometers.info. n.d. “Covid-19 Coronavirus pandemic”. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://www.worldometers.info/coronavirus/.

Woyke, Elizabeth. 2014. *The Smartphone: Anatomy of an industry*. Nueva York: The New Press.

Wright, J. 2019. “The new frontier of robotics in the lives of elders: Perspectives from Japan and Europe”. En *The Cultural Context of Aging: Worldwide perspectives*, editado por J. Sokolovsky, cuarta edición. Westport, CT: Praeger.

Wu, Jyh-Jeng, Chien Shu-Hua y Liu Kang-Ping. 2017. “Why should I pay? Exploring the determinants influencing smartphone users’ intentions to download paid app”. *Telematics and Informatics* 34 (5): 645–54. https://doi.org/10.1016/j.tele.2016.12.003.

Xiang, Biao. 2007. *Global ‘Body Shopping’: An Indian labor system in the information technology industry*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Xinhua. 2019. “Chinese smartphone brand transsion most popular in Africa in Q2: IDC Study – Xinhua | English.News.Cn”, 2019. Consultado el 1 de octubre de 2020. http://www.xinhuanet.com/english/2019-08/29/c_138345934.htm.

Yalla Italia Twitter Account. 2020. “Yalla Italia Twitter Account” (cuenta de red social), 2020. Consultada el 1 de octubre de 2020. https://twitter.com/yallaitalia.

Yong, V. y Saito, Y. 2012. “National long-term care insurance policy in Japan a decade after implementation: Some lessons for aging countries”. *Ageing International* 37 (2012): 271–84. https://doi.org/10.1007/s12126-011-9109-0 https://link.springer.com/article/10.1007/s12126-011-9109-0.

Zhao, X. 2018. “Deals | Offering middle-aged users with a content generation tool, post editing app Meipian Banks $6.6m”. 3 de enero de 2018. Consultado el 1 de octubre de 2020. https://kr-asia.com/offering-middle-aged-users-with-its-content-generation-tool-post-editing-app-meipianbanks-6-6m.

Zuboff, Shoshana. 2019. *The Age of Surveillance Capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power*. Londres: Profile Books.

Índice remissivo

O smartphone está tão frequentemente debaixo de nosso nariz, que assumimos saber o que ele é. Mas sabemos mesmo? Para descobrir, 11 antropólogos realizaram pesquisa de campo de 16 meses em países da África, Ásia, Europa e América do Sul, tendo como foco pessoas mais velhas. O livro *O Smartphone Global* apresenta perspectivas inéditas a partir desta pesquisa comparativa. A primeira descoberta é: os smartphones não são mais uma tecnologia restrita aos jovens, estando nas mãos de todos, independente da idade. Além disso, observou-se uma grande ambivalência entre aquilo que as pessoas falam sobre os smartphones e os modos como elas os usam na prática. Os smartphones se tornaram tanto um lugar em que vivemos, como apetrechos que providenciam um tipo de "oportunismo perpétuo", por estarem sempre conosco. Vão além de um "repositório de aplicativos". São um dispositivo sem precedentes em termos de potencial de transformação, assimilando rapidamente valores pessoais. Para compreender esse processo, considerou-se um leque de nuances nacionais e culturais, como a comunicação visual na China e no Japão, o dinheiro móvel em Camarões e Uganda, e acesso a informação sobre saúde no Chile e na Irlanda – juntamente com trajetórias variadas em relação ao envelhecimento em Al-Quds, no Brasil e na Itália. É dessa perspectiva global, e a partir do mapeamento de contextos diversos, que o livro se propõe a responder à pergunta *O que é um smartphone?* e a analisar suas consequências.

Daniel Miller é professor de Antropologia na University College London (UCL). Laila Abed Rabho é pesquisadora no Instituto Harry S. Truman para o Avanço da Paz. Patrick Awondo é pesquisador de pós-doc na UCL Anthropology e professor na Universidade de Iaundé I. Maya de Vries é pesquisadora de pós-doc na Universidade Hebraica de Jerusalém. Marília Duque é pesquisadora na Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP). Pauline Garvey é professora associada de Antropologia na Universidade Maynooth, Kildare, Irlanda. Laura Haapio-Kirk é doutoranda na UCL Anthropology e fellow de Antropologia Pública na RAI/Leach. Charlotte Hawkins é pesquisadora de pós-doutorado em Antropologia na UCL. Alfonso Otaegui é professor na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Shireen Walton é professora de Antropologia na Goldsmiths, Universidade de Londres. Xinyuan Wang é pesquisadora de pós-doc na UCL.

Free open access
version available from
www.uclpress.co.uk

Cover Design:
Jason Anscomb